

TALES VILELA SANTEIRO

**PSICOTERAPIAS BREVES PSICODINÂMICAS:
PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PERIÓDICOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS (1980/2002)**

**CAMPINAS
2005**

TALES VILELA SANTEIRO

**PSICOTERAPIAS BREVES PSICODINÂMICAS:
PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PERIÓDICOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS (1980/2002)**

**Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Psicologia, do Centro de Ciências da Vida,
da Pontifícia Universidade Católica de
Campinas, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Doutor em Psicologia.**

**Área de Concentração: Psicologia como
Profissão e Ciência.**

Orientadora: Dra. Elisa Medici Pizão Yoshida.

**CAMPINAS
2005**

t150.5 Santeiro, Tales Vilela
S234p Psicoterapias breves psicodinâmicas: produção científica em periódicos nacionais e estrangeiros (1980/2002) / Tales Vilela Santeiro. – Campinas: PUC-Campinas, 2005.
xix, 153p.

Orientadora: Elisa Medici Pizão Yoshida.
Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexos e bibliografia.

1. Psicologia - Periódicos. 2. Psicologia – Pesquisa. 3. Psicoterapia – Pesquisa. 4. Ciência - Metodologia. I. Yoshida, Elisa Médici Pizão . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22.ed.CDD – t150.5

Ficha Catalográfica elaborada pela PUC-Campinas-SBI-Processos Técnicos.

TALES VILELA SANTEIRO

**PSICOTERAPIAS BREVES PSICODINÂMICAS:
PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PERIÓDICOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS (1980/2002)**

Comissão Examinadora:
Campinas, 11 de fevereiro de 2005.



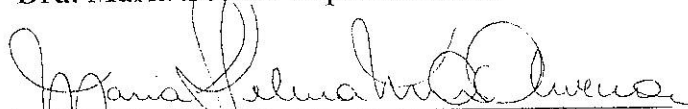
Prof. Dra. Geraldina Porto Witter



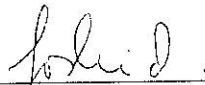
Dra. Rita Aparecida Romaro



Dra. Maria Leonor Espinosa Enéas



Dra. Maria Helena Mourão Alves de Oliveira



Orientadora: Dra. Elisa Medici Pizão Yoshida

CAMPINAS
2005

DEDICATÓRIA

Entre mil jorros de arco-íris e entrelaçados arroios,
entre mil flóreos turbantes e faixas vermelhas
e rendas de jaspe e chispas de pássaros
e coleções de flores nunca vistas
– um sonho brilha,
um gesto pára desenhado
e uma palavra se imprime.
Cecília Meireles

Aos pequenos e grandes amores.

Frederico, Antero e Anna Ribeiro Vilela Santeiro, filhos maravilhosos que estiveram comigo neste percurso, uns durante todo ele, outros no “enquanto”. Mesmo sem entender o que isso significa, alimentaram-me com seus sorrisos, doçuras e outras coisas que somente o coração dimensiona.

Fabíola Ribeiro de Moraes Santeiro, mulher ímpar, meu sustento. Parceira na criação de espaços, lugares por onde aprender entrar, curtir, habitar. Sem você não haveria verbos a conjugar...

O que ora se festeja foi, é e será por nós. Juntos.

Aos pais, Eunice Vilela Santeiro e Odacir Martins Santeiro; à irmã, Rúbia Vilela Santeiro. Raízes em amor e Fé. Busca e conquista de sonhos. Desbravadores em vida presente. Ao cunhado, Aristonides Balduino da Silva Neto, Doutor enquanto isso.

Aos sogros, Maria Aparecida Ribeiro de Moraes e Antônio Roosevelt de Moraes. À cunhada, Sara Ribeiro Moraes e Brisola; ao concunhado, Doutor Auris César da Silva Brisola; ao afilhado, Henrique Moraes Brisola; e ao sobrinho, último bebê da estação, Heitor Moraes Brisola. Sustentos cotidianos, em amplo sentido, desde sempre benfazejos. À concunhada, Silvana Moraes; ao cunhado, Antônio Roosevelt de Moraes Junior; queridos trabalhadores da vida, exemplos de luta e possibilidades de conquista; à sobrinha, Mariana Moraes, iniciante nos “ritmos” da vida, riso presente.

À orientadora, Elisa Medici Pizão Yoshida, que há seis anos, então Coordenadora do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, sobrescreveu o comunicado cordial de que havia sido aprovado no Processo Seletivo para o Curso de Mestrado em Psicologia Clínica da PUC-Campinas. Presente inusitado, insuspeitado. Modelo de consistência e profundidade, transliterado em humanidade e profissionalismo amalgamados. Símbolo de palavras firmes, honestas para com a construção de uma Psicologia sólida. Companheira até às tampas, nos momentos todos. Que privilégio o meu em poder estar contigo! Sua confiança e liberdade paralelas fundaram meu percurso de pós-graduando.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

por o pé no chão do seu coração
experimental
colonizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias
inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria de con-viver.
Carlos Drummond de Andrade

À Gláucia Mitsuko Ataka da Rocha. Pela parceria, pelo espaço de partilha de dificuldades e alegrias. Pela atuação como juíza, pela competência e talento profissional. Pela presença serena em minha vida e na de minha família. Não daria para elencar o quanto fez por mim, para que minha estadia na PUC-Campinas pudesse ter continuidade e para que este trabalho tivesse sido finalizado. Você é uma dádiva que me foi ofertada, anjo em realidade.

À Comissão Examinadora, no momento de Qualificação do Projeto e no momento de Defesa: Professora Doutora Geraldina Porto Witter, pelo privilégio de ter vivido suas construções por quatro vezes consecutivas, desde o Mestrado. O aprendizado continua. Professora e Doutora Maria Leonor Espinosa Enéas, pelas contribuições e acréscimos produtivos no sentido de maturação e ampliação da proposta.

À Comissão Examinadora, Professoras e Doutoradas: Maria Helena Mourão Alves de Oliveira e Rita Aparecida Romaro, no momento de Defesa. O trabalho existe agora “melhor”, pela contribuição conjunta, atenciosa e delicadíssima de cada uma de vocês.

À Coordenadora do Programa de Pós-Graduação, Vera Engler Cury, pelas atenções em momentos políticos, com a costumeira gentileza de sempre.

Às Secretárias da Pós, Maria Amélia Gonçalves, Dareide Peres e Eliane, cuidadoras das formalidades, com toda a atenção de sempre. À bibliotecária responsável pelo SBI, Janete.

Aos professores Mauro Martins Amatuzzi, Solange Wechsler e Samuel Pfromm Netto, outros modelos de aprendizado, saldos de imenso privilégio.

Às cuidadoras de minha casa e filhos, em tempos diversos e/ou comuns: Rosemeire Adriana, Rosana dos Santos, Solange, e em especial a Risalva Dantas e Márcia Campos Pires.

À amiga Irene de Andrade, pelo entendimento e partilha do estado de coisas circulando um processo de doutoramento no Brasil. Pela luta conjunta e palavras-carinho perenes.

À amiga Ana Maria Melo Ribeiro, pela partilha em Crença na vida e no Homem. Pela parceria sóbria e pelo intercâmbio clínico.

À Universidade de Franca, pelo apoio institucional desde o meu ingresso no doutorado.

Aos alunos, forjando-me professor em parceria, em especial à Silvia Maria Chiarello Borges e à Valdinéia Tristão Lima. Aos pacientes, forjando-me psicólogo em parceria. Objetivos outros desta história.

Aos amigos, companheiros e colegas de labuta: Cláudio Ortiz, Ana Cecília Ferreira, Rafael Faleiros de Pádua, Welson e Márcia Roberto, Marcelo e Michella Ribeiro, Magaly Melo, Irma Bonfim, Rita Martins, Déborah Barbosa, Antonio Peron, Adriana Bigheti, Elizabeth Freixes, Vânia Nassif, Marina Mendonça, Denise de Andrade, José da Silveira Maia (in memorian), Cláudia Bolela, Renata Salomão, Mauro Balieiro, Nilton César Barbosa, Célia Parzewski. Pelo incentivo, carinho e apoio, em níveis e momentos diversos, nem sempre suspeitados.

Aos padrinhos Matilde e Alcindo Fellippin, pelo acolhimento campineiro.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo auxílio financeiro.

Cada um e todos ao seu modo tornaram meu percurso acadêmico viável. Uma construção de inestimável alegria, ora simbolizada por este texto.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	ix
LISTA DE QUADROS.....	xii
LISTA DE FIGURAS.....	xiii
LISTA DE ANEXOS.....	xiv
RESUMOS.....	xv
RESUMO.....	xvi
ABSTRACT.....	xvii
RÉSUMÉ.....	xviii
APRESENTAÇÃO.....	xix
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Antecedentes Históricos das Psicoterapias Breves Psicodinâmicas.....	2
1.2 Conceito e Principais Características das Psicoterapias Breves Psicodinâmicas.....	5
1.3 Modelos Teóricos em Psicoterapias Breves Psicodinâmicas.....	15
1.4 Considerações Sobre Produção Científica e sua Análise.....	19
1.5 Critérios de Seleção dos Periódicos.....	25
1.6 Objetivos.....	26
1.6.1 Geral.....	26
1.6.2 Específicos.....	26
2 MÉTODO.....	28
2.1 Material.....	29
2.2 Periódicos.....	31
2.3 Juízes.....	32
2.4 Procedimento.....	32
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
3.1 Concordância entre Juízes.....	35
3.2 Distribuição da Produção Relativa ao Ano de Publicação.....	35
3.3 Autores e Afiliação Institucional.....	38
3.4 Gênero e Tipos de Autoria.....	45

3.5 Tipos de Suporte Bibliográfico Utilizados como Referências.....	50
3.6 Periódicos mais Citados.....	54
3.7 Temporalidade das Referências.....	58
3.8 Autores mais Citados nos Artigos.....	65
3.9 Natureza dos Trabalhos.....	74
3.10 População Alvo.....	79
3.10.1 Etapa de Desenvolvimento.....	79
3.10.2 Sexo.....	84
3.10.3 Modalidades de Atendimento.....	86
3.10.4 Patologias e/ou Queixas.....	89
3.10.5 Instrumentos de Avaliação Psicológica.....	93
3.11 Delineamento Metodológico dos Estudos Empíricos.....	95
3.12 Modelo Teórico das Produções.....	109
4 CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	121
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS.....	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Periódicos que mais divulgaram trabalhos relacionados às psicoterapias breves psicodinâmicas entre 1980 e 2000, acessados em bases de dados nacionais e estrangeiras.....	26
Tabela 2. Periódicos pesquisados e frequência de artigos relacionados às psicoterapias breves psicodinâmicas no período de 1980/2002.....	36
Tabela 3. Distribuição de publicações por periódico, em separado, no conjunto de produção nacional (PN) e no conjunto de produção estrangeira (PE).....	37
Tabela 4. Gênero dos autores, por periódico nacional e por conjunto de periódicos nacionais.....	46
Tabela 5. Gênero dos autores, por periódico estrangeiro e por conjunto de periódicos estrangeiros.....	47
Tabela 6. Relação entre tipos de autoria (individual e múltipla) e gênero dos autores nos periódicos nacionais, em separado e em conjunto.....	48
Tabela 7. Relação entre tipos de autoria (individual e múltipla) e gênero dos autores nos periódicos estrangeiros, em separado e em conjunto.....	49
Tabela 8. Tipos de suporte bibliográfico utilizados como referências nos artigos do EP, do JBP e no conjunto de periódicos nacionais (PN).....	53
Tabela 9. Tipos de suporte bibliográfico utilizados como referências nos artigos do JCCP, do PP e no conjunto de periódicos estrangeiros (PE).....	53
Tabela 10. Títulos de periódicos mais citados nas referências do EP, em ordem decrescente de frequência.....	55
Tabela 11. Títulos de periódicos mais citados nas referências do JBP, em ordem decrescente de frequência.....	56
Tabela 12. Títulos de periódicos mais citados nas referências do JCCP, em ordem decrescente de frequência.....	57
Tabela 13. Títulos de periódicos mais citados nas referências do PP, em ordem decrescente de frequência.....	57
Tabela 14. Temporalidade das referências utilizadas nos artigos dos periódicos nacionais EP (N=10) e JBP (N=17), por quinquênio e no geral.....	60
Tabela 15. Temporalidade das referências utilizadas nos artigos dos periódicos estrangeiros JCCP (N=796) e PP (N=540), por quinquênio e no geral.....	61

Tabela 16. Temporalidade das referências utilizadas no conjunto de artigos, por produção nacional (PN) e por produção estrangeira (PE), por quinquênio e no geral.....	64
Tabela 17. Autores mais citados no EP e seus respectivos índices de citação, em ordem decrescente de frequência.....	66
Tabela 18. Autores mais citados no JBP e seus respectivos índices de citação, em ordem decrescente de frequência.....	68
Tabela 19. Autores mais citados no JCCP e seus respectivos índices de citação, em ordem decrescente de frequência.....	70
Tabela 20. Autores mais citados no PP e seus respectivos índices de citação, em ordem decrescente de frequência.....	72
Tabela 21. Natureza dos trabalhos do EP, do JBP e do conjunto da produção nacional, por década e no geral.....	75
Tabela 22. Natureza dos trabalhos do JCCP, do PP e do conjunto de produção estrangeira, por década e no geral.....	76
Tabela 23. Etapas de desenvolvimento dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional.....	81
Tabela 24. Etapas de desenvolvimento dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira.....	81
Tabela 25. Sexo dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional.....	84
Tabela 26. Sexo dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira.....	85
Tabela 27. Modalidades de atendimentos dispensados aos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional.....	87
Tabela 28. Modalidades de atendimentos dispensados aos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira.....	87
Tabela 29. Patologias e/ou queixas dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional.....	90
Tabela 30. Patologias e/ou queixas dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira.....	91

Tabela 31. Instrumentos de avaliação psicológica utilizados nos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional.....	94
Tabela 32. Instrumentos de avaliação psicológica utilizados nos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira.....	94
Tabela 33. Delineamento metodológico dos estudos empíricos do EP, do JBP e do conjunto produção nacional, por década e no geral.....	100
Tabela 34. Delineamento metodológico dos estudos empíricos do JCCP, do PP e do conjunto produção estrangeira, por década e no geral.....	102
Tabela 35. Modelo teórico dos artigos do EP, do JBP e do conjunto da produção nacional, por década e no geral.....	110
Tabela 36. Modelo teórico dos artigos do JCCP, do PP e do conjunto da produção estrangeira, por década e no geral.....	114
Tabela 37. Relação de autores de norte-americanos de modelo relacional, número de artigos que publicaram no JCCP e número de citações feitas a eles no JCCP.....	119
Tabela 38. Relação de autores noruegueses de modelo impulsivo-estrutural, número de artigos que publicaram no PP e número de citações feitas a eles no PP.....	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Modalidades de PBP e principais autores, com respectivas características do foco, técnicas empregadas e duração dos tratamentos.....	14
Quadro 2. Autores dos artigos do EP (frequências de trabalhos que assinaram), respectivas afiliações institucionais, em ordem alfabética de instituição.....	40
Quadro 3. Autores dos artigos do JBP (frequências de trabalhos que assinaram), respectivas afiliações institucionais, em ordem alfabética de instituição.....	41
Quadro 4. Autores dos artigos do JCCP (frequências de trabalhos que assinaram), respectivas afiliações institucionais, em ordem alfabética de instituição.....	43
Quadro 5. Autores dos artigos do PP (frequências de trabalhos que assinaram), respectivas afiliações institucionais, em ordem alfabética de instituição.....	44
Quadro 6. Instrumentos de avaliação psicológica mais utilizados no JCCP.....	96
Quadro 7. Instrumentos de avaliação psicológica mais utilizados no PP.....	98
Quadro 8. Síntese geral dos resultados.....	124

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição das produções ano a ano.....	39
---	----

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Formulário para classificação dos artigos.....	154
Anexo 2. Definições de Categorias para análise do item 5 – Natureza do Trabalho.....	155
Anexo 3. Definições de Categorias para análise do item 7 – Delineamento de Pesquisa.....	156
Anexo 4. Relação de artigos sorteados para treinamentos e para avaliação definitiva.....	157
Anexo 5. Títulos de periódicos citados no EP, por ordem decrescente de frequência.....	158
Anexo 6. Títulos de periódicos citados no JBP, por ordem decrescente de frequência.....	159
Anexo 7. Títulos de periódicos citados no JCCP, em ordem decrescente de frequência.....	160
Anexo 8. Títulos de periódicos citados no PP, em ordem decrescente de frequência.....	163
Anexo 9. Autores referidos no periódico EP, em ordem alfabética e em ordem de frequência de citação.....	165
Anexo 10. Autores referidos no periódico JBP, em ordem alfabética e em ordem de frequência de citação.....	168
Anexo 11. Autores referidos no periódico JCCP, em ordem alfabética e em ordem de frequência de citação.....	171
Anexo 12. Autores referidos no periódico PP, em ordem alfabética e em ordem de frequência de citação.....	190

Pequena é a abelha entre os alados,
mas o seu produto é o primeiro em doçura.
Eclesiástico, 11, 3

RESUMOS

RESUMO

Santeiro, T. V. (2005). Psicoterapias breves psicodinâmicas: Produção científica em periódicos nacionais e estrangeiros (1980/2002). Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, pp.xxi+198.

Avaliar produção científica sobre psicoterapias breves psicodinâmicas trata-se de atividade necessária para o traçado do perfil de tendências e perspectivas na área. O trabalho analisa, descreve e compara estudos publicados em dois periódicos nacionais (Estudos de Psicologia/EP e Jornal Brasileiro de Psiquiatria/JBP; 36% da produção) e em dois estrangeiros (Journal of Consulting and Clinical Psychology/JCCP e Psychotherapy and Psychosomatics/PP; 64% da produção) (N=81). A distribuição da produção concentra-se na década de 1990; de forma geral, a nacional origina-se em instituições da região Sudeste e a estrangeira em instituições norte-americanas. O sexo masculino é o gênero significativo entre os autores, e a autoria múltipla a mais freqüente. O suporte de texto significativamente mais citado entre os brasileiros é o livro, e entre os estrangeiros os artigos. Periódicos mais citados nos artigos analisados são, no geral, os próprios analisados: JBP, JCCP e principalmente o PP. Autores nacionais utilizam-se para fundamentação teórico-técnica de seus trabalhos de produções estrangeiras de modo significativo; entre estrangeiros, o uso de periódicos produzidos em seus próprios países. O idioma das referências citadas é significativamente o inglês. O uso de referências recentes, entre 0 e 5 anos, é significativo. Na produção nacional os autores são citados numa amplitude que varia de 1 a 16 vezes e na estrangeira, de 1 a 66 vezes. Na produção nacional David Malan, Sigmund Freud, Mauricio Knobel e Hector Fiorini são os mais citados; na estrangeira, David Malan, Hans Strupp, David Shapiro, Lester Luborsky, Peter Sifneos e Ragnhild Husby. Em geral, estudos empíricos predominam. Adultos de ambos os sexos, atendidos na modalidade individual, desenham o perfil da população alvo. Várias as patologias/queixas são investigadas; há indícios de certo destaque para depressão. Escalas clínicas são os instrumentos de avaliação psicológica mais utilizados. O delineamento correlacional predomina nas pesquisas empíricas. O modelo teórico integrativo é o mais freqüente na orientação dos trabalhos escritos por brasileiros; entre estrangeiros, o impulsivo-estrutural é significativamente mais utilizado. De modo geral, não se verifica diferenças qualitativas em relação às variáveis estudadas, embora a produção estrangeira seja numericamente superior.

Palavras-Chave: psicoterapia dinâmica; psicoterapia focal; modelos teóricos em psicoterapia; metodologia científica; metaciência.

ABSTRACT

Santeiro, T.V. Brief psychodynamic psychotherapies: Scientific production in national and foreign journals (1980/2002). Doctorate Thesis. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, pp. xxi+98.

Assessing scientific production on brief psychodynamic psychotherapies becomes a necessary activity for designing the profile of trends and perspectives in the area. The paper analyzes, describes and compares studies published in two national journals (Estudos de Psicologia/EP and Jornal Brasileiro de Psiquiatria/JBP; 35,8% of the production) and in two foreign ones (Journal of Consulting and Clinical Psychology/JCCP and Psychotherapy and Psychosomatis/PP; 64,2% of the production) (N=81). The distribution of the production concentrates in the 1990's; on the whole, the national one rises in institutions of the Southeastern region and the foreign one in North American institutions. The male sex is the significant gender among authors, and the multiple authorship is the one appearing most frequently. The most frequent text support among the Brazilian ones is the book, and among the foreign ones are the articles. The most frequently journals in the articles are, in general, the ones analyzed: JBP, JCCP and mainly PP. National authors make significant use of foreign production for technical-theoretical foundation of their papers; among foreigners, the use of journals produced in their own countries. English is significantly the language of the references. The use of current references, between 0 and 5 years, is significant. In the Brazilian production the authors are quoted in a width ranging from 1 to 16 times and in the foreign one, from 1 to 66 times. In the national production David Malan, Sigmund Freud, Mauricio Knobel and Hector Fiorini are the most quoted; in the foreign one, David Malan, Hans Strupp, David Shapiro, Lester Luborsky, Peter Sifneos and Ragnhild Husby. In general, empirical studies predominate. Adults of both sexes, seen individually, design the profile of the target population. Several pathologies/complaints are investigated; there are signs of some highlight to depression. Clinical scales are the most used tools for psychological assessment. The correlational design predominates in the empirical researches. The integrative theoretical model is the most frequent among Brazilian authors; among foreigners, the drive/structural is significantly the most used one. Altogether, qualitative differences do not appear in relation to the studied variables, although the foreign production is numerically greater.

Key Words: dynamic psychotherapy; focal psychotherapy; theoretical models in psychotherapy; scientific methodology; meta-science.

RÉSUMÉ

SANTEIRO, T. V. (2005). Psychothérapies brèves psychodynamiques: Production scientifique concernant les littératures nationales et étrangères (1980/2002). Thèse de Doctorat. Pontificia Universidade Católica de Campinas. Campinas. pp.xxi+198.

Évaluer la production scientifique sur psychothérapies brèves psychodynamiques est une activité nécessaire au trait du profil de tendances et perspectives dans ce domaine. Le travail analyse, décrit et compare les études publiées em deux périodiques nationales (Estudos de Psicologia/EP e Jornal Brasileiro de Psiquiatria/JBP; 36% de la production) et deux étrangers (Journal of Consulting and Clinical Psychology/JCCP et Psychotherapy and Psychosomatics/PP; 64% de la production) (N=81). La distribution de la production se concentre dans les années 1990; d'une manière générale, la nationale a son origine dans les institutions de la région Sud-est et l'étrangère dans les institutions américaines, le sexe masculin est le genre significatif parmi les auteurs et l'origine multiple est la plus fréquente. L'appui textuel le plus cité entre les brésiliens est le livre et entre les étrangers, les articles. Les périodiques les plus mentionnés dans les articles sont, généralement, ceux analysés: JBP, JCCP et notamment le PP. Les auteurs nationaux se servent, pour le fondement théorique-technique de leurs travaux de productions étrangères d'une manière significative; parmi les étrangers, l'utilisation de périodiques produits dans leurs pays. La langue des références citées est surtout l'anglaise. L'utilisation de références récentes, entre 0 et 5 ans est significative. Dans la production nationale les auteurs sont cités dans une ampleur qui varie de 1 à 16 fois et dans l'étrangère, de 1 à 66 fois. Dans la production nationale David Malan, Sigmund Freud, Mauricio Knobel et Hector Fiorini sont les plus cités; dans l'étrangère, David Malan, Hans Strupp, David Shapiro, Lester Luborsky, Peter Sifneos et Ragnhild Husby. Em général, les études empiriques prédominent. Les adultes hommes et femmes analysés dans la modalité individuelle dessinent le profil de la population cible. Plusieurs pathologies/plaintes sont investiguées; il y a certains indices de souligner la dépression. Les échelles cliniques sont les instruments d'évaluation les plus utilisés. Les recherches empiriques sont surtout corrélationnelles. Le modèle théorique intégrateur est le plus fréquent dans l'orientation des travaux écrits par les Brésiliens; parmi les étrangers, l'impulsif-structurel est significativement le plus utilisé. D'une manière générale, les différences qualificatives ne sont pas présentes par rapport aux variables étudiées, malgré la production étrangère soit numériquement majeure.

Mots-Chefs: psychothérapie dynamique; psychothérapie focal; modèles théoriques en psychothérapie; méthodologie scientifique; métascience.

Das utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!
Mario Quintana

APRESENTAÇÃO

O trabalho se volta para análise, descrição e comparação de produção científica veiculada em periódicos nacionais e estrangeiros, na área das psicoterapias breves psicodinâmicas (PBP).

No meio acadêmico, artigos de periódicos são tidos como a forma mais rápida, mais visível e qualitativamente mais confiável de se difundir ciência. A análise dessa modalidade de discurso científico consiste, portanto, numa atividade necessária para desenho de panorama sistematizado no campo das PBP.

Nos dias atuais tem sido destacada a relevância de que a produção científica de determinada área do saber, bem como do saber psicológico, se torne acessível ao maior número possível de leitores, dentre outras razões porque a atualização profissional e a atuação desta decorrente está inter-relacionada à qualidade dos serviços oferecidos à população. No campo específico da saúde mental, onde as propostas psicoterapêuticas e em especial as PBP se inserem, essa importância se mostra aguçada.

Nesse sentido, tecnologias têm sido desenvolvidas para a disseminação do saber científico, dentre as quais se encontram as bases de dados eletrônicas. Na realidade brasileira estas têm sido disponíveis on-line e sem custos em alguns casos. São alguns exemplos os casos da base de dados SciELO (www.scielo.br) e do recente lançamento do mecanismo de busca Google Scholar (www.scholar.google.com), este ainda em fase de testagem. Igualmente, esforços sistemáticos têm sido feitos no sentido de que a qualidade editorial das produções acadêmicas se fortaleça.

O panorama geral é o de que mudanças positivas estão em curso, quer seja no modo de consumir, quer seja no modo de produzir ciência no Brasil, embora sejam sobejamente sabidas as imensas discrepâncias existentes entre as mais diversas realidades, em especial entre aquelas que marcam os países tidos como desenvolvidos em relação àqueles que não o são. E no Brasil, a produção das regiões sul e sudeste em relação à do restante do país (por exemplo, Yamamoto, 1999).

A atividade de analisar produções científicas sobre PBP originadas em diferentes realidades, portanto, se mostra necessária, para que se situem o caminhar de umas em relação às outras, sem com isso almejar “equipará-las”, posto que isso seria insustentável. Porém, a noção de que países em desenvolvimento não produzem ou que ao fazê-lo ocorre um déficit qualitativo quando em comparação aos desenvolvidos não tem encontrado substrato na realidade. Pelo contrário, tem havido indícios concretos de que acadêmicos brasileiros têm produzido progressivamente mais, a cada ano, com um grau crescente de qualidade. E há, neste momento, a presunção de que esse movimento também integre o campo das PBP.

Sendo assim, a proposta se insere nesse contexto, em que já se pode dizer que a produção nacional em PBP, embora incipiente, encontra-se num momento fértil. Estudar o perfil dela em relação ao visível em outras realidades mostra-se como atividade elucidativa do estado da arte, para que se possa situá-la num cenário mais global.

Retomar alguns aspectos das origens das PBP, situando-as na psicanálise e nas psicoterapias psicanalíticas, mostra-se necessário, o que se dará no primeiro capítulo (Introdução).

Em seguida, ainda na Introdução, define-se o que seria produção científica e sua análise e ilustra-se com pesquisas que se utilizam de metodologia semelhante à proposta, a de análise de produção científica propriamente dita, com certa ênfase em estudos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros. Essa decisão se fundamentou no fato de que grande parte do material a ser analisado nos Resultados e Discussão é de origem estrangeira. Após o esclarecimento de alguns desses exemplos, são focalizados alguns critérios de escolha do material analisado, para então se passar ao Método e Resultados, feito em paralelo às Discussões.

As análises realizadas, foram sempre divididas em dois conjuntos, a nacional e a estrangeira, e em alguns momentos num conjunto posterior, que engloba análises gerais, tanto da produção nacional, da estrangeira, quanto da produção global. As discussões decorreram dos resultados e amparam-se em literatura sobre PBP e sobre aspectos metodológicos das produções analisadas, o que se constitui em última instância numa tentativa de se avaliá-las do ponto de vista qualitativo.

Nas Conclusões e Sugestões são esboçadas algumas sugestões e percepções gerais decorrentes do processo de construção da Tese. Na seqüência final são listadas as Referências utilizadas ao longo do texto e os Anexos necessários à elucidação de alguns pontos complementares ao prosseguimento da leitura.

Gostaria pois que a fala e a escuta que aqui se traçarão fossem semelhantes às idas e vindas de uma criança que brinca em torno da mãe, dela se afasta e depois volta, para lhe trazer uma pedrinha, um fiozinho de lã, desenhando assim ao redor de um centro calmo toda uma área de jogo, no interior da qual a pedrinha ou a lã importam finalmente menos do que o dom de zelo que delas se faz.

Roland Barthes

1 INTRODUÇÃO

Este item foi organizado de modo que se possa acompanhar, num primeiro momento, alguns dos marcos relativos ao desenvolvimento histórico das psicoterapias breves psicodinâmicas (PBP), para num segundo instante apresentar como essa modalidade de psicoterapia configurou-se de modo mais independente quando em comparação à matriz psicanalítica. Assim que esse traçado tiver sido efetivado, num terceiro momento serão feitas algumas observações sobre o que se entende por análise de produção científica e sobre exemplos de pesquisas que têm sido desenvolvidas com esse delineamento metodológico, o qual também será adotado no desenvolvimento desta proposta.

1.1 Antecedentes Históricos das Psicoterapias Breves Psicodinâmicas

As (PBP) têm suas raízes na psicanálise e mais propriamente no momento em que alguns psicanalistas mostraram-se, de um modo ou de outro, insatisfeitos com algumas das posições técnicas e teóricas defendidas por Freud (Gilliéron, 1983/1986). Dentre os que se desgarraram de uma posição freudiana clássica e dirigiram-se a inovações técnicas no campo das psicoterapias psicodinâmicas, a literatura especializada destaca as contribuições de Sandor Ferenczi, Otto Rank, Franz Alexander e Thomas French, ocorridas no início e meados do século XX (Hoyt, 1995; Lowenkron, 2000; Yoshida, 1990).

Ao longo dos desenvolvimentos iniciais da psicanálise, Freud enfrentou algumas das limitações do método psicanalítico, como por exemplo, no caso do homem dos lobos, em que o término do tratamento foi estipulado arbitrariamente por ele para terminar em no máximo seis meses (Freud, 1918/1996), e chegou a manifestar um certo ceticismo quanto ao futuro da psicanálise em Análise terminável e interminável (Freud, 1937/1996).

Sobre as insatisfações de Freud constantes de Análise terminável e interminável (1937/1996), Hoyt (1995, p.448), diz que naquele momento: “... ele expressou sua frustração sobre os limitados benefícios terapêuticos da psicanálise e convocou para o desenvolvimento de novos métodos baseados no entendimento psicanalítico da transferência, resistência e material inconsciente.” E as experiências tidas num primeiro momento com Otto Rank e Sandor Ferenczi em meados da década de 1920, com Franz Alexander e Thomas French na década de 1940 e em momentos posteriores com outros expoentes, indicaram que a sugestão realizada em 1937 pelo criador da psicanálise fora levada a cabo.

Algumas das posições de Freud (cf. Freud 1918/1996, 1937/1996) são, de certo modo, tidas como precursoras de atitudes que vieram a se constituir nos pilares das PBP, a ponto de Hoyt (1995, p.448), por exemplo, nomeá-lo não somente como o “fundador da psicanálise”,

mas também como o “pai da terapia breve”. Ao se ler seus primeiros casos, pode-se verificar que ele interagiu ativamente com seus pacientes e tratava-os em dias, semanas e meses (Hoyt, 1995; Yoshida, 1990).

Freud e alguns de seus primeiros seguidores, entretanto, com seus atendimentos clínicos breves “acidentais”, apenas cultivaram solo para que outros pudessem dispersar sementes e para que, atualmente, transcorridas décadas, se possa presenciar o crescimento de algumas tendências realmente “intencionais” na modalidade de atendimento breve psicodinamicamente orientada.

Dentre os precursores das PBP propriamente ditas, Alexander e French (1946/1956) são considerados como dos principais exemplos. Propuseram que se procurasse levar o paciente à uma experiência emocional corretiva, onde basicamente procurava-se ‘reexpô-lo’, na relação atual com o terapeuta, a situações emocionais passadas não vivenciadas de modo adequado, para se buscar superá-las. Nessa técnica, destacam-se como fundamentais os princípios de atividade do terapeuta e o de flexibilidade, dois dos tópicos centrais a serem considerados quando se busca compreender os antecedentes históricos das PBP (Knobel, 1986; Lemgruber, 1987; Yoshida, 1990) e que marcaram e ainda hoje marcam o campo de preocupações de estudiosos da área (por exemplo, Lemgruber, Junqueira, Stingel & Agostini, 2004).

Com base numa postura ativa, em contraposição à passividade/neutralidade do psicanalista tradicional, e flexível, em contraposição à cristalização da técnica em que se transformara a psicanálise nos anos 40, o psicoterapeuta breve de orientação psicodinâmica diferencia-se da orientação psicanalítica tradicional.

É neste último período que Knobel (1986) percebe uma ruptura definitiva da psicanálise e o respectivo desenvolvimento das psicoterapias psicanalíticas. As PBP, na opinião desse autor não existiriam sem a seqüência lógica apontada por Alexander e French, a qual foi “... imposta pela riqueza de conhecimentos e experiências de psicanálise e a resposta à necessidade de uma realidade sócio-político-econômica” (p.25).

Com base nessas contribuições de Alexander e French (1946/1956), Knobel (1986) considera que os avanços nos estudos psicanalíticos permitiram o desenvolvimento da psicoterapia psicanalítica e depois das PBP. Mas como lembra Yoshida (1990), autores como os mencionados constituem-se em precursores das PBP atuais, e não autores de PBP propriamente ditos.

Guardadas essas distinções iniciais e alguns dos autores que fundamentaram as PBP, no cenário internacional considera-se que elas tiveram concretizado seu nascimento como

modalidade de atendimento diferenciada da matriz psicanalítica em 1941, quando se realizou, por estímulo de Franz Alexander, o primeiro congresso dedicado à PB, em Chicago, EUA (Appolinário, 1990; Gilliéron, 1983/1986). Também data deste ano a publicação de Berliner, intitulada Short psychoanalytic psychotherapy: Its possibilities and its limitations, no Bulletin of the Menninger Clinic (Berliner 1941 citado por Wallerstein, 1995/1998), sendo esta, das que se tem notícia, das pioneiras nesse campo.

Gilliéron (1983/1986, p.20) retrata esse período em que as PBP surgiram da seguinte maneira:

Já naquela ocasião [em 1941] emergiam numerosas divergências entre os psicoterapeutas, embora todos estivessem de acordo quanto às noções de ecletismo técnico e de atividade. Durante a II Guerra Mundial, as publicações sobre as psicoterapias breves multiplicaram-se, mas o interesse dos psiquiatras orientou-se rapidamente para as situações de crise e as neuroses atuais. Além disso, a ênfase descolou-se da problemática pulsional profunda e do conflito interno para a dos conflitos atuais e interpessoais (neuroses de guerra, crises conjugais ou profissionais etc.).

No Brasil Yoshida (1993) indica que as PB tiveram seus primeiros adeptos no início dos anos 1970 (Hess & Meira, 1972; Oliveira, Pereira & Bastos, 1974). Mas de um modo ou de outro, embora haja diferenças em termos temporais sobre quando as PB se iniciaram efetivamente no Brasil em comparação ao contexto internacional, o que Yoshida (1993, p.28) chama de “disponibilidade político-institucional” e “demanda da realidade” têm impulsionado as PB nos mais diversos lugares em todo o mundo, desde que foram criadas. Vale dizer que essas primeiras publicações de que se tem notícia sinalizam que as psicoterapias de curto termo se originaram a partir de experiências de psiquiatras. Estudo recente demonstrou ser essa característica marcante no cenário latino-americano até nos dias atuais (Ferreira, 2002).

A primeira geração de autores/pesquisadores em PBP é basicamente constituída por David Malan, Peter Sifneos, James Mann, Habib Davanloo, Leopold Bellack e Leonard Small (Ferreira, 2002; Yoshida, 2004). Para Yoshida (1997, p.106) os dois primeiros destacam-se como proponentes de técnicas de PBP, porque “... defendiam maior atividade do terapeuta, focalização da atenção dos participantes sobre um conflito básico e a utilização de intervenções transferenciais seletivas para fazer face às dificuldades do paciente.” James Mann e Habib Davanloo se diferenciavam das técnicas de David Malan e Peter Sifneos basicamente por “... um certo abrandamento nos critérios de seleção dos pacientes” (Yoshida, 1997, p.106).

A segunda geração constitui-se por autores/pesquisadores como Lester Luborsky, Hans Strupp, Jeffrey Binder, Otto Kernberg, Paul Crits-Christoph e Jacques Barber (Ferreira, 2002; Yoshida, 1997, 2004). Muitos desses autores, tanto da primeira, quanto da segunda geração, serão focalizados ao longo do Trabalho.

Com base nesse cenário geral em que as PBP surgiram e tendo-se em mente alguns dos autores que a principiaram e a desenvolveram, realizar-se-á a partir de agora uma conceituação de como se tem entendido as PBP e como estas se diferenciam da psicanálise e das psicoterapias de orientação psicanalítica.

1.2 Conceito e Principais Características das Psicoterapias Breves Psicodinâmicas

Conceituar as psicoterapias breves psicodinâmicas (PBP) necessariamente resvala em comparações com as psicoterapias de longo prazo, em especial com a psicanálise e com as psicoterapias de orientação psicanalítica dela decorrentes.

A psicanálise surgiu como um desenvolvimento dos estudos e do interesse de Freud em alcançar a cura para algumas das enfermidades psicológicas presentes no cenário vienense do fim do século XIX e início do século XX. Como consequência resultou em um processo de longo prazo, basicamente em função da premissa técnica de que o paciente deveria associar livremente para se chegar a uma compreensão das origens de suas problemáticas (Gilliéron, 1983/1993).

Sobre essa postura técnica defendida por Freud, Gilliéron (1983/1986) disse:

... sabemos que, a partir do momento em que enunciou a regra fundamental das ‘associações livres’, Freud rejeitou quaisquer modificações técnicas até o fim de sua vida. Quando muito, insistiu nas regras de neutralidade e de abstinência. Seu interesse incidiu essencialmente em um desenvolvimento teórico e ele considerou como resistência a maior parte das propostas de inovações técnicas, com frequência, aliás, depois de tê-las experimentado ele próprio (p.10).

A associação livre levou o tratamento psicanalítico a se caracterizar como processo cada vez mais extenso temporalmente e até mesmo interminável. Em parte porque se verificava, através das primeiras experiências psicanalíticas empreendidas por Freud e seus seguidores e a partir da noção de aparelho psíquico baseada na primeira tópica, que o inconsciente se tratava de uma instância psicológica inesgotável em seus conteúdos.

Em parte porque ao longo do desenvolvimento da psicanálise, principalmente após 1923 e após tentativas de explicações metapsicológicas para o funcionamento psíquico

decorrentes da segunda t3pica, Freud passou a direcionar o tratamento psicanal3tico n3o para a cura de neuroses e outras psicopatologias, mas para uma reestrutura3o da personalidade do indiv3duo em an3lise.

Tamb3m embasado em experi3ncias cl3nicas, Freud tinha como sua principal aspira3o o desenvolvimento da psican3lise como uma teoria da mente humana. Em segundo plano 3 que se buscava conceb3-la como uma modalidade terap3utica (Wolitzky, 1995).

Em contraposi3o aos processos psicanal3ticos e de orienta3o psicanal3tica, que, como dito anteriormente, demandavam tratamentos cada vez mais longos, em seus momentos iniciais as PBP definem-se justamente por tratarem-se de propostas que visavam atendimentos de curto prazo.

Embora seja freq3entemente apontado na literatura que grande parte dos atendimentos realizados por Freud tenham sido breves (Knobel, 1986; Hoyt, 1995; Rafaelli, 1993; Yoshida, 1990, dentre outros), n3o se tem considerado atualmente uma PBP apenas com base no crit3rio brevidade do atendimento (Yoshida, 2004), ainda que o fator “tempo” constitua-se em condi3o sine qua non.

Um dos primeiros cuidados a tomar quando se busca conceituar as PBP 3 n3o consider3-las como um tipo de “psican3lise encolhida” (Braier, 1984/1991; Knobel, 1986; Lemgruber, 1987; Rafaelli, 1993). Apesar de tratar-se de uma abordagem psicoterap3utica decorrente dos princ3pios psicanal3ticos, cabe lembrar que uma psicoterapia psicodin3mica, para ser considerada breve deve, al3m de ser delimitada temporalmente de modo circunscrito, obedecer a outros crit3rios, como por exemplo, o estabelecimento de um foco a ser trabalhado, a defini3o dos objetivos a serem alcan3ados e a exist3ncia de um planejamento estrat3gico.

Disposi3o face-a-face entre terapeuta e paciente (Fiorini, 1976/1981; Rafaelli, 1993; Yoshida, 2001b), flexibilidade (Alexander, 1996) e atividade do terapeuta (Fiorini, 1976/1981; Lemgruber, 1987) s3o outros crit3rios normalmente considerados quando se procura caracterizar as PBP.

Com o intuito de esclarecer alguns dos itens apontados h3 pouco, a partir de agora s3o utilizadas conceitua3o de alguns autores de PB. Ressaltar-se-3 nas mesmas t3picos de discuss3o, para que assim seja poss3vel o acompanhamento de posi3o de alguns deles, incluindo-se nesse mosaico concord3ncias e diverg3ncias, que se espera sejam complementares para o esclarecimento do objeto em estudo.

Trad (1993/1997), por exemplo, apresenta a seguinte conceitua3o para as PB: “A psicoterapia breve, ao contr3rio [da psicoterapia de tempo indeterminado], trata-se de um

esforço pragmático cujo objetivo específico é operar uma mudança ou modificação perceptível nos padrões interpessoais” (p.55; grifo nosso).

A questão do pragmatismo é ressaltada, principalmente nos casos de atendimentos realizados em instituições, onde o volume de pacientes é grande e a questão da definição do foco e dos objetivos torna-se imperativa, por potencializar as intervenções psicoterapêuticas em espaço temporal menor. Igualmente, em países em desenvolvimento, onde se deve considerar o déficit financeiro no campo da Saúde Pública, dentre outros, abordagens psicoterapêuticas breves são preferíveis também por apresentarem menor ônus ao Estado.

Sobre a questão do pragmatismo, que se constitui num dos porquês da modalidade de PB ter sido desenvolvida, Freud já mencionara essa questão prevendo a necessidade crescente de assistência psicológica à população (Freud, 1918/1996, 1937/1996). Em Yoshida (1993), em Hoyt (1995) e em vários outros autores que se ocupam dessa modalidade de atendimento psicoterapêutico, também há preocupações direcionadas nesse sentido.

Yoshida (1993) define as PB, de modo geral, como:

... todas aquelas modalidades psicoterapêuticas que trabalham com problemas, ou conflitos específicos, dentro de um espaço de tempo delimitado. Isto é, todas as propostas terapêuticas que não visam uma ampla reestruturação da personalidade. (...) Aplicam-se tanto a indivíduos isolados, quanto a casais e/ou grupos, crianças e adultos. (p.23; grifos nossos).

E as PBP como “... procedimentos psicoterápicos que têm sua fundamentação teórica na psicanálise, mas que se distanciam dela enquanto técnica e objetivos” (Yoshida, 1993, p.24; grifo nosso).

Acredita-se que as definições de Yoshida (1993) para PB e PBP sejam relevantes por ressaltarem a questão do trabalho com os conflitos específicos e a não objetivação de reestruturação ampla da personalidade. Ademais, também estabelece clareza quanto ao distanciamento técnico que essa postura técnica tem em relação à tradicional. Pode-se dizer que basicamente são essas posturas técnicas que diferem as PBP da psicanálise clássica, que em contraposição, visava, dentre outras, a não-diretividade do tratamento e a ampla reestruturação da personalidade.

Bastos (1980), define as PBP como uma modalidade de atendimento em que se busca:

... entender toda a problemática dos pacientes em termos dinâmicos, levando em conta muito mais o relacionamento do paciente com a realidade externa do que o relacionamento com o terapeuta. É então muito mais acentuado o ‘lá e

então' da vida do paciente do que o 'aqui e agora' da situação terapêutica (p.82).

Essa definição de Bastos (1980) coloca em questão o manejo da transferência no processo psicoterapêutico breve, considerada por ele como dos pontos mais controvertidos dentro dessa modalidade terapêutica. Apesar de não entendê-la como algo que se deve incentivar, acredita que em muitos casos é impossível evitar o seu desenvolvimento e que sua interpretação deve ser sim adotada como um procedimento técnico, quando se tem clareza de que pode ajudar e complementar o entendimento da psicodinâmica do paciente, "... principalmente quando a situação transferencial está tão clara que seria falso não nos referirmos a ela, principalmente nos seus aspectos positivos" (p.83). Em contraposição, os aspectos hostis que caracterizam a transferência negativa devem ser tratados de modo ainda mais restrito.

De todo modo, parece haver indícios de concordâncias quanto ao problema da "neurose transferencial", que deve ser evitada (Bastos, 1980; Knobel, 1986). Sobre isso, Knobel (1986) diz:

... não se pretende, na psicoterapia breve, que o terapeuta ignore a transferência. O psicoterapeuta deve conhecê-la e aprender a captar as suas diversas manifestações, tanto em seus aspectos positivos como nos negativos. O que o psicoterapeuta, nesta técnica, não deve é estimular a criação de sintomas ligados a sua pessoa e a emergente estabilidade de um processo transferencial-contratransferencial com todos os seus riscos e vicissitudes... (p.55)

De modo contrário, Schoueri e Segre (1999) adotam em seu conceito de PBP e em suas práticas a questão da transferência-constratransferência como elementos essenciais:

Trata-se de uma técnica de abordagem psicodinâmica que busca trabalhar em tempo limitado uma situação focal ligada a sintomas e/ou vivências pessoais em um vínculo; os instrumentos terapêuticos desta técnica são a pessoa real do terapeuta e o manejo da transferência. Ao unir o tema do foco, no vínculo com o terapeuta, levando em conta a transferência, o paciente consegue discriminar fantasia (ligada ao presente e ao passado) da realidade, podendo melhorar sua qualidade de vida (p.8).

Com o objetivo de analisar o conceito e prática de PB entre reconhecidos especialistas brasileiros, Yukimitsu (1991) verificou as seguintes dimensões como sendo as principais: 1. objetivos predeterminados; 2. resolução parcial ou total de conflitos e sintomas; 3. experiência

emocional corretiva; e 4. curta duração do tratamento. Quanto a este último item, alguns estudiosos estabelecem prazo entre 13 a 20 sessões, e outros indicam, em igual proporção, mais de 40 sessões, distribuídas entre três e seis meses.

Já o estudo de Rodrigues (1997), baseado em autores de orientação psicanalítica, revisou as principais modalidades de PB dinamicamente informada, também identificando suas características básicas. Entre estas, verificou: 1. limitação do tempo; 2. limitação dos objetivos; 3. atividade do terapeuta; e 4. pacientes com baixa escolaridade e nível sócio-econômico podem obter bons resultados em PBP.

A respeito do número de sessões mencionado por Yukimitsu (1991) e Rodrigues (1997) como das características centrais de uma PBP, Bastos (1980) lembra que esse fator deve ser fixado no planejamento e que ele é determinado por diversas razões, às vezes dependentes do terapeuta – o que inclui a instituição onde atua – às vezes do paciente, não existindo indícios na literatura de rigidez nesse sentido. Small (1971/1974), por exemplo, encontrou variações que vão de uma a 217 sessões em seu estudo. Mais recentemente há, contudo, tendência a se estabelecer o número de sessões entre 5 e 40 (Hoyt, 1995; Prochaska & Norcross, 1999), o que será variável de acordo com o embasamento teórico adotado pelo psicoterapeuta, bem como de acordo com limitações institucionais.

O modo como o terapeuta se situa diante do fator “tempo” tem sido marcado por dupla divisão. A primeira corresponderia à postura de seu estabelecimento em momento prévio, integrando o contrato terapêutico. Um outro conjunto de possibilidades situar-se-ia entre psicoterapeutas/pesquisadores que colocam a questão do “tempo” em segundo plano, sendo que nestes casos a resolução do foco e o alcance dos objetivos da terapia seriam os fatores definidores de sua extensão temporal (Yoshida & Rocha, manuscrito).

Como se percebe nos estudos focalizados a título de exemplificação, nem sempre se percebe um consenso entre os estudiosos da área no que diz respeito à conceituação do que venha a ser PBP e sobre quais sejam suas características essenciais. Apesar das divergências existentes no campo das PBP, os conceitos de foco, objetivo e planejamento estratégico são enfatizados por diversos autores e merecem destaque (Braier, 1984/1991; Hoyt, 1995; Prochaska & Norcross, 1999; dentre outros).

O foco do tratamento é considerado por diversos autores como um dos pilares das PBP, mas não são incomuns divergências no momento de se buscar sua conceituação. Lemgruber (1987) e Malan (1976/1981, 1979/1983), por exemplo, consideram PB e psicoterapia focal como sinônimas. Malan, entretanto, refere-se ao uso de mais de um foco em sua técnica e, segundo Knobel (1986), depois de anos de experiência passa a utilizar o

conceito de “focalidade” em lugar de foco (p.44). Bastos (1980) e Knobel (1986), por outro lado, frisam a diferenciação existente entre PB e psicoterapia focal; eles acreditam que a primeira seja uma visão mais abrangente do processo psicoterapêutico, quando comparada à psicoterapia focal.

Para Bastos (1980, p.82), a psicoterapia focal seria uma espécie de modalidade de PB, “... na qual centralizamos toda a nossa atenção num determinado problema específico, apresentado pelo paciente, deixando de lado tudo que não se refira diretamente a este foco.” Já na PB, procura-se alcançar ampla gama de problemas trazidos pelo paciente. Diante dessa distinção, diz: “Podemos, portanto afirmar que toda a psicoterapia focal é breve, mas que nem toda psicoterapia breve é focal” (p.82).

Knobel (1986, p.44), embora reconheça que o conceito de foco possa ser interpretado de diversas maneiras, acredita que considerá-lo “... como simplesmente o conteúdo manifesto da queixa de quem procura ajuda” pode gerar uma visão insatisfatória da questão.

Para Yoshida (1993, 1999b) o foco do tratamento é estabelecido a partir de um mapeamento da conduta do paciente, que aponta para um determinado conflito. A partir do entendimento da queixa e do esclarecimento dos motivos da consulta, pode-se estabelecer uma hipótese psicodinâmica que norteará a conduta do terapeuta. O foco é então entendido como “... a área sobre a qual se processará o tratamento” (Yoshida, 1993, p.24).

De modo mais específico, o foco é formulado considerando-se as expectativas conscientes ou inconscientes trazidas pelo paciente, desde a primeira sessão. Desta forma, o terapeuta deve tentar entender se essas expectativas têm sido satisfeitas, procurando levantar os sentimentos a elas associados e então, compreender que tipo de atitudes ou comportamentos a pessoa tem empreendido para dar conta, ou não, de suas angústias. O foco é, então, estabelecido ao se considerar conflitos de natureza interpessoal ou intrapessoal, o que dependerá da demanda específica.

Yoshida e Enéas (2004b) estabelecem algumas questões auxiliares na elucidação do foco de um eventual tratamento: (a) As expectativas do paciente relacionam-se a pessoas significativas da vida do paciente ou se voltam para si mesmo? (b) O que o paciente espera das pessoas que lhe são significantes? (c) O que ele acha que as pessoas esperam dele? (d) Em que medida o paciente se sente capaz de corresponder às expectativas que os outros têm sobre si mesmo? (e) O que ele espera de si mesmo? (“quando a queixa se refere a uma insatisfação consigo próprio”; p.231); e (f) Como as expectativas que têm diante de si e do outro se refletem no seu comportamento e/ou atitudes?

Retomando-se a explanação sobre os itens característicos das PBP, Yoshida e Enéas (2004b) sugerem que o estabelecimento dos objetivos do tratamento deve, portanto, considerar alguns aspectos, naturalmente decorrentes dos questionamentos anteriores. Qual a natureza do foco? Que recursos adaptativos o paciente tem ao seu dispor? Isto é: que recursos apresenta para enfrentar suas dificuldades? Isso inclui recursos de natureza física, econômica e sobretudo referentes às relações interpessoais. Que padrões defensivos são mais utilizados pelo paciente? São mecanismos mais ou menos maduros? Qual profissional irá atendê-lo? Em quais condições irá fazê-lo?

Na medida em que essas questões tiverem sido esboçadas, a definição dos objetivos pode se dar de modo mais ou menos “amplo”. Quanto mais focalizada a área em que o tratamento ocorrerá, quanto mais recursos, sejam econômicos ou relacionais, quanto mais maduro psicologicamente e quanto mais motivado para o tratamento, e isso tudo em respeito à aliança terapêutica possível de ser estabelecida entre paciente-terapeuta, maiores serão as possibilidades de trabalho. No sentido inverso, quanto menos recursos o paciente apresenta, mais circunscritos devem ser os objetivos almejados.

Por fim, com base na especificação do foco e dos objetivos, decorre a definição da estratégia psicoterapêutica, que se constitui no modo como o terapeuta realizará o tratamento (Yoshida, 1993).

Uma proposta de classificação das estratégias terapêuticas é formulada por Fiorini (1976/1981), que propõe três diferentes tipos: (1) estratégia de apoio; (2) estratégia de esclarecimento; e (3) estratégia transferencial.

Na estratégia de apoio o papel do terapeuta prima por encorajar e orientar o paciente. Para tanto, assume o papel de “guia” e “autoridade”, visando a “atenuação ou supressão da ansiedade e de outros sintomas clínicos” (Fiorini, 1976/1981, p.51). Para Yoshida e Rocha (manuscrito) seu principal objetivo seria o de fortalecimento de aspectos saudáveis da personalidade do paciente, sendo preferencialmente utilizada em casos em que se apresentam sintomatologia grave e funcionamento maladaptativo crônico.

De la Parra (2004), acrescenta outras características dos pacientes em que o uso dessa estratégia seria proveitoso: “... falta de capacidade introspectiva de auto-observação (...), baixa tolerância à frustração (...), história de relações objetais pobres e relações interpessoais atuais prejudicadas, baixo controle de impulsos” (p.123), além de dificuldade para estabelecimento de aliança terapêutica positiva e algum comprometimento orgânico ou relacionado ao nível de inteligência.

Na de esclarecimento visa-se, além do alívio de sintomas almejado na estratégia de apoio, o desenvolvimento de uma “... atitude de auto-observação e um modo de compreender suas dificuldades (...) mais próximo do nível de suas motivações e de seus conflitos [as motivações e os conflitos do paciente]” (Fiorini, 1976/1981, p.53).

Essas três estratégias indicadas por Fiorini têm recebido nomenclatura diversa na literatura mais recente, entretanto com significados semelhantes, sendo a primeira estratégia situada no escopo das psicoterapias suportivas ou supressivas e as duas últimas situadas no campo das psicoterapias expressivas ou exploratórias (por exemplo, De la Parra, 2004; Wallerstein, 2005).

Sendo assim, a estratégia expressiva seria aquela que teria por objetivo ajudar o paciente a compreender o sentido latente de seu comportamento, isto é, objetiva obtenção de insight (“compreensão interna”). Para Luborsky (1984), em contraposição à de apoio, seria um tipo de estratégia indicada para pacientes com bom funcionamento psicológico e adaptativo. Também com amparo nesse autor, é necessário frisar que o uso de estratégia situada num ou noutro pólo do contínuo suportivo-expressivo é correspondente ao modo como predomina a intervenção do terapeuta, porque em PB uma variedade de intervenções, baseadas em ambas as estratégias, seria o mais comum de ocorrer (Yoshida & Rocha, manuscrito).

Quaisquer dos tópicos discutidos até então, têm em seus fundamentos o papel ativo do do terapeuta no processo da psicoterapia. É ele quem tomará as rédeas no sentido de definir os objetivos, ou de escolher a melhor estratégia terapêutica para viabilizar o processo terapêutico como um todo, ou ainda de estabelecer, na maior parte das vezes, o foco a ser trabalhado. E tudo isso de forma a considerar a “brevidade” do tratamento.

Trad (1993/1997) acredita que justamente pela questão do limite temporal imposto pelas PB é que se justifica o uso de estratégias de intervenção direta por parte do terapeuta:

... como um participante ativo, a partir do momento em que se estabelece essa aliança [terapêutica], o terapeuta prontamente motiva e apóia o paciente na exploração de áreas significativas do conflito, para que ele desafie assertivamente padrões arraigados, e para que se lance a comportamentos novos e promotores de comportamentos mais adaptativos (p.57).

A respeito da variação existente quanto à duração do tratamento, as características centrais do foco da terapia e sobre as principais técnicas utilizadas, constatadas a partir dos autores citados, observar o seguinte quadro comparativo. Nele se podem constatar, ainda, as modalidades mais comuns de PBP existentes e seus principais autores (Quadro 1). Observe-se

que grande parte deles será retomada no texto, por se tratarem de autores que têm publicações nos periódicos pesquisados.

A PB pode, em síntese, ser comparada a um conto – um fragmento de texto ou do trabalho terapêutico que tipicamente focaliza um tema único, com poucos personagens, e um recorte da vida. Em contraposição, a psicoterapia de longo termo seria mais próxima de um romance plenamente desenvolvido, que incorpora tramas e subtramas, manejo amplo de personagens, e grande variedade de situações nas quais se desdobram os dramas humanos. Ambos os estilos de “escrita” podem ser valiosos no que têm a oferecer (Messer & Warren, 1995). A escolha de um ou outro estilo por parte do terapeuta necessariamente passa pela sua formação e conseqüentemente pelas coisas em que acredita e deve, na realidade brasileira, considerar limitações socioeconômicas e institucionais, além das demandas trazidas pelos pacientes.

A título de finalização da explanação referente ao conceito de PBP, que se estenderia imensamente diante do grande número de estudiosos que se ocupam do assunto, mas que para não se tornar enfadonha carece de um “desfecho”, realizar-se-á um apanhado geral de alguns dos componentes citados pela literatura em geral, que serão agora reproduzidos devido à sua relevância. O que se segue trata-se de adaptação livre, realizada a partir dos trabalhos de Hoyt (1995), Prochaska e Norcross (1999) e Yoshida e Enéas (2004b).

1. Focalidade: depende da condução do trabalho em torno de um problema, conflito intra ou interpessoal ou padrão maladaptativo de conduta.
2. Estabelecimento de rápida, forte e geralmente positiva aliança terapêutica entre terapeuta e paciente.
3. Clara definição das responsabilidades do paciente e do terapeuta, com relativamente alto nível de atividade por parte do terapeuta.
4. Ênfase nas habilidades, competências e capacidades adaptativas do paciente.
5. Expectativa de mudança: crença de que a possibilidade de obtenção de melhoria está “dentro” do paciente.
6. Sensibilidade ao tempo. E, finalmente,
7. Emprego relativamente rápido de interpretação e interpretação transferencial, quando necessárias.

A compreensão de alguns dos aspectos centrais que culminaram no desenvolvimento das PBP, bem como de algumas de suas principais características, favorecerá o entendimento de alguns dos modelos teóricos que norteiam a prática da PB.

Quadro 1. Modalidades de PBP e principais autores, com respectivas características do foco, técnicas empregadas e duração dos tratamentos.

Modalidade de PBP	Principais Exponentes	Características Centrais do Foco	Principais Posturas Técnicas Empregadas	Duração do Tratamento em Sessões
Psicoterapia Breve Provocadora de Ansiedade	Peter Sifneos	Ênfase em conflitos edípicos.	Confrontações provocadoras de ansiedade e interpretações transferenciais.	Variável, usualmente entre 6 e 15
Psicoterapia Intensiva Breve	David Malan	Ênfase em conflitos edípicos e perdas.	Interpretações ligando temas transferenciais, do passado e do presente.	Usualmente entre 30 e 40
Psicoterapia de Tempo Limitado	James Mann	Ênfase no senso de <u>Self</u> do paciente, no seu presente e na “dor cronicamente persistente” (<u>chronically endured pain</u>).	Terapeuta empático auxilia o paciente em temas em torno de luto não resolvido, atividade <u>versus</u> passividade, independência <u>versus</u> dependência, auto-estima adequada <u>versus</u> baixa auto-estima.	12
Terapia Dinâmica Breve para Síndrome de Resposta ao Estresse	Mardi Horowitz	Ênfase nos “Estados da mente” do paciente (imagens de si e do outro e “estilos de processamento de informações”/information-processing styles).	Auxiliar o paciente a lidar e dominar emocionalmente um evento estressor recente.	Usualmente 12 sessões
Psicoterapia Dinâmica Breve Intensiva	Habib Davanloo	Foco amplo, com forte ênfase em defesas caracterológicas (characterological defenses), em como elas são manifestadas dentro do “triângulo de conflito” (desejo/ansiedade/defesa) e do “triângulo de pessoa” (transfêrencia/pessoas significativas do presente/pessoas significativas do passado), com especial atenção dirigida em torno de experiências transferenciais.	Confrontar e interpretar defesas até haver um “destrancamento do inconsciente” (unlocking of the unconscious) e acessar sentimentos verdadeiros.	Varia entre 5 a 40
Psicoterapia Dinâmica de Tempo Limitado	Hans Strupp & Jeffrey Binder	Ênfase no “padrão cíclico maladaptativo” (Cyclical Maladaptive Pattern), identificado e interpretado, envolvendo representações de si (self), expectativas dos outros, representações dos outros, e introjeções de si (self-introjects).	Terapeuta empático aprecia a influência da contratransfêrencia como uma oportunidade para prover uma <u>experiência emocional corretiva</u> .	Usualmente 25
Terapia Suportivo-Expressiva	Lester Luborsky	Padrão central que cada pessoa segue ao conduzir seus relacionamentos: Tema Central de Relacionamento Conflituoso (Core Conflictual Relationship Theme)	Tanto baseadas no relacionamento de ajuda estabelecido entre paciente e terapeuta (técnica suportiva), quanto baseadas em técnicas interpretativas (técnica expressiva).	Até 25 sessões
Psicoterapia Breve Integrada	Vera Lemgruber	Problema principal do paciente baseado nos afetos e no <u>Core Conflictual Relationship Theme</u>	Ênfase na <u>Experiência Emocional Corretiva e emoção patogênica</u> .	30 sessões
Psicoterapia Psicodinâmica Breve	Elisa Yoshida & Maria Leonor Enéas	Padrão de relacionamento mal-adaptativo (Core Conflictual Relationship Theme e Cyclical Maladaptive Pattern)	Ênfase na atitude do terapeuta e atividade do terapeuta e do paciente.	Variável, usualmente entre 15 e 30
Psicoterapia Breve Dinâmica	Guillermo de la Parra	Derivado do esquema da primeira entrevista, articulando insight e relação paciente-terapeuta.	Específica para crise, variando entre suportiva e expressiva.	Variável, entre 20 e 40

1.3 Modelos Teóricos em Psicoterapias Breves Psicodinâmicas

Procurando dar conta da evolução ocorrida no campo das PBP, o que se buscou focalizar até então, Messer e Warren (1995) partem da proposta de Greenberg e Mitchell (1983/1994) e classificam-nas segundo três grandes modelos: 1. impulsivo/estrutural, 2. relacional e 3. integrativo. Como será visto adiante, parte da análise pretende se dar com base no entendimento desses modelos (item Objetivos Específicos). Contudo, antes de se focalizar no que cada um destes se constitui e no que divergem uns dos outros, a exposição de alguns conceitos fundamentais favorecerão melhor entendimento do campo: impulso (drive), Ego, relações de objeto e self.

Impulso (drive) compreende instintos básicos como sexo e agressão e suas modificações através dos estágios desenvolvimentais. Trata-se, para Calich (2005), de um conceito, de uma abstração teórica que procura "... expressar a transformação de estímulos biológicos em elementos psíquicos" (p.183), de algo que dê conta das motivações geradas pelo corpo.

Embora de base biológica, os impulsos são representados psicologicamente e estão sujeitos a rupturas e alterações. São transformados por meio de defesas como deslocamento e sublimação, e tomam a forma de desejos que são expressos em fantasias conscientes ou inconscientes. Quando vistos como ameaçadores esses desejos criam conflitos, indicados por ansiedade, culpa, vergonha e inibições. A formação de sintomas e/ou traços de caráter psicopatológicos podem resultar dessa interação dinâmica. Nesta perspectiva a consciência é baseada na identificação com proibições parentais e ajuda no controle de impulsos por intermédio de sentimentos de culpa.

A concepção de Ego é estreitamente ligada à noção de impulso na medida em que coloca este em acordo com as demandas da realidade. O Ego enquanto estrutura psíquica tem como principal papel levar o indivíduo a se defender, adaptar-se a e "testar" a realidade, que é paulatinamente desenvolvida durante todo o tempo. Isso inclui a possibilidade de "desarranjos" egóicos, nos quais algumas capacidades como habilidade para retardar expressões afetivas e controlar impulsos são "suspensas".

Relações objetais, por sua vez, é termo que se refere às representações internas do self e dos outros. Estabelecidas na infância, são futuramente representadas nas relações adultas. Isso significa que as pessoas comumente construirão e experienciarão relações atuais baseadas em relações estabelecidas no passado, e assim não viverão as relações atuais em sua completude. As pessoas repetiriam relações de objeto antigas num esforço para

permanecerem apegadas a elas ou para dominá-las e, por conseqüência, livrar-se de alguns de seus aspectos problemáticos.

O Self é um construto fenomenológico que enfatiza a percepção da pessoa sobre si mesma ou sobre suas próprias experiências, especificamente em relação ao estabelecimento de fronteiras e à diferenciação de si com relação aos outros, ou à perda de limites e diferenciação. Isso inclui questões como autenticidade – a existência de um “verdadeiro” ou “falso” self – e também a presença ou ausência de um senso de auto-estima.

Assim sendo, o primeiro modelo, o impulsivo/estrutural (drive/structural; Messer & Warren, 1995; veja também Oliveira, I. T., 1999 e Yoshida, 2001a, 2001b; 2004), seria aquele que levaria em consideração a noção de conflito mental caracterizado como sendo de natureza intrapísica, defendido por Freud. Segundo essa visão, o comportamento humano seria determinado por impulsos agressivos e sexuais, compostos por quatro atributos: 1. fonte; 2. objetivo; 3. força e 4. objeto. “O sistema opera segundo o princípio do prazer, em que o objetivo seria a redução da tensão, gratificação da pulsão e minimização do desprazer” (Yoshida, 2001a, p.3).

A maior força que motivaria o indivíduo na visão de modelo impulsivo/estrutural seria a obtenção da satisfação de desejos. O conflito surgiria em decorrência da existência de obstáculos às gratificações destas forças. Em síntese, na visão freudiana, “... todas as facetas da personalidade e da psicopatologia são compreendidas essencialmente como (...) um derivado das pulsões e suas transformações” (Greenberg & Mitchell, 1983/1994, p.xii-xiii).

Seriam classificadas dentro desse primeiro modelo as psicoterapias breves psicodinâmicas dos “pioneiros” David Malan, Peter Sifneos e Habib Davanloo (Messer & Warren, 1995). A teoria de mudança subjacente a esta forma de “compreensão” do homem e do processo terapêutico envolveria, essencialmente, a aquisição de insight e o envolvimento afetivo, que se dariam na relação paciente-terapeuta, considerando-se questões transferenciais e de setting como elementos favorecedores de experiências emocionais transformadoras.

Nesse modelo tradicional as interpretações do terapeuta sobre a realidade são enfatizadas. A transferência, por sua vez, “... parte exclusivamente do paciente, do seu passado, e é vivida no presente com a figura do psicanalista/psicoterapeuta apenas como seu representante” (Calich, 2005, p.184). Quando o paciente “resolve” a transferência, ele pode então “ver” o mundo “sem distorções”. Há, portanto, menor ênfase em aspectos contratransferenciais, que são vistos como obstáculos à objetividade da escuta psicanalítica, e há a presunção de que a terapia é terreno marcado pela neutralidade do profissional, o qual tem pequena necessidade de inquirir pacientes sobre como eles vêem o terapeuta.

O segundo modelo, o relacional, seria representado pela Escola das Relações Objetais, que teria em Melanie Klein, W. R. D. Fairbairn, Harry Guntrip e Donald Winnicott seus mais conhecidos expoentes. Ele enfatiza as “... representações mentais internalizadas do eu e dos outros, assim como de suas interações, com especial atenção ao afeto que permeia estas últimas” (Yoshida, 2001a, p.3). Nesta visão a unidade básica de estudo não é o indivíduo como uma entidade separada e cujos desejos se chocam com a realidade externa, mas um campo interacional dentro do qual o indivíduo surge e luta para fazer contato e para articular a si mesmo e a sua existência.

Na compreensão dos conflitos resultantes das interações estaria implicada a idéia de que eles surgem “... sempre num contexto relacional, mesmo quando se fala em relações de objeto internalizadas” (Yoshida, 2001b, p.44). As relações humanas, então, caracterizariam o principal objetivo motivacional, e não a descarga do impulso defendida pelos psicanalistas e psicoterapeutas breves representantes do modelo impulsivo/estrutural. Afinal, as pessoas reagem a, e interagem com, “não somente um outro real, mas também um outro interno, uma representação psíquica de uma pessoa que em si tem o poder de influenciar tanto os estados afetivos do indivíduo como suas reações comportamentais externas” (Greenberg & Mitchell, 1983/1994, p.6).

Seriam representantes desse segundo modelo autores como Lester Luborsky, Mardi Horowitz, Hans Strupp e Jeffrey Binder (Messer & Warren, 1995). Do ponto de vista relacional, a mudança terapêutica consideraria várias idéias em adição aos fatores considerados numa psicoterapia psicodinâmica tradicional (catarse, insight emocional etc). Há ênfase nos processos ocorridos entre duas pessoas no setting, incluindo o uso do terapeuta numa “relação de objeto terapêutica”.

Como ocorre no modelo impulsivo/estrutural, as interpretações transferenciais são centrais. A idéia da “experiência emocional corretiva” é, também, utilizada, sendo central o papel da nova experiência obtida na relação terapêutica, entendida aqui como um fator curativo básico, e o papel do insight, focalizado no modelo impulsivo/estrutural, mostra-se menos relevante.

Na visão relacional de terapia, portanto, a contratransferência recebe maior atenção, referindo-se a sentimentos eliciados pelo paciente no terapeuta. Esses sentimentos são usados para informar ao terapeuta sobre o que o paciente provoca nos outros, e são o reflexo do clima interpessoal criado pela interação particular ocorrida entre paciente e terapeuta. Em síntese, isso leva em conta duas realidades plausíveis, e não apenas uma.

Para as técnicas de abordagem psicoterapêutica breve que não se enquadrariam nos modelos anteriores, Messer e Warren (1995) propõem um modelo integrativo, que buscaria uma visão de homem e de seu sofrimento psíquico mais integradas, como o próprio nome diz, aglutinando os principais construtos dos modelos impulsivo/estrutural e relacional: “ego, impulso, objeto e self” (p.175), acima referidos.

Messer e Warren elegeram James Mann como representante desse último modelo. A terapia de tempo limitado de Mann é baseada, entre outras, na teoria de relações objetais, e enfatiza a ansiedade e a tristeza decorrentes de eventos de vida envolvendo separação e individuação. Nesta visão, conflitos neuróticos resultariam de um desejo de união com o objeto, na esperança de recriar o elo mãe-criança, ao lado de um desejo contrário de ser separado, independente. O desenvolvimento psicológico ocorreria quando o estado de fusão com o outro é superado, rumo a um estado de separação.

Do mesmo modo que as questões de relação de objeto são enfatizadas, Mann elege como critério primordial para aceitação de pacientes para sua proposta de PBP a presença de um Ego “forte”, especialmente no sentido de tolerar perdas. Por causa da brevidade do tratamento imposto (12 sessões) acredita que o paciente tanto deveria ter capacidade para um envolvimento afetivo rápido, quanto para se “descompromissar”. Outros sinais de um Ego robusto que considera incluem a presença de fatores básicos indicativos de saúde mental declarados por Freud, que seriam a capacidade que o indivíduo apresentaria para amar e trabalhar.

Sem almejar esgotar com essas observações o que seria a proposta de James Mann, a questão colocada por Messer e Warren relativa a este terceiro modelo e merecedora de relevo neste momento é que em muitos estudos de PBP há evidências de que há ou uma visão de homem subjacente às propostas que tanto passa pelo modelo impulsivo/estrutural, quanto passa pelo modelo relacional, ou uma visão de homem que transcende estas duas, conduzindo a uma terceira maneira de se compreender o sofrimento humano e o processo terapêutico.

Pensar em uma outra concepção de “modelo”, que leve a uma melhor compreensão das várias propostas de PBP é aqui esclarecido por Yoshida (2004, p.28), quando diz: “Independentemente do que possa defender do ponto de vista teórico, todo psicoterapeuta acaba, na prática, tendo uma conduta muito mais eclética do que muitos gostariam de admitir” (grifos da autora). Esse terceiro modelo teórico, portanto, integra arsenal teórico e técnico originado em diferentes enfoques e também o medicamentoso.

Agora que se tem em mente algumas das principais características das PBP, sobre como elas surgiram e organizam-se em torno de modelos, será apresentado um tópico

explicativo sobre produção científica e sobre como esta tem sido avaliada, incluindo exemplos de pesquisas com este enfoque que têm sido desenvolvidas, especialmente entre pesquisadores brasileiros. Desse modo, pode-se continuar o caminho necessário para entendimento do campo em estudo, acompanhando os aspectos metodológicos focalizados.

1.4 Considerações Sobre Produção Científica e sua Análise

A produção científica pode ser caracterizada como aquela atividade resultante de novas descobertas tecnológicas, de conhecimentos e/ou no aumento das informações disponíveis para direcionar os progressos do homem (Witter, 1998). O progresso científico atrela-se, por sua vez, à divulgação de novas descobertas e para que isso ocorra novos fatos devem ser disponibilizados a todos (Marcantonio, Santos & Lehfeld, 1993). Daí a relevância da produção escrita e sua conseqüente avaliação, este que é particularmente o enfoque dispensado a estas breves considerações.

O processo de fazer ciência corresponde basicamente a três momentos: os produtos materiais, as tecnologias e os textos. Estes são tidos como a produção de maior freqüência e, na medida em que são o meio predileto de comunicação entre cientistas, também são os mais relevantes. Através deles o saber científico se acumula, se organiza e sua transferência entre culturas e localidades diferentes se viabiliza (Witter, 1992).

Artigos publicados em periódicos científicos são, na atualidade, substanciais para obtenção do desenvolvimento do pensamento e do fazer científicos (Sampaio & Peixoto, 2000; Sampaio & Sabadini, 2002; Sampaio, Sabadini & Linguanotto, 2002). Eles atingem a comunidade científica rápida e efetivamente, devem obedecer a certos padrões e exigências da ciência, como a manutenção da periodicidade, da estrutura e da precisão da informação (por exemplo, Yamamoto & cols., 2002). Além do mais, normalmente são avaliados por sistema de arbitragem, cujo processo de decisão centraliza-se nas figuras do editor e dos pareceristas (Pessanha, 1998). Esses aspectos, por sua vez, garantem ou não a credibilidade seja do conteúdo veiculado seja da própria instituição ou associação editora (Campos & Witter, 1999; Witter, 1999).

Por razões semelhantes tem sido fortalecida a necessidade de se avaliar produções veiculadas em periódicos científicos. Essa atividade permite, dentre outras, que se procure preservá-los enquanto veículos de propagação de conhecimento científico altamente especializado (Yamamoto & cols., 2002). Pesquisá-los em suas características físicas, formais

e discursivas tem em seu bojo o potencial de manter fortalecida uma determinada área do saber psicológico.

Ressalta-se que um periódico, para ser considerado científico, portanto diferenciado daqueles de caráter técnico e de divulgação científica, deve dedicar mais de 50% de seu conteúdo a artigos resultantes de pesquisa. Para tanto, estrutura-se “... em introdução, método, resultados e conclusões relativas às pesquisas e estudos científicos realizados e comunicados” (Malozze, 1999, p.113). De igual relevância nesse sentido é o fato de que num periódico incluem-se estudos críticos, resenhas, boletins, crônicas e às vezes, bibliografias, aspectos esses que requerem, via de regra, conhecimentos anteriores na área enfocada e a consideração do consumidor de ciência como um público-alvo específico.

O início da década de 1960 tem sido apontado como o momento em que a análise da produção científica que utiliza metodologia própria surgiu (por exemplo, Angelini, Pfromm Netto & Rosamilha, 1965/2001). Desde então, esse tipo de pesquisa, que também pode ser denominada metacientífica, vem evoluindo consideravelmente. Em 1995 Granja afirmou que o interesse por estudos desta natureza realizados em universidades brasileiras – locus por excelência de desenvolvimento pesquisas no país – trata-se de realidade que tem persistido nos dias atuais.

Estudos metacientíficos são aqueles que possibilitam análises quantitativas e qualitativas, ou uma junção destas, em várias áreas do conhecimento e em instituições produtoras de ciência, geralmente com o objetivo de integrar resultados, avaliando a ciência com recursos disponibilizados por ela mesma. Na medida em que podem, por exemplo, evidenciar lacunas existentes e configurar o estágio de evolução de um departamento (por exemplo, Domingos, 1999b), de programas de pós-graduação (por exemplo, Ziviani, 2000), de instituições (por exemplo, Bomtempo, 1999; Freitas, 1998), de periódicos (por exemplo, Witter, 1996, 2001; Melo, Tiscar, Witter & Bassit, 2004), de um determinado pesquisador (por exemplo, Buriti & Buriti, 1999; Pfeifer, 1999; Ventura, 1999), permitem um desenvolvimento científico mais racional e fundamentado empiricamente.

Em face desse instrumental disponível, tem havido necessidade de se repensar modelos de avaliação de qualidade e efetividade, não só do conhecimento produzido em determinada área científica, como também da qualidade do próprio cientista. Por essas e outras razões, estudos metacientíficos têm sido considerados como disparadores de discussões que tangenciam o papel social da ciência. Ademais, não se pode desconsiderar que a própria atividade científica é, em si mesma, uma avaliação, posto que se almeja através dela melhores soluções para os problemas e questionamentos humanos (Oliveira, M. H. M. A., 1999).

Oliveira, M. H. M. A. (1999) sublinha, ainda, o fato de que a análise de produção científica permite que os diversos atores da ciência, seja leitor, professor ou os próprios pesquisadores e agências de fomento, tenham atitude crítica em relação ao que tem sido feito, ao mesmo tempo em que permite reconhecer os porquês das diferenças existentes no desenvolvimento das várias áreas do saber.

Como exemplo de análise de produção científica tem-se o estudo do discurso científico propriamente dito. Sendo assim, a partir de agora serão fornecidos alguns exemplos de pesquisas com este enfoque. De início serão citados exemplos de pesquisas que utilizaram resumos como fonte material de pesquisa. Em seguida serão mencionados estudos que se valeram de análises de artigos de periódicos, estes que se tratam do suporte de texto empregado na presente pesquisa. Para essa escolha, foi determinante o argumento de que o artigo de periódico é “... o meio universalmente aceito pelo qual a instituição científica registra e divulga os resultados de suas investigações” (Macias-Chapula, 1998, p.139).

Dentre os primeiros exemplos, Granja (1995) analisou a produção científica do curso de pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), centrada na década de 1980. Traçou perfil dos trabalhos de pesquisas ali desenvolvidos, quanto às características dos sujeitos neles focalizados, ao local de realização da coleta de dados, e quanto aos instrumentos de pesquisa empregados, dentre outros. Constatou, por exemplo, que se realizam pesquisas no IPUSP primordialmente de campo, com grupos humanos de ambos os sexos, sendo em sua maioria crianças e adultos de classes econômicas menos favorecidas. Verificou também ser a entrevista o instrumento mais utilizado para levantamento de dados.

Domingos (1999a), por sua vez, avaliou 895 resumos de dissertações e teses de Psicologia da USP, PUC-SP e PUC-Campinas, defendidas no período de 1992 a 1996. Concluiu, entre outros, haver predomínio do tema Psicologia Educacional, que as universidades apresentam diferenças significantes em relação à estrutura e ao formato dos resumos e que, no geral, seguem as regras definidas em textos especializados, embora tenha percebido necessidade de se melhorar a qualidade do discurso.

Com direcionamento específico voltado às psicoterapias, tem-se registro de estudos de Ferreira (2002), Santeiro (2000a, 2000b) e os trabalhos decorrentes de proposta de Yoshida (2001a; Yoshida, Santeiro & Moraes, 2001a, 2001b; Yoshida, Santeiro, Moraes & Rocha, 2002).

Santeiro (2000a, 2000b) empreendeu a análise de resumos de produções veiculadas em bases de dados internacionais, no tocante à criatividade em psicanálise, centrada na década de 1990. Dentre os resultados obtidos, verificou predomínio de publicações individuais, de

tipologia descritiva, realizadas em periódicos norte-americanos e por autores afiliados a instituições norte-americanas. Foi observada, ainda, expressiva produção de psicanalistas brasileiros. De modo geral, constatou que a criatividade em psicanálise tem sido tomada como objeto de estudo teórico e que tem havido pouca fundamentação em pesquisas empíricas nesse campo de conhecimento.

Yoshida e cols. (2001a, 2001b) traçaram a evolução das PBP nos 21 anos compreendidos entre 1980 e 2000. Levantaram parte da produção estrangeira e nacional, partindo de resumos acessados em bases de dados eletrônicas, obtendo um perfil quanto ao ano das publicações, as instituições às quais os autores se vinculavam, aos países produtores e quanto ao idioma das publicações. Verificaram, no geral, haver volume significativo de produção ao longo do período estudado, onde a produção científica brasileira foi destacada em conjunto com a de outros países desenvolvidos, principalmente os norte-americanos.

Posteriormente, os referidos trabalhos de Yoshida e cols. (2001a, 2001b) foram desdobrados numa outra publicação, que constatou, com base na mesma fonte material de pesquisa, outras características da produção voltada ao cenário das PBP, contrastando a produção estrangeira e nacional (Yoshida e cols., 2002). Os dados deste estudo indicaram, dentre outras características, que, embora quantitativamente inferior à produção internacional, a produção nacional possuía qualidade científica compatível com os desenvolvimentos na área.

Já o estudo de Ferreira (2002), avaliou produções científicas voltadas ao campo das psicoterapias breves de modo geral, nesse caso adotando como campo de análise a produção brasileira e de outros países latino-americanos, também com base material da pesquisa sustentada em resumos acessados em bases de dados eletrônicas. Dentre os aspectos analisados, identificou não haver diferenças entre as produções brasileiras e as de outros países da América Latina, como Chile e México. Verificou que os profissionais da área médica psiquiátrica se sobressaem como pesquisadores e divulgadores das psicoterapias breves e que as de modalidade psicodinâmica recebeu maior volume de pesquisa nos 11 anos focalizados (1990-2000).

Como exemplos de estudos sobre produção científica sustentados em periódicos, Yamamoto, Souza e Yamamoto (1999), analisaram produção científica na área de Psicologia, através de periódicos brasileiros especializados, entre 1990 e 1997, quanto à política de publicação, perfis dos autores e das instituições às quais estes se vinculam. No exame de 749 artigos constataram haver poucos autores publicando sistematicamente, que a produção tem forte concentração em poucas instituições das regiões Sul e Sudeste e que houve relação

direta entre a quantidade de artigos publicados e a existência de programas de pós-graduação nessas universidades.

Buriti (1999) avaliou a produção científica veiculada em dois periódicos de psicologia do esporte e educação física (Revista Paulista de Educação Física e The Sport Psychologist), com enfoque na prevenção, nos anos de 1996 a 1998. Variáveis como temas, autoria, delineamento de pesquisa, sujeitos e instrumentos foram discutidas e correlacionadas. Concluiu que esses periódicos apresentam características típicas de periódicos científicos com qualidades reconhecidas, e que a produção em relação à prevenção manteve-se em alto nível, sendo que o estrangeiro apresentou alguns aspectos mais favoráveis.

Gargantini (2000) avaliou, por sua vez, produção científica relacionada à gagueira em dois periódicos estrangeiros, o Journal of Fluency Disorders e o Journal of Speech, Language, and Hearing Research, focalizando os cinco anos compreendidos entre 1994 e 1998. Ao analisar tópicos como título, autoria, delineamento das pesquisas, sujeitos e temas, concluiu, dentre outras, que o material apresentou produção avançada do ponto de vista metodológico, com consistência e bom nível.

O estudo de Hill, Nutt e Jackson (1994) foi o exemplo encontrado de análise de produção científica voltada às psicoterapias propriamente ditas, tendo periódicos como fonte material de pesquisa. Avaliou inclusive parcela de pesquisas veiculadas no Journal of Consulting and Clinical Psychology (que será adotado como uma das fontes materiais desta proposta) e realizou comparações entre estas e outras, veiculadas no Journal of Counseling Psychology. Utilizaram como delimitação temporal os anos compreendidos entre 1978 e 1992 e contemplaram em sua análise pesquisas de processos psicoterápicos de várias orientações teóricas. Concluíram, dentre outros tópicos, que a maioria dos estudos de processos e de processos e resultados (process-outcome) ocorrem com indivíduos, na modalidade de atendimento breve.

Figueira, Leta e De Meis (1999) rastrearam a produção científica realizada em três dos principais periódicos brasileiros de psiquiatria: Jornal Brasileiro de Psiquiatria (JBP), Revista Brasileira de Psiquiatria e Revista de Psiquiatria Clínica. Nos 15 anos avaliados e em amostra extensa (N=1474), o JBP foi onde mais se veiculou artigos (68,4% da produção). Constataram serem artigos de revisão e opinião os mais frequentes. Dentre os de pesquisa, os de desenho do tipo transversal, isto é, aqueles em que todas as medidas foram coletadas em um único momento do tempo, foram os mais comuns. Transtornos psiquiátricos como depressão, alcoolismo e esquizofrenia foram os mais investigados. Apesar de Figueira e cols. verificarem incremento de publicações brasileiras na área, consideraram-na insuficiente, principalmente

devido à alta prevalência de transtornos mentais no país e ao ônus de sofrimento dos pacientes e ao custo social envolvido neles.

Scazufca e Matsuda (2002) e Frey, Mabilde e Eizirik (2004) são outros dois exemplos de propostas de análise de produção voltadas ao âmbito clínico, especificamente interessados na revisão de estudos comparando tratamentos psicofarmacológico e psicoterapêutico, tópico de discussão bastante controverso e que tem sido amplamente discutido no Brasil e em outras realidades. Em ambos a metodologia utilizada se tratou de busca de artigos em bases de dados eletrônicas, sendo MEDLINE e PsycINFO duas comuns.

Scazufca e Matsuda (2002) realizaram busca específica sobre ensaios clínicos randomizados e controlados, publicados em 18 anos (1984-2001), sobre integração de psicoterapia e farmacoterapia no tratamento de depressão em idosos. Baseadas em apenas quatro estudos identificados verificaram escassez de evidências empíricas sobre a eficácia dos tratamentos, não se permitindo assim conclusões definitivas a esse respeito.

No caso de Frey e cols. (2004), encontraram entre 1966 e 2002 amostra maior, 43 artigos, dos quais 27 incorporaram amostragem final, haja visto terem excluído relatos de casos. Adotaram medida incomum no campo de análise de produção, acrescentando à amostragem final de artigos acessados nas bases de dados a indicação de experts, o que totalizou 32 referências analisadas.

Os estudos revisados por esses autores demonstraram que a aplicação de psicoterapia psicanalítica integrada à psicofarmacoterapia pode ser positiva, na medida em que otimiza a própria eficácia do tratamento. Lembram que a prescrição de medicamentos deve ser considerada como parte de recursos cabíveis num contexto de relação interpessoal. A lida com problemas de saúde mental sob um único ponto de vista, seja exclusivamente biológico, ou psicológico, pode ser indicativo de negação de terapêutica mais adequada ao paciente em sofrimento.

Vale lembrar que as conclusões obtidas nos dois últimos trabalhos citados se pautou por verificar que novas pesquisas eram necessárias para melhor compreensão da área.

Com esses exemplos de pesquisas desenvolvidas, especialmente na realidade brasileira, procurou-se ilustrar algumas possibilidades descortinadas pela análise de produção científica. Este tipo de empreita, mais do que uma forma de “realizar pesquisas”, permite ao investigador situar-se diante do intenso crescimento científico ao seu redor, que tem ocorrido nos mais diversos âmbitos, sejam local, regional, nacional ou mesmo internacional. Permite, ainda, avaliar tendências com sustentação empírica, e não apenas baseadas na intuição ou mera especulação (Robins, Gosling & Craik, 1999).

Tendo em consideração as observações sobre produção científica e sobre como esta tem sido avaliada, cabe ressaltar que o estudo ora proposto voltar-se-á para uma análise em moldes semelhantes ao das pesquisas focalizadas, especialmente no que se refere àquelas que se apóiam em análises de periódicos (Buriti, 1999; Gargantini, 2000; Hill & cols., 1994; Yamamoto, Souza e Yamamoto, 1999), e que ele centralizar-se-á nas psicoterapias breves psicodinâmicas.

À guisa de finalização deste item, esta pesquisa focalizará, portanto, a produção veiculada em periódicos divulgadores de estudos voltados às PBP, indexados em bases de dados nacionais e estrangeiras. Maiores detalhamentos poderão ser visualizados nos próximos itens, onde serão focalizados os objetivos e o método percorrido.

1.6 OBJETIVOS

1.6.1 Geral

Descrever e analisar a produção científica veiculada nos periódicos brasileiros Jornal Brasileiro de Psiquiatria e Estudos de Psicologia e nos estrangeiros Psychotherapy and Psychosomatics e Journal of Consulting and Clinical Psychology, nos últimos 23 anos, relacionada às psicoterapias breves psicodinâmicas (PBP), com vistas a traçar um panorama quantitativo e qualitativo sobre quem, onde, como e o que tem sido produzido, de modo que se busque compreender tendências e perspectivas.

1.6.2 Específicos

De modo mais específico os seguintes itens serão tomados como objeto de estudo:

1. Distribuição da produção relativa ao ano da publicação.
2. Autores dos artigos e suas respectivas afiliações institucionais.
3. Autoria (única e múltipla e sexo dos autores).
4. Características das referências utilizadas na fundamentação dos estudos quanto a:
 - 4.1 temporalidade;
 - 4.2 tipos do suporte bibliográfico;
 - 4.3 periódicos mais utilizados pelos autores, nos artigos focalizados; e
 - 4.4 autores citados nas referências (frequência de menção).
5. Natureza dos trabalhos (estudos empíricos, relatos de experiência, revisão de literatura, trabalho teórico, trabalho teórico ilustrado).
6. No caso de estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, identificar:
 - 6.1 população alvo (etapas de desenvolvimento, sexo);
 - 6.2 modalidades de atendimento dispensadas (individual, grupal, grupal familiar, outra);
 - 6.3 patologias e/ou queixas pesquisadas da população alvo;
 - 6.4 instrumentos de avaliação psicológica utilizados na população alvo (testes, escalas e outros procedimentos).

7. No caso de Estudos Empíricos, identificar o delineamento metodológico (levantamento, correlacional, quasi-experimental, experimental, estudo de caso intensivo, meta-análise).
8. Modelo teórico dos trabalhos: impulsivo-estrutural, relacional, integrativo, mais de um modelo ou modelo inespecífico.
9. Comparar, quando pertinente, o conjunto da produção publicada nos quatro periódicos, considerando-se os objetivos anteriores.

Que teus olhos olhem sempre em frente,
e as pupilas espreitem para diante!
Aplana a senda para teu pé,
e todos os teus caminhos serão firmes!
Não te desvies nem para a direita nem para a esquerda...
Provérbios, 4, 26-27

2 MÉTODO

2.1 Material

O material para análise referiu-se a 81 artigos publicados em quatro periódicos científicos, sendo dois nacionais e dois estrangeiros, e que no momento da busca de dados, finalizada em meados de 2003, estavam indexados nas bases de dados IndexPsi, PsycINFO, Lilacs e Medline. O período temporal considerado foi o dos anos compreendidos entre 1980 e 2002, haja visto este ser o último ano em que se observou produção sobre PBP nos periódicos analisados.

Um formulário foi criado para lançamento de dados referentes aos itens 5, 6, 7 e 8 dos objetivos específicos, respectivamente referentes a: natureza dos trabalhos; no caso de estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, identificar participantes, patologias e/ou queixas pesquisados, modalidade dos atendimentos e instrumentos de avaliação psicológica utilizados; no caso de estudos empíricos, identificar o delineamento metodológico das pesquisas; e identificar o modelo teórico dos trabalhos. Este mesmo formulário foi enviado ao juiz independente, para que ele fizesse seus julgamentos referentes aos itens 5, 7 e 8 (Anexo 1).

Antes que se focalizem detalhamentos dos periódicos adotados como fonte material, alguns critérios de seleção dos mesmos merecem destaque. Com base nos resultados de pesquisa sobre a análise da produção científica relacionada as PBP entre 1980 e 2000, acessada em bases de dados nacionais e estrangeiras (Yoshida & cols., 2001a, 2001b; Yoshida & cols., 2002), verificou-se maior frequência de alguns títulos de periódicos (Tabela 1).

Com exceção do Dissertation Abstracts International, que ocupou a terceira posição, porém veiculando apenas os resumos das produções, se verificou que o International Journal of Short-Term Psychotherapy e o International Journal of Intensive Short-Term Dynamic Psychotherapy constituíam-se no primeiro e quarto periódicos com maior frequência de trabalhos sobre o tema. Entretanto, se avaliou que deveriam ser excluídos como fonte material de pesquisa em função de somente publicarem trabalhos voltados às psicoterapias breves e assim não seria oportuno compará-los com periódicos brasileiros que não são específicos nesse sentido. Ademais, (a) os dois últimos se tratam de uma mesma publicação que teve alteração no seu título no decorrer do tempo (Yoshida, Santeiro, Santeiro & Rocha, manuscrito) e (b) ambos não se encontram disponíveis em acervos de bibliotecas brasileiras.

Observa-se que na seqüência de periódicos com maior frequência de trabalhos sobre PBP, sobressaiu-se ainda o Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training, em quinta posição (Tabela 1). Entretanto, verificou-se que o mesmo não se encontrava disponível no acervo de bibliotecas brasileiras. Embora atualmente se possa contar com serviços de

busca de referências bibliográficas em bibliotecas de outros países, essa medida mostrou-se inviável do ponto de vista econômico.

A escolha dos periódicos, portanto, se deu essencialmente a partir de dois critérios: 1. frequência de publicação de artigos em cada um dos periódicos e 2. acessibilidade destes em bibliotecas brasileiras.

A utilização de bases de dados eletrônicas foi outro critério a pesar na escolha dos periódicos. Considerou-se que enfatizar produções indexadas em alguns dos principais mecanismos de busca nacionais e internacionais fosse fator relevante, porque a informação ali veiculada apresenta grande visibilidade. Também é sabido que critérios de indexação em vigor têm sido aceitos por pesquisadores e progressivamente exigidos por editores, porque atendem a exigências metodológicas e técnicas mínimas, que conferem qualidade à produção (por exemplo, Yamamoto & cols., 2002).

Tabela 1. Periódicos que mais divulgaram trabalhos relacionados às psicoterapias breves psicodinâmicas entre 1980 e 2000, acessados em bases de dados nacionais e estrangeiras.

Periódicos	Total de Artigos
1. International Journal of Short-Term Psychotherapy	48
2. Psychotherapy and Psychosomatics	31
3. Dissertation Abstracts International	25
4. International Journal of Intensive Short-Term Dynamic Psychotherapy	24
5. Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training	20
6. Journal of Consulting and Clinical Psychology	20
7. Jornal Brasileiro de Psiquiatria	20
8. American Journal of Psychotherapy	14
9. American Journal of Psychiatry	12
10. Journal of Psychotherapy, Practice and Research	11
11. Estudos de Psicologia	10

A opção por critério temporal relativamente longo (1980-2002) foi feita em função do número de publicações referentes às PBP nos periódicos adotados ter sido relativamente pequeno (N=81). Foi considerado que a adoção de um período temporal menos extenso, como o ocorrido em pesquisas semelhantes [por exemplo, Buriti (1999); Cusatis Neto (2002); Gargantini (2000); e Lucca (2000) analisaram, respectivamente, três, um, cinco e cinco anos], inviabilizaria a avaliação da produção sobre PBP nos moldes pretendidos.

Entendidos os critérios utilizados para escolha dos periódicos, faz-se necessário detalhá-los em suas características formais e editoriais.

2.2 Periódicos

Estudos de Psicologia (EP): publicação de periodicidade quadrimestral da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com ISSN 0103-166X, nas dimensões de 20cm x 27cm e na cor de capa azul¹. Seu primeiro volume data de 1983. Trata-se de um periódico dedicado à publicação original de relatos de pesquisa, estudos teóricos e revisões críticas da literatura, relatos de experiência profissional, comunicações breves, resenhas, assim como informações sobre temas, eventos e atividades referentes à psicologia, e cartas ao editor. Atualmente, é classificado pela avaliação empreendida em 2003 pela Comissão Editorial CAPES/ANPEPP como periódico de divulgação nacional, avaliado com a nota “A”.

Jornal Brasileiro de Psiquiatria (JBP): antigo Anais do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, com ISSN 0047-2085, nas dimensões de 21,2cm x 28,2cm e na cor de capa azul, com ilustrações variadas a cada volume. Seu primeiro volume data de 1942; após 1948 passa a ser intitulado Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Atualmente é editado pela Diagraphic Editora, situada na cidade do Rio de Janeiro (RJ). No JBP são publicados artigos em português, inglês ou espanhol. Não há especificação quanto ao perfil de publicações aceitas pelo Jornal. Até 1991 a periodicidade de suas publicações era bimestral; de 1991 até os dias atuais a periodicidade é mensal.

Journal of Consulting and Clinical Psychology (JCCP): antigo Journal of Consulting Psychology, de propriedade inicial da American Association of Applied Psychologists e atualmente da American Psychological Association (APA), com ISSN 0022-006X, nas dimensões 21,1cm x 28,0 cm, com cores de capa que variam a cada volume. Seu primeiro volume data de 1937. Em 1967 passa a ser intitulado Journal of Consulting and Clinical Psychology. É editado nos EUA e se trata de uma publicação de periodicidade bimestral. Nesse periódico trabalhos de natureza teórica são cogitados para publicação apenas ocasionalmente.

Psychotherapy and Psychosomatics (PP): antigo Acta Psychotherapeutica et Psychosomatica, de propriedade da International Federation for Medical Psychotherapy, com ISSN 0033-3190, nas dimensões 21,0cm x 28,0cm, com capas nas cores azul e branca. Seu primeiro volume data de 1953. É publicado bimestralmente, unicamente no idioma inglês. Veicula artigos de pesquisa, revisões (artigos especiais), notas clínicas e cartas ao editor sobre psicoterapia e/ou pesquisa psicossomática. É editado na Suíça, pela Karger, e distribuído em vários países do mundo por suas filiais, como por exemplo: EUA, França, Japão e Índia.

¹ Como as descrições físicas de alguns periódicos variam ao longo do tempo, todas as informações constantes do texto se referem às dos volumes atuais.

2.3 Juízes

Para verificar o grau de fidedignidade nos itens 5, 7 e 8 listados no item Objetivos Específicos, realizou-se avaliação por dois juízes. Um deles, o próprio autor, e o outro, uma pesquisadora com experiência de análise de produção científica. Para os demais itens, considerados mais objetivos por implicarem em contagem simples e serem facilmente revisáveis, recorreu-se à avaliação única, pelo pesquisador.

O formulário foi enviado ao outro juiz, juntamente com as definições de categorias para análise dos itens 5 e 7 (Anexos 2 e 3). Para análise do item 8 os capítulos 2, 3 e 4 da obra de Messer e Warren (1995), em conjunto com o capítulo 1 (Yoshida, 2004) do livro organizado por Yoshida e Enéas (2004a).

2.4 Procedimento

Os documentos foram acessados nas bases de dados internacionais PsycINFO, Medline e Lilacs, e nacionais Indexpsi e SciELO, responsáveis, por 63% e 37% da produção, respectivamente. Nas bases internacionais cruzou-se as palavras-chave brief dynamic psychotherapy, short-term psychodynamic psychotherapy, short term dynamic psychotherapy e time limited psychodynamic psychotherapy. Nas nacionais os respectivos correlatos em português.

Num momento posterior os artigos foram buscados primeiramente via bases de dados eletrônicas on-line, que disponibilizavam textos completos (CAPES, SciELO). Os que não foram acessíveis com base nesse critério foram buscados em bibliotecas brasileiras com grande acervo em periódicos científicos (PUC-Campinas, IPUSP/SP, USP/RP, Unicamp, UnB).

No geral, quando da realização das buscas de material nas bases de dados adotadas como fonte de pesquisa em estudos semelhantes (Ferreira, 2002; Santeiro, 2000a), é comum que surjam resumos de uma mesma produção em bases distintas. Esse fenômeno também ocorreu aqui. Cabe observar, assim, que o material constante de uma base de dados era automaticamente excluído quando surgido idêntico numa outra.

Especificamente sobre o PP, cabe salientar o critério para definição da amostra (N=30). De 32 artigos levantados inicialmente, dois se tratavam de editoriais e foram excluídos da amostra final, sendo, portanto, desconsiderados em todas as análises. Nos

Resultados e Discussão adiante, esse N=30 sofrerá algumas modificações, todas elas no sentido de diminuí-lo, já que alguns dos objetivos específicos almejados não eram passíveis de verificação em alguns dos artigos. Contudo, sempre que ocorrerem essas alterações serão devidamente sinalizadas no texto a seguir.

Para ganhos em termos qualitativos no momento de análise, otimizando assim a fidedignidade das informações, foram realizados julgamentos pelos juízes, de forma independente, em alguns itens (5, 7 e 8 dos objetivos específicos).

A quantidade de artigos a ser avaliada pelos juízes foi de aproximadamente 10% do total da amostra (N=8), sendo que para tanto se procedeu ao sorteio de oito artigos, sendo três deles retirados de periódicos nacionais e cinco, de estrangeiros. Este procedimento tem sido utilizado em estudos com desenho metodológico semelhante a este, como por exemplo, os de Gargantini (2000) e Santeiro (2000a).

Dos periódicos nacionais, um foi sorteado do Estudos de Psicologia e dois do Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Dos estrangeiros, dois foram extraídos do Journal of Consulting and Clinical Psychology e três do Psychotherapy and Psychosomatics (para especificações vide Anexo 4). Ressalta-se, assim, que a proporção de artigos sorteados teve relação com o volume total de trabalhos publicados entre 1980 e 2002 (N=81).

Antes de a avaliação efetiva ocorrer foram realizados treinamentos com base em outros 16 textos, sorteados com base nos mesmos critérios supracitados (para especificações vide Anexo 4). Após obtenção de concordância entre juízes nos momentos de treino relatados nos dois parágrafos antecedentes, sempre com base no índice Kappa, é que se realizou o julgamento do restante das produções. Sendo assim, somente após índice de concordância entre as avaliações dos juízes ter sido obtido é que o pesquisador procedeu à análise do restante do material, até que os 81 artigos que compuseram a amostra total fossem devidamente focalizados.

Da mesma forma como as notas do piano se oferecem a qualquer um,
sem que isto nos torne compositores;
da mesma forma como as palavras se oferecem a todos nós,
sem que isto nos torne poetas;
da mesma forma como as tintas se oferecem a quem quer que as deseje,
sem que isto os torne pintores.
Falta uma capacidade criadora,
um poder de síntese e organização,
uma imaginação que traz à existência coisas que não existiam,
um poder para pular e saltar...
Também na ciência: os dados, sem a centelha que lhes dá arquitetura
e os coloca em movimento, são inertes, mortos, mudos...
Rubem Alves

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Concordância entre Juízes

Após sorteio procedido em amostra de artigos que contemplou aqueles de periódicos nacionais e estrangeiros, tal como descrito no item Procedimento acima, estimou-se o Kappa para verificação de confiabilidade das avaliações dos juízes. Sendo assim, após o momento inicial de treino ter ocorrido, observou-se os seguintes índices de concordância, que foram avaliados separadamente para cada uma das categorias analisadas:

- natureza dos trabalhos=0,78;
- delineamento metodológico dos estudos empíricos=0,83; e
- modelo teórico=0,81.

Os índices de concordância obtidos nas três categorias indicaram que as avaliações realizadas pelos juízes desfrutavam de fidedignidade.

No que diz respeito à análise dos artigos propriamente dita, cabe observar inicialmente que se optou por realizar a apresentação dos Resultados e Discussão em conjunto, em função do número elevado de variáveis a serem analisadas, o que feito de forma separada forçaria um incessante ir e vir no texto, dificultando sobremaneira a leitura e o seguimento das idéias.

Quanto à ordem de apresentação, foram analisadas as variáveis de cada periódico nacional individualmente, seguidas de uma síntese. Posteriormente, o mesmo foi feito com os periódicos estrangeiros. E finalmente, sempre que pertinente, procedeu-se à síntese dos resultados observados no conjunto de periódicos nacionais e estrangeiros.

Sendo assim, os periódicos escolhidos e as respectivas freqüências com que publicaram artigos sobre PBP estão ilustrados na Tabela 2. Nela pode ser constatado predomínio significativo de publicações estrangeiras (64,2%) quando em comparação às nacionais (35,8%) [$\chi^2(1, N=81)=6,53, p<0,02$]. Dentre as primeiras, o Psychotherapy and Psychosomatics respondeu pelo maior volume (37,0%), seguido pelo Journal of Consulting and Clinical Psychology (27,2%). Nos periódicos nacionais, o Jornal Brasileiro de Psiquiatria apresentou maior índice de trabalhos (23,5%) e em seguida o Estudos de Psicologia (12,3%).

3.2 Distribuição da Produção Relativa ao Ano de Publicação

Como a produção analisada mostrou-se dispersa ao longo dos últimos 23 anos, optou-se por descrevê-la por décadas. Tal medida foi tomada para que o alcance de análises quantitativas e qualitativas fosse otimizado, porque na passagem de uma década para outra há melhores condições de se avaliar mudanças existentes. Entretanto, cabe ressaltar neste

momento que a última atualização no que se refere à busca bibliográfica nas bases de dados foi realizada em meados de 2003 e abrangeu produções até 2002. Portanto, os dados do período 2000-2002, não correspondem naturalmente a uma década, todavia serão apresentados em bloco, apenas para se ter uma idéia das tendências que se esboçam.

Tabela 2. Periódicos pesquisados e freqüência de artigos relacionados às psicoterapias breves psicodinâmicas no período de 1980/2002.

Periódicos	F	F%
Estudos de Psicologia	10	12,3
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	19	23,5
Subtotal de Periódicos Nacionais	29	35,8
Journal of Consulting and Clinical Psychology	22	27,2
Psychotherapy and Psychosomatics	30	37,0
Subtotal de Periódicos Estrangeiros	52	64,2
Total	81	100

Quando analisada a distribuição das produções por periódico, verificou-se no EP que o primeiro e o último artigo são de 1985 e 1999, respectivamente, e que o primeiro volume desta publicação foi de 1983, o que a distingue dos demais periódicos analisados. Em relação à distribuição das produções por periódico, foi registrado no EP um número de produções significativamente maior entre 1990-1999 (90,0%) [$\chi^2(1, N=10)=6,4, p<0,02$], quando comparado ao período entre 1980-1989 (10,0%). Nesse periódico não houve publicação sobre PBP entre 2000-2002 (Tabela 3).

No JBP a primeira publicação analisada sobre PBP ocorreu em 1980 e a última em 1999. Quanto à distribuição de freqüências, observou-se diferença não significativa de produções entre as décadas de 1980 (52,6%) e 1990 (47,4%) [$\chi^2(1, N=19)=0,04, p>0,70$]. Também nesse caso não houve, portanto, publicação sobre PBP entre 2000-2002 (Tabela 3).

Quando analisado o conjunto da produção nacional, constatou-se crescimento não significativo na década de 1990 (62,1%) em relação à de 1980 (37,9%) [$\chi^2(1, N=29)=1,68, p>0,10$].

No JCCP o primeiro trabalho divulgado sobre PBP datou de 1988 e o último em 2002. Quanto à distribuição de freqüências, foi observado índice significativo de produções ocorridas na década de 1990 (77,3%), seguidas de outras produções ocorridas na década de 1980 (13,6%). Em relação ao período 2000-2002, representou 9,1% do total (Tabela 3). Considerando apenas as duas primeiras décadas, como se procedeu para os periódicos nacionais, observa-se que o crescimento na veiculação de artigos sobre PBP nos anos 90 foi significativamente maior que nos anos 80 [$\chi^2(1, N=20)=9,8, p<0,01$].

No PP o primeiro e último artigo analisados dataram, respectivamente, de 1980 e 2002, sendo, portanto, o único periódico a cobrir todo o período analisado com suas publicações sobre PBP (Tabela 3). Nele constatou-se maior volume de publicações ocorrido na década de 1980 (76,7%), seguido da década de 1990 (20,0%) e nos anos 2000 (3,3%). Ao contrário do JCCP, a produção sobre PBP foi significativamente maior na década de 80, se comparada à de 90 [$\chi^2(1, N=29)=9,96, p<0,01$].

Devido ao fato do JCCP ter maior produção na década de 1990 e o PP na de 1980, no conjunto da produção estrangeira não se observou diferença significativa em relação a estas duas décadas [$\chi^2(1, N=49)=0,18, p>0,50$]. Sendo assim, observou-se que 50,0% da produção ocorreu na década de 1980; 44,2% na de 1990 e nos anos 2000 ela correspondeu a 5,8% do total da produção encontrada.

Diante da parcialidade dos dados referentes aos anos 2000, novamente não houve condições de afirmar como a produção sobre PBP nos periódicos estrangeiros analisados comportar-se-á até o encerramento da década. De todo modo, observou-se no conjunto da produção estrangeira volume relativamente homogêneo nas duas primeiras décadas analisadas.

Tabela 3. Distribuição de publicações por periódico, em separado, no conjunto de produção nacional (PN) e no conjunto de produção estrangeira (PE).

Periódico	Decênio 1980-1989		1990-1999		2000-2002		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%
EP	1	10,0	9	90,0	--	--	10	100
JBP	10	52,6	9	47,4	--	--	19	100
Subtotal PN	11	37,9	18	62,1	--	--	29	100
JCCP	3	13,6	17	77,3	2	9,1	22	100
PP	23	76,7	6	20,0	1	3,3	30	100
Subtotal PE	26	50,0	23	44,2	3	5,8	52	100
Total Geral	37	45,7	41	50,6	3	3,7	81	100

No conjunto geral das produções, ao longo das duas primeiras décadas analisadas observou-se mesma tendência de quando se analisou as produções nacionais e estrangeiras em separado: diferença não significativa no volume de produções entre as décadas de 1980 (45,7%) e 1990 (50,6%) [$\chi^2(1, N=78)=0,2, p>0,50$]. Por razões já apontadas, houve forte decréscimo nos anos 2000 (3,7%), mas somente em 2009 será possível verificar se houve ou não incremento da produção na área das PBP, nos periódicos estudados. Por ora vale lembrar

que as produções nacionais têm ocorrido em outros periódicos que não os focalizados, mas ainda o observado é tido como incipiente.

Embora os dados anteriores tenham sido apresentados por decênio, a visualização da distribuição das produções ano a ano é ilustrada na Figura 1. Nela pode-se constatar picos de produções ocorridos do seguinte modo: no EP em 1991 (N=3); no JBP em 1983 e 1990 (N=3 para cada ano); no JCCP em 1993 (N=6) e no PP em 1981, 1985 e 1988 (N=6 para cada ano). No geral, o ano de 1993 respondeu pelo maior número de publicações sobre PBP (N=10).

Entendida a distribuição das produções nacionais e estrangeiras ao longo do tempo, principalmente entre as décadas de 1980 e 1990, acredita-se estar facilitada a continuidade da compreensão das demais características que as aproximam ou não umas das outras. O traçado do perfil dos produtores de pesquisas em PBP e das instituições onde elas foram desenvolvidas favorecerá a continuidade da análise.

3.3 Autores e Afiliação Institucional

Em relação ao item autores e instituições, no EP os dez trabalhos foram assinados por 14 autores, sendo que em dois casos um mesmo autor assinou mais de um trabalho (Quadro 2). Foi observado, ainda, que os 14 autores eram afiliados a seis instituições diferentes, dentre as quais se destacou a PUC-Campinas (N=6). Dentre os autores observados, as pesquisadoras Elisa M. P. Yoshida e Maria Leonor E. Enéas aparecem como autoras ou co-autoras de cinco e dois artigos, respectivamente. À época em que os artigos foram publicados ambas vinculavam-se à PUC-Campinas. Tomando-se, todavia, informações não constantes dos artigos analisados, é sabido que entre 1987 e 2000 eram membros no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicoterapia Breve (NEPPB), localizado em São Paulo (Yoshida & Enéas, 2004b), mesma instituição na qual se vinculavam as pesquisadoras Cleusa Rillo e Katia Maria Maciel Duarte, ambas co-autoras de artigo juntamente com Enéas (Enéas, Vasconcellos, Rillo & Duarte, 1991).

Além disto, Tereza Iochico Hatae Mito e Maria Terezinha Cassi Pereira Yukimitsu também integraram o NEPPB no período em questão (Mito & Yoshida, 2004). Demais autores apresentaram índices de produção menores (Quadro 2).

Quanto à distribuição geográfica das instituições, 83,3% encontram-se no Estado de São Paulo e apenas uma no de Santa Catarina (16,7%).

No JBP, os 19 trabalhos foram assinados por 25 autores diferentes, os quais eram afiliados a um total geral de 11 instituições, sendo que alguns deles em mais de uma. No período focalizado, Vera B. Lemgruber, vinculada a PUC-RJ e ao Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, apresentou quatro produções no JBP. A ela seguiram-se autores que assinaram duas produções cada um: Aristides Volpato Cordioli (UFRGS), Jaques Vieira Engel (UFRJ/Sociedade de Psiquiatria do Rio de Janeiro), Liliana A. M. Guimarães (Unicamp) e Patrícia de Campos L. Schoueri (USP/SP). No caso dos demais autores, houve apenas uma referência no período (Quadro 3).

Quando se analisou as afiliações institucionais dos autores do JBP, no total de 11 instituições observadas, foi constatado predomínio de pesquisadores vinculados à Universidade Federal do Rio de Janeiro (N=11 autores), à Universidade Estadual de Campinas (N=7) e à Universidade de São Paulo (N=5). Demais instituições tiveram índices menores de autores afiliados.

Quadro 2. Autores dos artigos do EP (frequências de trabalhos que assinaram), respectivas afiliações institucionais, em ordem alfabética de instituição.

Autores (F)	Instituição*
Sueli Regina Gottochilich Rossini (n=1)	Instituto Metodista de Ensino Superior, S. B. do Campo, SP
Cleusa Rillo (n=1)	Núcleo Estudos e Pesquisas em Psicoterapia Breve, SP
Katia Maria Maciel Duarte (n=1)	
Adélia Serur Mariotti Vasconcellos (n=1)	Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP
Ana Lúcia Gatti (n=1)	
Elisa Medici Pizão Yoshida (n=5)	
Ione Aparecida Xavier (n=1)	
Maria Leonor Espinosa Enéas (n=2)	
Roselisa Crespi Martins (n=1)	
Maria Terezinha Cassi Pereira Yukimitsu (n=1)	Universidade de São Paulo, SP
Tereza Iochico Hatae Mito (n=1)	
Neury José Botega (n=1)	Universidade Estadual de Campinas, SP
Vera Lúcia Rezende (n=1)	
Rafael Raffaelli (n=1)	Universidade Federal de Santa Catarina, SC

* Afiliação indicada no artigo.

No que diz respeito à localidade as 11 instituições estão distribuídas por três estados diferentes, sendo o do Rio de Janeiro detentor de maior número de instituições produtoras na área (63,6%). Em segunda posição foram constatadas instituições paulistas (27,3%), seguidas de instituição localizada no Rio Grande do Sul (9,1%).

Quadro 3. Autores dos artigos do JBP (frequências de trabalhos que assinaram), respectivas afiliações institucionais, em ordem alfabética de instituição.

Autores	Instituição*
Vera Braga Lemgruber (n=4)	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, RJ
Andréia Nascimento (n=1)	Universidade de São Paulo, SP
Marco Aurélio Monteiro Peluso (n=1)	
Patrícia de Campos Lindenberg Schoueri (n=2)	
Ryad Simon (n=1)	
Carlos David Segre (n=1)	Universidade de São Paulo Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SP
Bruno Thebaldi (n=1)	Universidade Estadual de Campinas, SP
Liliana A. M. Guimarães (n=2)	
Manuela Garcia Lima (n=1)	
Maria Lúcia Domingues (n=1)	
Milena Pereira Pondé (n=1)	
Renata Cruz Soares de Azevedo (n=1)	
Tárcio Fábio Ramos de Carvalho (n=1)	
Andréa Bueno do Prado Bastos Tigre (n=1)	
Ângela Barros Barreto (n=1)	Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ
Elie Cheniaux Júnior (n=1)	
José Carlos Borges Appolinário (n=1)	
Maria Silvia Elia Galvão (n=1)	
Moisés Groisman (n=1)	
Sandra Vilma P. Paes Barreto (n=1)	
Theodor S. Lowenkron (n=1)	
Sandra Lúcia Fortes (n=1)	
José Cândido Bastos (n=1)	Universidade Federal do Rio de Janeiro Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, RJ
Jaques Vieira Engel (n=2)	Universidade Federal do Rio de Janeiro Sociedade de Psiquiatria do Rio de Janeiro, RJ
Aristides Volpato Cordioli (n=2)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS

* Afiliação indicada no artigo.

Os 22 trabalhos do JCCP foram assinados por 51 autores diferentes. William B. Stiles (N=6), Hans H. Strupp, Michael Barkham e William P. Henry (N=4 cada um) apresentaram os maiores índices de produção. No período focalizado, William B. Stiles vinculava-se à norte-americana Miami University e às University of Leeds e University of Sheffield, localizadas no Reino Unido. Michael Barkham também se vinculava às duas últimas

instituições. Hans Strupp e William P. Henry vinculavam-se à norte-americana Vanderbilt University; o último destes autores vinculava-se, ainda, à University of Utah (Quadro 4).

Quando se analisaram as afiliações institucionais, os 51 autores eram vinculados a 38 instituições diferentes, dentre as quais houve destaque para a University of Leeds (N=6 autores) e a University of Sheffield (N=5), ambas localizadas no Reino Unido. Demais instituições apresentaram índices menores de autores afiliados. Observa-se, ainda que no período focalizado em oito casos os autores estiveram vinculados a duas ou mais instituições (Quadro 4).

Entre as 38 instituições às quais os autores dos artigos do JCCP se afiliavam, observou-se que 50,0% foram de nacionalidade norte-americana e 28,9% situavam-se no Reino Unido. Com índices menos expressivos apareceram instituições de nacionalidade canadense e holandesa (7,9% cada), australiana e norueguesa (2,6% cada).

Os 30 trabalhos do PP foram assinados por 58 autores (Quadro 5). Destes, dez apresentaram maior volume de trabalhos e todos eles vinculavam-se a instituições norueguesas. Da University of Bergen verificou-se trabalhos dos pesquisadores Brit Haver, Ester Mølstad, Geir Nielsen, Henrik Rogge, Karin Barth, Marit Skåtun e Odd E. Havik. Com exceção de Geir Nielsen (N=5 produções) e Holger Ursin (N=2), os demais assinaram quatro produções cada. Também se observou pesquisadores vinculados à University of Oslo (Per Høglend, N=4) e à University of Trømsø (Hagnhild Husby, N=5). Astrid Noklebye Heiberg (N=5) vinculava-se tanto a University of Oslo, quanto a University of Trømsø, e também realizou pesquisas em caráter privado. Demais autores apresentaram índices menores de produção (Quadro 5).

Os 59 autores do PP mantinham vínculo junto a 20 instituições diferentes, dentre as quais foi observado destaque para as norueguesas University of Bergen (N=8 autores) e para a University of Oslo (N=7). Demais instituições obtiveram índices menores de autores afiliados. Observa-se, ainda, que em seis casos os autores vinculavam-se a duas instituições no período analisado (Quadro 5).

Entre as 20 instituições às quais os autores do PP se vinculavam, 35,0% foram de nacionalidade norte-americana e 20,0% foram de norueguesa. Com índices menos expressivos foram observadas instituições de nacionalidade brasileira (10,0%) e instituições de outras nacionalidades, sendo elas todas européias: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Grécia, Holanda, Itália e Suíça (5,0% cada). No caso do PP, observou-se que em dois casos os estudos foram desenvolvidos por pesquisadores atuantes tanto em instituições, quanto em caráter privado (Ester Mølstad e Astrid Noklebye Heiberg; Quadro 5).

Quadro 4. Autores dos artigos do JCCP (frequências de trabalhos que assinaram), respectivas afiliações institucionais, em ordem alfabética de instituição.

Autores	Instituição*
Arnold Winston (n=1)	Beth Israel Medical Center, EUA
Stephen F. Butler (n=2)	Brookside Hospital, EUA
Lisa Scharff (n=1)	Children's Hospital, Pain Treatment Service, EUA
Jeremy Halstead (n=1)	Dewsbury Health Authority, RU
Jeffrey L. Binder (n=2)	Georgia school of Professional Psychology, EUA
Daniel Brom (n=1)	Institute for Psychotrauma Utrecht, Holanda
Thomas E. Schacht (n=2)	James H. Quillen College of Medicine, EUA
Saul E. Rosenberg (n=2)	Kaiser Permanente Medical Center, EUA University of California, EUA
Robert J. Kirkby (n=1)	La Trobe University, Austrália
Kosmas X. Smyrniotis (n=1)	
Louis Diguier (n=1)	Laval University, Canadá
Alison Culverwell (n=1)	Leeds Community and Mental Health Services Teaching Trust, RU
Roxane M. Agnew (n=1)	Leicester Mental Health Services NHS Trust, RU
William B. Stiles (n=6)	Miami University, EUA University of Leeds, RU University of Sheffield, RU
Jeffrey P. Foote (n=1)	Mount Sinai Medical Center, EUA
Patrick O'Halloran (n=1)	Pacific Graduate School of Psychology, EUA
Marie Claire Shankland (n=1)	Sheffield Consulting and Clinical Psychologists, RU Community Health Sheffield National Health Service Trust, RU
Kim Bartholomew (n=1)	Simon Fraser University, Canadá
Leonard M. Horowitz (n=2)	Stanford University, EUA
Michelle Kalehzan (n=1)	
Gilbert Ureño (n=1)	Stanford University, EUA University of Michigan, EUA
Dolores Gallagher (n=1)	Stanford University, EUA
Larry W. Thompson (n=1)	Veterans Administration Medical Center, EUA
Roxane Agnew-Davies (n=1)	Surbiton, Surrey, EUA
John Wright (n=1)	Tavistock Clinic, RU
Edward B. Blanchard (n=1)	University at Albany, EUA
Anthony S. Joyce (n=1)	University of Alberta Hospitals, Canadá
Hassan F. A. Azim (n=1)	
Mary McCallum (n=1)	
William E. Piper (n=1)	
Peter B. Defares (n=1)	University of Amsterdam, Holanda
Charles R. Marmar (n=1)	University of California, EUA
Louise Gaston (n=1)	
Shirley Reynolds (n=1)	University of East Anglia, RU
Susan D. Field (n=1)	University of Leeds, RU
Anne Rees (n=2)	University of Leeds, RU University of Sheffield, RU
David A. Shapiro (n=3)	
Gillian E. Hardy (n=3)	
Michael Barkham (n=4)	
Michael A. Westerman (n=1)	University of New York, EUA
Jacques P. Barber (n=2)	University of Pennsylvania, EUA
Lester Luborsky (n=2)	
Paul Crits-Christoph (n=2)	
Martin Svartberg (n=1)	University of Trondheim, Noruega
Tore C. Stiles (n=1)	
William P. Henry (n=4)	University of Utah, EUA Vanderbilt University, EUA
Rolf J. Kleber (n=1)	University of Wageningen, Holanda
Mike Startup (n=1)	University of Wales, RU
Hans H. Strupp (n=4)	Vanderbilt University, EUA
Russel B. Hilliard (n=1)	
Veronica M. G. Harrington (n=1)	Walton Hospital, RU

* Afiliação indicada no artigo.

Quadro 5. Autores dos artigos do PP (frequências de trabalhos que assinaram), respectivas afiliações institucionais, em ordem alfabética de instituição.

Autores	Instituição*
Amy Yasuna (n=1)	Baylor Medical College, EUA
Stephen Armstrong (n=1)	Baystate Medical Center, EUA
Andrew Gill (n=1)	Beth Israel Hospital, EUA Harvard University Medical School, EUA
Ellen Bassuk (n=1)	
Fred H. Frankel (n=1)	
George Fishman (n=1)	
Peter E. Sifneos (n=3)	
Roberta J. Apfel (n=1)	
David Hawkins (n=1)	
Linda Burdette (n=1)	Duke University Medical Center, EUA University of Texas Health Science Center, EUA
Linda C. Wyrick (n=1)	
Paul C. Mohl (n=1)	
Redford B. Williams (n=1)	
William Cleveland (n=1)	
Flávia Costa (n=1)	
Flávio Kapczinski (n=1)	Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil
Renato Piltcher (n=1)	
Rosane Gauer (n=1)	
Zelig Libermann (n=1)	
Cláudio Laks Eizirik (n=1)	
J. Van Londen (n=1)	Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil Medical School of Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
E. Gilléron (n=1)	Ministerie van Volksgezondheid en Milieuhygiene, Holanda
Dianna Hartley (n=1)	Policlinique Psychiatrique Universitaire, Suíça
Adolf-Ernst Meyer (n=1)	The Menninger Foundation, EUA
Peter Rüster (n=1)	University Clinic of Eppendorf, Alemanha
Ulrich Stuhr (n=1)	
Ulrich Wirth (n=1)	
Annette Poulsen (n=1)	
Gregory Vaslamatzis (n=2)	University Hospital of Copenhagen, Dinamarca
P. Kanellos (n=1)	
S. Verveniottis (n=2)	
V. Tserpe (n=1)	
Brit Haver (n=4)	University of Athens, Grécia
Geir Nielsen (n=5)	
Henrik Rogge (n=4)	
Holger Ursin (n=2)	
Karin Barth (n=4)	
Odd E. Havik (n=4)	
Marit Skåtun (n=4)	
Ester Mølstad (n=4)	University of Bergen, Noruega Sollvi Psychiatric Clinic, Noruega
Roland Pierloot (n=1)	
Arne Fossum (n=1)	University of Bergen, Noruega Sollvi Psychiatric Clinic, Noruega
Oscar Heyerdahl (n=1)	
Oystein Sørbye (n=1)	
Per Høglend (n=4)	
Tore Sørli (n=1)	
Vibeke Engelstad (n=1)	
Astrid Noklebye Heiberg (n=5)	University of Oslo, Noruega University of Tromsø, Noruega Prática privada, Noruega
Annarita Milone (n=1)	University of Pisa, Itália
Cristina Casella (n=1)	
Lara Picchi (n=1)	
Maria Grazia Patarnello (n=1)	
Raffaella Tancredi (n=1)	
Alv A. Dahl (n=2)	University of Tromsø, Noruega
Carl-Ivar Dahl (n=2)	
Lars Weisæth (n=2)	
Ola M. Olafsen (n=2)	
Ragnhild Husby (n=5)	

* Afiliação indicada no artigo.

3.4 Gênero e Tipos de Autoria

A autoria foi analisada quanto ao gênero de acordo com as seguintes categorias: 1. gênero masculino; 2. feminino; e 3. desconhecido. Esta última categoria foi necessária somente na análise dos artigos dos periódicos estrangeiros.

Sendo assim, neste momento serão feitas algumas ilustrações de nomes de autores e o modo como foram considerados quanto ao gênero. Procedimento similar foi adotado na análise de todos os artigos:

Autores da referência analisada:

Peter E. Sifneos, Roberta J. Apfel, Ellen Bassuk, George Fishman and Adrew Gill.

Referência analisada: Sifneos, Apfel, Bassuk, Fishman e Gill (1980).

Autores classificados no gênero masculino: Peter E. Sifneos, George Fishman e Andrew Gill.

Autores classificados no gênero feminino: Roberta J. Apfel e Ellen Bassuk.

Autores da referência analisada:

Kosmas X. Smyrnios and Robert J. Kirkby.

Referência analisada: Smyrnios e Kirkby (1993).

Autor classificado no gênero masculino: Robert J. Kirkby.

Autor classificado no gênero desconhecido: Kosmas X. Smyrnios.

Autores da referência analisada:

G. Vaslamatzis and S. Verveniotis.

Referência analisada: Vaslamatzis e Verveniotis (1985).

Autor classificado no gênero masculino: G. Vaslamatzis. Como se tratava do autor principal do artigo, numa nota final havia explicitação de seu nome completo (Gregory) e endereço para correspondência. Esse procedimento foi seguido sempre que em algum local do artigo original havia como sanar a dúvida quanto ao gênero.

Autor classificado no gênero desconhecido: S. Verveniotis. Sempre que os prenomes dos autores foram grafados com abreviaturas, foram classificados como desconhecidos quanto ao gênero.

No que diz respeito ao gênero dos autores, no EP foi verificado predomínio de autoria feminina (89,5%), seguida de autoria masculina (10,5%), com diferença claramente significativa entre as duas categorias.

Já no JBP a autoria feminina foi responsável por 56,2% das produções e a masculina por 43,8% (Tabela 4). As diferenças observadas não foram significantes, indicando uma distribuição homogênea de produções assinadas por autores de ambos os sexos [$\chi^2(1, N=32)=0,50, p>0,50$].

Tabela 4. Gênero dos autores, por periódico nacional e por conjunto de periódicos nacionais.

Gênero	EP		JBP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Masculino	2	10,5	14	43,8	16	31,4
Feminino	17	89,5	18	56,2	35	68,6
Total	19	100	32	100	51	100

Quando se analisou o gênero dos autores no conjunto dos periódicos nacionais, verificou-se que a autoria feminina foi predominante em 68,6% dos casos; e a masculina ocupou 31,4% (Tabela 4). Essas diferenças foram significantes, tendo havido concentração de autorias femininas [$\chi^2(1, N=51)=7,08, p<0,01$].

Os dados constatados sobre o gênero dos autores dos periódicos nacionais e de modo ainda mais específico dos autores do EP se relacionam com o fato de, no Brasil, a Psicologia ser uma profissão tradicionalmente exercida em sua maioria por mulheres. Pesquisa recente, feita junto à amostra de associados do Conselho Federal de Psicologia, confirmou esse dado, já que 92,2% dos entrevistados eram profissionais do sexo feminino, contra 7,8% do sexo masculino (Conselho Federal de Psicologia/Instituto de Pesquisa de Opinião e Mercado, 2001). Resultados de pesquisas reportados por Yamamoto, Siqueira e Oliveira (1997) e por Castro e Yamamoto (1998) consolidam esse percentual de profissionais psicólogos do sexo feminino como caracterizando a realidade nacional em outras décadas.

Em termos comparativos e para ilustração da diferença entre os sexos dos autores do JBP, periódico este editado por médicos, dados atuais indicam que a profissão médica tende a ser predominantemente masculina no Brasil, divergindo do observado no caso do EP. Quando considerados no geral, os médicos na ativa inscritos no Conselho Federal de Medicina no ano de 2003 distribuíam-se quanto ao gênero do seguinte modo: 63,4% homens, contra 36,6% mulheres (N=291.434). Quando considerados os ativos da Região Sudeste, haja visto os autores do JBP ali situarem-se em forte predomínio (90,0%; Quadro 3), observa-se tendência

semelhante à observada no país como um todo: 37,1% dos profissionais da medicina eram do gênero feminino, contra 62,9% de homens (N=170.251; Conselho Federal de Medicina, 2003).

Vale observar, ainda, o fato de que no Brasil a participação das mulheres na produção científica tem sido crescente ao longo dos últimos anos. Essa peculiaridade é mais fortemente acentuada no caso das profissões que no país são tradicionalmente femininas, como Pedagogia, Nutrição e Enfermagem. Quando se considera o percentual de mulheres que fizeram o agora extinto Provão em 2002, elas representavam 66% dos estudantes; na Psicologia, isso correspondia a 89,2% (Jansen, 2003, dezembro).

No periódico JCCP a autoria predominante foi a masculina (78,2%), seguida pela feminina (16,7%). Houve ainda alguns casos em que não foi possível identificar o gênero dos autores (5,1%; Tabela 5). A prova de Qui-quadrado de aderência indicou diferença significativa para autoria masculina [$\chi^2(2, N=78)=72,22, p<0,001$].

No PP a autoria predominante também foi de gênero desconhecido (43,6%), seguido da masculina (34,6%), e da feminina (21,8%; Tabela 5). A prova de Qui-quadrado de aderência indicou diferença significativamente superior de autores de gênero desconhecido [$\chi^2(2, N=101)=7,26, p<0,05$].

Quando se considerou o gênero dos autores no conjunto de periódicos estrangeiros, verificou-se que a autoria masculina foi observada em 53,6% dos casos, tendo sido significativamente mais freqüente [$\chi^2(2, N=179)=34,6, p<0,001$]. A autoria feminina respondeu por 19,6% dos estudos e em 26,8% das vezes esse dado não pôde ser especificado (Tabela 5).

Tabela 5. Gênero dos autores, por periódico estrangeiro e por conjunto de periódicos estrangeiros.

Gênero	JCCP		PP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Masculino	61	78,2	35	34,6	96	53,6
Feminino	13	16,7	22	21,8	35	19,6
Desconhecido	4	5,1	44	43,6	48	26,8
Total	78	100	101	100	179	100

Quando se analisou a questão do gênero no conjunto geral de periódicos, verificou-se que a autoria masculina foi significativamente mais freqüente (48,7%), seguida da feminina (30,4%) e da desconhecida (20,9%) [$\chi^2(2, N=230)=27,58, p<0,001$].

Ainda no aspecto referente à análise da autoria dos artigos, analisou-se os tipos de autoria (individual e múltipla). Como o próprio nome diz, a nomenclatura autoria individual se relaciona aos trabalhos assinados por um único autor. Autoria múltipla, por sua vez, se relaciona àqueles artigos assinados por dois ou mais pesquisadores. Alguns exemplos:

Exemplo de autoria única:

Referência analisada: Pierloot (1981).

Autor: Roland Pierloot.

Exemplo de autoria múltipla:

Referência analisada: Vaslamatzis, Kanellos, Tserpe e Verveniotis (1986).

Autores: Gregory Vaslamatzis, P. Kanellos, V. Tserpe e S. Verveniotis.

No que diz respeito ao tipo de autoria observado no EP constatou-se maior índice de autorias individuais (60,0%), comparadas às autorias múltiplas (40,0%), mas a diferença observada não é significativa [$\chi^2(1, N=10)=0,4, p>0,50$].

Relação semelhante foi observada no JBP, em que os trabalhos individuais foram mais freqüentes (63,1%), do que os de autoria múltipla (36,9%), e as diferenças observadas também não foram significantes [$\chi^2(1, N=19)=1,31, p>0,30$].

Como conseqüência, no conjunto dos periódicos nacionais, foi constatado maior volume de produções assinadas individualmente (62,1%), seguido de produções assinadas por vários autores (37,9%; Tabela 6), ainda que essa diferença não seja significativa [$\chi^2(1, N=29)=1,69, p>0,10$].

Tabela 6. Relação entre tipos de autoria (individual e múltipla) e gênero dos autores nos periódicos nacionais, em separado e em conjunto.

Tipos de Autoria		EP		JBP		Total	
		F	%	F	%	F	%
Individual	Masculina	1	10,0	7	36,8	8	27,6
	Feminina	5	50,0	5	26,3	10	34,5
Subtotal Autoria Individual		6	60,0	12	63,1	18	62,1
Múltipla	Masculina	--	--	1	5,3	1	3,4
	Feminina	3	30,0	1	5,3	4	13,8
	Mista	1	10,0	5	26,3	6	20,7
Subtotal Autoria Múltipla		4	40,0	7	36,9	11	37,9
Total		10	100	19	100	29	100

Ferreira (2002), quando analisou a produção científica sobre psicoterapias breves no Brasil e demais países latino-americanos, cobrindo o período que foi de 1990 a 2000 e também utilizando as bases de dados PsycINFO, Medline e Lilacs (N=81), observou frequência significativamente maior de autoria única em relação a outros tipos analisados (dupla e múltipla). Entretanto, esse resultado foi influenciado pelo fato de também ter analisado resumos decorrentes de teses e dissertações, produções necessariamente empreendidas por autorias únicas. Quando estes tipos de produções foram descartados, verificou não existirem diferenças significantes entre os três tipos de autoria analisados.

Quanto aos tipos de autoria, Yoshida (2003), no já mencionado estudo que compreendeu o período entre 1980-2003 e contemplou literatura mais ampla, verificou predomínio de autoria única no geral das produções e no caso da produção nacional percentual ainda mais elevado desse tipo de autoria. Embora esse resultado tenha sido constatado, houve indicativos de aumento na tendência a produção de trabalhos assinados por múltiplos autores ao longo do tempo.

No JCCP a relação foi contrária às observadas nos periódicos nacionais. Ali as autorias múltiplas (90,9%) foram claramente predominantes, quando comparadas às individuais (9,1%), dispensando a necessidade do cálculo do Qui-quadrado.

No PP, no entanto, as produções múltiplas (53,3%), não foram significativamente superiores às individuais (46,7%; Tabela 7), ainda que mais frequentes [$\chi^2(1, N=30)=0,13, p>0,70$].

Tabela 7. Relação entre tipos de autoria (individual e múltipla) e gênero dos autores nos periódicos estrangeiros, em separado e em conjunto.

Tipos de Autoria		JCCP		PP		Total	
		F	%	F	%	F	%
Individual	Masculina	2	9,1	8	26,7	10	19,2
	Feminina	--	--	1	3,3	1	1,9
	Desconhecida	--	--	5	16,7	5	9,6
Subtotal Autoria Individual		2	9,1	14	46,7	16	30,8
Múltipla	Masculina	9	40,9	--	--	9	17,3
	Mista	8	36,4	9	30,0	17	32,7
	Desconhecida	3	13,6	7	23,3	10	19,2
Subtotal Autoria Múltipla		20	90,9	16	53,3	36	69,2
Total		22	100	30	100	52	100

Em função da tendência dos dois periódicos estrangeiros de terem predomínio de artigos de autoria múltipla, no conjunto também observou-se maior volume de produções

assinadas por vários pesquisadores (69,2%) e a diferença observada com os de autoria única (30,8%) foi significativa [$\chi^2(1, N=52)=7,69, p<0,01$].

Como os periódicos estrangeiros tiveram volume maior de artigos, no conjunto geral das produções, nacionais e estrangeiras, foi observado maior volume de trabalhos assinados por vários autores (58,0%), ainda que diferença em relação à frequência de trabalhos de autoria única não tenha sido significativa [$\chi^2(1, N=81)=2,08, p>0,10$].

A relação entre os tipos de autoria ao gênero dos autores dos artigos pode ser visualizada na Tabela 7.

A análise dos tipos de autoria evidencia o fato de a múltipla ser mais freqüente nos estudos decorrentes de países desenvolvidos. A compreensão do item autoria é fundamental, dentre outras, porque através dela se obtêm "... sólida visão do nível e das tendências das pesquisas em uma determinada área e pode ser considerada um indicativo do crescimento do conhecimento científico" (Gargantini, 2000, p.74). A produção decorrente de grupos de pesquisa constitui, assim, em claro indicador de progressos da área; a desenvolvida em caráter individual, por sua vez, sinaliza menor integração a linhas de pesquisa institucionalmente enraizadas, além de decréscimo de produtividade como um todo. Sendo assim, há, neste momento, contrapontos entre a qualidade observada nesse quesito em relação aos dois conjuntos de produção analisados.

3.5 Tipos de Suporte Bibliográfico Utilizados como Referências

Para traçar o perfil qualitativo de uma determinada produção científica mostra-se necessário analisar, entre outros aspectos, os tipos de suporte bibliográfico utilizados pelos pesquisadores como fonte de orientação para a construção de seus textos.

Serão, portanto, analisadas as características das referências utilizadas pelos autores para a fundamentação dos artigos. Iniciar-se-á pelo tipo do suporte bibliográfico utilizado, classificando-os como: 1. Artigos de periódicos científicos especializados; 2. Livros; 3. Capítulos de livros; 4. Dissertações de mestrado; 5. Teses de doutorado/livre docência; 6. Manuscritos não publicados; 7. Relatórios técnicos; 8. Resumos em anais de eventos científicos; 9. Resumos em periódicos científicos especializados; 10. Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de especialização; e 11. Outros tipos de publicações.

Os itens 1, 2, 3 e 8 foram agrupados num primeiro conjunto de análise, intitulado literatura branca, apenas para facilitação de visualização geral da produção. Este tipo de literatura engloba, assim, textos com tiragem e divulgação amplas. Quanto aos itens de 4 a 10

foram agrupados num segundo conjunto de análise, intitulado literatura cinzenta. Esse tipo de literatura refere-se a divulgações de texto que ocorrem em caráter mais restrito, normalmente com tiragem limitada (Población & Noronha, 2002).

O item 11 agrupou as produções com freqüências pouco significativas e aqueles trabalhos de circulação ainda mais restrita. Exemplos: painéis, textos utilizados para comunicações orais e atribuídos a comunicações pessoais. Também agrupou produções não especificadas nas Referências dos artigos analisados em acordo com normas técnicas de conhecimento geral (American Psychological Association, 1994/2001).

Exemplo de referência classificada na categoria “outra”: “Calil Nicolau Hezin – Psicoterapia Breve de Grupo no INPS. Trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Psiquiatria – Fortaleza, 4 a 9 de setembro de 1976” (Engel, 1983, p.146). Razão da classificação: não há especificação de que tenha sido publicado nos anais do congresso, apesar de provavelmente ter sido utilizado para algum tipo de apresentação (comunicação oral, painel, sessão coordenada ou outra).

Dentre 161 referências que fundamentaram os 10 artigos do EP (Média de 16,1 referências por artigo, DP=8,8; variância de cinco a 30 referências/artigo), observou-se diferença claramente significativa das produções classificadas como literatura branca (95,0%), seguida de literatura cinzenta (5,0%).

De modo mais específico, observou-se, na literatura branca, que livros foram o suporte bibliográfico significativamente mais referido (49,0%) [$\chi^2(2, N=153)=31,87, p<0,001$], seguidos de periódicos científicos especializados (32,3%) e de outras, apoiadas em capítulos de livros (13,7%). Quanto à literatura cinzenta, não se percebeu destaque para algum tipo de suporte, tendo ocorrido: dissertação de mestrado, manuscritos, relatórios técnicos, resumo em anais e tese de livre docência (Tabela 8).

No JBP, dentre as 192 referências que fundamentaram os artigos (Média de 11,3 referências por artigo, DP=6,5; variância de cinco a 25 referências/artigo), também houve predomínio de literatura branca (92,7%) e menor índice de literatura cinzenta (7,3%), o que se assemelha aos achados do EP.

Quando se analisou mais especificamente a literatura branca, foi verificada, entretanto, maior freqüência de artigos (41,1%), seguidos de livros (35,4%) e de capítulos de livros (16,2%) (Tabela 8). O cálculo do Qui-quadrado de aderência indicou diferença significativa de artigos quando comparados a livros e capítulos de livros [$\chi^2(2, N=178)=21,30, p<0,001$].

Quanto à literatura cinzenta, não houve índices que se mostraram significantes, tendo sido observado: dissertações de mestrado, relatórios técnicos, resumos em anais e trabalhos de

conclusão de curso de especialização. Houve, ainda, algumas referências classificadas como de outras, devido ao fato de não terem sido devidamente especificadas em acordo com as normas de trabalhos científicos (Tabela 8).

Quando analisados em conjunto os tipos dos suportes bibliográficos dos periódicos nacionais, num montante de 353 referências (Média de 13,1 referências por artigo, DP=7,7), verificou-se predomínio significativo de literatura branca (93,8%), quando comparado à literatura cinzenta (5,7%) e por outros tipos (0,5%).

Em análise mais detalhada, constatou-se dentre a literatura branca, haver predomínio de livros (41,7%), seguido de artigos (37,1%) e capítulos de livros (15,0%) (Tabela 8). A maior frequência de livros referidos nos artigos do EP influenciou o conjunto da produção nacional em que também se observou diferença significativa entre os tipos de suporte, com predomínio de livros [$\chi^2(2, N=331)=45,83, p<0,001$].

Quanto à literatura cinzenta, nenhum tipo de suporte predominou na amostra total, seguindo a tendência observada em cada periódico individualmente (Tabela 8).

No JCCP, do total de 796 referências analisadas nos 22 artigos (Média de 36,2 referências por artigo, DP=24,1; variância de 14 a 117 referências/artigo), observou-se maior frequência de literatura branca (95,7%) quando comparada à literatura cinzenta (3,3%) e outros tipos (1,0%), com resultados semelhantes aos encontrados nas análises anteriores e por isso descartando a necessidade do cálculo do Qui-quadrado.

Análise mais detalhada da literatura branca indicou predomínio significativo de artigos (66,1%) [$\chi^2(3, N=762)=841,60, p<0,001$], seguidos de livros (17,8%) e capítulos de livros (11,7%). Houve ainda um resumo publicado em periódico científico, que correspondeu a 0,1% das referências analisadas no JCCP. Quanto à literatura cinzenta, observou-se a ocorrência de manuscritos, relatórios técnicos, resumos em anais e teses de doutorado, totalizando 3,3% das referências (Tabela 9).

Quanto aos tipos dos suportes bibliográficos do PP, dentre 540 referências analisadas em 27 artigos (Média de 20,0 referências por artigo, DP=16,2; variância de quatro a 84 referências/artigo), observou-se forte predomínio de literatura classificada como branca (97,0%), dentre as quais se destacaram significativamente os artigos (58,2%) [$\chi^2(2, N=524)=202,62, p<0,001$], se comparados aos livros (29,8%) e capítulos de livros (9,1%). Literatura cinzenta e outros tipos de suporte apresentaram, respectivamente, índices de 0,2% e 2,8%. Neste caso, a literatura cinzenta foi toda representada por resumos de trabalhos constantes em anais de eventos científicos (Tabela 9).

Tabela 8. Tipos de suporte bibliográfico utilizados como referências nos artigos do EP, do JBP e no conjunto de periódicos nacionais (PN).

	Suporte EP		Total EP		Suporte JBP		Total JBP		Suporte PN		Total PN	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Literatura Branca	artigo		52	32,3	artigo		79	41,1	artigo		131	37,1
	capítulo		22	13,7	capítulo		31	16,2	capítulo		53	15,0
	livro		79	49,0	livro		68	35,4	livro		147	41,7
Subtotal Literatura Branca			153	95,0	Subtotal Literatura Branca		178	92,7	Subtotal Literatura Branca		331	93,8
	dissertação		1	0,6	dissertação		2	1,0	dissertação		3	0,8
	manuscrito		3	1,9	--		--	--	manuscrito		3	0,8
Literatura Cinzenta	relatório técnico		2	1,2	relatório técnico		2	1,0	relatório técnico		4	1,2
	resumo anais		1	0,6	resumo anais		5	2,7	resumo anais		6	1,7
	--		--	--	TCC especialização		3	1,6	TCC especialização		3	0,8
	tese livre docência		1	0,6	--		--	--	tese livre docência		1	0,3
Subtotal Literatura Cinzenta			8	5,0	Subtotal Literatura Cinzenta		14	7,3	Subtotal Literatura Cinzenta		20	5,7
Outra			--	--	Outra		2	1,0	Outra		2	0,5
Total			161	100	Total		192	100	Total		353	100

Tabela 9. Tipos de suporte bibliográfico utilizados como referências nos artigos do JCCP, do PP e no conjunto de periódicos estrangeiros (PE).

	Suporte JCCP		Total JCCP		Suporte PP		Total PP		Suporte PE		Total PE	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Literatura Branca	artigo		526	66,1	artigo		314	58,2	artigo		840	62,9
	capítulo		93	11,7	capítulo		49	9,1	capítulo		142	10,6
	livro		142	17,8	livro		161	29,8	livro		303	22,7
	resumo periódico		1	0,1	resumo periódico		--	--	resumo periódico		1	0,1
Subtotal Literatura Branca			762	95,7	Subtotal Literatura Branca		524	97,0	Subtotal Literatura Branca		1286	96,3
	manuscrito		6	0,7	manuscrito		--	--	manuscrito		6	0,5
Literatura Cinzenta	relatório técnico		6	0,7	relatório técnico		--	--	relatório técnico		6	0,5
	resumo anais		11	1,4	resumo anais		1	0,2	resumo anais		12	0,9
	tese doutorado		3	0,4	tese doutorado		--	--	tese doutorado		3	0,2
Subtotal Literatura Cinzenta			26	3,3	Subtotal Literatura Cinzenta		1	0,2	Subtotal Literatura Cinzenta		27	2,0
Outra			8	1,0	Outra		15	2,8	Outra		23	1,7
Total			796	100	Total		540	100	Total		1336	100

Na análise dos tipos dos suportes bibliográficos dos dois periódicos estrangeiros, verificou-se, dentre 1336 referências analisadas (Média de 27,3 referências por artigo, DP=21,5), predomínio significativo de literatura branca (96,3%), com índice significativo de artigos (62,9%) [$\chi^2(3, N=1286)=1256,98, p<0,001$], se comparados a livros (22,7%), capítulos de livros (10,6%) e resumo de trabalho publicado em periódico (0,1%; Tabela 9).

Na análise da categoria literatura cinzenta observou-se baixos índices de ocorrência de: manuscritos, relatórios técnicos, resumos em anais e teses de doutorado, totalizando 2,0% das referências analisadas. Houve ainda as referências classificadas em outros (1,7%; Tabela 9).

Quando se analisou os tipos dos suportes bibliográficos dos quatro periódicos, nacionais e estrangeiros, verificou-se predomínio significativo de literatura branca em todos os casos, e dentre esta os livros apresentaram maior frequência nos periódicos nacionais e os artigos, nos estrangeiros. A estes se seguiram literatura cinzenta e outros tipos de suporte.

Acredita-se que estes dados sejam indicadores de alguns aspectos socioculturais relevantes quando se compara os dados nacionais aos estrangeiros e que merecem breve comentário. Há até bem pouco tempo dificuldades econômicas dificultavam muito o acesso a um número maior de periódicos no país. Bibliotecas mal aparelhadas, poucos periódicos nacionais e muitos dos existentes com características como: baixa qualidade editorial, pequena tiragem e pequeno tempo de vida etc, eram alguns dos fatores que se contrapunham ao maior acesso e consumo de livros que por sua vez dificultavam a assinatura de periódicos. Ainda hoje muitas destas dificuldades persistem em localidades distantes dos grandes centros urbanos; contudo verificam-se mudanças nesse cenário, decorrentes da popularização da internet, de programas de comutação bibliográfica existentes entre diversas instituições do país e do acesso a bancos de dados internacionais.

3.6. Periódicos Mais Citados

Em continuidade ao estudo das características das referências utilizadas na produção sobre PBP, a partir deste momento será empreendida a análise dos títulos de periódicos mais citados pelos autores dos artigos analisados.

No EP, num total de 52 referências a periódicos foram observados 37 títulos distintos. Destes verificou-se nove que obtiveram certo destaque: o Psychotherapy and Psychosomatics obteve maior índice de citação (N=6), seguido pelo Psychiatrie de l'Enfant (N=4) e por outros sete títulos, todos eles com duas citações cada, dentre os quais incluiu-se o próprio Estudos de Psicologia (Tabela 10). Esses nove primeiros títulos foram responsáveis por 46,2% das

referências a artigos. Com exceção de duas obras no prelo, nas quais não havia especificação do periódico ao qual a produção estava sendo submetida a avaliação, os demais 26 periódicos mencionados obtiveram uma citação cada (Anexo 5).

Neste momento cabe lembrar que o periódico a obter maior índice de citação nos artigos do EP é objeto da presente análise: o Psychotherapy and Psychosomatics.

Tabela 10. Títulos de periódicos mais citados nas referências do EP, em ordem decrescente de frequência.

Periódico	F
1. Psychotherapy and Psychosomatics	6
2. Psychiatrie de l'Enfant	4
3. American Journal of Psychiatry	2
4. Archives Suisses de Neurologie, Neurochirurgie et de Psychiatrie	2
5. Câncer	2
6. Estudos de Psicologia	2
7. Infant Mental Health Journal	2
8. Journal of American Academy of Child Psychiatry	2
9. Professional Psychology: Research and Practice	2
Total	24

A análise das 52 citações de artigos verificadas no EP demonstrou predomínio de periódicos de nacionalidade estrangeira (78,8%) contra menor volume de periódicos brasileiros (21,2%). Essa diferença é significativa [$\chi^2(1, N=52)=17,30, p<0,001$].

Também foram verificados os idiomas das referências a periódicos constantes do EP. Neste caso, constatou-se frequência significativa de artigos escritos em inglês (55,8%), seguidos por publicações em português (25,0%), em francês (13,4%) e espanhol (5,8%) [$\chi^2(3, N=52)=30,14, p<0,001$].

No que diz respeito ao JBP, num total de 79 referências a periódicos foram constatados 31 títulos diferentes. Deste montante o próprio Jornal Brasileiro de Psiquiatria foi o que recebeu maior destaque (N=15), seguido do American Journal of Psychiatry (N=9), e do American Journal of Psychotherapy e Archives of General Psychiatry (N=6 cada um; Tabela 11).

Outros periódicos a receberem certo destaque foram os seguintes: Psychotherapy and Psychosomatics (N=5); Psychiatric Annals (N=4); Journal of Consulting and Clinical Psychology e Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (N=3 cada um; Tabela 11). Esses oito primeiros títulos foram responsáveis por 64,6% das referências a periódicos. Os demais títulos apareceram em índices menos expressivos, 10 com duas citações e 18 com apenas uma (Anexo 6).

Tabela 11. Títulos de periódicos mais citados nas referências do JBP, em ordem decrescente de frequência.

Periódico	F
1. Jornal Brasileiro de Psiquiatria	15
2. American Journal of Psychiatry	9
3. American Journal of Psychotherapy	6
4. Archives of General Psychiatry	6
5. Psychotherapy and Psychosomatics	5
6. Psychiatric Annals	4
7. Journal of Consulting and Clinical Psychology	3
8. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	3
Total	51

A nacionalidade dos títulos de periódicos mencionados no JBP demonstrou predomínio significativo de publicações estrangeiras (67,1%) [$\chi^2(1, N=79)=9,22, p<0,01$], quando comparado às publicações brasileiras (32,9%).

No que se refere aos idiomas dos artigos referidos no JBP constatou-se frequência significativa de publicações no idioma inglês (67,1%) e outras em português (32,9%) [$\chi^2(1, N=79)=9,22, p<0,01$].

Em 110 títulos distintos de periódicos constantes do JCCP e num total de 526 referências a artigos, os 10 com maior número de citações foram os seguintes: Journal of Consulting and Clinical Psychology (N=110); Archives of General Psychiatry (N=41); Psychological Bulletin (N=21); American Journal of Psychiatry e Journal of Counseling Psychology (N=18 cada um); Journal of Abnormal Psychology e Journal of Personality and Social Psychology (N=15 cada um); British Journal of Psychiatry e Psychotherapy (N=14 cada um) e Psychotherapy Research (N=12; Tabela 12).

Os outros 100 periódicos foram classificados com baixo índice de citação, totalizando 248 referências (Anexo 7). Destes, 47 receberam uma citação; 20 receberam duas; 14 receberam três citações; sete receberam quatro; dois receberam cinco; quatro receberam seis citações; dois receberam oito citações; um recebeu nove citações; um recebeu 10 e dois receberam 11 citações.

Foram analisados os idiomas dos artigos referidos no JCCP, tendo sido observado o idioma inglês como responsável por praticamente o total das citações (99,2%), seguido de idiomas com expressão pouco relevante: alemão (0,2%) e holandês (0,6%).

No PP foram observados 82 títulos distintos de periódicos, responsáveis por 314 referências a artigos. A análise dos títulos com maior frequência demonstrou que os 10

primeiros são responsáveis por 61,5% das referências realizadas no PP. São eles: Psychotherapy and Psychosomatics (N=94); Archives of General Psychiatry (N=27); American Journal of Psychiatry (N=17); Journal of Consulting and Clinical Psychology (N=12); International Journal of Psychoanalysis (N=10); Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (N=9); Psychological Bulletin (N=7); Journal of Child Psychology and Psychiatry e British Journal of Psychiatry (N=6 cada um) e Journal of Nervous and Mental Disease (N=5; Tabela 13).

Os demais 72 títulos de periódicos foram responsáveis por índices progressivamente menores de citação: oito títulos com quatro citações; cinco com três; 15 títulos com duas citações e 44 com uma (Anexo 8).

Tabela 12. Títulos de periódicos mais citados nas referências do JCCP, em ordem decrescente de frequência.

Periódico	F
1. Journal of Consulting and Clinical Psychology	110
2. Archives of General Psychiatry	41
3. Psychological Bulletin	21
4. American Journal of Psychiatry	18
5. Journal of Counseling Psychology	18
6. Journal of Abnormal Psychology	15
7. Journal of Personality and Social Psychology	15
8. British Journal of Psychiatry	14
9. Psychotherapy	14
10. Psychotherapy Research	12
Total	278

Tabela 13. Títulos de periódicos mais citados nas referências do PP, em ordem decrescente de frequência.

Periódico	F
1. Psychotherapy and Psychosomatics	94
2. Archives of General Psychiatry	27
3. American Journal of Psychiatry	17
4. Journal of Consulting and Clinical Psychology	12
5. International Journal of Psychoanalysis	10
6. Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry	9
7. Psychological Bulletin	7
8. Journal of Child Psychology and Psychiatry	6
9. British Journal of Psychiatry	6
10. Journal of Nervous and Mental Disease	5
Total	193

Ressalta-se dentre os títulos de periódicos citados, a presença dos brasileiros Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (N=2) e Revista do Hospital das Clínicas de Porto Alegre (N=1), dois dos periódicos citados por Eizirik e cols. (1991), autores também brasileiros e afiliados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No PP foram verificados periódicos que são publicados em seis idiomas, sendo o inglês o predominante (94,6%), seguido de longe pelo alemão e o norueguês (cada um com 1,6%), pelo português (0,9%) e pelo francês (0,6%). Houve ainda alguns casos em que o idioma não foi passível de ser verificado (0,6%).

A título de exemplificação de uma referência classificada como não identificável quanto ao idioma, tem-se: “Money-Kyrle RE: A contratransferência normal e alguns de seus desvios. *Int J Psychoanal* 1956;37:360-366” (Eizirik & cols., 1991, p.180). O porquê desta classificação se deveu ao fato de o periódico citado, o International Journal of Psychoanalysis, ser uma publicação editada na Inglaterra e o título do artigo ter sido grafado em português. Essa “dissonância” foi determinante no momento de classificação do idioma.

Observa-se que alguns dos periódicos, o JBP, o JCCP e o PP, tiveram a si mesmos como mais citados, prática comum em muitos deles, que têm como um dos critérios de avaliação dos manuscritos ali submetidos o fato do trabalho citar anteriores já publicados pelo próprio periódico. Isto é inclusive uma das questões que o parecerista ad hoc verifica se é respeitada.

3.7 Temporalidade das Referências

Outro item analisado no que diz respeito às Referências foi sua temporalidade, isto é, o tempo decorrido entre a publicação e a utilização dos artigos pelos autores. Para organização dos dados, as idades das referências foram categorizadas nos seguintes intervalos: 0 a 5 anos; 6 a 10 anos; 11 a 20; 21 a 30; 31 a 40; 41 a 50; e acima de 50 anos.

O cálculo do período de tempo foi realizado subtraindo-se o ano da referência citada do ano em que o artigo foi publicado em determinado periódico. Sendo assim, se um artigo foi publicado em 2000 e nas referências houvesse uma produção datada de 1997, subtraía-se 2000-1997, o que resultaria em 3; conseqüentemente, essa referência hipotética seria classificada no primeiro item dos tópicos acima (literatura de 0 a 5 anos). Esse procedimento foi adotado na análise de todas as referências listadas ao final dos 81 artigos (N=1689).

A análise da temporalidade das 161 referências utilizadas nos 10 artigos do EP demonstrou domínio de literatura com idade entre 6 a 10 anos (30,4%), seguida de

literatura de 0 a 5 anos (28,6%), de literatura de 11 a 20 anos (19,9%) e de literatura de 21 a 30 anos (11,2%). Demais temporalidades obtiveram índices ainda menores: com mais de 50 anos (5,6%); entre 41 e 50 anos (2,5%) e entre 31 e 40 anos (1,2%). Houve, ainda, uma referência que estava no prelo (0,6%). A diferença observada na categoria 6 a 10 anos foi significativa [$\chi^2(6, N=161)=101,01, p<0,001$]. Para realização desse cálculo a categoria obras no prelo foi desconsiderada. Demais resultados podem ser visualizados na Tabela 14, bem como a disposição dos resultados por quinquênio.

Neste momento, cabem algumas observações sobre o índice de literatura classificada com mais de 50 anos, que totalizou 5,6% das referências do EP. Todas elas (N=9) provieram de um artigo, de discussão teórica, onde se retomam alguns dos precursores da psicanálise para discussão de aspectos históricos que aproximariam esta modalidade de psicoterapia das psicoterapias breves (Raffaelli, 1993). As citações foram sobre obras de S. Ferenczi (N=1), S. Freud (N=6) e W. Reich (N=2). Na análise da temporalidade das referências do EP, esse dado precisa ser devidamente considerado, porque em função de uma única produção há um “inflacionar” da idade das demais quando tomadas em conjunto.

Observa-se que o número total de artigos analisados quanto à temporalidade das referências no JBP correspondeu a 17, e não aos 19 que compuseram a amostra geral considerada até este momento. Isto porque neste periódico, em dois dos artigos analisados não havia referências. Num deles porque se tratava de uma entrevista, esta concedida à pesquisadora Sandra Lúcia Fortes, pelo Dr. John Wilson, continuador das pesquisas de David Malan (Fortes, 1987). Em outro, porque ao final do trabalho havia uma nota, onde constava o seguinte texto: “As referências encontram-se com o autor, à disposição dos interessados” (Lemgruber, 1993, p.115).

Sendo assim, no caso do JBP a temporalidade das 192 referências realizadas nos 17 artigos apresentou o seguinte perfil: predomínio de literatura entre 0 e 5 anos (39,1%), seguida de literatura de 6 a 10 anos (21,3%) e de literatura de 11 a 20 anos (17,2%). Outras classificações obtiveram resultados menos expressivos, que foram: de 21 a 30 anos (7,8%); com mais de 50 anos (5,2%); de 31 a 40 anos (3,6%) e de 41 a 50 anos (0,5%). Houve, ainda, uma referência no prelo e nove em que os anos das obras referidas não foram indicados (4,7%). Detalhamentos e a disposição dos resultados por quinquênio podem ser visualizados na Tabela 14.

Desconsiderando-se no caso do JBP as categorias referentes a obras no prelo e sem indicação, verificou-se serem significantes as diferenças observadas, existindo predomínio de utilização de literatura entre 0 e 5 anos [$\chi^2(6, N=192)=155,27, p<0,001$].

Tabela 14. Temporalidade das referências utilizadas nos artigos dos periódicos nacionais EP (N=10) e JBP (N=17*), por quinquênio e no geral.

Periódico	Quinquênio	1980-1984		1985-1989		1990-1994		1995-1999		Total	
	Período de Tempo	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
EP	0-5	--	--	10	6,2	30	18,6	6	3,7	46	28,6
	6-10	--	--	2	1,2	36	22,4	11	6,8	49	30,4
	11-20	--	--	--	--	18	11,2	14	8,7	32	19,9
	21-30	--	--	--	--	12	7,4	6	3,7	18	11,2
	31-40	--	--	--	--	2	1,2	--	--	2	1,2
	41-50	--	--	--	--	3	1,9	1	0,6	4	2,5
	+ de 50	--	--	--	--	9	5,6	--	--	9	5,6
	No Prelo	--	--	--	--	1	0,6	--	--	1	0,6
Total		--	--	12	7,4	111	68,9	38	23,6	161	100
Periódico	Quinquênio	1980-1984		1985-1989		1990-1994		1995-1999		Total	
	Período de Tempo	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
JBP	0-5	11	5,7	18	9,4	38	19,8	8	4,2	75	39,1
	6-10	11	5,7	13	6,8	9	4,7	8	4,2	41	21,3
	11-20	6	3,1	8	4,2	13	6,8	6	3,1	33	17,2
	21-30	5	2,6	3	1,6	3	1,6	4	2,1	15	7,8
	31-40	1	0,5	3	1,6	1	0,5	2	1,0	7	3,6
	41-50	--	--	1	0,5	--	--	--	--	1	0,5
	+ de 50	--	--	5	2,6	2	1,0	3	1,6	10	5,2
	No Prelo	--	--	--	--	1	0,5	--	--	1	0,5
	Sem Indicação	6	3,1	--	--	3	1,6	--	--	9	4,7
Total		40	20,8	51	26,6	70	36,5	31	16,2	192	100

* N=17 porque em dois artigos não havia o item Referências.

As obras classificadas com mais de 50 anos no JBP totalizaram 10 produções, dispersas no conjunto geral dos artigos analisados, sendo a mais antiga com data de 1912 e a menos antiga de 1938. Cabe, ainda, observar que dentre as nove referências em que os respectivos anos não foram indicados (4,7% no geral das citações do JBP), seis delas situavam-se num mesmo artigo (Bastos, 1980). Na análise dos 4,7% observados sobre estas referências, deve-se considerar essa informação com a devida cautela.

Ao se analisar a natureza das obras classificadas com mais de 50 anos no conjunto de periódicos nacionais, neste caso específico evidenciou-se o fato de haver forte influência de Sigmund Freud, representado por suas obras completas.

Como mencionado há pouco, quando se considerou o total de referências do EP ao longo do tempo, citadas nos 10 artigos que compõem esta subamostra da produção nacional, constatou-se num total de 161 referências, média de 16,1 citações por artigo (DP=8,8). A amplitude em relação às referências deste periódico compreendeu o valor mínimo de cinco

referências/artigo e o máximo de 30. Neste momento, convém ressaltar a data da primeira produção sobre PBP no EP: 1985.

Também com intenção de relembrar dados já mencionados para este contexto, no JBP, num total de 192 obras referidas nos 17 artigos analisados, a Média é, portanto, 11,3 referências por artigo (DP=6,5). Isto é, embora a análise do JBP tenha ocorrido sobre maior volume de artigos, o EP demonstrou maior número médio de referências/artigo na fundamentação de suas produções (Tabela 14). A análise da amplitude das referências observadas no JBP constatou valor mínimo igual a cinco referências/artigo (valor este encontrado em três artigos distintos) e máximo igual a 25.

Tabela 15. Temporalidade das referências utilizadas nos artigos dos periódicos estrangeiros JCCP (N=22) e PP (N=27*), por quinquênio e no geral.

Periódico	Quinquênio	1980-1984		1985-1989		1990-1994		1995-1999		2000-2002		Total	
		F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
JCCP	0-5 anos	--	--	25	3,1	74	9,3	113	14,2	26	3,3	238	29,9
	6-10 anos	--	--	22	2,8	88	11,0	70	8,8	48	6,0	228	28,6
	11-20 anos	--	--	18	2,3	82	10,3	74	9,3	53	6,6	227	28,5
	21-30 anos	--	--	6	0,7	18	2,3	18	2,3	24	3,0	66	8,3
	31-40 anos	--	--	3	0,4	15	1,9	5	0,6	2	0,2	25	3,1
	41-50 anos	--	--	--	--	1	0,1	1	0,1	2	0,2	4	0,5
	+ de 50 anos	--	--	--	--	1	0,1	--	--	--	--	1	0,1
	prelo	--	--	--	--	2	0,2	5	0,6	--	--	7	0,9
Total		--	--	74	9,3	281	35,3	286	35,9	155	19,5	796	100
Periódico	Quinquênio	1980-1984		1985-1989		1990-1994		1995-1999		2000-2002		Total	
		F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
PP	0-5 anos	25	4,6	75	13,9	34	6,3	11	2,0	17	3,1	162	30,0
	6-10 anos	32	5,9	70	13,0	36	6,7	3	0,5	25	4,6	166	30,7
	11-20 anos	20	3,7	48	8,9	38	7,0	14	2,6	30	5,6	150	27,8
	21-30 anos	5	0,9	10	1,9	4	0,7	3	0,5	7	1,3	29	5,4
	31-40 anos	1	0,2	6	1,1	7	1,3	--	--	4	0,7	18	3,3
	41-50 anos	1	0,2	1	0,2	3	0,5	--	--	1	0,2	6	1,1
	+ de 50 anos	5	0,9	1	0,2	1	0,2	--	--	--	--	7	1,3
	prelo	--	--	1	0,2	1	0,2	--	--	--	--	2	0,4
Total		89	16,5	212	39,3	124	23,0	31	5,7	84	15,6	540	100

* N=27 porque em três artigos não havia o item Referências.

Quanto à temporalidade das referências utilizadas no JCCP, no total de 796 obras citadas nos 22 artigos, a maioria foi classificada como literatura entre 0 e 5 anos (29,9%), seguida de literatura entre 6 e 10 anos (28,6%) e praticamente mesma frequência de obras entre 11 e 20 anos (28,5%). As demais temporalidades observadas foram: 21 a 30 anos (8,3%); 31 a 40 anos (3,1%); 41 a 50 anos (0,5%) e obras com mais de 50 anos (0,1%), o que neste último caso correspondeu a uma única referência, datada de 1934. Houve ainda alguns

casos em que as referências estavam no prelo (0,9%). Outros detalhamentos e a evolução da temporalidade da produção por quinquênio podem ser visualizados na Tabela 15. No caso do JCCP, salienta-se o fato de a primeira produção sobre PBP analisada datar de 1988.

Na análise da temporalidade das referências do JCCP, após desconsiderar-se a categoria referente a obras no prelo, verificou-se serem significantes as diferenças observadas, tendo havido predomínio de utilização de literatura entre 0 e 5 anos [$\chi^2(6, N=796)=676,24, p<0,001$].

Antes que se realize a análise de temporalidade das referências do PP, cabe frisar o fato de que a amostra considerada neste item totalizou 27 artigos, e não os 30 até então considerados em outras análises. Em três destas 30 produções o item referências não existia, porque constituíam-se em textos de abertura do II Hague Workshop on Short-Term Dynamic Psychotherapy (Heiberg, 1981; Londen, 1981; Sifneos, 1981).

No PP, portanto, num total de 540 referências analisadas em 27 artigos, observou-se praticamente mesma frequência de literatura classificada entre 0-5 anos e entre 6-10 anos (30,0% e 30,7%, respectivamente). Com índice pouco menor seguiram obras entre 11 e 20 anos (27,8%) e com resultados menos expressivos as seguintes: 21 a 30 anos (5,4%); 31 a 40 anos (3,3%); com mais de 50 anos (1,3%) e 41 a 50 anos (1,1%). Neste periódico também se observou obras no prelo (0,4%; Tabela 15). As diferenças observadas foram significantes, tendo havido predomínio de utilização de literatura entre 6 e 10 anos no PP [$\chi^2(6, N=540)=471,01, p<0,001$]. Nesta análise foi desconsiderada a categoria referente a obras no prelo.

É interessante notar que a obra mais antiga foi citada no PP. Frankel (1981), num artigo em que relaciona o uso da hipnose na psicoterapia de curto termo, cita obra de Franz Anton Mesmer, considerado o “pai” da hipnose, datada de 1774. A obra citada tem como título Mémoire sur la découverte du magnétisme animal (“Memória sobre a descoberta do magnetismo animal”), de suporte e editor desconhecidos, mas provavelmente livro, editado na Suíça e no idioma francês. A citação a Mesmer é realizada com o intuito de contextualizar o surgimento da hipnose como envolto em algo “mágico” e que evocava questões que a desacreditavam, para contrapor esse momento inicial a teorias mais recentes que a consideram um achado relevante, decorrente inclusive de investigações realizadas em laboratório.

Também para relembrar dados já mencionados em momento anterior e para contextualizá-lo nesta análise, nos 22 artigos do JCCP, num montante de 796 referências, a Média foi de 36,2 por artigo. Quanto à amplitude das referências neste periódico, o menor número observado foi de 14 referências/artigo e o maior de 117 (DP=24,1).

No PP, por sua vez, num total de 540 citações existentes nas 27 produções, a Média resultou em 20,0 referências por artigo (DP=16,2). Isto indica que os autores de artigos do JCCP utilizaram mais referências em suas produções quando em comparação com os do PP [$\chi^2(1, N=1336)=49,04, p<0,001$]. Este resultado destoou do observado na produção nacional, onde o EP e o JBP apresentaram frequência homogênea de referências [$\chi^2(1, N=353)=2,72, p>0,05$]. Em termos de amplitude das referências analisadas no PP, observou-se menor número de quatro e maior número igual a 84 referências/artigo.

A análise das referências dos periódicos estrangeiros mostrou um dado interessante: dentre as 1336 observadas apenas uma era de autores latino-americanos e mais especificamente brasileiros, a já referida de Eizirik e cols. (1991). Conforme Ferreira (2002), que analisou a produção científica nacional e latino-americana sobre psicoterapias breves, este é o único trabalho de brasileiros publicado em periódico internacional. Este dado sugere, portanto, a relevância da visibilidade e da acessibilidade da produção científica para que atinja um espectro maior de leitores (Sampaio & Peixoto, 2000).

Atualmente já existem vários periódicos nacionais indexados em bases de dados eletrônicas, mas por publicarem os textos em português costumam ser ignorados por uma ampla parcela de pesquisadores. No caso do referido artigo, publicado em inglês, tem sem dúvida grande vantagem sobre os demais nacionais, já que o domínio do inglês entre pesquisadores é praticamente universal. Afirmar o contrário a esta pode ser dita em relação à produção estrangeira, já que sua inserção e visibilidade nas produções nacionais mostraram-se marcantes.

Observado o conjunto de periódicos nacionais, demonstrou predomínio de referências entre 0 a 5 anos (34,3%), seguidas das entre 6 e 10 anos (25,5%) e 11 e 20 anos (18,4%). Nos demais períodos de tempo observou-se índices menos expressivos: 21-30 anos (9,3%); com mais de 50 anos (5,4%); 31-40 anos (2,5%) e 41-50 anos (1,4%). Houve ainda as referências no prelo (0,6%) e aquelas em que os anos das obras referidas não foram indicados (2,5%; Tabela 16), lembrando que estas últimas tiveram origem em produção veiculada no JBP (Tabela 14).

As diferenças observadas na análise da temporalidade das referências dos periódicos nacionais foram significantes, tendo havido destaque para utilização de produções com idade entre 0 e 5 anos [$\chi^2(6, N=353)=241,78, p<0,001$]. Para realização desse cálculo as categorias obras no prelo e sem indicação foram desconsideradas.

Foi observado, ainda, que o maior volume de referências realizadas no conjunto de periódicos nacionais situou-se entre 1990 e 1994 (N=181; 51,3%; Tabela 16). Este período de tempo coincidiu com o maior pico de produções ocorridas nos dois periódicos em questão (Figura 1).

No que diz respeito ao conjunto de periódicos estrangeiros verificou-se frequência semelhante de citações a obras em dois períodos de tempo: 0-5 anos (29,9%) e 6-10 anos (29,5%), seguidos de obras entre 11 e 20 anos (28,2%). Outras temporalidades demonstraram resultados menos marcantes: 21-30 anos (7,1%); 31-40 anos (3,2%); 41-50 anos (0,7%) e obras com mais de 50 anos (0,6%). Referências a obras no prelo totalizaram 0,7% nesses periódicos. As diferenças observadas foram significantes [$\chi^2(6, N=1336)=1143,82, p<0,001$], com destaque para utilização de produções com idade entre 0 e 5 anos. Nesse cálculo a categoria obras no prelo foi desconsiderada.

Quando analisado o conjunto de periódicos estrangeiros, observou-se dado semelhante ao ocorrido nos periódicos nacionais. O maior volume de obras referidas compreendeu o período de tempo 1990-1994 (N=405; 30,3%; Tabela 16).

Tabela 16. Temporalidade das referências utilizadas no conjunto de artigos, por produção nacional (PN) e por produção estrangeira (PE), por quinquênio e no geral.

Periódico	Período de Tempo	Quinquênio 1980-1984		1985-1989		1990-1994		1995-1999		2000-2002		Total	
		F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
PN	0-5 anos	11	3,1	28	7,9	68	19,3	14	4,0	--	--	121	34,3
	6-10 anos	11	3,1	15	4,2	45	12,7	19	5,4	--	--	90	25,5
	11-20 anos	6	1,7	8	2,3	31	8,8	20	5,7	--	--	65	18,4
	21-30 anos	5	1,4	3	0,8	15	4,2	10	2,8	--	--	33	9,3
	31-40 anos	1	0,3	3	0,8	3	0,8	2	0,6	--	--	9	2,5
	41-50 anos	--	--	1	0,3	3	0,8	1	0,3	--	--	5	1,4
	+ de 50 anos	--	--	5	1,4	11	3,1	3	0,8	--	--	19	5,4
	prelo	--	--	--	--	2	0,6	--	--	--	--	2	0,6
	não indicado	6	1,7	--	--	3	0,8	--	--	--	--	9	2,5
Subtotal		40	11,3	63	17,8	181	51,3	69	19,5	--	--	353	100
Periódico	Período de Tempo	Quinquênio 1980-1984		1985-1989		1990-1994		1995-1999		2000-2002		Total	
		F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
PE	0-5 anos	25	1,9	100	7,5	108	8,1	124	9,3	43	3,2	400	29,9
	6-10 anos	32	2,4	92	6,9	124	9,3	73	5,5	73	5,5	394	29,5
	11-20 anos	20	1,5	66	4,9	120	9,0	88	6,6	83	6,2	377	28,2
	21-30 anos	5	0,4	16	1,2	22	1,6	21	1,6	31	2,3	95	7,1
	31-40 anos	1	0,1	9	0,7	22	1,6	5	0,4	6	0,4	43	3,2
	41-50 anos	1	0,1	1	0,1	4	0,3	1	0,1	3	0,2	10	0,7
	+ de 50 anos	5	0,4	1	0,1	2	0,1	--	--	--	--	8	0,6
	prelo	--	--	1	0,1	3	0,2	5	0,4	--	--	9	0,7
	Subtotal		89	6,7	286	21,4	405	30,3	317	23,7	239	17,9	1336
Total		129	7,6	349	20,7	586	34,7	386	22,8	239	14,1	1689	100

Na análise geral, entre periódicos nacionais e estrangeiros em conjunto, constatou-se maior volume de referências ocorrido entre 1990 e 1994 (N=586; 34,7%; Tabela 16). Neste caso também há indícios de que esta freqüência de obras referidas nesse período de tempo se relacionou com a década mais produtiva, quando se analisou a distribuição quantitativa das produções (Figura 1).

A temporalidade das referências analisadas, quer na análise de periódicos em separado (Tabelas 14 e 15), quer na análise dos periódicos realizada em conjunto (Tabela 16), demonstrou que a produção referida nos artigos tende a percorrer um caminho que vai no sentido decrescente em termos de temporalidade das referências: as mais atualizadas foram utilizadas com maior freqüência em relação às antigas. Isso sinaliza o fato de que os produtores dos artigos analisados obedecem a um critério relevante em se tratando de produção científica qualitativamente positiva.

3.8 Autores mais Citados nos Artigos

Ainda em continuidade à análise das características das referências utilizadas nos artigos, a partir de agora será realizada a análise dos autores mais citados. Através de uma varredura efetuada em todas as listagens de referências constantes ao final dos 81 artigos, listou-se os autores mencionados em ordem alfabética e em ordem de freqüência de citação, incluindo-se tanto as vezes em que o autor figurava como autor único quanto como co-autor, mesmo que não o principal.

Neste item foram priorizados aqueles autores que obtiveram destaque, considerando-se as freqüências com que foram citados nos estudos: mínimo de 4 citações nos periódicos nacionais e mínimo de 20 citações nos estrangeiros. Esta escolha ocorreu apenas para obtenção de organização dos dados de forma a não torná-los cansativos e de modo que a discussão pudesse ser disparada através deles. Os outros autores, com menor número de citações, foram apenas considerados no geral. Maiores detalhamentos podem ser visualizados nos Anexos 9, 10, 11 e 12.

No EP, observou-se um montante de 149 autores citados nos 10 artigos. Estes 149 autores foram citados de uma a 14 vezes, totalizando 229 citações. Para ilustração neste momento, optou-se por selecionar os 10 primeiros autores, em ordem decrescente de freqüência de citação (Tabela 17).

Tabela 17. Autores mais citados no EP e seus respectivos índices de citação, em ordem decrescente de frequência.

Autores Citados	F	%
Malan, D.	14	6,1
Knobel, M.	9	3,9
Freud, S.	7	3,0
Yoshida, E. M. P.	7	3,0
Fiorini, H. J.	6	2,6
Sifneos, P. E.	6	2,6
Simon, R.	6	2,6
Husby, R.	5	2,2
Espasa, F. P.	4	1,7
Gilliéron, E.	4	1,7
Subtotal de Citações	68	29,7
Citações Outros Autores	161	70,3
Total Geral de Citações	229	99,9

Sendo assim, os autores mais citados e seus respectivos índices de citação foram os seguintes: Malan, D. (N=14); Knobel, M. (N=9); Freud, S. e Yoshida, E. M. P. (N=7 cada um); Fiorini, H. J.; Sifneos, P. E. e Simon, R. (N=6 cada); Husby, R. (N=5); e Espasa, F. P. e Gilliéron, E. (N=4 cada). As citações realizadas sobre trabalhos destes autores correspondem a 29,7% das citações feitas pelos pesquisadores do EP. Os demais 139 autores citados no EP foram mencionados de uma a três vezes e totalizam 161 citações (70,3%; Tabela 17).

Ressalta-se entre os autores aqui selecionados como os mais citados, as menções realizadas a dois pesquisadores de nacionalidade brasileira: Simon, R. e Yoshida, E. M. P., sendo o primeiro filiado ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e a última afiliada à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, instituição responsável pelo periódico focalizado, autora/co-autora de cinco dos 10 trabalhos do EP, além de ter integrado o conselho editorial deste periódico entre 1990 e 2001, intercalando esta função com a de consultora ad-hoc nos volumes mais recentes, de 2000 a 2001. De 2000 até os dias atuais ocupou apenas esta última função.

Ao se analisar as referências realizadas a Yoshida nos artigos do EP, constatou-se que 71% dos casos foram autocitações. Em quatro dos cinco artigos assinados/co-assinados por esta pesquisadora, cinco autocitações são realizadas por ela mesma e por colaboradores com os quais dividiu uma determinada produção (Yoshida, 1991b, 1992; Yoshida, Enéas, Mito & Yukimitsu, 1993; Yoshida, Gatti & Xavier, 1994).

A autocitação é destacada por especialistas da área de cienciometria como dos problemas comumente encontrados quando se analisam as citações como um indicador de

produção científica, porque ela dificulta uma compreensão mais precisa do impacto da obra citada junto à comunidade acadêmica (por exemplo, Macias-Chapula, 1998).

Neste caso, vale discutir o tipo de citação empreendido pela autora em discussão. Dentre as várias funções que uma citação pode ter, a indicação de leitura básica ao leitor, dar crédito para trabalhos relacionados e sustentar declarações são algumas delas (Macias-Chapula, 1998). As autocitações feitas por Yoshida a textos seus e seus em conjunto com colaboradores encaixam-se nestas funções. Visto que na realidade brasileira Yoshida é tida como uma das pesquisadoras pioneiras no campo das PBP, sendo algumas de suas publicações igualmente pioneiras, é compreensível que autocitações tenham ocorrido.

No caso específico das cinco autocitações realizadas, se deram em material cujo teor ainda hoje é de difícil acesso no idioma português e na realidade brasileira, tal como se confirmou quando da busca de informação para definição do material desta pesquisa. Sendo assim as cinco autocitações ocorreram sobre os seguintes textos: Yoshida (1990, 1992 e 1993), citados respectivamente três, uma e uma vez cada.

No JBP observou-se um total de 155 autores referidos nos 17 periódicos onde havia o item Referências, os quais foram citados de uma a 16 vezes, o que totalizou 247 citações. Foram selecionados para ilustração os oito primeiros autores mais citados, no geral responsáveis por 28,3% das referências, aqui elencados em ordem decrescente de frequência. Eles e seus respectivos índices de citação foram: Freud, S (N=16); Malan, D. H. (N=15); Fiorini, H. J. e Sifneos, P. E. (N=9 citações cada); Lemgruber, V. B. (N=7); Guimarães, L. A. M. e Husby, R. (N=5 cada um) e Bastos, J. C. (N=4; Tabela 18).

Os demais 147 autores referidos nos estudos veiculados no JBP totalizaram 177 citações (71,7%) e foram mencionados de uma a três vezes (Tabela 18).

No JBP constaram três autores de nacionalidade brasileira entre os mais citados: Lemgruber, V. B (N=7 citações), Guimarães, L. A. M. (N=5) e Bastos, J. C. (N=4), respectivamente afiliados à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Ressalta-se que todos eles são autores/co-autores de sete dos 19 artigos do JBP analisados (respectivamente autores de quatro, dois e um trabalhos).

Tal como ocorrido na análise dos autores mais citados no EP, aqui também se observou o fenômeno da autocitação. Com exceção de Bastos, as duas outras pesquisadoras autocitaram-se do seguinte modo: das sete citações feitas a obras de Lemgruber, seis foram autocitações (86%); das cinco feitas a Guimarães, todas foram autocitações.

Tabela 18. Autores mais citados no JBP e seus respectivos índices de citação, em ordem decrescente de frequência.

Autores Citados	F	%
Freud, S	16	6,5
Malan, D. H.	15	6,1
Fiorini, H. J.	9	3,6
Sifneos, P. E.	9	3,6
Lemgruber, V. B.	7	2,8
Guimarães, L. A. M.	5	2,0
Husby, R.	5	2,0
Bastos, J. C.	4	1,6
Subtotal de Citações	70	28,3
Citações Outros Autores	177	71,7
Total Geral de Citações	247	100

Guimarães é co-autora de um texto em que as funções de suas autocitações são, segundo Macias-Chapula (1998), além de: a) dar crédito a trabalhos relacionados, b) sustentar declarações e c) oferecer leitura básica, tem como função d) prestar homenagem aos pioneiros (Lima, Pondé, Azevedo, Carvalho & Guimarães, 1993). Ela e seus colegas fazem esse tipo de citação quatro vezes neste trabalho. A outra autocitação, ocorrida no trabalho de Guimarães, Domingues e Thebaldi (1990) também ocorre com as funções “a” e “b” acima.

No caso de Lemgruber, em 1985 sua autocitação ocorre com as funções de prestar homenagem aos pioneiros e indicar leitura básica, neste caso específico a obra de Franz Alexander e Thomas French (Lemgruber, 1985). Em 1989 as autocitações feitas ocorreram com funções idênticas às assinaladas acima, além de sustentar declarações e dar crédito para trabalhos relacionados (Lemgruber, 1989). Em 1992 (Lemgruber, 1992), verificou-se, também, o uso de citação para identificar publicações originais nas quais uma idéia ou um conceito foram discutidos (cf. Macias-Chapula, 1998).

Vale lembrar que embora Lemgruber seja autora de quatro artigos do JBP, em um deles não constava o item Referências (Lemgruber, 1993); portanto, a análise de suas autocitações se deu nos outros três artigos.

Lemgruber e suas publicações sobre PBP são reconhecidas como das pioneiras na realidade brasileira, o que pôde ser confirmado ao se levantar o material para desenvolvimento desta empreita. Por exemplo, a primeira edição de Psicoterapia breve: A técnica focal, datada de 1984, é apontada como a primeira publicação em livro sobre PB no Brasil (cf. Lemgruber & cols., 2004). Neste mesmo ano a pesquisadora foi responsável pelo I

Encontro Nacional de Psicoterapia Breve, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, o qual teve sua segunda edição em 1990 (Yoshida, 1993).

Quando se analisaram os autores referidos no conjunto de periódicos nacionais, constatou-se que cinco deles foram os mais citados tanto no EP quanto no JBP (Tabelas 17 e 18): Fiorini, H. J.; Freud, S.; Husby, R.; Malan, D. e Sifneos, P. E. Quando se considerou o total de menções a autores nos dois periódicos nacionais (N=476), as citações feitas a obras destes autores representaram 19,3% de referências. Ressalta-se o fato de todos eles serem de nacionalidade estrangeira.

Os dados referentes aos autores mais citados nos periódicos nacionais indicam algo interessante. Como visto anteriormente, os autores do EP são, no geral, vinculados a instituições do Estado de São Paulo (83,3%) e os do JBP o são, também no geral, a instituições do Estado do Rio de Janeiro (63,6%). Observou-se, na análise das citações, que pesquisadores vinculados a instituições de um estado praticamente não citaram os de outro estado/instituição.

Como é sabido que no Brasil o número de pesquisadores e de profissionais que optam por modalidade de atendimento breve é pequeno, esse resultado indica relativa desintegração entre pesquisadores nacionais no campo da PBP.

Importante ressaltar que no momento em que se realiza a afirmação do pequeno número de profissionais atuando na modalidade breve, considera-se o levantamento realizado em bases de dados e que inicialmente serviu como critério para escolha do material ora analisado. Talvez o número de pesquisadores e de profissionais não seja necessariamente pequeno, mas é pequena a parcela que publica trabalhos relacionados à prática e pesquisa em PBP nos periódicos nacionais e estrangeiros analisados.

Obviamente, essa discussão se refere aos autores dos periódicos aqui analisados e no período contemplado, e não se procura generalizá-la a outras situações. Até porque entre 1980 e 2002, a quantidade de estudos/pesquisas nacionais sobre PBP mostrou-se relativamente escassa no Brasil, sendo a “importação” de saberes de outras realidades algo necessário. De certo existe tendência a que esse quadro geral passe por alterações positivas nos próximos anos, haja visto a pesquisa brasileira, embora com relativa lentidão e imensas limitações quando comparada ao ocorrido em países desenvolvidos, estar em franco desenvolvimento e tornando-se mais visível através de sua indexação em bases de dados internacionais.

O estudo dos autores mais citados no JCCP constatou a existência de 983 autores referidos nos 22 artigos analisados. Estes autores foram citados de uma a 66 vezes, totalizando 2088 citações. A título de ilustração, foram selecionados oito autores, que em

relação ao total geral de citações representaram 13,8% das referências, citados no mínimo 20 vezes. Estes foram os seguintes, ora apresentados em ordem decrescente de frequência: Strupp, H. H. (N=66 citações); Shapiro, D. A. (N=45); Luborsky, L. (N=41); Henry, W. P. (N=36); Stiles, W. B. (N=34); Horowitz, L. M. e Schacht, T. E. (N=23 citações cada); e Horvath, A. O. (N=20; Tabela 19).

As citações referentes aos outros 975 autores ocorreram de uma a 18 vezes, e totalizaram 1800 menções (86,2%; Tabela 19).

No caso dos autores mais citados nos artigos do JCCP, observou-se o fato de todos eles, com exceção de Horvath, A. O., serem autores/co-autores de artigos ora em análise. Quando analisados em separado três deles assinaram duas produções cada (Schacht, T. E., Luborsky, L. e Horowitz, L. M.); um assinou três artigos (Shapiro, D. A.); dois assinaram quatro cada (Henry, W. P. e Strupp, H. H.) e um assinou seis artigos (Stiles, W. B).

Tabela 19. Autores mais citados no JCCP e seus respectivos índices de citação, em ordem decrescente de frequência.

Autores Citados	F	%
Strupp, H. H.	66	3,2
Shapiro, D. A.	45	2,2
Luborsky, L.	41	2,0
Henry, W. P.	36	1,7
Stiles, W. B.	34	1,6
Horowitz, L. M.	23	1,1
Schacht, T. E.	23	1,1
Horvath, A. O.	20	0,1
Subtotal de Citações	288	13,8
Citações Outros Autores	1800	86,2
Total Geral de Citações	2088	100

Estes dados, relacionados aos constantes da Tabela 19, indicam ser a autocitação entre autores estrangeiros menos freqüente, o que pode ser discutido considerando-se basicamente que esse indicador difere do observado entre autores nacionais que foram mais citados. Mas ao comparar-se os indicadores nacionais e estrangeiros, não se pode desconsiderar quatro aspectos básicos: 1. a amostra de artigos estrangeiros é significativamente maior, portanto permite afirmar com maior segurança que a autocitação nos artigos do JCCP seja menos freqüente; 2. a tradição científica de países desenvolvidos é mais antiga e quantitativamente superior, e por conseqüência, mais visível, o que também otimiza a possibilidade de que sejam lidas e citadas as produções daí decorrentes; e decorrentes do anterior, 3. as bibliotecas de países desenvolvidos têm acervos incomparáveis em termos quantitativos, portanto, isso

facilita a busca de autores diversos; e 4. a produção da área veiculada de modo predominante no idioma inglês facilita a busca e citação por autores diferentes.

Quando analisados em conjunto, vários dos autores selecionados como mais citados no JCCP são co-autores de um mesmo trabalho. Por exemplo: Henry, Strupp, Butler, Schacht e Binder (1993); Henry, Schacht, Strupp, Butler e Binder (1993); Stiles e Shapiro (1995); Reynolds e cols. (1996).

Nestes últimos exemplos, cabe lembrar que Strupp e Binder lideram o Grupo de Pesquisa em Psicoterapia de Vanderbilt, na Universidade Vanderbilt (EUA), o qual tem extensa tradição em pesquisas na área (Enéas, 2004). Tradição semelhante em termos de desenvolvimentos de pesquisa ocorre com Stiles e Shapiro, com o desenvolvimento de estudos ocorridos no Reino Unido (Sheffield Psychotherapy Project; Reynolds & cols., 1996; Stiles, Agnew-Davies, Hardy, Barkham & Shapiro, 1998).

Outros exemplos seriam aqueles de trabalhos assinados em co-autoria com pesquisadores que também apresentaram índices de citação expressivos, mas que não figuraram entre os oito primeiros ilustrados pela Tabela 19, como são os casos de Barber (N=11), Crits-Christoph (N=15) e Diguier (N=6), co-autores de vários trabalhos com Luborsky. Por exemplo: Barber, Luborsky, Crits-Christoph e Diguier (1995) e Barber, Crits-Christoph e Luborsky (1996). Vale lembrar neste momento que Luborsky lidera um grupo de pesquisas situado na Escola de Medicina da Universidade da Pennsylvania (EUA; Penn Psychotherapy Project; Rocha, 2004).

Quando se analisaram os autores mais citados nos 27 artigos do PP que apresentavam o item Referências, foram verificados 507 nomes distintos, os quais foram mencionados de uma a 59 vezes. Para ilustração dos principais deles, foram selecionados os 11 primeiros: Malan, D. H. (N=59 citações); Sifneos, P. E. (N=40); Husby, R. (N=30); Nielsen, G. (N=27); Barth, K. (N=25); Havik, O. E. (N=24); Haver, B., Mølsted, E., Rogge, H. e Skåtun, M. (N=23 citações cada) e Heiberg, A. N. (N=20; Tabela 20). Tal como ocorrido na seleção feita no JCCP, estes autores tiveram seus nomes citados ao menos 20 vezes; no total geral de citações realizadas, eles representaram 26,7% das citações a autores.

Os outros 496 autores foram, no geral, mencionados 871 vezes, entre uma e 19 vezes, o que correspondeu a 73,3% das citações feitas nos artigos do PP (Tabela 20).

Quando se consideraram os autores acima (Tabela 20), com exceção de Malan, D. H., os demais estão entre aqueles que mais assinaram trabalhos no PP (mínimo de três e máximo de cinco trabalhos; cf. Quadro 5), sendo que muitos constituem mesmo grupo de pesquisa. Dentre os últimos, têm-se como exemplos: Husby, Dahl, Dahl, Heiberg, Olafsen e Weisæth

(Husby & cols., 1985a); Husby, Dahl, Dahl, Heiberg, Olafsen e Weisæth (Husby & cols., 1985b); Barth, Havik e cols. (1988); Barth, Nielsen, Haver e cols (1988); Barth, Nielsen, Havik e cols. (1988).

Tabela 20. Autores mais citados no PP e seus respectivos índices de citação, em ordem decrescente de frequência.

Autores Citados	F	%
Malan, D. H.	59	5,0
Sifneos, P. E.	40	3,4
Husby, R.	30	2,5
Nielsen, G.	27	2,3
Barth, K.	25	2,1
Havik, O. E.	24	2,0
Haver, B.	23	1,9
Mølstad, E.	23	1,9
Rogge, H.	23	1,9
Skåtun, M.	23	1,9
Heiberg, A. N.	20	1,7
Subtotal de Citações	317	26,7
Citações Outros Autores	871	73,3
Total Geral de Citações	1188	100

Husby, R., Dahl, A. A., Dahl, C. I., Heiberg, A. N., Olafsen, O. M. e Weisæth são alguns dos 12 pesquisadores psiquiatras integrantes do Grupo de Oslo, situado na University of Trømsø, na Noruega. Este Grupo trabalha desde 1972 com avaliação e supervisão de psicoterapias dinâmicas de curto termo (short-term dynamic psychotherapies), baseado em trabalhos de P. E. Sifneos e de D. Malan (Husby e cols, 1985a). Há, inclusive, uma série de artigos, iniciada com o trabalho de Barth, Havik e cols. (1988) que sinaliza o fato de o Grupo de Oslo ter se desdobrado num outro grupo a partir de 1988: The Bergen Project on Brief Dynamic Psychotherapy.

A partir deste desdobramento outros trabalhos foram produzidos pelos mesmos pesquisadores (Barth, Nielsen, Haver & cols., 1988; Nielsen & cols., 1988; Barth, Nielsen, Havik & cols., 1988). Isso explica, em parte, o fato de Peter Sifneos e David Malan estarem entre os mais citados nos artigos do PP, já que pesquisadores ligados ao Grupo de Pesquisa de Oslo e ao The Bergen Project on Brief Dynamic Psychotherapy foram responsáveis por 11 das 30 produções do PP analisadas.

Houve, ainda, aqueles autores constantes entre os mais citados e que escreveram trabalhos sem parcerias e que, no entanto, integram um único grupo de pesquisa junto a outros pesquisadores. Por exemplo: Husby (1985a, 1985b, 1985c), escreveu trabalhos com Heiberg

(Husby & cols., 1985a). Nielsen (1990), com Barth, Havik, Haver, Mølstad, Rogge, Skåtun, e Heiberg (Barth & cols., 1988). E Sifneos (1981, 1984), com Apfel, Bassuk, Fishman e Gill (Sifneos & cols., 1980), sendo que neste caso somente Sifneos figurou entre os 11 mais citados (Tabela 20).

Também se mostra oportuno salientar que alguns dos autores, tanto os que se encontram entre os mais citados no JCCP quanto no PP, integram e/ou integraram o corpo editorial dos periódicos nos quais tiveram seus artigos publicados, isto é, foram membros pareceristas e/ou editores dos periódicos ora em análise durante o período temporal focalizado neste estudo.

No caso do JCCP, tem-se como exemplo de autor mais citado que integrou o corpo editorial apenas Strupp, H., entre 1988 e 1998. Outros autores com índice de citação significativo também constituíram corpo editorial do JCCP, mas não ilustrados na Tabela 20: Jacques P. Barber e Paul Crits-Christoph, tal como já apontado, respectivamente citados 11 e 15 vezes.

No caso do PP, têm-se como exemplos:

- Heiberg, A., entre 1980 e 1990.
- Malan, D. H., entre 1980 e 1990. Embora classificado como o autor mais citado nos artigos do PP, não assinou nenhum dos trabalhos ali publicados.
- Sifneos, P., entre 1974 e 1991. Segundo autor mais citado no PP, foi editor (editor-in-chief) deste periódico, onde publicou três trabalhos (Sifneos, 1981, 1984; Sifneos & cols., 1980).

Entre os autores mais citados nos periódicos estrangeiros evidenciou-se que os europeus aparecem mais no PP e que os norte-americanos o fizeram mais no JCCP. Como já indicado em momento anterior (Método), estes periódicos são, respectivamente, de nacionalidade suíça e norte-americana. Com base nos autores mais citados e indicados nas Tabelas 19 e 20, pode-se afirmar que os autores dos artigos analisados tendem a priorizar citações a companheiros de mesma nacionalidade (no caso do PP, a companheiros de outros países também europeus). Novamente observa-se que não há intenção em generalizar esta afirmação; principalmente com a popularização da internet a partilha do saber disperso pelos diversos países certamente encontra-se em movimento de intensificação progressiva.

Interessante observar que Freud, S., dos autores mais citados tanto no EP (N=7) quanto no JBP (N=16), apareceu com apenas quatro citações no conjunto geral de periódicos estrangeiros, sendo uma no JCCP e três no PP.

Ao lado dos indicadores usualmente tomados em consideração para monitoração da qualidade textos científicos, como o número de trabalhos, a autoria e a co-autoria, o número de citações, dentre outros já referidos, verificar a natureza do que tem sido feito pelos autores ampliará a visão de campo pretendida.

3.9 Natureza dos Trabalhos

Os artigos dos periódicos analisados foram classificados quanto à sua natureza em cinco categorias distintas: 1. estudo empírico; 2. relato de experiência; 3. revisão de literatura; 4. trabalho teórico; e 5. trabalho teórico ilustrado. As definições dessas categorias encontram-se no Anexo 2. Optou-se por descrever os resultados por década e no geral, para que se obtenha uma visualização de eventuais características ao longo do tempo.

Sendo assim, verificou-se no único estudo do EP produzido na década de 1980, um trabalho teórico ilustrado. Na década de 1990, a maior parte era de estudos empíricos (66,7%), 10,0% de relatos de experiência e 20,0% de trabalhos teóricos (Tabela 21).

No JBP, em que a amostra de artigos era maior quando em comparação a do EP, na década de 1980 foram observados estudos de várias naturezas, sem resultados expressivos numa ou noutra categoria analisada, sendo 11,1% de trabalhos teóricos ilustrados, 22,2% de trabalhos teóricos e 33,3% tanto de estudos empíricos, quanto de relatos de experiência. Resultados semelhantes foram observados na década seguinte, apenas tendo sido observado acréscimo nos relatos de experiência (44,4%) e trabalhos teóricos (33,3%) e, por conseqüência, decréscimo de estudos empíricos e de trabalhos teóricos ilustrados (11,1% cada) (Tabela 21).

Quando em conjunto, tanto na análise por década, quanto na geral, a produção nacional sobre PBP demonstrou distribuição homogênea no que diz respeito à natureza dos trabalhos, não sendo observadas diferenças significantes [$\chi^2(3, N=28)=3,7, p>0,20$].

No JBP houve, ainda, um artigo de entrevista em que a natureza não foi analisada, o já mencionado trabalho de Fortes (1987). Como foi o único dessa natureza na amostra geral de artigos (produção nacional e estrangeira), optou-se por não abrir nova categoria apenas para inclui-lo.

Na produção nacional, em separado e em conjunto, a categoria revisão de literatura foi mantida apenas para acentuar a ausência dela na amostra nacional. De certa forma o atual trabalho é uma contribuição neste sentido.

Tabela 21. Natureza dos trabalhos do EP, do JBP e do conjunto da produção nacional, por década e no geral.

Década	Natureza	EP		JBP		Total	
		F	%	F	%	F	%
1980	Estudo Empírico	--	--	3	33,3	3	30,0
	Relato de Experiência	--	--	3	33,3	3	30,0
	Revisão de Literatura	--	--	--	--	--	--
	Trabalho Teórico	--	--	2	22,2	2	20,0
	Trabalho Teórico Ilustrado	1	100	1	11,1	2	20,0
	Total	1	100	9	99,9	10	100
1990	Estudo Empírico	6	66,7	1	11,1	7	38,9
	Relato de Experiência	1	11,1	4	44,4	5	27,8
	Revisão de Literatura	--	--	--	--	--	--
	Trabalho Teórico	2	22,2	3	33,3	5	27,8
	Trabalho Teórico Ilustrado	--	--	1	11,1	1	5,5
	Total	9	100	9	99,9	18	100
Geral (1980-1999)	Estudo Empírico	6	60,0	4	22,2	10	35,7
	Relato de Experiência	1	10,0	7	38,9	8	28,6
	Revisão de Literatura	--	--	--	--	--	--
	Trabalho Teórico	2	20,0	5	27,8	7	25,0
	Trabalho Teórico Ilustrado	1	10,0	2	11,1	3	10,7
	Total	10	100	18	100	28	100

No JCCP, as três produções da década de 1980 foram estudos empíricos, sendo que na próxima década analisada continuaram mais expressivos (82,3%), diante de estudos de outras naturezas. Com exceção de revisões de literatura, que somente foram observadas nas décadas de 1990 e 2000, os demais tipos de trabalho tiveram baixo índice de frequência na segunda década (5,9% em todos os casos). Nos anos 2000 um dos trabalhos publicados foi estudo empírico e outro, revisão de literatura. No geral, no periódico da APA fica evidenciada uma expressiva produção de estudos empíricos (81,8%) (Tabela 22).

Neste momento cabe lembrar que no JCCP trabalhos de natureza teórica são cogitados para publicação ocasionalmente, tal como já referido no item Método (Periódicos). Nesse sentido, a verificação de baixo índice de produções classificadas em trabalhos teóricos e teóricos ilustrados neste periódico tem relação direta com seu perfil editorial.

No PP, cuja produção é numericamente superior quando em comparação a do JCCP, também se constatou serem todas as produções estudos empíricos, exceto na década de 1980 (72,7%), em que ocorreram estudos de outras naturezas, mas todos com baixa frequência: relato de experiência (4,5%), trabalho teórico (9,1%) e trabalho teórico ilustrado (13,6%). No periódico suíço não se observou revisão de literatura no período focalizado, contrastando com

dois observados no JCCP (Blanchard & Scharff, 2002; Piper, Joyce, MacCallum & Azim, 1993).

O resultado de estudos empíricos encontrados nos dois periódicos estrangeiros fez com que, no geral, a produção fosse caracterizada eminentemente por pesquisas dessa natureza, uma diferença que se mostrou claramente significativa (80,4%). Esse predomínio pôde ser observado ao longo de todo o período focalizado, quando se analisam os dados gerais, por década (Tabela 22).

Tabela 22. Natureza dos trabalhos do JCCP, do PP e do conjunto de produção estrangeira, por década e no geral.

Década	Natureza	JCCP		PP		Total	
		F	%	F	%	F	%
1980	Estudo Empírico	3	100	16	72,7	19	76,0
	Relato de Experiência	--	--	1	4,5	1	4,0
	Revisão de Literatura	--	--	--	--	--	--
	Trabalho Teórico	--	--	2	9,1	2	8,0
	Trabalho Teórico Ilustrado	--	--	3	13,6	3	12,0
	Total		3	100	22	99,9	25
1990	Estudo Empírico	14	82,3	6	100	20	87,0
	Relato de Experiência	1	5,9	--	--	1	4,3
	Revisão de Literatura	1	5,9	--	--	1	4,3
	Trabalho Teórico	1	5,9	--	--	1	4,3
	Trabalho Teórico Ilustrado	--	--	--	--	--	--
	Total		17	100	6	100	23
2000	Estudo Empírico	1	50,0	1	100	2	66,7
	Relato de Experiência	--	--	--	--	--	--
	Revisão de Literatura	1	50,0	--	--	1	33,3
	Trabalho Teórico	--	--	--	--	--	--
	Trabalho Teórico Ilustrado	--	--	--	--	--	--
	Total		2	100	1	100	3
Geral (1980-2002)	Estudo Empírico	18	81,8	23	79,3	41	80,4
	Relato de Experiência	1	4,5	1	3,4	2	3,9
	Revisão de Literatura	2	9,1	--	--	2	3,9
	Trabalho Teórico	1	4,5	2	6,9	3	5,9
	Trabalho Teórico Ilustrado	--	--	3	10,3	3	5,9
	Total		22	99,9	29*	99,9	51

*N=29 devido à exclusão de um artigo que não se enquadrava em nenhuma categoria.

Observa-se que no PP um dos artigos era discurso de abertura do II Hague Workshop on Short-Term Dynamic Psychotherapy (Londen, 1981), um texto que não se enquadrava nas

demais categorias e a abertura de uma nova para contemplá-lo foi avaliada como impertinente.

Os resultados gerais observados na produção nacional e na estrangeira retratam uma maior tradição por parte de autores estrangeiros no desenvolvimento de pesquisa empírica.

No caso da produção nacional, o número expressivo de estudos empíricos no EP (60,0%), quando em comparação ao número menor de estudos dessa natureza no JBP (22,2%), pode sugerir que entre autores que publicaram no periódico campineiro, houve maior preocupação em desenvolver pesquisas fundamentadas empiricamente no campo das PBP.

Em verdade, esse tópico de discussão se relaciona mais com a política de publicação dos respectivos periódicos, do que uma preocupação dos autores propriamente ditos. Mas vale retomar que, para ser considerado científico um periódico deve dedicar mais de 50% de seu conteúdo a artigos resultantes de pesquisa (Malozze, 1999). No caso específico da Psicologia e considerando-se os critérios em voga, definidos pela Comissão Editorial CAPES/ANPEPP, o periódico é melhor avaliado em relação ao seu conteúdo, dentre outros, se apresenta o mínimo de 75% do total de páginas de cada fascículo dedicados a artigos/ensaios (Yamamoto & cols., 2002).

Outra questão que se coloca é a da maturidade científica da área. Psiquiatras estariam fazendo menos pesquisas empíricas no período focalizado? A esse respeito Figueira e cols. (1999) indicaram no já mencionado estudo que a frequência de pesquisas empíricas na área psiquiátrica têm crescido, mas ainda se mostrou incipiente. Mas, de fato, haveria necessidade de ampliação dos dados para subsidiar esse tipo de especulação.

Outro ponto de reflexão seria que na década de 1990 têm início as publicações provenientes das atividades do NEPPB, grupo liderado por Elisa Yoshida, que se constituem em 60,0% das publicações do periódico campineiro no período analisado (Enéas & cols., 1991; Yoshida, 1991a, 1991b, 1992; Yoshida & cols., 1993, 1994).

De fato, a amostra de artigos do EP mostrou-se, no período focalizado, relativamente pequena, embora seja o segundo maior produtor a partir dos critérios de seleção de material adotados (cf. Tabela 1 e Procedimento). O estabelecimento de comparações que vão nesse sentido com o periódico de psiquiatria e vice-e-versa mostra-se delicado.

O fato é que estudos de várias naturezas são necessários para o desenvolvimento de um campo de conhecimento e nesse sentido, parece que ao longo das duas décadas analisadas, a produção dos periódicos nacionais selecionados aponta para isso.

A produção científica de modo geral, seja ela estudos empíricos, relatos de experiência, trabalhos teóricos ou teóricos ilustrados, talvez sinalize uma aproximação com

um campo de atuação e conhecimento que ainda pode ser considerado “novo” na realidade brasileira, não obstante as primeiras publicações tenham originado nos anos 1970 e 1980.

Nesse sentido, como o desenvolvimento de pesquisas empíricas em psicoterapia origina-se nos anos 50 do século passado em países como os que sediam os periódicos JCCP e PP (cf. Araújo & Wiethaeuper, 2003; Nunes & Lhullier, 2003), e no Brasil as primeiras iniciativas de pesquisas sistemáticas na área remontam essencialmente à década de 1980 (por exemplo, Azevedo, 1980, 1988; Calejon, 1988; Lemgruber, 1984; Yoshida 1989), fruto de dissertações e teses de doutorado defendidas nos primeiros cursos de pós-graduação em Psicologia Clínica (cf. Domingos, 1999a; Granja, 1995), comparar a frequência de estudos empíricos numa e outra realidade exige bastante cautela.

Revisões futuras deverão indicar o incremento de pesquisas empíricas em função do crescente número de pesquisadores na área, inclusive com a formalização de grupos de pesquisa. Há indicadores concretos de que a produção latino-americana tem crescido em ritmo acelerado nos últimos 14 anos. Análise da National Science Foundation, principal agência de fomento à pesquisa dos EUA, verificou que o bom desempenho da América Latina se concentrou no Brasil, Argentina, Chile e México, responsáveis por aproximadamente 90% dos artigos publicados em 2001. Dentre estes países, o maior aumento ocorreu no Brasil, sendo o número de artigos publicados pelos pesquisadores brasileiros quadruplicado de 1988 a 2001. No México, em contraponto, o total triplicou (Agência FAPESP, 2004).

Pelo fato de os países com maior tradição em pesquisas clínicas e conseqüentemente em pesquisas em PBP terem maior sustentação empírica, o que na atualidade gerou as “psicoterapias baseadas em evidências”, faz-se necessário que pesquisadores brasileiros se empenhem em tomar conhecimento dos desenvolvimentos gerados por grandes centros internacionais de pesquisa, através de buscas sistemáticas e agrupamento de material em bases de dados. Neste momento a análise de produção científica situar-se-ia como possível recurso metodológico. A colaboração entre pesquisadores e instituições de localidades diversas, nas chamadas pesquisas intra ou transculturais seria outra maneira de trocar-se experiências e informações.

Os dados referentes à natureza dos trabalhos ressaltam maior frequência de estudos empíricos nos periódicos estrangeiros analisados, muitos dos quais decorrem de grupos de pesquisa situados entre os mais importantes da atualidade e com extensa tradição de produção sistemática na área das PBP, como por exemplo, grupos de instituições norte-americanas, liderados por Hans Strupp e Jeffrey Binder; por Lester Luborsky e Paul Crits-Christoph; por

Mardi Horowitz, dentre outros; e grupos de instituições europeias, liderados por Per Høglend, por Karin Barth, dentre outros.

Muitos dos autores acima se situam entre os mais citados em todos os periódicos, quando analisados em separado, e principalmente citados nos periódicos estrangeiros (Anexos 9, 10, 11 e 12). No Brasil, por outro lado, a criação e o desenvolvimento de grupos de pesquisa é fenômeno mais recente, intensificado principalmente com a implementação do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, em 1992.

3.10 População alvo

Neste item serão descritas algumas características da população alvo das pesquisas empíricas, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, naturalmente porque apenas nesses casos esse tipo de informação era acessível. Foram estudadas as seguintes variáveis: etapa de desenvolvimento – infância, adolescência, vida adulta, velhice e “várias” – sexo, patologias/queixas, modalidade de atendimento e instrumentos de avaliação psicológica.

3.10.1 Etapa de Desenvolvimento

A classificação dos participantes numa ou noutra etapa considerou informações constantes dos próprios documentos. Nos casos em que os autores não especificavam a que etapa os indivíduos pertenciam, mas somente a idade, os critérios estabelecidos foram os seguintes. Crianças: até 12 anos. Adolescentes: acima de 13 até 20 anos. Adultos, acima de 21 até 59 anos na amostra nacional e mais que 21 até 64 na estrangeira. Idosos: acima de 60 e 65, respectivamente na amostra nacional e estrangeira.

Os dois primeiros critérios (criança e adolescente) foram estabelecidos pelo Autor, com base em características desenvolvimentais gerais (cognitivas, culturais e físicas), descritas em literatura específica (por exemplo, Bee, 1994/1997). Nos dois últimos critérios considerou-se parâmetros atuais estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde para definição de velhice para população de países em desenvolvimento (acima de 60 anos) e para aquela de países desenvolvidos (acima de 65 anos).

Na amostra nacional de artigos, tanto analisada em separado quanto no geral, verificou-se serem os adultos os participantes que mais integraram os estudos (em torno de

50%), seguidos de pesquisas desenvolvidas com vários indivíduos, inseridos em mais de uma etapa desenvolvimental (em torno de 30%) (Tabela 23).

Nestes últimos casos, participaram dos estudos do EP adolescentes e adultos em dois casos (Yoshida, 1991a; Yoshida & cols., 1993) e num terceiro caso adolescentes, adultos e idosos (Yoshida, 1991b). Nos artigos do EP não foram observados estudos desenvolvidos com adolescentes ou idosos em separado, nem estudos onde esse dado não pôde ser extraído (Tabela 23).

No JBP não foram observados estudos com crianças e idosos em separado. Num caso essa informação não pôde ser detalhada, devido ao fato de se tratar de um relato de experiência em que o enfoque central não era voltado aos pacientes propriamente ditos, mas a uma reflexão sobre o papel da técnica e da supervisão numa PB de grupo desenvolvida em contexto institucional (Engel, 1985).

Nesse periódico de psiquiatria, embora idosos não tenham sido objeto de estudo em separado, integraram três estudos, juntamente com adultos (Schoueri & Segre, 1999) e adolescentes e adultos (Lemgruber, 1989; Peluso, Nascimento & Schoueri, 1999) (Tabela 23). No JBP foi encontrado o único estudo voltado unicamente a adolescentes (Tigre, Barreto & Groisman, 1983).

Seriam exemplos de estudos do EP desenvolvidos com amostra única de adultos o de Rossini (1985), em que se verifica indicação de PB tomando-se o Teste de Relações Objetivas de Phillips como critério, e o de Rezende e Botega (1998), em que se analisam fantasias inconscientes de pacientes portadoras de câncer de mama, dentre outros.

No JBP, dentre os vários estudos conduzidos com adultos como participantes únicos, têm-se os de autoria de Galvão e Barreto (1983) e de Lowenkron e Cheniaux Júnior (1990), onde, respectivamente, se focalizam experiências de atendimento em ambulatório de psiquiatria e de ensino de PBP para médicos residentes, em ambos os casos voltadas ao contexto da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na amostra de artigos estrangeiros foram encontrados resultados semelhantes aos observados na amostra nacional: predomínio significativo de pesquisas focalizando adultos em separado (em torno de 70%) [$\chi^2(4, N=44)=66,89, p<0,001$] e praticamente inexistência de estudos com enfoque às demais etapas do desenvolvimento humano. Isso se aplica tanto à análise dos periódicos JCCP e PP, quanto como ao conjunto da produção estrangeira (Tabela 24).

Tabela 23. Etapas de desenvolvimento dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional:

Etapa Desenvolvimental	EP		JBP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Criança	1	12,5	--	--	1	4,8
Adolescente	--	--	1	7,7	1	4,8
Adulto	4	50,0	7	53,8	11	52,3
Idoso	--	--	--	--	--	--
Várias	3	37,5	4	30,8	7	33,3
Não especificada	--	--	1	7,7	1	4,8
Total	8	100	13	100	21	100

No JCCP, o único estudo onde participaram idosos foi o de Gaston, Marmar, Thompson e Gallagher (1988) e o único que tinha como participantes crianças foi o de Smyrnios e Kirkby (1993), em que foram estudadas juntamente com seus pais. Como neste último caso, também se verificou outro estudo em que várias etapas foram pesquisadas em conjunto: adolescentes, adultos e idosos (Brom, Kleber & Defares, 1989).

Tabela 24. Etapas de desenvolvimento dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira:

Etapa Desenvolvimental	JCCP		PP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Criança	--	--	1	3,8	1	2,3
Adolescente	--	--	--	--	--	--
Adulto	13	72,2	17	65,4	30	68,1
Idoso	1	5,6	--	--	1	2,3
Várias	2	11,1	3	11,5	5	11,4
Não especificada	2	11,1	5	19,2	7	15,9
Total	18	100	26	99,9	44	100

Seriam exemplos de estudos em que a faixa etária não pôde ser especificada no JCCP os de Barber, Crits-Christoph e Luborsky (1996), um breve relato de pesquisa, e de Henry (1996), um relato de experiência onde o enfoque não era voltado aos participantes, mas ao instrumento de medida psicológica utilizado (Structural Analysis of Social Behavior).

Dentre os vários trabalhos onde adultos são objeto de estudo no JCCP (72,2%), os de Horowitz, Rosenberg, Ureño, Kalehzan e O'Halloran (1989) e de Barkham e cols. (1996) são exemplos, sendo que no primeiro deles se explora um método de formulação psicodinâmica, obtido entre juízes independentes, e no outro se replica estudo de resultado em psicoterapia.

A análise dos artigos do PP indicou, igualmente, maioria de trabalhos voltados para adultos (65,4%). Por exemplo, Frankel (1981) relata o uso de hipnose como possibilidade técnica num caso de fobia, e Høglend (1996) investiga a motivação de pacientes ambulatoriais em seus diversos aspectos (motivação para mudar, para auto-entendimento etc).

No PP 19,2% dos trabalhos foram classificados quanto à faixa etária como “não especificada”. Por exemplo, Armstrong, Yasuna e Hartley (1981) examinaram aspectos do diagnóstico e do modelo de tratamento dispensado aos pacientes; Sifneos e cols. (1980) os critérios de seleção de pacientes, os terapeutas, dentre outras, mas não o fazem em relação à etapa desenvolvimental. Na pesquisa desenvolvida por Eizirik e cols. (1991), relata-se que seis pacientes foram atendidos, mas somente se especifica a faixa etária em três dos casos analisados.

O único estudo desenvolvido com crianças no PP foi o de Muratori e cols. (2002), em que se verifica a eficácia de uma PBP aplicada a pacientes com transtornos emocionais. Entre os trabalhos desenvolvidos com “várias” etapas nesse periódico suíço (11,5%) dois o foram com adolescentes e adultos (Barth, Nielsen, Havik e cols., 1998; Vaslamatzis & Verveniotis, 1985) e um com adultos e idosos (Poulsen, 1991). Portanto, não foram observados trabalhos no PP voltados a adolescentes ou a idosos como amostras únicas (Tabela 24).

Na análise do JCCP não se pode desconsiderar a inexistência de trabalho teórico ilustrado e que um dos estudos empíricos era meta-analítico, onde não se analisou a faixa etária (Svartberg & Stiles, 1991). No PP, embora tenha sido observado um relato de experiência, nele não se focalizava participantes envolvidos nas pesquisas desenvolvidas, porque não era objetivo da autora (Heiberg, 1981).

Os indicadores de pesquisas desenvolvidas com crianças, adolescentes e idosos sinalizam pouco interesse dos pesquisadores em PBP, quanto a estas faixas etárias. Todas essas etapas têm sido objeto de preocupação de várias áreas do conhecimento e em específico da Psicologia, seja no Brasil, seja no exterior, o que se destaca de modo mais acentuado nas duas últimas décadas. Na realidade brasileira acredita-se que dois dos marcos responsáveis por isso sejam a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990 (Brasil, 1990), e no mesmo período a criação, o desenvolvimento e a expansão de universidades da terceira idade e de cursos de pós-graduação e grupos de pesquisa em gerontologia (Goldstein, 2002).

A aplicação da PBP a essas três fases da vida encontra-se entre as tendências atuais e direções futuras da área (Messer, 2001). Para esse autor, nos três casos há a necessidade de se enfatizar menos os “conflitos” ou a estrutura de personalidade e atentar mais especialmente para a interação do paciente com eventos externos. Pacientes com transtornos de

personalidade e pessoas com antecedentes traumáticos, perdas precoces, com queixas somáticas, doenças físicas ou invalidez, e com histórico de abuso de substâncias químicas também incorporam a lista de aplicações que têm sido desenvolvidas e que permanecerão na linha de investimentos futuros. Nestes casos, alternativas técnicas de caráter mais suportivo e integração de técnicas advindas de diferentes enfoques psicoterapêuticos teriam grande papel a desempenhar.

Seriam exemplos de estudos recentes desenvolvidos no Brasil, além dos já citados, que se referem às parcelas ressaltadas por Messer (2001) os seguintes, sendo que nem todos são referentes à PBP: de Goldstein (2002), de Néri (1997), de Rocha (2002) e de Rosa e Vasconcellos (2005), sobre gerontologia; de Mito e Yoshida (2004), de Mondardo e Valentina (1998), de Xavier (1999) e de Zavaschi, Bassols, Bergmann e Costa (2005), sobre infância; de Cunha e Azevedo (2001), de Dal’Pizol e cols. (2003), de Romaro (2000) e de Schestatsky (2005), sobre transtorno de personalidade borderline; de Lewkowicz e Brodacz (2005), sobre adolescência; de Pechansky e Luborsky (2005), sobre dependência química, dentre outros.

Desse modo, e também devido à relevância da infância, adolescência e velhice de per se no contexto sociocultural de um país, fica evidente a necessidade de uma maior atenção por parte dos pesquisadores da área às etapas de desenvolvimento em pauta. Naturalmente não se procura dizer que, no Brasil e em outros países não tenha havido iniciativas que contemplem essas fases da vida, posto que isso seria insustentável, mas somente que o identificado nas bases de dados adotadas como fonte material foi tido como escasso e/ou que tem havido poucas publicações indexadas das atividades/atendimentos e investigações realizadas. Ademais, vale ressaltar que exatamente nessas “lacunas” residem novas possibilidades de pesquisa e produção de conhecimento para o psicoterapeuta e o pesquisador, em especial o brasileiro.

Por outro lado, as pesquisas com adultos, predominantes tanto nos periódicos nacionais, quanto nos estrangeiros analisados, seja como etapa desenvolvimental unicamente estudada, seja como etapa focalizada em conjunto com outras, indicam uma continuidade de certa tradição de pesquisas em psicologia clínica, já que desde suas raízes psicanalíticas as PB foram desenvolvidas com adultos e apenas em momentos posteriores expandidas para outras faixas etárias.

Esse predomínio de estudos focalizando adultos também foi observado em estudo anterior, desenvolvido com metodologia semelhante à que se apresenta (Yoshida & cols., manuscrito), o qual incluiu em sua amostra periódicos situados entre os mais produtivos na área e que neste momento não foram analisados (por exemplo, International Journal of Short-

Term Psychotherapy/International Journal of Intensive Short-Term Dynamic Psychotherapy, Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training; cf. Tabela 1).

Abreu, Piccinini, Cacilhas, Trathman e Thormann (2000), ao examinarem artigos e resumos publicados em periódicos de psiquiatria entre 1980 e 1998 verificaram resultados semelhantes. Entretanto, embora estudos com crianças e adolescentes tenham se mostrado menos freqüentes quando comparados aos realizados com adultos, constataram aumento no interesse por essas faixas etárias. A velhice, por outro lado, foi menos privilegiada.

3.10.2 Sexo

Quanto ao sexo da população alvo na amostra nacional, no EP verificou-se grande parte de trabalhos voltados a pessoas ambos os sexos (62,5%), seguidos de outros, voltados a mulheres como únicas participantes (37,5%), não tendo havido estudos desenvolvidos somente com homens ou onde esse dado não pôde ser especificado.

No JBP, por outro lado, o sexo dos participantes não foi identificado em 15,4% dos casos. Em 7,7%, focalizou-se apenas pessoas do sexo masculino, em 23,1% especificamente pessoas do sexo feminino, seguido de 53,8% de trabalhos desenvolvidos com indivíduos de ambos os sexos (Tabela 25).

Quando se analisou a amostra total de artigos de periódicos nacionais, verificou-se serem os trabalhos voltados para pessoas de ambos os sexos (57,1%) uma categoria estatisticamente significativa [$\chi^2(3, N=21)=14,22, p<0,01$], confirmando o observado nas análises do EP e do JBP em separado.

Tabela 25. Sexo dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional:

Sexo	EP		JBP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Masculino	--	--	1	7,7	1	4,8
Feminino	3	37,5	3	23,1	6	28,6
Misto	5	62,5	7	53,8	12	57,1
Não especificado	--	--	2	15,4	2	9,5
Total	8	100	13	100	21	100

Na amostra de artigos da produção estrangeira, no JCCP verificou-se claro predomínio de estudos voltados a pessoas de ambos os sexos (88,9%), seguidos de trabalhos onde isso não

foi especificado (11,1%), não tendo havido estudos unicamente voltados para indivíduos de um único sexo (Tabela 26).

No PP, embora tenha havido estudos que foram enquadrados em todas as categorias analisadas, a frequência de trabalhos desenvolvidos com indivíduos de ambos os sexos foi significativa (74,1%) [$\chi^2(3, N=27)=35,05, p<0,001$].

No conjunto da produção estrangeira, resultado semelhante ao observado na análise dos periódicos em separado, bem como na análise de periódicos nacionais, foi constatado: significativamente mais trabalhos com pessoas de ambos os sexos (80,0%) [$\chi^2(3, N=45)=73,3, p<0,001$].

Tabela 26. Sexo dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira.

Sexo	JCCP		PP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Masculino	--	--	3	11,1	3	6,7
Feminino	--	--	1	3,7	1	2,2
Misto	16	88,9	20	74,1	36	80,0
Não especificado	2	11,1	3	11,1	5	11,1
Total	18	100	27	100	45	100

A análise do sexo dos participantes focalizados indica ser corrente entre pesquisadores da área a prática de trabalhos com indivíduos de ambos os sexos.

Por outro lado, em alguns casos a seleção dessa variável se trata de interesse específico ou necessidade dos autores, como por exemplo, nos estudos de Rezende e Botega (1998) e no de Poulsen (1991). Os primeiros relataram experiência ocorrida em grupoterapia com pacientes com câncer de mama; Poulsen desenvolveu pesquisa também em grupoterapia voltada a portadoras de doenças reumáticas. Em ambos os casos as patologias estudadas são mais comuns em mulheres.

Para ilustração de trabalhos em que o sexo dos participantes não foi especificado, Cordioli (1986a) descreve os pacientes de modo geral, referindo-se a eles como adultos que se submeteram a PB. Sifneos (1984) também informa características genéricas. Noutro estudo, Engel (1985) centraliza o interesse de seu relato nos papéis da técnica, da supervisão e da instituição numa PB grupal, ficando as características dos pacientes em segundo plano, como nos dois casos acima.

Casos em que não se especificou o sexo (Tabelas 25 e 26), bem como naqueles onde não se identificou a etapa de desenvolvimento (Tabelas 23 e 24), mesmo não tendo sido

observados com frequência elevada, tanto podem dificultar a aplicação dos resultados das experiências e pesquisas relatadas na prática clínica, quanto, em última instância, impediriam réplicas, especificamente dos estudos empíricos. E nos dias atuais ambas as coisas são requisitos necessários ao consumidor e ao produtor de ciência.

3.10.3 Modalidades de Atendimento

Também foram analisadas as modalidades de atendimentos dispensadas aos participantes dos estudos, classificadas em quatro categorias distintas: 1. individual, 2. grupal, 3. grupal familiar, e 4. modalidade não especificada, sendo esta última categoria necessária apenas na amostra de artigos estrangeiros.

No EP atendimentos individuais foram claramente predominantes (77,8%), sendo que no JBP houve distribuição homogênea entre individual e grupal (53,8% e 46,2%, respectivamente) [$\chi^2(1, N=13)=0,06, p>0,70$]. Quando se considera a produção nacional no geral, verificou-se que a diferença observada na modalidade de atendimento individual foi significativa (63,6%) [$\chi^2(2, N=22)=11,58, p<0,01$] (Tabela 27).

Atendimento grupal familiar apenas ocorreu no EP, num estudo de avaliação de perfil e queixas de crianças encaminhadas para PBP em instituição (Yoshida & cols., 1994). Neste caso específico, a pesquisa focalizou prontuários, mas ainda assim se optou por considerar os atendimentos oferecidos aos pacientes.

No periódico campineiro também houve um caso em que o enfoque do artigo era sobre o psicoterapeuta, mas também se considerou a modalidade de atendimento oferecida ao paciente. Sendo assim, Martins (1999) utilizou Versão de Sentido, um instrumento de pesquisa qualitativa onde relatou suas próprias vivências como terapeuta, imediatamente após ocorrência de atendimento individual em PBP.

No JBP foram identificados vários trabalhos em que a modalidade de atendimento era grupal, a maioria relatos de experiências (Engel, 1983, 1985; Guimarães & cols., 1990; Peluso & cols., 1999; Tigre & cols., 1983) e apenas um estudo empírico (Lima, Pondé, Azevedo, Carvalho & Guimarães, 1993), quando no EP somente ocorreu um trabalho desse tipo (Rezende & Botega, 1998). Interessante observar que todos esses autores estavam vinculados a instituições médicas, dos ambientes propícios ao desenvolvimento de intervenções grupais devido à grande parcela da população que procura por assistência.

Tabela 27. Modalidades de atendimentos dispensados aos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional:

Modalidade	EP		JBP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Individual	7	77,8	7	53,8	14	63,6
Grupal	1	11,1	6	46,2	7	31,8
Grupal Familiar	1	11,1	--	--	1	4,5
Total	9	100	13	100	22	99,9

Nos periódicos estrangeiros o predomínio de atendimentos individuais foi acentuado tanto na análise em separado, quanto na geral (em torno de 85,0%). No JCCP não houve atendimentos na modalidade grupal e no PP apenas um, o já mencionado trabalho de Poulsen (1991). No PP foram verificadas várias modalidades de atendimento, mas tiveram baixa frequência (Tabela 28).

Assim como ocorrido na amostra de artigos nacionais, também nos estrangeiros atendimentos na modalidade grupal familiar foram escassos (4,3% do geral). Os trabalhos de Smyrnios e Kirkby (1993), no JCCP, e o de Muratori e cols. (2002), no PP, foram os únicos.

Observa-se, ainda, no caso da amostra de artigos estrangeiros frequência de trabalhos em que a modalidade de atendimento não foi especificada (8,5% do total). Seriam exemplos as produções de Barth, Havik, Nielsen e cols. (1988) e de Høglend, Sørbye, Sørлие, Fossum e Engelstad (1992), no PP, e de Barber e cols. (1995) e de Henry (1996), no JCCP. Mas em todos estes casos provavelmente os atendimentos se deram na modalidade individual, pelas demais características descritas nos artigos e pelos respectivos autores, com tradição em desenvolvimento de pesquisas cujos atendimentos são individuais.

Tabela 28. Modalidades de atendimentos dispensados aos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira:

Modalidade	JCCP		PP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Individual	16	84,2	24	85,7	40	85,1
Grupal	--	--	1	3,6	1	2,1
Grupal Familiar	1	5,3	1	3,6	2	4,3
Não Especificada	2	10,5	2	7,1	4	8,5
Total	19	100	28	100	47	100

No JCCP, a modalidade de atendimento foi analisada tanto quando o enfoque era somente no terapeuta (Henry, Strupp & cols., 1993), quanto nos trabalhos onde o enfoque era

no paciente-terapeuta (Barber & cols., 1996; Hardy, Stiles, Barkham & Startup, 1998; Henry, Schacht & cols., 1993; Hilliard, Henry & Strupp, 2000; Horowitz e cols., 1989; Stiles & cols., 1998). Em ambos os casos, tal como em Martins (1999), considerou-se as modalidades de atendimento oferecidas aos pacientes.

Ao se analisar as modalidades de atendimento dos artigos de periódicos estrangeiros, outras observações são necessárias. No JCCP não houve trabalho teórico ilustrado e um dos estudos empíricos era meta-analítico, portanto não se analisou este item (Svartberg & Stiles, 1991). Num outro trabalho a modalidade de atendimento incluía a criança em separado e os pais em separado; neste caso, foi cotado tanto como “individual”, quanto como “grupar familiar” (Smyrnios & Kirkby, 1993). No caso do PP, no relato de experiência de Heiberg (1981) não se focalizavam participantes envolvidos, mas era evidente, no texto, que os atendimentos eram individuais. E em Muratori e cols. (2002), seguiu-se procedimento idêntico ao adotado no caso de Smyrnios e Kirkby (1993) acima.

O predomínio de trabalhos desenvolvidos na modalidade de atendimento individual observado tanto no conjunto da produção nacional quanto no da estrangeira reflete novamente uma característica da produção científica da área, também identificada no estudo já referido de Yoshida e cols. (manuscrito).

Os resultados até aqui listados sobre a população alvo indicam características gerais de ambas as produções em análise, a nacional e a estrangeira, em que se priorizam atendimentos individuais, a indivíduos adultos de ambos os sexos, com raras exceções, principalmente no caso do JBP, em que ocorreu número significativo de atendimentos grupais.

As lacunas observadas quanto às produções de PBP voltadas a crianças, adolescentes e idosos sugere que se empreendam mais esforços dos pesquisadores visando contemplar estas faixas etárias. O trabalho em grupo e familiar desponta, nesse sentido, como modalidade de intervenção auspiciosa, sem, contudo dizer-se com isso que a modalidade de atendimento individual deva ser desvalorizada.

As indicações e contra-indicações para uma e outra devem se pautar em evidências empíricas e em critérios bem fundamentados, além de considerarem características financeiras da população alvo, características estruturais das instituições e da formação dos profissionais envolvidos. Daí surgirão propostas de intervenções específicas, que, por conseguinte poderão gerar práticas progressivamente mais bem sustentadas, reconhecidas como verdadeiramente efetivas.

3.10.4 Patologias e/ou Queixas

Diante dessas constatações, também se mostra apropriado investigar quais os tipos de patologias e/ou queixas mais focalizadas nos estudos e/ou mais comuns entre participantes dos estudos. Para tanto, foram criadas três categorias de análise: 1. patologia/queixa única; 2. mais de uma patologia/queixa; e 3. patologias/queixas não especificadas.

No EP estudos em que queixas/patologias não são especificadas foram observados em alta frequência (62,5%). No JBP, por sua vez, houve distribuição mais homogênea entre as três categorias, com maior frequência daqueles em que aparece mais de uma queixa/patologia (46,1%). No geral da produção nacional verificou-se distribuição homogênea de produções classificadas em todas as categorias [$\chi^2(2, N=21)=0,85, p>0,50$] (Tabela 29).

No EP foram dois trabalhos em que a queixa/patologia investigada foi específica, o de Rossini (1985), sobre depressão, e o de Rezende e Botega (1998), sobre câncer de mama. Estudos como os de Yoshida (1991a) e Enéas e cols. (1991) se ocuparam de participantes com várias queixas/patologias, tais como problemas relacionais (conjugais, entre mãe e filha) e outros genericamente chamados de adaptativos. Houve ainda dois artigos onde essa variável não foi mencionada, um deles estudo de validade preditiva da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (Yoshida, 1991b) e outro em que a própria terapeuta era objeto de estudo (Martins, 1999), não se objetivando, portanto, focalizar a queixa/patologia do paciente.

Depressão (Guimarães & cols., 1990; Lemgruber, 1992), ansiedade (Lima & cols., 1993) e insegurança no trabalho e no namoro (Lowenkron & Cheniaux Júnior, 1990) foram algumas queixas/patologias únicas investigadas por autores do JBP. Neste periódico foram encontrados também trabalhos com pacientes com diversas queixas/patologias, incluindo principalmente quadros depressivos e ansiosos (por exemplo, Cordioli, 1986a; Galvão & Barreto, 1983; Peluso & cols., 1999), além de queixas somáticas, sexuais, de dificuldades relacionais e fobias, dentre outras (por exemplo, Engel, 1983; Lemgruber, 1989; Schoueri & Segre, 1999). Houve, ainda, artigos onde a variável em questão não foi especificada (Engel, 1985; Tigre & cols., 1983).

Nos artigos estrangeiros amostras maiores favoreceram o cálculo do χ^2 em todas as análises. Sendo assim, no JCCP, embora sendo observado maior número de estudos em que se investigou patologias/queixas específicas (52,9%) (Tabela 30), esta categoria não foi significativamente superior às demais [$\chi^2(2, N=17)=4,39, p>0,05$].

Dentre os nove artigos com queixa/patologia única no JCCP, oito eram estudos focalizando a depressão (88,9%). E um (11,1%) com enfoque em transtorno de estresse pós-traumático (Brom & cols., 1989).

Tabela 29. Patologias e/ou queixas dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional:

Patologias/Queixas	EP		JBP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Única	1	12,5	4	30,8	5	23,8
Mais de uma	2	25,0	6	46,1	8	38,1
Não especificada(s)	5	62,5	3	23,1	8	38,1
Total	8	100	13	100	21	100

Em alguns casos, trabalhos sobre depressão são relatos que compõem projetos de pesquisa de grupo já consolidado, com banco de dados constituído. A série de trabalhos de William B. Stiles e Michael Barkham na segunda metade da década de 1990 ilustra esse fenômeno (por exemplo, Barkham & cols., 1996; Hardy & cols., 1998; Reynolds & cols., 1996; Stiles & cols., 1998; Stiles, Shankland, Wright & Field, 1997). A depressão constituiu, ainda, patologia/queixa investigada em conjunto com outras (por exemplo, Horowitz & cols., 1989; Stiles & Shapiro, 1995).

No JCCP foram observados trabalhos focalizando participantes com queixas diversas (por exemplo, Henry, Schacht & cols., 1993; Smyrnios & Kirkby, 1993; Westerman, Foote & Winston, 1995). Dentre estas, transtornos sexuais, de personalidade, do humor e de ansiedade. Num artigo essa informação não foi especificada (Horowitz, Rosenberg & Bartholomew, 1993), o qual integrou uma Seção Especial publicada em 1993, no volume 61, número 4, do JCCP, sobre fatores curativos em psicoterapia dinâmica (vide também Luborsky, Barber & Beutler, 1993). O artigo de Piper e cols. (1993), que compõe amostra do periódico norte-americano também incorpora a mesma Sessão. Neste último realizam uma revisão de pesquisas que relacionam interpretações transferenciais e resultados em PBP.

Para finalizar apresentação dos dados relativa ao JCCP, cabem algumas observações. Um dos estudos empíricos neste periódico era meta-analítico, onde não se analisou patologias/queixas (Svartberg & Stiles, 1991). Noutro, com enfoque no terapeuta, procedimento idêntico foi seguido (Henry, Strupp & cols., 1993). Nos trabalhos onde o enfoque era no paciente-terapeuta, considerou-se as patologias/queixas dos pacientes (Barber & cols., 1996; Hardy & cols., 1998; Henry, Schacht & cols., 1993; Hilliard & cols., 2000; Horowitz & cols., 1989; Stiles & cols., 1998).

No PP houve frequência significativamente superior de produções em que mais de uma queixa/patologia era relatada (61,5%) [$\chi^2(2, N=26)=9,6, p<0,02$]. Na análise geral da amostra de artigos estrangeiros esta categoria também mostrou-se a mais freqüente (51,2%) [$\chi^2(2, N=43)=8,98, p<0,02$] (Tabela 30).

Queixas/patologias focalizadas de modo específico nos estudos do PP foram fobias (Frankel, 1981; Gilliéron, 1987), queixas somáticas (Nielsen & cols., 1988; Poulsen, 1991; Sifneos, 1984) e insônia (Nielsen, 1990).

Embora no PP estudos focalizando depressão de modo específico não tenham ocorrido, esta queixa/patologia foi bastante explorada em conjunto com outras. Por exemplo, a série de estudos do grupo norueguês, liderados por Karin Barth, o Bergen Project on Brief Dynamic Psychotherapy (Barth, Havik & cols., 1988; Barth, Nielsen, Haver & cols., 1988; e Barth, Nielsen, Havik & cols., 1988), aconteceu principalmente com pacientes deprimidos e portadores de transtorno de ansiedade.

Mesmo em trabalhos em que a depressão e a ansiedade não se tratavam de diagnósticos principais como nos acima referidos, constituem parcela de queixas/patologias dos participantes de praticamente todos aqueles classificados em “várias” (Eizirik & cols., 1991; Høglend, 1988; Høglend, 1996; Høglend & cols., 1992; Mohl & cols., 1982; Vaslamatzis & Verveniotis, 1985), juntamente com transtornos de personalidade, problemas interpessoais e de ajustamento, fobias, manias e baixa auto-estima, dentre outras.

No PP houve ainda artigos em que patologias/queixas não foram especificadas, coincidentemente produções do início da década de 1980 (Armstrong & cols., 1981; Heiberg, 1981; Husby & cols., 1985b; Sifneos & cols., 1980). Num outro estudo os participantes em foco eram observadores independentes, portanto não era objetivo esclarecer patologia/queixa e nele não se considerou essa variável (Husby & cols., 1985a).

Tabela 30. Patologias e/ou queixas dos participantes dos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP, no PP e no conjunto da produção estrangeira.

Patologias/Queixas	JCCP		PP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Única	9	52,9	6	23,1	15	34,9
Mais de uma	6	35,3	16	61,5	22	51,2
Não especificada(s)	2	11,8	4	15,4	6	13,9
Total	17	100	26	100	43	100

Para classificação dos artigos estrangeiros quanto às queixas/patologias, duas observações se fazem necessárias. No JCCP não houve trabalho teórico; no PP, num estudo não se focalizavam participantes (Heiberg, 1981) e noutro os participantes eram observadores independentes (Husby & cols., 1985a).

Vale observar que há, por parte dos autores dos artigos estrangeiros, clara preocupação em estabelecer critérios de inclusão e exclusão de participantes. Dentre os últimos, os seguintes são bastante comuns: histórico de abuso de substâncias químicas e/ou de uso continuado e persistente de medicação psicotrópica, evidências de psicose, de transtorno afetivo bipolar, ou de tendências claras de suicídio (por exemplo, Gaston & cols., 1988).

Nos critérios de inclusão, os Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (as DSM-III, DSM-III-R e DSM-IV) são utilizados com bastante frequência, os quais compreendem vários diagnósticos de transtornos mentais (Eixos I e II). Tanto que a American Psychiatric Association, autora dos DSM, encontra-se entre as mais citadas nos periódicos estrangeiros (N=10 no JCCP e N=6 no PP, tal como indicado nos Anexos 11 e 12) Mas também são utilizados outros instrumentos, padronizados ou não, aplicados em série (“baterias”), no início (diagnóstico), meio, fim das PBP e em procedimentos de acompanhamento (follow-up), principalmente nos casos de estudos de processos e de processos e resultados (process e process-outcome). Por essas razões faz-se necessário analisar os tipos de instrumentos utilizados nos estudos, o que se iniciará a partir de agora.

Antes, porém, algumas observações são necessárias. Observa-se que análise detalhada das queixas/patologias mais pesquisadas, embora de extrema relevância para traçado qualitativo da produção sobre PBP, mostrou-se inviável porque, exceto nos trabalhos classificados em patologias/queixas únicas, nos demais os autores forneciam idéia muito geral das patologias investigadas. Isto é, a patologia não era especificada nos estudos que contemplavam pacientes com várias delas porque esse não era o objetivo dos autores. Citavam algumas e diziam algo como: “dentre outras”; não especificavam, entretanto, todas as patologias/queixas que os pacientes apresentavam, limitando-se a alguns exemplos.

Em outros casos apenas mencionavam tratarem-se de transtornos que compreendem os Eixos I e II das DSM e não se verificou maior especificação. Mesmo fenômeno foi observado no que diz respeito a critérios de exclusão de pacientes, onde nem sempre essas informações foram detalhadas. Em alguns estudos citam alguns critérios, em outros, outros.

3.10.5 Instrumentos de Avaliação Psicológica

Em relação à análise dos instrumentos de avaliação psicológica utilizados, no EP foram escalas (57,1%) (Tabela 31), especificamente a Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO) (Simon, 1983), num relato de experiência (Enéas & cols., 1991) e em três estudos empíricos (Yoshida, 1991a, 1991b; Yoshida & cols., 1993), o que tem relação direta com o fato de grande parte dos artigos do periódico ser de autoria de Elisa Yoshida, professora da PUC-Campinas, que desde o seu mestrado vem se dedicando ao estudo das propriedades psicométricas deste instrumento de avaliação (por exemplo, Yoshida, 1999a).

Outros instrumentos utilizados no EP foram: Teste de Relações Objetivas de Philipson (Rossini, 1985), entrevista do tipo aberta (Rezende & Botega, 1998) e Versão de Sentido (Martins, 1999), um instrumento de pesquisa qualitativa que aqui foi considerado como questionário, por ser “auto-relato” ocorrido por escrito. Há divergências metodológicas entre um questionário quando em comparação à Versão de Sentido (Amatuzzi, 1996), mas considerou-se desnecessária a abertura de uma outra categoria para integrar este instrumento.

No JBP o uso de instrumentos de avaliação psicológica foi proporcionalmente menor, sendo igualmente utilizadas entrevistas e escalas (42,8% cada um) (Tabela 31). Não foram utilizados testes psicológicos, o que se relaciona diretamente ao fato de, no Brasil, esse tipo de ferramenta ser de uso privativo de psicólogos.

Nesse periódico carioca, a Escala de Hamilton para Ansiedade (EHA) foi utilizada num estudo (Lima & cols., 1993) e as Escalas de Resultados Obtidos (ERO), adaptada de critérios definidos por David Malan, e a de Qualidade da Relação Paciente-Terapeuta (EQRPT), desenvolvida a partir de critérios definidos por Lester Luborsky, foram utilizadas em conjunto, num outro estudo (Cordioli, 1986a). Neste último também se utilizou uma entrevista estruturada, o que parece ter favorecido desdobramento posterior da pesquisa (Cordioli, 1986b).

No JBP entrevistas foram utilizadas em outros dois trabalhos, onde se menciona tratem de “entrevistas psicoterapêuticas” (Guimarães & cols., 1990; Lemgruber, 1992), e questionário enviado por Correios (Lemgruber, 1989).

No geral da produção nacional, portanto, escalas foram os instrumentos de avaliação mais utilizados (50,0%) (Tabela 31). Vale ressaltar que a EDAO, a ERO e a de EQRPT enquadram-se na categoria “escalas clínicas”, pois são baseadas em julgamentos externos e que a EHA é aplicada na forma de auto-relato (self-report).

Tabela 31. Instrumentos de avaliação psicológica utilizados nos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no EP, no JBP e no conjunto da produção nacional.

Instrumentos	EP		JBP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Entrevista(s)	1	14,3	3	42,8	4	28,6
Escala(s)	4	57,1	3	42,8	7	50,0
Questionário(s)	1	14,3	1	14,3	2	14,3
Teste(s)	1	14,3	--	--	1	7,1
Total	7*	100	7	99,9	14	100

*N=7 porque um dos estudos empíricos era de levantamento (Yoshida & cols., 1994).

Nos periódicos estrangeiros a utilização de instrumentos de avaliação foi proporcionalmente superior em relação ao observado na produção nacional (N=117 versus N=14) (Tabela 32). Tanto nas análises em separado quanto na geral, o uso de escalas foi constatado como de frequência significativamente maior: 46,9% no JCCP [$\chi^2(3, N=81)=24,9$, $p<0,001$], 38,9% no PP [$\chi^2(3, N=36)=9,2$, $p<0,05$] e 44,4% no geral [$\chi^2(3, N=117)=30,71$, $p<0,001$]. Essa maior utilização de instrumentos psicológicos na produção estrangeira possibilitou que se realizasse análise detalhada dos instrumentos mais utilizados (Quadros 6 e 7).

Tabela 32. Instrumentos de avaliação psicológica utilizados nos estudos empíricos, relatos de experiência e trabalhos teóricos ilustrados, no JCCP*, no PP e no conjunto da produção estrangeira.

Instrumentos	JCCP		PP		Total	
	F	%	F	%	F	%
Entrevista(s)	14	17,3	12	33,3	26	22,2
Escalas(s)	38	46,9	14	38,9	52	44,4
Questionário(s)	8	9,9	2	5,6	10	8,5
Teste(s)/Inventário(s)	21	25,9	8	22,2	29	24,8
Total	81	100	36	100	117	99,9

*No JCCP não houve trabalho teórico ilustrado.

Como na produção estrangeira era comum o uso de bateria de instrumentos num só estudo, todos os ali utilizados foram cotados. Observa-se, ainda, que avaliações externas realizadas sem apoio de instrumento específico (ratings, observações, julgamentos) não foram consideradas como “instrumentos”. Igualmente, estudos em que instrumentos de avaliação não foram especificados ou não utilizados não foram considerados na análise.

Sendo assim, a escala Symptom Checklist-90/Symptom Checklist-90-R (N=9), a entrevista estruturada Present State Examination (N=4) e o Beck Depression Inventory (N=9)

foram os instrumentos mais utilizados nas produções do JCCP (Quadro 6), sendo o primeiro e o último deles medidas do tipo auto-relato (self-report).

Nas do PP, por sua vez, foram a Global Assessment Scale (N=5), em todos os casos utilizada por pesquisadores noruegueses, entrevistas semi-estruturadas no momento de follow-up (N=4) e o Minnesota Multiphasic Personality Inventory (N=4) (Quadro 7). O MMPI é um instrumento do tipo self-report e a GAS, escala clínica.

Embora tenha sido referido em momento anterior que avaliações externas não foram consideradas como “instrumentos” propriamente ditos, verificou-se sua utilização concomitante a outros instrumentos em 5 dos 17 estudos empíricos do JCCP² (29% dos casos), contra 14 dos 23 estudos empíricos do PP (61% dos casos).

Somando-se estas informações àquelas constantes dos Quadros 6 e 7, pode-se afirmar que na amostra de artigos do periódico norte-americano há maior ênfase em utilização de instrumentos de avaliação clínica padronizados, quando em comparação ao observado nos artigos do PP, onde se observou maior utilização de instrumentos “não padronizados” (julgamentos externos).

Quando comparados esses resultados ao observado na amostra de artigos nacionais como um todo, pode-se dizer que nos estrangeiros observou-se maior refinamento metodológico na condução das pesquisas, haja visto que tanto os procedimentos padronizados, quanto os não padronizados conferem maior confiabilidade nos resultados dos estudos. Vale observar que essa discussão relativa à metodologia utilizada será retomada quando da análise dos delineamentos metodológicos dos estudos empíricos, próximo item de discussão.

3.11 Delineamento Metodológico dos Estudos Empíricos

Neste item serão analisados os delineamentos metodológicos dos estudos empíricos da produção, sendo apresentados os dados por década e no geral. Os estudos nacionais foram classificados em três categorias distintas: 1. pesquisas de levantamento; 2. pesquisas correlacionais; e 3. pesquisas quasi-experimentais. Nos estrangeiros, além das três anteriores, as seguintes: 4. pesquisas experimentais; 5. outros delineamentos, que contemplaram estudos

² Neste momento o estudo meta-analítico foi desconsiderado, por não visar utilização de algum procedimento de avaliação.

Quadro 6. Instrumentos de avaliação psicológica mais utilizados no JCCP (continua).

Instrumentos	F
Agnew Relationship Measure (Hardy, Stiles, Barkham & Startup, 1998; Stiles, Agnew-Davies, Hardy, Barkham & Shapiro, 1998)	2
Assimilation of Problematic Experiences Scales (Stiles, Shankland, Wright & Field, 1997)	1
Bristol Social Adjustment Guides (Smyrnios & Kirkby, 1993 ^{††})	1
California Psychotherapy Alliance Scales (Gaston, Marmar, Thompson & Gallagher, 1988)	1
Capacity for Dynamic Psychotherapy Scale (Henry, Schacht, Strupp, Butler & Binder, 1993; Henry, Strupp, Butler, Schacht & Binder, 1993)	2
Global Outcome Rating Scale (Hilliard, Henry & Strupp, 2000)	1
Goal Attainment Scales (Smyrnios & Kirkby, 1993 ^{**})	1
Hamilton Rating Scale for Depression (Gaston, Marmar, Thompson & Gallagher, 1988)	1
Health Sickness Rating Scale (Barber, Crits-Christoph & Luborsky, 1996; Barber, Luborsky, Crits-Christoph & Diguier, 1995)	2
Impact of Event Scale (Brom, Kleber & Defares, 1989)	1
Penn Adherence-Competence Scale for Supportive-Expressive Therapy (Barber, Crits-Christoph & Luborsky, 1996)	1
Self-Steem Scale (Barkham, Rees, Shapiro, Stiles, Agnew, Halstead, Culverwell & Harrington, 1996)	1
Session Impact Scale (Reynolds, Stiles, Barkham, Shapiro, Hardy & Rees, 1996)	1
Sheffield Psychotherapy Rating Scale (Hardy, Stiles, Barkham & Startup, 1998)	1
Social Adjustment Scale (Hardy, Stiles, Barkham & Startup, 1998; Stiles, Agnew-Davies, Hardy, Barkham & Shapiro, 1998; Westerman, Foote & Winston, 1995)	3
Structural Analysis of Social Behavior (Henry, 1996; Henry, Schacht, Strupp, Butler & Binder, 1993; Henry, Strupp, Butler, Schacht & Binder, 1993)	3
Symptom Checklist – 90/Symptom Checklist – 90-R (Barkham, Rees, Shapiro, Stiles, Agnew, Halstead, Culverwell & Harrington, 1996; Brom, Kleber & Defares, 1989; Hardy, Stiles, Barkham & Startup, 1998; Henry, Schacht, Strupp, Butler & Binder, 1993; Henry, Strupp, Butler, Schacht & Binder, 1993; Hilliard, Henry & Strupp, 2000; Stiles, Agnew-Davies, Hardy, Barkham & Shapiro, 1998; Stiles, Shankland, Wright & Field, 1997; Stiles & Shapiro, 1995)	9
Target Complaints Scales (Smyrnios & Kirkby, 1993; Westerman, Foote & Winston, 1995)	2
Therapist Session Intentions (Hardy, Stiles, Barkham & Startup, 1998)	1
Vanderbilt Psychotherapy Process Scale (Henry, Strupp, Butler, Schacht & Binder, 1993)	1
Vanderbilt Therapeutic Strategies Scale (Henry, Schacht, Strupp, Butler & Binder, 1993; Henry, Strupp, Butler, Schacht & Binder, 1993)	2
Subtotal	38
Core Conflictual Relationship Theme/Relationship Anecdotes Paradigm* (Barber, Luborsky, Crits-Christoph & Diguier, 1995; Barber, Luborsky, Crits-Christoph & Diguier, 1995)	2
Diagnostic Interview Schedule (Reynolds, Stiles, Barkham, Shapiro, Hardy & Rees, 1996)	1
“Geral” (estruturadas/semi-estruturadas) (Brom, Kleber & Defares, 1989; Horowitz, Rosenberg & Bartholomew, 1993; Horowitz, Rosenberg, Ureño, Kalehzan & O’Halloran, 1989)	3
NIMH Diagnostic Interview Schedule (Henry, Schacht, Strupp, Butler & Binder, 1993; Hilliard, Henry & Strupp, 2000)	2

Quadro 7. Instrumentos de avaliação psicológica mais utilizados no PP.

Instrumentos	F
Arthritis Impact Measurement Scales (Poulsen, 1991)	1
Child Behavior Check-List (Muratori, Picchi, Casella, Tancredi, Milone & Patarnello, 2002)	1
Children's Global Assessment Scale (Muratori, Picchi, Casella, Tancredi, Milone & Patarnello, 2002)	1
Global Assessment Scale (Høglend, 1988; Høglend, 1996; Høglend & Heyerdahl, 1994; Høglend, Sørbye, Fossum & Engelstad, 1992; Husby, 1985c)	5
Problem Appraisal Scale (Armstrong, Yasuna & Hartley, 1981)	1
Symptom Checklist – 90 e Symptom Checklist – 90-R (Barth, Nielsen, Haver, Havik, Mølsted, Rogge & Skåtun, 1988; Nielsen, Barth, Haver, Havik, Mølsted, Rogge & Skåtun, 1988; Poulsen, 1991)	3
Toronto Alexithymia Scale (Poulsen, 1991)	1
Yalom's Curative Factors Q-Sort (Poulsen, 1991)	1
Subtotal	14
Semi-Estruturadas de Follow-Up (Høglend, 1988; Husby, 1985a; Husby, 1985b; Meyer, Stuhr, Wirth & Ruster, 1988)	4
“Geral” (estruturadas/semi-estruturadas) (Barth, Nielsen, Havik, Haver, Mølsted, Rogge, Skåtun, Heiberg & Ursin, 1988; Poulsen, 1991; Sifneos, Apfel, Bassuk, Fishman & Gill, 1980)	3
Problem-Oriented Interview (Husby, 1985c; Husby, Dahl, Dahl, Heiberg, Olafsen & Weisæth, 1985)	2
Schedule for Affective Disorders and Schizophrenia for School Aged Children (Muratori, Picchi, Casella, Tancredi, Milone & Patarnello, 2002)	1
Specific Internal Predisposition (Sifneos, 1984; Sifneos, Apfel, Bassuk, Fishman & Gill, 1980)	2
Subtotal	12
Beck Depression Inventory (Poulsen, 1991)	1
Freiburger Personality Inventory (Meyer, Stuhr, Wirth & Ruster, 1988)	1
Minnesota Multiphasic Personality Inventory (Armstrong, Yasuna & Hartley, 1981; Barth, Nielsen, Haver, Havik, Mølsted, Rogge & Skåtun, 1988; Nielsen, 1990; Nielsen, Barth, Haver, Havik, Mølsted, Rogge & Skåtun, 1988)	4
Rorschach (Barth, Nielsen, Haver, Havik, Mølsted, Rogge & Skåtun, 1988)	1
Social Anxiety List (Meyer, Stuhr, Wirth & Ruster, 1988)	1
Subtotal	8
“Geral” (Meyer, Stuhr, Wirth & Ruster, 1988; Poulsen, 1991)	2
Subtotal	2
Total	36

Observação: Neste momento, se optou pela descrição de todos os sobrenomes dos autores, mesmo quando a norma técnica sugeria para usar o “& cols.”. Isso se deveu somente para facilitação da busca por eventuais leitores que somente tenham interesse pelo item Instrumentos de Avaliação Psicológica.

de caso intensivos e pesquisas meta-analíticas, estes ocorridos com baixa frequência. As definições das categorias elencadas encontram-se no Anexo 3.

Na produção nacional, portanto, não foram detectados estudos em que se utilizou metodologia experimental, quasi-experimental, de estudo de caso intensivo, nem de meta-análise.

No EP os estudos empíricos (N=6) surgem na segunda década analisada e se trataram de trabalhos com metodologia do tipo levantamento e correlacional (33,3% e 66,7%, respectivamente), sendo que estes últimos delineamentos também marcaram a produção geral desse periódico (Tabela 33).

No JBP resultados idênticos ao do EP foram observados na década de 1980 (N=3), sendo 33,3% levantamentos e 66,7% correlacionais. Tanto na próxima década, quanto no geral este último delineamento também foi predominante (Tabela 33).

Esses resultados fizeram com que a produção empírica nacional fosse essencialmente constituída por estudos do tipo correlacionais, seja na análise por décadas, seja na análise geral (N=7), em todos os casos com aproximadamente 70,0% em relação ao total (Tabela 33).

Como já assinalado, no EP os estudos correlacionais foram a maioria, sendo dois deles de validade preditiva da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO) (Yoshida, 1991a, 1991b), um que relacionou critérios de indicação para PBP com uso de diferentes estratégias terapêuticas (Yoshida & cols., 1993) e outro, de traçado de perfil e de queixas de crianças encaminhadas para PBP (Yoshida & cols., 1994).

Por exemplo, em Yoshida e cols. (1993) verificaram que pacientes com maiores recursos adaptativos, isto é, com funções egóicas mais preservadas, lidavam melhor com situações ansiógenas, toleravam mais frustrações e enfrentavam melhor o trabalho terapêutico. Num dos outros estudos correlacionais, Yoshida e cols. (1994) constataram que as queixas dos pais com relação a seus filhos não eram diferentes entre si, quando considerada a variável sexo.

Exemplo de pesquisa do tipo levantamento no EP seria o de Rezende e Botega (1998), em que analisaram depoimentos de mulheres portadoras de câncer de mama, integrantes de grupo de apoio psicológico, com finalidade de investigar principais fantasias inconscientes, sob a ótica da teoria kleiniana. Verificaram que a abordagem grupal proporcionou às pacientes maior proximidade no que se referia a essas fantasias e conseqüente atenuação das mesmas, na medida em que compartilhadas com outras. Para tanto, após momento de entrevista inicial para colher histórico de vida e esclarecer objetivos da pesquisa, gravou-se os encontros em áudio e em concomitante houve registro por parte de um observador. O material

coletado foi analisado em várias etapas, desde discussão das sessões, análise do material transcrito e supervisão clínica da dinâmica do grupo.

Tabela 33. Delineamento metodológico dos estudos empíricos do EP, do JBP e do conjunto produção nacional, por década e no geral.

Década	Delineamento	EP		JBP		Total	
		F	%	F	%	F	%
1980	Levantamento	--	--	1	33,3	1	33,3
	Correlacional	--	--	2	66,7	2	66,7
	Quasi-Experimental	--	--	--	--	--	--
	Experimental	--	--	--	--	--	--
	Outros Delineamentos	--	--	--	--	--	--
	Total	--	--	3	100	3	100
1990	Levantamento	2	33,3	--	--	2	28,6
	Correlacional	4	66,7	1	100	5	71,4
	Quasi-Experimental	--	--	--	--	--	--
	Experimental	--	--	--	--	--	--
	Outros Delineamentos	--	--	--	--	--	--
	Total	6	100	1	100	7	100
Geral (1980-1999)	Levantamento	2	33,3	1	25,0	3	30,0
	Correlacional	4	66,7	3	75,0	7	70,0
	Quasi-Experimental	--	--	--	--	--	--
	Experimental	--	--	--	--	--	--
	Outros Delineamentos	--	--	--	--	--	--
	Total	6	100	4	100	10	100

Cordioli (1986a) seria exemplo de estudo correlacional no JBP. Verificou, em amostra de 24 pacientes, que psicoterapias dos que tiveram melhores resultados tinham maior número de sessões e maior duração do que a daqueles com menor aproveitamento, que tiveram menor número de sessões e menor duração. Constatou, ainda, que pacientes mais velhos se beneficiaram mais quando comparados aos mais novos, e também que melhor qualidade da relação estabelecida entre paciente-terapeuta estava associada a melhores resultados nos processos.

O mesmo autor, num desdobramento do estudo anterior (Cordioli, 1986b), distribuiu pacientes de acordo com seus graus de aproveitamento em três grupos distintos (pacientes com resultados importantes, parciais e mínimos/nulos) e descreveu as principais características de cada um destes. Confirmou, dentre outras, conclusão obtida no primeiro estudo da série: embora não sendo o único fator a ser considerado, a qualidade da relação paciente-terapeuta determinou a influência positiva que a PBP pode ou não desempenhar no paciente. Este seria um exemplo de pesquisa do tipo levantamento encontrada no JBP.

Lima e cols. (1993) estudaram pacientes submetidos à psicoterapia breve grupal dinâmica (PBGD). A avaliação dos pacientes foi realizada antes do início e após o término da PBGD, através da Escala de Hamilton para Ansiedade. Distribuíram os pacientes aleatoriamente em três grupos, sem que houvesse diferenciação em grupos controle e experimental. Por exemplo, em todos os grupos co-existiam pacientes sem uso de medicação, com uso de medicação e cujo uso de medicação foi interrompido durante o tratamento, isto é, todos os grupos foram tratados de acordo com a mesma técnica. Por essas razões essa produção foi classificada como correlacional, e não um quasi-experimento. Um quasi-experimento seria caracterizado se cada grupo, ou ao menos um, tivesse sido tratado de forma diferente e a questão a ser respondida seria se esta diferença influenciaria os resultados.

Na primeira década analisada os estudos do JCCP foram predominantemente correlacionais (66,7%), contrastando com predomínio de experimentos encontrados na década de 1990 (64,3%). Considerando-se a parcialidade dos dados referentes aos anos 2000, o único estudo ali observado foi correlacional. No geral, a produção do periódico estadunidense foi marcada por estudos experimentais (55,5%) (Tabela 34).

No PP resultado semelhante ao do JCCP foi observado na década de 1980, tendo, portanto, havido predomínio de estudos correlacionais (75,0%). Na próxima década houve distribuição bastante homogênea entre os vários tipos de delineamento, sendo mais freqüentes, entretanto, novamente pesquisas correlacionais (33,3%). Também se considerando a parcialidade dos resultados referentes à última década analisada, o único estudo ali verificado tratou-se de um quasi-experimento. No geral da produção veiculada no periódico europeu, verificou-se predomínio de estudos correlacionais (60,9%) (Tabela 34).

No conjunto geral da produção estrangeira, entre 1980 e 2002, verificou-se freqüência significativamente superior de produções com delineamento metodológico correlacional (48,8%) [$\chi^2(4, N=41)=32,02, p<0,001$] (Tabela 34).

Esse resultado geral indica que, embora a produção empírica nacional tenha sido numericamente inferior à estrangeira, ambas se equipararam no predomínio de estudos correlacionais. Naturalmente, nessa leitura não se pode desconsiderar o fato de na amostra de artigos nacionais não terem sido constatados experimentos e quasi-experimentos, duas tipologias de pesquisa que requerem controle e manipulação de variáveis bastante rigorosos (por exemplo, Aveline, Shapiro, Parry & Freeman, 1995; Hsu, 1989).

Seria exemplo de experimento no JCCP o de Brom e cols. (1989). Selecionaram 112 pacientes com diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático e os alocaram randomicamente em quatro grupos. No primeiro, empregaram tratamento psicodinâmico; no

segundo, hipnoterapia; e no terceiro, dessensibilização de trauma (trauma desensitization). O último grupo, o controle, foi composto por pessoas que permaneceram em fila de espera. Os tratamentos tiveram duração média de 16 sessões. Foi utilizada uma bateria de medidas psicológicas antes, depois e três meses depois do tratamento (follow-up); o grupo controle foi medido antes e depois do período de espera (quatro meses). Os dados indicaram que os casos em que algum tratamento foi dispensado mostraram ganhos significativamente superiores na diminuição sintomática relacionada aos traumas do que o observado no grupo de fila de espera.

Tabela 34. Delineamento metodológico dos estudos empíricos do JCCP, do PP e do conjunto produção estrangeira, por década e no geral.

Década	Delineamento	JCCP		PP		Total	
		F	%	F	%	F	%
1980	Levantamento	--	--	--	--	--	--
	Correlacional	2	66,7	12	75,0	14	73,7
	Quasi-Experimental	--	--	2	12,5	2	10,5
	Experimental	1	33,3	2	12,5	3	15,8
	Outros Delineamentos	--	--	--	--	--	--
	Total	3	100	16	100	19	100
1990	Levantamento	--	--	1	16,6	1	5,0
	Correlacional	3	21,4	2	33,3	5	25,0
	Quasi-Experimental	1	7,1	1	16,6	2	10,0
	Experimental	9	64,3	1	16,6	10	50,0
	Outros Delineamentos	1	7,1	1	16,6	2	10,0
	Total	14	99,9	6	99,7	20	100
2000	Levantamento	--	--	--	--	--	--
	Correlacional	1	100	--	--	1	50,0
	Quasi-Experimental	--	--	1	100	1	50,0
	Experimental	--	--	--	--	--	--
	Outros Delineamentos	--	--	--	--	--	--
	Total	1	100	1	100	2	100
Geral (1980-2002)	Levantamento	--	--	1	4,3	1	2,4
	Correlacional	6	33,3	14	60,9	20	48,8
	Quasi-Experimental	1	5,5	4	17,4	5	12,2
	Experimental	10	55,5	3	13,0	13	31,7
	Outros Delineamentos	1	5,5	1	4,3	2	4,9
	Total	18	99,8	23	99,9	41	100

Horowitz e cols. (1993) analisaram a relação existente entre problemas interpessoais, estilos de apego (attachment), e resultados em PBP de adultos. Os estilos de apego na vida adulta tiveram correspondência com diferentes tipos de problemas interpessoais, haja visto que padrões de relacionamento estabelecidos no passado tendem a repercutirem nas relações

presentes. As variáveis estilos de apego e problemas interpessoais estavam relacionadas, ainda, à habilidade que as pessoas tinham para descrever outras claramente, isto é, pacientes mais bem sucedidos descrevem pessoas significativas de modo mais detalhado do que outros pacientes, que o fazem de modo menos detalhado. Este seria um exemplo de estudo correlacional encontrado no JCCP.

Único exemplo quasi-experimento constatado no JCCP foi o de Henry, Strupp e cols. (1993). A fim de estudarem os efeitos do treino na PBP, realizaram estudo com 16 terapeutas, os quais participaram de programa de treinamento manualizado (manualized training). As mudanças no comportamento dos terapeutas foram mensuradas através de bateria de instrumentos antes e depois dos treinos. Quando comparados os dados nos diferentes momentos, verificaram que, embora os terapeutas estivessem afinados em relação ao modelo de terapia proposto, os efeitos do treino guiado por manual não se mostraram necessariamente positivos. A noção de que a terapia é melhor especificada ou controlada tomando-se como critério a aderência do terapeuta a uma determinada técnica não teve sustentação empírica. Este estudo teve seguimento publicado no mesmo volume, um experimento realizado junto aos mesmos terapeutas (Henry, Schacht & cols., 1993).

No JCCP não foram observados estudos com desenho do tipo levantamento, e em contrapartida nele foi constatado o único estudo com delineamento do tipo meta-analítico (Svartberg & Stiles, 1991). Estes autores revisaram 19 estudos clinicamente relevantes de comparação de resultados, publicados entre 1978 e 1988, em que resultados de PBP eram comparados com obtidos (a) com grupos controle sem tratamento e (b) com psicoterapias alternativas.

Dentre os vários pontos levantados, Svartberg e Stiles concluíram que no total, as PBP mostraram-se pouco, porém significativamente superiores em resultados, quando comparadas àqueles obtidos por grupos controle, e pouco, mas significativamente inferiores que terapias alternativas, em ambos os casos com medidas realizadas após tratamento. Também levantaram evidências de que outras psicoterapias foram preferíveis no tratamento de depressão e em particular que a terapia cognitivo-comportamental foi mais efetiva nos casos de depressão maior.

No PP seriam exemplos de estudos correlacionais os de Mohl e cols. (1982) e o de Høglend e Heyerdahl (1994). No primeiro deles realizou-se monitoramento da fisiologia cardiovascular em voluntários, em paralelo à ocorrência da PBP, utilizando-se para análise instrumentos médicos associados a avaliações de juízes. Os dados indicaram que pacientes mais envolvidos no processo terapêutico podiam ter mais benefício da psicoterapia, obtendo

melhores resultados, e que isso podia estar associado com aumento da resistência cardiovascular. No caso de Høglend e Heyerdahl (1994), verificaram que quanto mais circunscrito o foco em torno de um conflito, maior era a possibilidade de se beneficiar de mudanças psicodinâmicas quatro anos após a terapia.

Sifneos (1984) é autor de artigo que focaliza PBP com pacientes com sintomatologia física no PP. Numa amostra de 48 pacientes, designou 35 deles no grupo experimental, que foram atendidos imediatamente, e os 13 demais constituíram grupo controle, que esperou entre dois a seis meses para atendimento. Ambos os grupos foram avaliados por dois terapeutas e fizeram parte de entrevista de follow-up. Ao final do período, os resultados obtidos na psicoterapia pelo grupo experimental e o controle foram comparados, utilizando-se critérios objetivos, que incluíam mudanças nos sintomas físicos e psicológicos, nas relações interpessoais, na auto-estima, no auto-entendimento, dentre outros. Constatou que apenas um dos pacientes não se beneficiou do processo, com permanência de sintomas físicos; os demais obtiveram ganhos tanto sintomáticos quanto psicológicos. Este estudo seria exemplo de quasi-experimento, porque não houve randomização na distribuição dos participantes.

Como único exemplo de pesquisa do tipo levantamento constante tanto da amostra do PP, quanto da estrangeira como um todo, tem-se a de Eizirik e cols. (1991). Relataram seis casos tratados com PBP, com ênfase na identificação de reações contratransferenciais ocorridas no início dos tratamentos e que o permearam por todo o tempo. Descreveram metodologia qualitativa utilizada em análise retrospectiva e discutiram suas vantagens e dificuldades, tendo como suporte sessões gravadas em áudio. Os casos eram avaliados em separado e seqüencialmente, durante encontros com duração de 90 minutos. Os relatos dos terapeutas eram lidos no início e o grupo tentava identificar fenômenos contratransferenciais específicos, amparado em discussões exaustivas. A partir disso, observaram a existência de um padrão básico de respostas emocionais do terapeuta, estabelecendo o que nomearam como “foco contratransferencial”.

Poulsen (1991) realizou experimento com pacientes portadoras de doenças reumáticas, atendidas em PBP grupal, que foram randomicamente distribuídas em grupo controle e experimental. A atenção da autora se voltou para resultados qualitativos, avaliados em acordo com as percepções das participantes sobre o que mais as ajudou no grupo. Verificou prevalência de Alexithymia nas pacientes reumáticas e que alívio de características alexitímicas foram possibilitadas através da PB grupal.

O trabalho de Nielsen (1990) se tratou da única pesquisa com metodologia do tipo estudo de caso intensivo em toda a produção analisada, nacional e estrangeira em conjunto.

Aplicou PBP em dois casos de insônia. Descreveu tratamentos empregados em ambos os casos e apresentou efeitos da terapia obtidos em curto e longo prazo (follow-up). Integrou técnicas e procedimentos psicodinâmicos, cognitivos e comportamentais (interpretação, hipnose, técnicas para melhora da qualidade do sono, auto-relato diário sobre o próprio sono etc). Considerando-se as limitações metodológicas de um estudo com o desenho deste, o autor concluiu que sua proposta de PB integrativa mostrou-se mais efetiva que outras para tratamento de insônia.

Embora a existência de pesquisas com delineamento do tipo estudo de caso intensivo e meta-analítico não tenha sido observada na amostra de periódicos nacionais, levantamento complementar constatou trabalhos com essas metodologias já publicados (por exemplo, Yoshida, 2000b) e submetidos para publicação (cf. Mello, 2004, p.127).

No que diz respeito especificamente aos estudos intensivos de caso, vale observar que se tratam de modalidade de pesquisa em estado germinal. Serralta e Streb (2003) situam-na numa quarta e última geração de estudos empíricos em psicoterapia psicanalítica e psicanálise, que tem recebido maior destaque do início dos anos 1990 até os dias atuais. Pode-se dizer que se trata de um refinamento metodológico dos estudos de caso freudianos; ela investiga em profundidade a relação entre eventos ocorridos na sessão ao longo do tempo, com suporte em gravações de áudio e vídeo.

A propósito, a primeira geração de estudos empíricos foi marcada por pesquisas do tipo levantamento (survey), e desenvolveu-se entre 1917 até o final dos anos 1960. A segunda correspondeu a estudos prospectivos, que através de múltiplas medidas, comparavam resultados obtidos em diferentes modalidades de psicoterapia (por exemplo, psicanálise standard versus psicoterapia). A terceira geração conjugava avaliações do processo aos resultados terapêuticos através de várias medidas consideradas através do tempo. As duas últimas gerações de pesquisa são contemporâneas uma em relação à outra, originando-se no final dos anos 1960.

Essa divisão das pesquisas empíricas em “gerações” corresponde, entretanto, a uma visão de conjunto mais facilmente constatada na amostra de periódicos estrangeiros aqui analisados. A esse propósito revisão empreendida por Abreu e cols. (2000) verificou poucos estudos brasileiros sobre avaliações quantitativas de processos e resultados de psicoterapias, embora tenham percebido incremento na área.

Serralta e Streb (2003) acreditam que a ausência de estudos empíricos simbolize resistências à pesquisa clínica na realidade brasileira, bem como na América Latina como um todo, onde são pouco difundidas. Dificuldades na operacionalização de conceitos

psicanalíticos, crença de que processos envolvidos na díade paciente-terapeuta somente fazem sentido para quem os vivencia e outras questões culturais a envolver a formação do psicoterapeuta brasileiro são alguns dos argumentos que fortalecem o distanciamento existente entre “prática” e “pesquisa” clínica.

Tipo de dificuldade semelhante também foi constatado no estudo de Cheniaux Júnior, Duarte e Almeida (2002), em que analisaram três periódicos de psicanálise, dois estrangeiros (International Journal of Psychoanalysis e Journal of the American Psychoanalytical Association) e um nacional (Revista Brasileira de Psicanálise). No brasileiro estudos empíricos foram inexistentes e nos demais a frequência foi baixa. Nesse sentido, o baixo índice de pesquisas empíricas percebidas no campo das psicoterapias de modo geral, principalmente na realidade latino-americana, como exemplificam os mencionados estudos de Serralta e Streb (2003) e Cheniaux Júnior e cols. (2002), remete a pontos que merecem maior atenção.

Ao se discutir os delineamentos de pesquisa e nesse sentido procurar-se estabelecer comparações entre a produção nacional e a estrangeira, há que se considerar o quanto a decisão por um ou outro tipo deles depende de várias condições. Muitas delas são de natureza prática, que compreendem desde tempo e recursos financeiros disponíveis para a execução da pesquisa, até aspectos referentes à formação dos psicoterapeutas envolvidos, número de integrantes do grupo de pesquisa e características das instituições nas quais estes se afiliam, dentre outros.

Verificou-se em análises anteriores (cf. itens Autores e Afiliação Institucional e Tipos de Autoria) que grupos de pesquisa de autores dos periódicos nacionais são em menor número e composto por menos pessoas quando em comparação aos estrangeiros. Igualmente, é sabido que nos EUA e na Europa a pesquisa é, por tradição, “institucionalizada”, de modo que ser mestre e/ou doutor é pré-requisito para o exercício da psicoterapia (por exemplo, Kryspin-Exner, 2001).

Isso ainda não é percebido com clareza em países em desenvolvimento. Mesmo o número de pesquisadores no Brasil tendo crescido principalmente na última década e mesmo constatando-se tendência a que a continuidade de estudos em nível de pós-graduação strictu sensu seja tida como requisito profissional em breve, tal como sinalizam tendências impulsionadas pela criação recente da Associação Brasileira de Psicoterapia (Conselho Federal de Psicologia, 2004a, 2004b), a parcela de profissionais titulados é incipiente.

Outras condições a serem consideradas e igualmente relevantes para se discutir delineamentos metodológicos dos estudos passam pelo já referido tópico formação do

psicoterapeuta. Elas dizem respeito às questões que podem ser consideradas teóricas ou epistemológicas, já que a escolha de uma determinada metodologia de pesquisa em detrimento de outra se relaciona com a visão de homem e por conseqüência com o modelo teórico-técnico que embasa a atuação do pesquisador clínico.

Considerando-se, portanto, esses aspectos práticos e de formação do pesquisador, e considerando-se questões já assinaladas sobre o desenvolvimento de grupos de pesquisa ser fenômeno mais recente na realidade brasileira e que estes estão em expansão, acredita-se que em curto intervalo de tempo a produção nacional apresente resultados de pesquisa decorrentes de pesquisas mais sofisticadas do ponto de vista metodológico e também que receberá incremento quantitativo. Todavia, há que ser ressaltado que sofisticação metodológica em âmbito clínico não é sinônimo de condução de experimento ou quasi-experimento (por exemplo, Mello, 2004; Osório, Berlim, Mattevi & Duarte, 2003).

Tocar nos “limites” das metodologias experimentais em contraposição às correlacionais e quasi-experimentais no contexto clínico passa por outros aspectos bastante enfatizados por autores da área, que seriam os referentes à eficácia e eficiência das psicoterapias (por exemplo, Fonagy, 2005; Osório & cols., 2003; Yoshida, 1998). Os primeiros seriam controlados no sentido clássico, com manipulação de uma ou mais variáveis, e seriam realizados em laboratórios e/ou em instituições (ensaios clínicos aleatórios/randomized clinical trial). Os demais seriam desenvolvidos com pacientes que receberam tratamentos “naturais”; contemplam, assim, situações da clínica cotidiana e suas vicissitudes.

Embora estudos correlacionais não permitam estabelecimento de relações causais entre variáveis estudadas, essa tipologia de pesquisa permanece útil e provavelmente será mantida como “preferencial” por pesquisadores clínicos, já que não dependem de manipulações de variáveis que às vezes podem ser condenáveis do ponto de vista ético, dentre outras. Por exemplo, até quando é viável a manutenção de pacientes numa fila de espera, ou submetê-los a tratamentos do tipo placebo, para que se efetue comparações destes com grupos experimentais?

Ademais, as condições “naturalistas” em que pesquisas correlacionais se desenvolvem podem ser tomadas como indicadores do quanto determinados resultados podem ou não ser transpostos para a prática clínica cotidiana. Nesse sentido Nunes e Lhullier (2003) complementam: “... a psicoterapia na prática clínica, primariamente, busca uma melhora no funcionamento geral, mais do que redução de sintomas” (p.108). O alívio no “funcionamento global” do indivíduo, essencial num processo de oferta e procura de ajuda profissional, não

necessariamente é contemplado em estudos altamente controlados, que tendem a centrar maior atenção ao alívio sintomático.

Em síntese, as tendências observadas na comparação das pesquisas das amostras nacional e estrangeira, apresentaram divergências metodológicas que apontaram para distinções qualitativas, estando as estrangeiras mais afinadas às tendências de psicoterapias empiricamente fundamentadas (empirically supported treatments).

Araújo e Wiethaeuper (2003), ao tecerem considerações gerais em torno das atuais correntes predominantes da pesquisa em psicoterapia, favorecem o arremate desse tópico de discussão: “... talvez se tenha que trabalhar para que os delineamentos de pesquisa utilizados preferencialmente no Brasil tenham o rigor necessário a fim de conseguir futuramente estabelecer uma tradição própria de pesquisa.” (p.44-45).

O que se coloca e há que se considerar muito atentamente é que na realidade brasileira se desenvolva uma tradição de pesquisas, a ponto de se poder dizer que há igualmente uma “identidade” própria, menos balizada por estudos e metodologias desenvolvidos em centros estrangeiros. Com isso não se procura dizer que iniciativas desta natureza não tenham sido desenvolvidas, isso seria ingênuo e contraditório em relação ao que já foi apresentado ao longo do texto, mas apenas que o desenvolvimento de “mais” iniciativas seria oportuno e profícuo, sobretudo porque a obtenção de qualidade nos cuidados à saúde das pessoas que procuram por ajuda depende disso.

Discutir metodologias e outros aspectos relacionados ao pesquisar em PBP, portanto, não se trata de mera especulação teórica ou epistemológica; trata-se, outrossim, de dever do profissional que deseja prestar cuidados. Além disso, o desconhecimento dos progressos no campo da “... pesquisa em psicoterapia pode contribuir para a manutenção de procedimentos ineficientes, por um lado, e para a lenta incorporação, na prática clínica, dos procedimentos validados pela investigação empírica, por outro” (Serralta & Streb, 2003, p.59). Neste momento a discussão passa por questões concernentes ao atual sistema educacional brasileiro e em especial ao superior. É sobejamente sabido que ele tem sido marcado por sucateamento, o que “compromete” – na base – intenções de “bem cuidar”. Mas isso seria matéria para “outra conversa”.

Sendo assim, avaliar modelos teóricos subjacentes às diversas propostas de pesquisa e intervenção relatadas mostra-se fator de relevo para continuidade da análise qualitativa da produção em PBP, o que se dará no próximo item.

3.12 Modelo Teórico das Produções

A análise dos modelos teóricos foi realizada tomando-se as seguintes categorias em consideração: 1. modelo impulsivo-estrutural; 2. modelo relacional; 3. modelo integrativo; 4. mais de um modelo teórico; e 5. modelo teórico inespecífico.

A quarta categoria somente foi necessária na amostra de artigos estrangeiros e se referia a trabalhos em que, de fato, havia a co-existência de vários modelos teóricos, normalmente trabalhos de comparações de resultados de psicoterapias de diferentes enfoques teóricos (por exemplo, Barth, Nielsen, Havik & cols., 1988; Gaston & cols., 1988; Meyer, Stuhr, Wirth & Ruster, 1988; Stiles & cols., 1998).

A categoria 5 foi criada para contemplar aqueles casos em que não se conseguiu especificar o modelo teórico subjacente, ou por falta de informações no texto (por exemplo, Londen, 1981; Mohl & cols., 1982) ou quando a classificação seria impertinente pelo fato de os autores fazerem apanhado geral do que constituiu a área investigada (por exemplo, Appolinário, 1990; Blanchard & Scharff, 2002; Svartberg & Stiles, 1991).

Sendo assim, no EP a única produção da década de 1980 foi classificada no modelo relacional, na próxima década trabalhos com referencial integrativo foram mais frequentes (55,6%). No geral do periódico campineiro, houve certa homogeneidade na distribuição da produção classificada nos modelos relacional e integrativo (40,0% e 50,0%, respectivamente) (Tabela 35).

Na primeira década analisada o JBP teve sua produção classificada de modo homogêneo entre as diversas categorias, havendo certo destaque para trabalhos com referenciais nos modelos impulsivo-estrutural e relacional (33,3% cada). Na década de 1990 houve concentração de trabalhos cujo modelo teórico foi integrativo (55,6%). Na análise geral, observou-se distribuição homogênea de trabalhos classificados nos modelos integrativo (38,9%) e impulsivo-estrutural (33,3%) (Tabela 35).

Na análise por década dos periódicos nacionais, houve predomínio de trabalhos classificados no modelo relacional nos anos 1980 (40,0%), sendo na década de 1990 produções no modelo integrativo mais frequentes (55,6%). Na análise do conjunto geral da produção nacional, observou-se distribuição homogênea de artigos classificados nos diversos modelos [$\chi^2(3, N=28)=7,14, p>0,05$] (Tabela 35).

Ao se analisar a produção nacional em conjunto, verificou-se a inexistência de um determinado modelo teórico balizando-a em predomínio quando em relação a outros. Como a produção do EP decorre em grande parte dos trabalhos desenvolvidos no NEPPB, grupo em funcionamento entre 1987 e 2000, período que engloba a quase totalidade das publicações

sobre PBP deste periódico, é possível compreender o porquê de na década de 1990 o modelo integrativo ter sido mais freqüente.

Tabela 35. Modelo teórico dos artigos do EP, do JBP e do conjunto da produção nacional, por década e no geral.

Década	Modelo Teórico	EP		JBP		Total	
		F	%	F	%	F	%
1980	Impulsivo-Estrutural	--	--	3	33,3	3	30,0
	Relacional	1	100	3	33,3	4	40,0
	Integrativo	--	--	2	22,2	2	20,0
	Mais de Um	--	--	--	--	--	--
	Inespecífico	--	--	1	11,1	1	10,0
	Total	1	100	9	99,9	10	100
1990	Impulsivo-Estrutural	1	11,1	3	33,3	4	22,2
	Relacional	3	33,3	--	--	3	16,7
	Integrativo	5	55,6	5	55,6	10	55,6
	Mais de Um	--	--	--	--	--	--
	Inespecífico	--	--	1	11,1	1	5,5
	Total	9	100	9	100	18	100
Geral (1980-1999)	Impulsivo-Estrutural	1	10,0	6	33,3	7	25,0
	Relacional	4	40,0	3	16,7	7	25,0
	Integrativo	5	50,0	7	38,9	12	42,9
	Mais de Um	--	--	--	--	--	--
	Inespecífico	--	--	2	11,1	2	7,1
	Total	10	100	18*	100	28	100

*N=18 porque no artigo de entrevista o modelo teórico não foi analisado.

Nos trabalhos produzidos por autores do NEPPB percebe-se forte influência de autores de modelo relacional, mas há propostas de integração de aspectos teóricos e/ou técnicos psicodinâmicos com os de outras abordagens (Yoshida, 2004).

Seria exemplo de artigo do EP classificado no modelo relacional o de Rossini (1985). No início deste texto há especificação de que o modelo adotado é baseado nas propostas de David Malan: “O presente estudo foi realizado tendo como pressuposto o modelo teórico apresentado por Malan (...) analisando os casos com o auxílio do Teste de Relações Objetivas de H. Phillipson.” (p.122). Se considerada a primeira frase transcrita, seria o caso de classificar a produção no modelo impulsivo/estrutural. Contudo, na próxima frase, em que relata utilizar o TRO, e no restante do texto há ênfase em discussões sobre relações objetivas dos pacientes avaliados. Neste sentido, determinou-se que a categoria modelo relacional era mais condizente com o teor do artigo.

Yoshida e cols. (1993) foi exemplo de produção classificada no modelo integrativo. Um primeiro fator considerado foi os próprios autores, vinculados ao NEPPB. Na pesquisa relatada, há indícios de que integram técnicas de vários autores em sua proposta. Por exemplo, ao descreverem o tipo de atendimento realizado, citam autores considerados integrativos: “Respaldados nos trabalhos de (...) KNOBEL (1986); FIORINI (1976) e SIMON (1983), o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve (...) iniciou atendimento à comunidade, tendo como um de seus objetivos, o desenvolvimento de estratégias terapêuticas compatíveis com a realidade brasileira...” (Yoshida & cols., 1993, p.55). Mais adiante, citam autores do modelo relacional: “A etapa psicodiagnóstica (...) consiste da delimitação do foco da terapia em termos de comportamentos observáveis, segundo sugestão dos autores BINDER, HENRY e STRUPP...” (p.55). E em seguida novamente especificam influência de proposta de Fiorini, considerando-se as estratégias terapêuticas de apoio, de esclarecimento e psicanalítica.

O único trabalho do EP classificado no modelo impulsivo estrutural foi o de Raffaelli (1993). Tratou-se de trabalho teórico, onde a discussão centrou-se em aspectos históricos e em pioneiros da psicanálise (Sigmund Freud, Sandor Ferenczi, Wilhelm Reich) e da PBP (Franz Alexander e Thomas French), especialmente em autores da primeira geração (cf. Yoshida, 2004), como Edmond Gilliéron, Michael Balint e David Malan. Sendo assim, porque há marcos teóricos claros essa produção não foi classificada como de modelo teórico inespecífico.

No JBP a análise geral demonstrou serem estudos classificados no modelo integrativo como mais frequentes. Esse resultado era de certo modo esperado, já que psiquiatras ministram medicamentos aos pacientes em tratamento e nos artigos focalizados o fizeram em conjunto com outras técnicas psicoterapêuticas. (por exemplo, Galvão & Barreto, 1983; Guimarães & cols., 1990; Lima & cols., 1993). Uma outra explicação possível para isso é o fato de Vera Lemgruber ter sido autora de 21,0% dos artigos deste periódico (N=4) e, com exceção de um deles, situado no início de sua produção acadêmica (Lemgruber, 1985), nos demais explicita e defende sua postura de integração medicamentosa à sua técnica terapêutica (Lemgruber, 1989, 1992, 1993), que passa a ser intitulada nos dias correntes como psicoterapia psicodinâmica breve integrada (Lemgruber & cols., 2004; ver também Lemgruber, 1997, 2000).

No JBP também foram acentuadas produções classificadas no modelo impulsivo-estrutural, indicando forte influência freudiana propriamente dita, sendo isso confirmado no fato de que Freud foi o autor mais citado nos artigos (N=16; cf. Autores mais Citados nos Periódicos e Anexo 10), seguido de David Malan (N=15) e Peter Sifneos (N=9), sendo os dois

últimos amplamente reconhecidos pela ênfase atribuída a conflitos intrapsíquicos, essencialmente de natureza edípica, em suas propostas de PB. Em contrapartida, estes mesmos três autores foram citados também no EP (Malan=14; Freud=9; Sifneos=6), sem, contudo, verificar-se que neste periódico o modelo impulsivo-estrutural tenha sido adotado com freqüência entre seus autores.

No periódico carioca Engel (1985) seria exemplo de produção classificada no modelo impulsivo-estrutural. Em seu relato de experiência enfatizou análise de conflitos edípicos, ocorridos tanto no grupo de atendimento aos pacientes, quanto no de supervisão. Por exemplo:

A demorada ausência das terapeutas-mãe (...) havia incrementado, no grupo, as fantasias sobre a cena primária e o Édipo. A revolta do grupo se dirigia, portanto, contra o usurpador tirano que ‘exigia tanto e dava tão pouco’, que desfrutava dos prazeres (...) abandonando os filhos ao léu. Desta forma, o filicídio justificaria o parricídio e o incesto (Horda Primeva) (p.214).

Os aspectos técnicos foram mantidos num escopo “clássico”: Por exemplo:

... trata-se, antes, de saber que tipo de ajuda pode ser dada dentro de um tempo limitado por força das circunstâncias, sem que a técnica seja alterada em suas premissas fundamentais. (...) A técnica, portanto, permanece transferencial, mantém-se a regra de abstinência, visam-se o insight, o aumento da capacidade observadora do Ego e a produção, por seu intermédio, de mudanças no Superego (p.212; grifos nossos).

Exemplos de trabalhos do JBP classificados no modelo relacional seriam os já referidos de Cordioli (1986a, 1986b), em que associou a relação paciente-terapeuta aos resultados em PBP. Transferência e interpretação foram recursos utilizados para obtenção de insight e marcaram o referencial adotado, mas desde o título enfatizou também o papel da aliança terapêutica e em outros momentos o das reações contratransferenciais do terapeuta. Outros indícios auxiliares para definição do modelo teórico foram citações a autores como Winnicott e Luborsky, além do próprio nome da instituição à qual o autor se vinculava: Centro Psiquiátrico Melanie Klein.

O artigo de Ryad Simon (1996), um trabalho teórico, foi classificado no modelo integrativo. Nele o autor cria um caso para ilustrar os procedimentos terapêuticos que utilizaria numa paciente avaliada com a EDAO. Por exemplo, num determinado momento diz: “Isso seria cabível se estivesse aplicando uma abordagem estritamente psicanalítica. O que não é o caso no método que estou preconizando.” (p.407; grifo nosso). Mais adiante salienta a

possibilidade de integrar psicofármacos: “Se a paciente estiver drogaticta, uma ajuda psiquiátrica propiciaria a desintoxicação e reabilitação farmacológica.” (p.407). Ademais, a própria autoria do artigo mostrou-se claro indício de que o modelo teórico subjacente à proposta era integrativo (cf. Yoshida, 2004).

Além do já mencionado trabalho de Appolinário (1990), de natureza teórica, outro exemplo de produção onde não foi possível especificar-se o modelo teórico foi o de Tigre e cols. (1983). O enfoque centralizou-se essencialmente sobre a experiência em si, desenvolvida na modalidade de PB grupal com adolescentes e a sustentação teórica se deu sobre características desta etapa desenvolvimental e sobre características de psicoterapias grupais. A inferência de um modelo subjacente à proposta mostrou-se, assim, comprometida.

Na análise dos modelos teóricos da produção do JCCP, verificou-se, na década de 1980 (N=3), predomínio de trabalhos com mais de um modelo teórico (66,7%). Na segunda década houve predomínio significativo de produções classificadas no modelo relacional (58,8%) [$\chi^2(2, N=17)=7,24, p<0,05$]. Nos dois trabalhos referentes aos anos 2000 verificou-se um no modelo relacional e o outro, no inespecífico (revisão de literatura). No geral da produção do periódico norte-americano o modelo relacional concentrou frequência significativa (54,5%) [$\chi^2(2, N=22)=6,92, p<0,05$] (Tabela 36).

Observa-se que no JCCP não se classificou nenhum dos artigos nem como de modelo impulsivo-estrutural, nem como de modelo integrativo em todo o período analisado.

Na primeira década analisada da produção do PP, verificou-se concentração significativa de trabalhos classificados no modelo impulsivo-estrutural (65,2%) [$\chi^2(3, N=23)=20,29, p<0,001$]. Na década de 1990 50,0% da produção também foi referente a este modelo e nos anos 2000 classificou-se o único trabalho ali analisado como de modelo relacional (Tabela 36). Na análise geral da produção do periódico suíço observou-se concentração significativa de trabalhos cujo modelo teórico foi impulsivo-estrutural (60,0%) [$\chi^2(4, N=30)=30,32, p<0,001$] (Tabela 36).

Na análise da produção estrangeira por décadas, na de 1980 observou-se predomínio significativo de trabalhos classificados no modelo impulsivo-estrutural (57,7%) [$\chi^2(4, N=26)=25,89, p<0,001$]. Nas duas próximas décadas o modelo relacional foi o mais freqüente: 52,2% na de 1990 e 66,7% nos anos 2000, mas neste último caso deve-se considerar a limitação da amostra. Análise geral da produção estrangeira indicou frequência significativa de trabalhos classificados no modelo impulsivo-estrutural (34,6%) [$\chi^2(4, N=52)=17,01, p<0,01$] (Tabela 36).

Tabela 36. Modelo teórico dos artigos do JCCP, do PP e do conjunto da produção estrangeira, por década e no geral.

Década	Modelo Teórico	JCCP		PP		Total	
		F	%	F	%	F	%
1980	Impulsivo-Estrutural	--	--	15	65,2	15	57,7
	Relacional	1	33,3	--	--	1	3,8
	Integrativo	--	--	2	8,7	2	7,7
	Mais de Um	2	66,7	4	17,4	6	23,1
	Inespecífico	--	--	2	8,7	2	7,7
	Total	3	100	23	100	26	100
1990	Impulsivo-Estrutural	--	--	3	50,0	3	13,0
	Relacional	10	58,8	2	33,3	12	52,2
	Integrativo	--	--	1	16,7	1	4,3
	Mais de Um	6	35,3	--	--	6	26,1
	Inespecífico	1	5,9	--	--	1	4,3
	Total	17	100	6	100	23	99,9
2000	Impulsivo-Estrutural	--	--	--	--	--	--
	Relacional	1	50,0	1	100	2	66,7
	Integrativo	--	--	--	--	--	--
	Mais de Um	--	--	--	--	--	--
	Inespecífico	1	50,0	--	--	1	33,3
	Subtotal	2	100	1	100	3	100
Geral (1980-2002)	Impulsivo-Estrutural	--	--	18	60,0	18	34,6
	Relacional	12	54,5	3	10,0	15	28,8
	Integrativo	--	--	3	10,0	3	5,8
	Mais de Um	8	36,4	4	13,3	12	23,1
	Inespecífico	2	9,1	2	6,7	4	7,7
	Total	22	100	30	100	52	100

Seria exemplo de trabalho classificado em mais de um modelo teórico no JCCP o de Gaston e cols. (1988). Objetivaram relacionar características dos pacientes observadas no momento de pré-tratamento com o desenvolvimento da aliança terapêutica estabelecida nas modalidades de tratamento comportamental, cognitiva e PBP. Verificaram que nos três casos de psicoterapia o grau de defesa dos pacientes medido no pré-tratamento mostrou-se negativamente associado às suas capacidades de trabalho.

Do ponto de vista clínico, os dados trazidos por Gaston e cols. sugeriram, dentre outras questões, que junto a pacientes relutantes em lidar com seus problemas, a mais alta prioridade do terapeuta deveria ser despertá-los para a psicoterapia, trazendo às suas consciências suas resistências e frustrar estratégias de esQUIVA usadas para, em contrapartida, mobilizar colaboração ativa, de forma que se comprometam em seus processos e fortaleça-se a aliança de trabalho.

Estudos em que se verificou mais de um modelo teórico foram, no geral, aqueles em que se comparam resultados de psicoterapias de diferentes enfoques teóricos numa única pesquisa. Nesse sentido, o grupo liderado por William B. Stiles, da Miami University e com integrantes da University of Leeds no Reino Unido, como Michael Barkham e David Shapiro, dentre outros, desempenhou papel determinante com seus trabalhos originados do Second Sheffield Psychotherapy Project.

Por exemplo: Barkham e cols. (1996); Hardy e cols. (1998); Reynolds e cols. (1996); Stiles e cols. (1997); Stiles e Shapiro (1995) e Stiles e cols. (1998). Em todos estes casos comparam resultados de psicoterapia cognitivo-comportamental com psicoterapia interpessoal psicodinâmica de tempo limitado (time-limited psychodynamic-interpersonal), desenvolvida junto a pacientes deprimidos. No item Autores e Afiliação Institucional já havia sido observado que Stiles se tratou do autor que mais assinou produções do JCCP e o quinto ali mais citado nas referências (cf. Autores mais Citados nos Artigos).

Trabalhos classificados no modelo relacional no JCCP seriam exemplificados com os de Henry, Strupp e cols. (1993) e de Horowitz e cols. (1993). No primeiro deles, constituinte do Vanderbilt Psychotherapy Studies II, os autores relatam que nesta série de estudos os comportamentos dos terapeutas foram agrupados conceitualmente em duas categorias. Na primeira delas, avaliam-se mudanças nas intervenções, tais como “comportamentos na entrevista [interview behaviors] e uso de estratégias técnicas específicas” e na segunda “mudanças no processo interacional [interactional process], tais como nível de atividade e qualidade do comportamento interpessoal [interpersonal behavior]” (p.435). Mais adiante outro trecho ilustrou com clareza o modelo teórico: “... TLDP [time limited dynamic psychotherapy] enfoca no intensivo exame minucioso e no manejo de padrões interpessoais na relação terapêutica como um meio de mudança” (p.438).

Cabe, ainda, ressaltar que na classificação proposta por Messer e Warren (1995) Hans Strupp, Jeffrey Binder e colaboradores integrantes do grupo de Vanderbilt são alguns dos autores destacados como representantes do modelo relacional, juntamente com Luborsky e colaboradores integrantes do Penn Psychotherapy Project. Luborsky e Binder assinaram apenas dois dos artigos aqui analisados (Barber & cols., 1995; Barber & cols., 1996; Henry, Schacht & cols., 1993; Henry, Strupp & cols., 1993); entretanto, Strupp assinou quatro (além dos assinados com Henry e listados anteriormente, os seguintes: Hilliard & cols., 2000 e Strupp, 1993; cf. item Autores e Afiliação Institucional). Nesse sentido, o classificar das produções quanto aos modelos teóricos foi facilitado pela identificação da autoria das mesmas.

No caso de Horowitz e cols. (1993), desde o título (Interpersonal problems, attachment styles...) até o nome do inventário discutido/utilizado como medida de avaliação (Inventory of Interpersonal Problems) fica evidente o modelo relacional balizando a proposta. Em complemento, tratou-se de um dos únicos artigos em que houve um subitem na introdução teórica explicitando o modelo adotado (“The Interpersonal Model”, p.549), o qual segue teóricos da escola de relações objetais referidos por Greenberg e Mitchell (1983/1994) e Messer e Warren (1995) e já mencionados no item Introdução.

Os dois casos onde o modelo teórico foi classificado como inespecífico são os já referidos trabalhos de Blanchard e Scharff (2002) e Svartberg e Stiles (1991), onde, respectivamente, se revisou pesquisas voltadas para síndrome de irritação intestinal (Irritable Bowel Syndrome) e se traçou meta-análise comparativa dos efeitos da PBP com obtidos em grupos controle e com psicoterapias alternativas.

Exemplo de trabalho do PP classificado no modelo impulsivo-estrutural seria o de Pierloot (1981). O autor realizou trabalho teórico onde discutiu contribuições de pesquisadores da primeira geração de PBP (Malan, Davanloo, Sifneos, Gilliéron), fazendo apanhado geral do que foi apresentado no já mencionado II Hague Workshop on Short-Term Dynamic Psychotherapy, ocorrido em novembro de 1980 na Holanda.

Pierloot deteve-se em progressos, problemas e perspectivas relacionados às PBP, que naquele momento estavam à procura de consolidação, por exemplo, dos fatores que indicariam e/ou contra-indicariam pacientes, de aspectos técnicos que as caracterizariam, como disposição face-a-face e delimitação do tempo, dentre outras. Este mesmo Workshop gerou outros trabalhos publicados no PP, como por exemplo, os de Londen (1981) e de Sifneos (1981).

Tal como já apontado quando dos exemplos de classificação de trabalhos do JCCP quanto ao modelo teórico, no periódico europeu também houve casos em que esse exercício foi facilitado pela autoria de alguns artigos, onde se encontram os de Peter Sifneos (Sifneos, 1981, 1984; Sifneos e cols., 1980) e o de Gilliéron (1987), respectivamente classificados por Messer e Warren (1995) e Yoshida (2004) como representantes do modelo impulsivo-estrutural.

Muratori e cols. (2002) seria exemplo de trabalho do PP classificado no modelo relacional. Ao relatarem o método utilizado na pesquisa, explicitam o modelo teórico adotado do seguinte modo:

... o objetivo deste modelo [de PBP] é elucidar um tema nuclear de conflito [core conflictual theme], como no modelo de Luborsky e colaboradores..., mas

assumindo que durante a infância, o tema nuclear de conflito se encontra na interação da criança com seus pais; por esta razão, o terapeuta trabalha num setting compartilhado entre criança e pais. O objetivo do tratamento é mostrar a natureza do tema nuclear de conflito, e elucidar suas relações com os sintomas da criança e com o mundo representacional dos pais (p.29).

Vale observar que produções assinadas por Høglend e colaboradores do Grupo de Oslo, da Noruega, tiveram outras publicações classificadas no modelo impulsivo-estrutural, em que manifestaram clara influência de autores da primeira geração, como Sifneos e Malan (Høglend, 1996; Høglend & cols., 1992; Høglend & Heyerdahl, 1994).

Em momento anterior, entretanto, Høglend (1988) teve trabalho classificado no modelo integrativo, um estudo piloto de aplicação de PBP a pacientes menos adaptados (less well-adjusted), com características que os aproximavam de transtorno do tipo borderline. Desde o resumo referiu ter seguido modelo de James Mann, este que é classificado por Messer e Warren (1995) como grande representante do modelo integrativo. Num determinado momento do texto relata ter utilizado critérios de seleção de pacientes baseados em propostas de Sifneos e Malan, mas em seguida, num item intitulado therapy model (p.198), retoma as contribuições de Mann, o que definiu a opção por modelo de integração para essa produção.

Demais estudos classificados no modelo integrativo foram os já focalizados trabalhos de Frankel (1981) e de Nielsen (1990).

Outro grupo norueguês, liderado por Karin Barth e Geir Nielsen, gerou através do Bergen Project on Brief Dynamic Psychotherapy uma série de três trabalhos classificados em mais de um modelo e publicados no PP em 1988. Avaliaram pacientes para três diferentes formas de PBP; uma delas baseada nos critérios propostos por Sifneos, outra nos de Malan e uma terceira baseada numa forma mais integrativa/eclética.

No primeiro trabalho verificaram entre pacientes que completaram os tratamentos propostos (78% dos casos), bons resultados para as três modalidades de psicoterapia (Barth, Nielsen, Havik & cols., 1988). No segundo, avaliaram a aplicação da PBP e seus resultados com enfoque em pacientes com sintomas físicos (Nielsen & cols., 1988). No terceiro e último, realizaram apanhado sobre as avaliações de mudanças nos pacientes ocorridas em follow-up após dois anos do término dos tratamentos (Barth, Nielsen, Haver & cols., 1988).

Vale observar que o Bergen Project on Brief Dynamic Psychotherapy se trata de uma réplica e extensão do trabalho feito por Hagnhild Husby e colaboradores (cf. Nielsen & cols., 1988, p.36), outro grupo norueguês que teve produções do PP aqui enfocadas (Husby, 1985a, 1985b, 1985c; Husby & cols., 1985a, 1985b).

Um outro estudo classificado em sua proposta como em mais de um modelo foi o dos alemães Meyer e cols. (1988), representantes do Hamburg Short Psychotherapy Experiment, em que realizaram follow-up após 12 anos do término dos tratamentos, trazendo contribuições controversas e bastante originais, dada a extensão temporal entre o término e a avaliação ocorrida no momento de follow-up. Concluíram, dentre outras, que a obtenção de informações relevantes de pacientes após tão longo período foi possível e que os resultados clínicos globais relativos a mudanças sintomáticas e modos de lidar com a vida não apresentaram diferenças significantes quando se comparou o observado nos grupos submetidos a tratamento (experimentais) aos que não foram submetidos a tratamento nenhum (controle).

Para finalizar os exemplos de classificação de trabalhos do periódico suíço quanto o modelo teórico, os de Londen (1981) e de Mohl e cols. (1982), já discutidos em momentos anteriores, foram considerados inespecíficos nesse aspecto.

Na busca de uma síntese sobre a questão dos modelos teóricos subjacentes às propostas dos autores, análise geral do JCCP indicando ser o modelo relacional predominante apresentou relação com a autoria dos artigos e com influência de alguns daqueles que são reconhecidos como dos mais importantes autores de PBP na atualidade: Lester Luborsky, Paul Crits-Christoph, Jacques Barber, William Henry, William Stiles, Hans Strupp e Jeffrey Binder. Essa influência também pôde ser medida quando se verificou estarem entre os autores mais citados no periódico norte-americano (Tabela 37) (cf. Anexo 11 e Autores mais Citados nos Periódicos).

No PP a influência de David Malan e Peter Sifneos parece ter sido determinante na classificação do modelo teórico de alguns dos principais autores. Isso pode ser observado no Anexo 12, em que ambos se encontram entre os mais citados (N=59 e 40, respectivamente). Per Høglend, Karin Barth, Geir Nielsen, Astrid Heiberg, Ragnhild Husby, Brit Haver, Henrik Rogge e Odd Havik são alguns dos noruegueses que adotaram o modelo impulsivo-estrutural e encontraram-se entre os maiores produtores do periódico europeu, bem como entre os mais citados ali (Tabela 38) (cf. Anexo 12 e Autores mais Citados nos Periódicos).

Sobre a relevância das produções de Hans Strupp, da Universidade Vanderbilt, Yoshida e cols. (manuscrito) verificaram ser este o autor estrangeiro que mais produziu em levantamento recente (N=20 numa amostra total de 534 produções). Igualmente relevante foi a produção de Per Høglend, da Universidade de Oslo, autor/co-autor de 17 referências (segundo maior produtor estrangeiro). Também nesse estudo Elisa Yoshida, da PUC-Campinas/NEPPB, e Vera Lemgruber, da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro,

encontraram-se entre as autoras com maior número de referências no que diz respeito à produção nacional em PBP (N=10 e N=5, respectivamente).

Tabela 37. Relação de autores de norte-americanos de modelo relacional, número de artigos que publicaram no JCCP e número de citações feitas a eles no JCCP.

Autor Americano Relacional	Norte-Modelo	Número de Artigos Assinados	Número de Citações Feitas
Hans Strupp		4	66
Lester Luborsky		2	41
William Henry		4	36
William Stiles		6	34
Paul Crits-Christoph		2	15
Jeffrey Binder		2	14
Jacques Barber		2	11

O cruzamento desses dados consolida as explicações para o modelo integrativo ter sido predominante na produção nacional; na norte-americana, o relacional; e na europeia, o impulsivo-estrutural.

Tabela 38. Relação de autores noruegueses de modelo impulsivo-estrutural, número de artigos que publicaram no PP e número de citações feitas a eles no PP.

Autor Norueguês de Modelo Estrutural	Número de Artigos Assinados	Número de Citações Feitas
Ragnhild Husby	5	30
Astrid Heiberg	5	20
Geir Nielsen	5	18
Henrik Rogge	4	16
Karin Barth	4	16
Odd Havik	4	16
Brit Haver	4	15
Per Høglend	4	10

Os dados descritos por Yoshida e cols. (manuscrito), somados aos que se apresenta neste momento, retratam realidades semelhantes no que diz respeito aos autores mais citados/que mais produzem, tanto na realidade brasileira, quanto na estrangeira. Naturalmente em ambos os casos há limitações metodológicas a serem consideradas, neste caso específico relacionado às palavras-chave e bases de dados escolhidas como critérios para busca da informação. Nesta análise, contudo, as tendências e perspectivas na área das PBP, nos periódicos aqui focalizados, assim se delinearam.

É importante ressaltar que numa discussão desta natureza, uma visão de homem e do processo terapêutico não é algo sectário, em que uma se exclui à outra, como se diferentes psicoterapeutas, com diferentes backgrounds, tivessem que trabalhar com uniformidade.

Os modelos são úteis enquanto explicativos e organizadores de determinadas experiências vividas na relação paciente-terapeuta, em determinados contextos socioculturais e históricos. O fato de a análise empreendida não ter demonstrado uniformidade de modelos teóricos entre os produtores de PBP analisados mostrou-se indicativo de que em diversas realidades houve múltiplas compreensões das mesmas. Não há razões para se pressupor que determinado modelo deveria se sobrepor a outros, porque “cosmovisões” são transitórias, estão sempre em avaliação e não raro são passíveis de transformação e substituição; caso contrário o conhecimento científico se enfraqueceria, tendo os “dogmas” tomado a cena. Nesse sentido, o retrato exaltado pela produção analisada talvez seja indicativo do quanto a área das PBP está em movimento e do quanto diversos matizes caracterizam suas pinceladas.

Encontrei hoje em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me contou a narrativa de por que se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão. Ambos tinham toda a razão. Não era que um via uma coisa e o outro outra, ou que um via um lado das coisas e o outro um lado diferente. Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso desta dupla existência da verdade.

Fernando Pessoa

4 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Retomando-se os objetivos do trabalho, que eram os de descrever, analisar e comparar a produção sobre PBP nos periódicos Estudos de Psicologia, Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Journal of Consulting and Clinical Psychology e Psychotherapy and Psychosomatics, verificou-se os seguintes tópicos, agora dispostos numa tentativa de ressaltar os pontos de semelhança e de divergência.

No conjunto geral das produções, nacionais e estrangeiras, a distribuição se concentrou na década de 1990. Nos periódicos de psicologia (EP e JCCP), a distribuição dos trabalhos se concentrou significativamente na década de 1990. Nos periódicos de orientação médica (JBP e PP), foi observada concentração na primeira década analisada (1980).

A produção nacional teve origem em instituições situadas na região Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo); a estrangeira o fez, no geral, em instituições situadas nos EUA.

O sexo feminino constituiu-se de modo significativo como gênero de autores brasileiros. Entre os estrangeiros, houve significância para autores do sexo masculino. No conjunto geral da produção, o sexo masculino foi gênero significativo entre os autores.

O tipo de autoria individual foi predominante na amostra de artigos nacionais, tanto em separado quanto em conjunto, ao passo que na amostra da produção estrangeira o inverso foi observado, sendo a múltipla o tipo significativamente mais comum. No conjunto geral da produção, nacional e estrangeira, a autoria múltipla foi a mais freqüente.

Livros foram suportes de texto significativamente mais citados entre brasileiros e artigos, entre estrangeiros.

Os periódicos mais citados nos artigos analisados foram, no geral, os mesmos analisados: no JBP o Jornal Brasileiro de Psiquiatria; no JCCP o Journal of Consulting and Clinical Psychology; e no PP o Psychotherapy and Psychosomatics. Exceção ocorreu em relação ao EP, que teve o Psychotherapy and Psychosomatics como periódico mais citado.

Nos periódicos nacionais, os autores dos artigos utilizaram de modo significativo de produções estrangeiras, escritas no idioma inglês, para fundamentação teórico-técnica de seus trabalhos. Nos estrangeiros, o uso de periódicos produzidos em seus próprios países e que divulgam em inglês foi significativo.

Tanto na produção nacional, quanto na estrangeira, o uso de referências recentes, entre 0 e 5 anos, foi significativo.

Na produção nacional os autores foram citados numa amplitude que variou de 1 a 16 vezes; na estrangeira, de 1 a 66 vezes.

Na produção nacional dois europeus, David Malan e Sigmund Freud, e dois latino-americanos, Mauricio Knobel e Hector Fiorini, foram os mais citados. Na estrangeira, quatro

norte-americanos situaram-se entre os mais citados: Hans Strupp, David Shapiro, Lester Luborsky e Peter Sifneos; e dois europeus: David Malan e Ragnhild Husby.

Com exceção do JBP, onde relatos de experiência foi a natureza predominante das produções, nos demais casos estudos empíricos imperaram. Essa frequência foi significativa tanto para o conjunto da produção nacional, quanto para o conjunto da estrangeira.

Adultos de ambos os sexos, atendidos na modalidade individual, desenharam o perfil da população alvo dos estudos. Na realidade brasileira, observou-se tanto estudos onde as patologias/queixas não eram especificadas, quanto aqueles em se investigou mais de uma em conjunto. Na amostra de artigos estrangeiros, observou-se tanto estudos voltados a queixas específicas, quanto aqueles que focalizavam mais de uma. Houve indícios de que a depressão tratou-se de transtorno mais comumente investigado.

Escalas, tanto aplicadas por avaliadores/terapeutas, quanto do tipo auto-relato (self-report), foram os instrumentos de avaliação psicológica mais utilizados na produção nacional e estrangeira conjunta. Entre pesquisadores estrangeiros, principalmente entre norte-americanos, a utilização de baterias de medidas padronizadas foi muito freqüente.

De modo geral, o delineamento correlacional foi o mais utilizado nas pesquisas empíricas, em ambas as realidades analisadas. Exceção foi observada entre pesquisas desenvolvidas nos EUA, em que experimentos foram mais freqüentes, sem, contudo o serem de modo significativo.

O modelo teórico integrativo foi mais freqüente na orientação dos trabalhos escritos por brasileiros. Entre estrangeiros o impulsivo-estrutural foi significativamente mais utilizado, embora na amostra do JCCP tenha sido observada significância numa compreensão de homem balizada pelo modelo relacional.

No Quadro 8 são sintetizados os principais resultados encontrados no estudo, para que seja possível uma visão de conjunto e mais detalhada do que fora exposto acima.

Agora que essa visão panorâmica dos resultados encontrados foi esboçada, algumas indagações deles decorrentes serão apresentadas.

Um dos tópicos de discussão anteriores centralizou-se na depressão e em sua relevância clínica no campo de pesquisas e outras experiências em PBP. Os trabalhos analisados indicaram que se tratou das patologias mais investigadas. O tratamento combinando técnicas psicoterapêuticas às medicamentosas é eficiente e tem sido bastante discutido (por exemplo, Frey e cols., 2004; Lucas, 2003; Osório e Fleck, 2005), inclusive para tratamento específico de idosos (por exemplo, Scazufca & Matsuda, 2002).

Quadro 8. Síntese geral dos resultados (continua).

	Autores				Referências				
	Distribuição da Produção por Década	Vínculo Institucional mais Frequente	Sexo	Tipos de Autoria	Tipos de Suporte	Periódico mais Citado (nacionalidade do periódico mais citado/idioma de publicação)	Temporalidades	Amplitude da Frequência de Citação a Autores	Três Primeiros Autores mais Citados
Periódicos									
Estudos de Psicologia	1990*	PUC-Campinas	Feminino*	Individual	Livros*	Psychotherapy and Psychosomatics (estrangeiro*/inglês*)	6-10 anos*	1 a 14 vezes	David Malan Maurício Knobel Sigmund Freud
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	1980	UFRJ	Ambos*	Individual	Artigos*	Jornal Brasileiro de Psiquiatria (estrangeiro*/inglês*)	0-5 anos*	1 a 16 vezes	Sigmund Freud David Malan Hector Fiorini
Produção Nacional	1990	SP/RJ (Estado)	Feminino*	Individual	Livros*	--	0-5 anos*	--	--
Journal of Consulting and Clinical Psychology	1990*	University of Leeds	Masculino*	Múltipla*	Artigos*	Journal of Consulting and Clinical Psychology (nacional*/inglês*)	0-5 anos*	1 a 66 vezes	Hans Strupp David Shapiro Lester Luborsky
Psychotherapy and Psychosomatics	1980*	University of Bergen	Desconhecido*	Múltipla	Artigos*	Psychotherapy and Psychosomatics (nacional*/inglês*)	6-10 anos*	1 a 59 vezes	David Malan Peter Sifneos Ragnhild Husby
Produção Estrangeira	1980	EUA/EUA (país)	Masculino*	Múltipla*	Artigos*	--	0-5 anos*	--	--
Conjunto Geral da Produção	1990	--	Masculino*	Múltipla	--	--	--	--	--

* Indica item onde se observou significância estatística.

Quadro 8. Síntese geral dos resultados (continuação).

	Natureza das Produções	População Alvo					Delineamento Metodológico dos Estudos Empíricos	Modelo Teórico
		Etapa de Desenvolvimento	Sexo	Modalidade de Atendimento	Patologia/Queixa	Instrumento de Avaliação Psicológica		
Periódicos								
Estudos de Psicologia	Estudo Empírico	Adulto*	Ambos	Individual*	Não Especificada	Escala	Correlacional	Integrativo
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	Relato de Experiência	Adulto*	Ambos	Individual	Mais de uma	Escala Entrevista	Correlacional	Integrativo
Produção Nacional	Estudo Empírico*	Adulto*	Ambos*	Individual*	Não Especificada Mais de uma	Escala	Correlacional	Integrativo
Journal of Consulting and Clinical Psychology	Estudo Empírico*	Adulto*	Ambos*	Individual*	Específicas	Escala*	Experimental	Relacional*
Psychotherapy and Psychosomatics	Estudo Empírico*	Adulto*	Ambos*	Individual*	Mais de uma*	Escala*	Correlacional	Impulsivo-Estrutural*
Produção Estrangeira	Estudo Empírico*	Adulto*	Ambos*	Individual*	Mais de uma	Escala*	Correlacional*	Impulsivo-Estrutural*
Conjunto Geral da Produção	--	Adulto*	Ambos*	Individual*	--	Escala	Correlacional	--

* Indica item onde se observou significância estatística.

Como indicam estudos atuais, não há razões, contudo, que sustentem o fato de que a psicoterapia psicodinâmica não seja eficiente por si só, tanto nos casos de depressão, como em outras condições de adoecimento. Pesquisas têm indicado que as psicoterapias de orientação analítica têm inclusive a capacidade de operar modificações nas conexões neuronais, transformando o cérebro dos pacientes e alterando conteúdos psíquicos. Essas alterações neuronais modificam maneiras do paciente “... produzir, integrar, vivenciar e compreender informações, emoções e novas representações internas de si e do outro” (Katz, 2004, p.87). Naturalmente, essas reformulações de redes neurais e de modos de atuar na vida ocorrem em contextos de uma relação terapêutica sólida e marcadamente afetiva em sua condução.

A questão do uso medicamentoso em acréscimo às técnicas psicoterapêuticas disponíveis por si mesma não diz muito, porque de fato a tendência é a de que um complemente o outro. Mas subjacente a ela questionamentos se originaram. Enfocar distintas produções científicas levanta questões controversas. Como comparar, por exemplo, a produção de um periódico nacional, como o EP, com os demais? Como comparar produções nascidas no bojo da ciência psicológica brasileira, com as de outra natureza, eminentemente de natureza médica?

Desde a terminologia “paciente” utilizada na grande parte dos estudos até quando se considera as raízes históricas das psicoterapias psicodinâmicas (por exemplo, Wallerstein, 2005), a presença de pesquisadores com formação médica se sobressai. No caso de autores estrangeiros, tanto nos EUA, quanto na Europa, a psiquiatria e a psicoterapia praticamente se confundem. No caso dos autores brasileiros, os psiquiatras e os psicólogos mantêm relativamente pouco diálogo, apesar de ambos exercerem a psicoterapia.

A esse respeito Ferreira (2002) constatou predomínio de produções na área de PB na América Latina originadas de profissionais psiquiatras. Nesse sentido, a discussão da depressão como patologia a obter certo destaque ou qualquer dos outros tópicos focalizados ao longo do texto necessariamente deve considerar essas divergências de formação dos produtores dos artigos analisados. Esse tópico tem sido objeto de várias discussões (por exemplo, Natário, 1999; Yoshida, 2000a; Yukimitsu, 1999) e com a implantação e recente revisão das Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia existe tendência de que se mantenha.

Além das questões de formação, outras, de natureza mais prática, também perfizeram o caminhar. Como, por exemplo, comparar a disponibilidade financeira existente para

desenvolvimento de pesquisas em dois dos maiores centros capitalistas do planeta, EUA e Europa, a uma realidade nacional que se debate pelo banimento da fome e do analfabetismo?

Decorrente dessa discrepância sócio-econômica, as diferenças nos modos de olhar, atuar e tratar o homem são marcantes. Essa constatação pode ser facilmente retratada na “quantia” de instrumentos psicológicos que são utilizados entre participantes de estudos estrangeiros quando em comparação aos de estudos nacionais. Os estrangeiros utilizam mais instrumentos de avaliação, enquanto os brasileiros, que não contam com um número tão grande deles desenvolvidos ou já validados para a nossa realidade, fazem suas avaliações através de procedimentos menos padronizados.

Crê-se que esta seja uma diferença marcante entre os dois conjuntos de produção analisados e que transcendem os dados propriamente ditos, que todavia não demonstraram distanciamento efetivo em praticamente nenhuma das variáveis consideradas. O que talvez seja indicativo de que os autores brasileiros, mesmo lutando por falta ou escassez de recursos em praticamente todos os sentidos no campo do fazer pesquisa, vêm dando mostras de buscarem respostas para suas indagações através da investigação científica.

Durante as leituras, análises e discussões, houve inquietações, sentimentos de que a “quantidade” no manejo da produção científica (a qual teria o homem como objetivo último) não era satisfatória, principalmente nos moldes verificados na amostra estrangeira. Mas esse desconforto perdurava, também, no campo das produções que privilegiavam a “qualidade” no modo metodológico de conduzir os estudos, principalmente constatado na amostra de artigos brasileiros.

Ao término da análise, a inquietação perdura e indica a persistência de um momento em suspensão, onde o pesquisador e o sentido que este almeja dar à construção de suas pesquisas encontra-se em pleno “transtorno”. Lugar onde facilmente se visualizam andaimes e excessiva poeira; coisas sendo acrescentadas, para a construção de algo ainda em projeto. Contudo, a condução de estudos de caso intensivo, que neste momento respondeu por um único estudo, parece indicar caminho plausível, uma preocupação que partiu do reconhecimento das limitações dos estudos de caso tradicionais, baseados no modelo psicanalítico herdado de Freud, e que tem sido amplamente discutido como metodologia situada entre a “quantidade” e a “qualidade” (por exemplo, Yoshida, 1998).

Num momento em que se deveria concluir o trabalho, “fechando-o”, eis que rascunhos tomam vulto, talvez de modo ainda mais intenso do que quando no início do processo. E Rainer Maria Rilke (1926/1997) auxilia em traduzir esse estado de coisas, quando diz:

Procure amar as próprias perguntas... Não busque por enquanto respostas que não lhe podem ser dadas, porque não as poderia viver. Pois trata-se precisamente de viver tudo. Viva por enquanto as perguntas. Talvez depois, aos poucos, sem que o perceba, num dia longínquo, consiga viver a resposta. Quiçá carregue em si a possibilidade de criar e moldar... (p.37-38).

Este é, assim, o retrato de um momento em que se viveu parcelas de um tudo, respondendo a questões levantadas no início, mas que, talvez contraditoriamente, se encerra com intensa vivência de perguntas. Analisar produções mostra-se vinculado ao questionamento do pesquisador, de seu papel em enquanto tal e do que almeja para o porvir, para além dos textos.

Nesse sentido, avaliar o que outros pode se converter num processo de autoquestionamento e quiçá, de autoconhecimento, que em verdade se trata de um dos maiores méritos da atividade de pesquisa psicológica.

Em última instância o texto proposto, modulado de forma que possa soar como conto ou romance está aí, para ser avaliado também. Sugestões que se fazem são aquelas no sentido de que o exercício de aquilatar produção científica não se encerre, porque não se encerram as tentativas dos pesquisadores de buscar algo para melhoria da qualidade de vida do homem, parcela de um mundo de relações, sejam essas tentativas marcadas por modos de conduzir mais ou menos “quantitativos”.

Nesse sentido, é inequívoca a necessidade de que isso se dê “publicamente”. Isto é, há necessidade de que o psicoterapeuta brasileiro se vincule a grupos de pesquisa, produza e publique os resultados de suas intervenções/pesquisas. Este é dos itens que têm maior peso na avaliação dos programas de pós-graduação no país, segundo critérios em vigor considerados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É imperativo, enfim, que se supere o dilema envolvido no publish or perish colocado, por exemplo, por Yamamoto (2000). Há que se buscar tornar visíveis as produções e, naturalmente, que estas primem por qualidade, para que em conseqüência, autores nacionais sejam progressivamente mais citados, e não o contrário.

De modo mais objetivo, sugere-se, por exemplo, que se avaliem novas produções na área de PBP, contemplando novas palavras-chave, novo período temporal e periódicos não focalizados neste momento, para se refutar ou confirmar os resultados apresentados.

Sugere-se, ainda, que devido à extensão temporal desta proposta, cobrindo ainda que parcialmente, três décadas de trabalhos, que se pense na análise de produções como metodologia de pesquisa inserida no campo da História dos dias atuais da Psicologia e, neste

caso específico, na História dos dias atuais da PBP, na medida em que se procedeu à detecção de vestígios e evidências, através de literatura primária, para organizá-los, analisá-los e interpretá-los.

Através desta empreita, pôde-se, assim, realizar uma visão panorâmica, quantitativa e qualitativa, sobre quem, onde, como e o que tem sido produzido entre 1980 e 2002 no campo das PBP, de modo que a compreensão de tendências e perspectivas, com amparo empírico foi possível.

Da tua espessa e sonora
profundidade de selva,
dá-me,
quando o necessite,
um só trinado, o luxo
de uma abelha,
um fragmento caído
da tua antiga madeira perfumada
por uma eternidade de jasmineiros,
uma
sílaba,
um tremor, um som,
uma semente.
De terra sou e com palavras canto.
Pablo Neruda

5 REFERÊNCIAS

Abreu, J. R., Piccinini, W., Cacilhas, A., Trathman, C. E., & Thormann, N. J. (2000). Psicoterapia no Brasil: Duas décadas através de publicações psiquiátricas. Revista Brasileira de Psicoterapia, 2 (1), 89-104.

Agência FAPESP (2004). América Latina triplica produção científica. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 25 de outubro de 2004. Disponível em <http://65.54.186.250/cgi-in/linkrd?_lang=BR&lah=93851b80440f513258d04f574c5cb0a2&lat=1098830640&hm__action=http%3a%2f%2fwww%2eagencia%2efapesp%2ebr%2fbol etim_dentro%2ephp%3fid%3d2750> Acesso em 25 de outubro de 2004.

Angelini, A. L., Pfromm Netto, S., & Rosamilha, N. (2001). Análise de conteúdo da Psicologia Educacional. Psicologia Escolar e Educacional, 5 (1), 83-90. (Original publicado em 1965)

Alexander, F. (1996). The principle of flexibility. Em J. E. Groves (Ed.), Essential papers on short-term dynamic therapy (pp.29-42). New York: New York University Press.

Alexander, F., & French, T. (1956). Terapeutica psicoanalítica (L. Fabricant, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1946)

Amatuzzi, M. M. (1996). O uso da Versão de Sentido na formação e pesquisa em psicologia. Em R. M. L. L. Carvalho (Org.), Repensando a formação do psicólogo: Da informação à descoberta (pp.11-24). Campinas: Alínea. (Coletâneas da ANPEPP, 9)

American Psychological Association (2001). Manual de publicações da American Psychological Association (D. Bueno, Trad., 4ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1994)

Appolinário, J. C. B. (1990). A pesquisa em psicoterapia breve. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 39 (1), 23-26.

Araújo, M. S., & Wiethaeuper, D. (2003). Considerações em torno das atuais correntes predominantes da pesquisa em psicoterapia. Revista Brasileira de Psicoterapia, 5 (1), 33-52.

Armstrong, S., Yasuna, A., & Hartley, D. (1981). Brief psychodynamic psychotherapy: interrater agreement and reliability of individually specified outcomes. Psychotherapy and Psychosomatics, 35, 9,21.

Aveline, M., Shapiro, D. A., Parry, G., & Freeman, C. (1995). Building research foundations for psychotherapy practice. Em M. Aveline & D. A. Shapiro (Eds.). Research foundations for psychotherapy practice (pp.301-322). England: Wiley & Sons.

Azevedo, M. A. S. B. A. (1980). Aplicabilidade da psicoterapia breve na psicologia clínica comunitária brasileira, Dissertação de mestrado em Psicologia não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Azevedo, M. A. S. B. A. (1988). Psicoterapia Dinâmica Breve: Saúde Mental Comunitária. São Paulo: Revista dos Tribunais.

Barber, J. P., Crits-Christoph, P., & Luborsky, L. (1996). Effects of therapist adherence and competence on patient outcome in brief dynamic therapy. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64, 619-622.

Barber, J. P., Luborsky, L., Crits-Christoph, P., & Diguier, L. (1995). A comparison of Core Conflictual Relationship Themes before psychotherapy and during early sessions. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 63, 145-148.

Barkham, M., Rees, A., Shapiro, D. A., Stiles, W. B., Agnew, R. M., Halstead, J., Culverwell, A., & Harrington, V. M. G. (1996). Outcomes of time-limited psychotherapy in applied settings: Replicating the Second Sheffield Psychotherapy Project. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64, 1079-1085.

Barth, K., Havik, O. E., Nielsen, G., Haver, B., Molstad, E., Rogge, H., Skåtun, M., Heiberg, A. N., & Ursin, H. (1988). Factor analysis of the evaluation form for selecting patients for short-term anxiety-provoking psychotherapy: The Bergen Project on Brief Dynamic Psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, 49, 47-52.

Barth, K., Nielsen, G., Haver, B., Havik, O. E., Molstad, E., Rogge, H., Skåtun, M. (1988). Comprehensive assessment of change in patients treated with short-term dynamic psychotherapy: An overview – A 2-year follow-up study of 34 cases. Psychotherapy and Psychosomatics, 50, 141-150.

Barth, K., Nielsen, G., Havik, O. E., Haver, B., Molstad, E., Rogge, H., Skåtun, M., Heiberg, A. N., & Ursin, H. (1988). Assessment for three different forms of short-term dynamic psychotherapy: Findings from the Bergen Project. Psychotherapy and Psychosomatics, 49, 153-159.

Bastos, J. C. (1980). Psicoterapia breve e focal. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 29 (2), 81-86.

Bee, H. (1997). O ciclo vital (R. Garcez, Trad.). Porto Alegre: ArtMed. (Original publicado em 1994)

Blanchard, E. B., & Scharff, L. (2002). Psychosocial aspects of assessment and treatment of irritable bowel syndrome in adults and recurrent abdominal pain in children. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 70, 725-738.

Bomtempo, E. (1999). Contribuições da pesquisa sobre jogos, brinquedos e brincadeiras no Brasil. Em G. P. Witter (Org.), Produção científica em Psicologia e Educação (pp.23-46). Campinas: Alínea.

Bordens, K. S., & Abbott, B. B. (1999). Research design and methods: A process approach (4ª ed.). Mountain View (CA): Mayfield Publishing Company.

Brasil (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990. Em Presidência da República/Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em <www. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm=> Acesso em 18 de outubro de 2004.

Braier, E. A. (1991). Psicoterapia breve de orientação psicanalítica (IPEPLAN, Trad., 2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1984)

Brom, D., Kleber, R. J., & Defares, P. B. (1989). Brief psychotherapy for posttraumatic stress disorders. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 57, 607-612.

Buriti, M. A. (1999). Produção científica em periódicos de Psicologia do Esporte e Educação Física – Prevenção, Tese de doutorado em Psicologia não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Buriti, M. S. L., & Buriti, M. A. (1999). Análise da produção científica via currículo de uma docente-pesquisadora. Em G. P. Witter (Org.), Produção científica em Psicologia e Educação (pp.171-182). Campinas: Alínea.

Calejon, L. M. C. (1988). Reflexões sobre o processo de Psicoterapia Breve: Relações entre condições dos pacientes (adultos), indicações e resultados, Dissertação de mestrado em Psicologia da Saúde, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo.

Calich, J. C. (2005). Modelos psicanalíticos da mente. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.173-189). Porto Alegre: Artmed.

Campos, L. F. L. (2000). Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia. Campinas: Alínea.

Campos, K. C., & Witter, G. P. (1999). Análise dos títulos do periódico Paradigma. Em G. P. Witter (Org.), Produção científica em Psicologia e Educação (pp.123-130). Campinas: Alínea.

Castro, A. E. F., & Yamamoto, O. H. (1998). A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. Estudos de Psicologia (Natal), 3 (1), 147-158.

Cheniaux Júnior, E., Duarte, C. E., & Almeida, C. P. (2002). A publicação de pesquisas empíricas em três revistas psicanalíticas. Revista Brasileira de Psicoterapia, 4 (1), 3-12.

Conselho Federal de Medicina (2003). Estatísticas. CFM. Disponível em <www.portalmedico.org.br/estatísticas/estatísticas.asp?portal=> Acesso em 01 de abril de 2004.

Conselho Federal de Psicologia (2004a). Psicoterapia em debate. Psicologia: Ciência e Profissão – Diálogos, 1 (1), 5.

Conselho Federal de Psicologia (2004b). Associação Brasileira de Psicoterapia em debate. Jornal do Federal, maio de 2004, p.6.

Conselho Federal de Psicologia/Instituto de Pesquisa de Opinião e Mercado (2001). Perfil do psicólogo brasileiro. Brasília: CFP/WHO. Disponível em <www.pol.org.br> Acesso em 30 de janeiro de 2003.

Cordioli, A. V. (1986a). A relação paciente-terapeuta e os resultados em psicoterapia breve: Aspectos quantitativos. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 35 (4), 225-230.

Cordioli, A. V. (1986b). A relação paciente-terapeuta e os resultados em psicoterapia breve: Aspectos qualitativos. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 35 (5), 293-296.

Cunha, P. J., & Azevedo, M. A. S. B. (2001). Um caso de transtorno de personalidade borderline atendido em psicoterapia dinâmica breve. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 17 (1), 5-11.

Cusatis Neto, R. (2002). Fisioterapia e aspectos biopsicológicos: Análise de produção científica, Dissertação de mestrado em Psicologia Escolar não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Dal’Pizol, A., Lima, L. D., Ferreira, L. M., Martins, M. C., Corrêa, P. O., Alves, M., Giuliani, S., & Buttes, V. (2003). Programa de abordagem interdisciplinar no tratamento do transtorno de personalidade borderline – Relato da experiência no Ambulatório Melanie Klein do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 25 (suplemento 1), 42-51.

De la Parra, G. (2004). Psicoterapia breve en el grupo de Santiago de Chile: La indicación adaptativa y el continuo “expresivo-de apoyo”. Em E. M. P. Yoshida & M. L. E. Enéas (Orgs.), Psicoterapias psicodinâmicas breves: Propostas atuais (pp.95-130). Campinas: Alínea.

Domingos, N. A. M. (1999a). Produção científica: Análise de resumos de dissertações e teses em Psicologia (1992/1996), Tese de doutorado em Psicologia não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Domingos, N. A. M. (1999b). Perspectivas da produção científica da pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas. Em G. P. Witter (Org.), Produção científica em Psicologia e Educação (pp.79-102). Campinas: Alínea.

Eizirik, C. L., Costa, F., Kapczinski, F., Piltcher, R., Gauer, R. & Libermann, Z. (1991). Observing countertransference in brief dynamic psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, 56, 174-181.

Enéas, M. L. E. (2004). Terapia dinâmica de tempo limitado. Em E. M. P. Yoshida & M. L. E. Enéas (Orgs.), Psicoterapias psicodinâmicas breves: Propostas atuais (pp.37-68). Campinas: Alínea.

Enéas, M. L. E., Vasconcellos, A. S. M., Rillo, C. & Duarte, K. M. M. (1991). Uma proposta de trabalho em psicoterapia breve. Estudos de Psicologia, 8 (2), 177-188.

Engel, J. V. (1983). Características especiais de um grupo de psicoterapia breve e de baixa renda. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 32 (3), 139-146.

Engel, J. V. (1985). Sobre o papel da técnica, da supervisão e da instituição em uma psicoterapia breve de grupo. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 34 (4), 211-216.

Ferreira, N. S. (2002). Psicoterapias breves no Brasil e demais países latino-americanos (1990/2000), Dissertação de mestrado em Psicologia não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Figueira, I., Leta, J., & De Meis, L. (1999). Avaliação da produção científica dos principais periódicos brasileiros de psiquiatria no período de 1981 a 1995. Revista Brasileira de Psiquiatria, 21 (4), 201-208.

Fiorini, H. J. (1981). Teoria e técnica de psicoterapias (C. Sussekind, Trad., 4ª ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1976)

Fonagy, P. (2005). Estudos sobre a efetividade das psicoterapias. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.424-461). Porto Alegre: Artmed.

Fortes, S. L. (1987). Clínica Tavistock hoje. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 36 (4), 249-252.

Frankel, F. H. (1981). Short-term psychotherapy and hypnosis. Psychotherapy and Psychosomatics, 35, 236-243.

Freitas, M. H. A. (1998). Avaliação da produção científica: Considerações sobre alguns critérios. Psicologia Escolar e Educacional, 2 (3), 211-228.

Freud, S. (1996). História de uma neurose infantil. Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção da Trad. Jayme Salomão. (vol. XVII, pp.15-127). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1918)

Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção da Trad. Jayme Salomão. (vol. XXIII, pp.225-270). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937)

Frey, B. N., Mabilde, L. C., & Eizirik, C. L. (2004). The integration of psychotherapy and psychoanalytical psychotherapy: A critical review. Revista Brasileira de Psiquiatria, 26 (2), 118-123.

Galvão, M. S. E., & Barreto, S. V. P. P. (1983). Psicoterapia breve: Relato de uma experiência. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 32 (2), 101-108.

Gargantini, M. B. M. (2000). Produção científica: Gagueira (1994/1998), Tese de doutorado em Psicologia não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Gaston, L., Marmar, C. R., Thompson, L. W., & Gallagher, D. (1988). Relation of patient pretreatment characteristics to the therapeutic alliance in diverse psychotherapies. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *56*, 483-489.

Gilliéron, E. (1986). As psicoterapias breves (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1983)

Gilliéron, E. (1987). Setting and motivation in brief psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, *47*, 105-112.

Gilliéron, E. (1993). Introdução às psicoterapias breves (M. F. Tanis, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1983)

Goldstein, L. L. (2002). A produção científica brasileira na área da gerontologia. Em Revista Eletrônica de Jornalismo Científico – Velhice. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env01.htm>> Acesso em 18 de outubro de 2004.

Granja, E. C. (1995). Produção científica: Dissertações e teses do Instituto de Psicologia da USP (1980/1989), Tese de doutorado em Psicologia não publicada, Universidade de São Paulo.

Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1994). Relações objetais na teoria psicanalítica (E. O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1983)

Guimarães, L. A. M., Domingues, M. L. & Thebaldi, B. (1990). A psicoterapia de grupo de orientação psicanalítica no tratamento da depressão. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, *39* (6), 297-300.

Hardy, G. E., Stiles, W. B., Barkham, M., & Startup, M. (1998). Therapist responsiveness to client interpersonal styles during time-limited treatments for depression. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *66*, 304-312.

Heiberg, A. N. (1981). Training in short-term psychotherapy: Research can be superb clinical training. Psychotherapy and Psychosomatics, *35*, 230-235.

Henry, W. P. (1996). Structural analysis of social behavior as a common metric for programmatic psychopathology and psychotherapy research. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *64*, 1263-1275.

Henry, W. P., Schacht, T. E., Strupp, H. H., Butler, S. F., & Binder, J. L. (1993). Effects of training in time-limited dynamic psychotherapy: Mediators of therapists' responses to training. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *61*, 441-447.

Henry, W. P., Strupp, H. H., Butler, S. F., Schacht, T. E., & Binder, J. L. (1993). Effects of training in time-limited dynamic psychotherapy: Changes in therapist behavior. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *61*, 434-440.

Hess, H. D., & Meira, L. A. (1972). HELP, Programa de ajuda psicológica à juventude. Psico, *4*, 29-41.

Hill, C. E., Nutt, E. A., & Jackson, S. (1994). Trends in psychotherapy process research: Samples, measures, researches, and classic publications. Journal of Counseling Psychology, *41* (3), 364-377.

Hilliard, R. B., Henry, W. P., & Strupp, H. H. (2000). An interpersonal model of psychotherapy: Linking patient and therapist developmental history, therapeutic process, and types of outcome. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *68*, 125-133.

Høglend, P. (1988). Brief dynamic psychotherapy for less well-adjusted patients: Pilot study. Psychotherapy and Psychosomatics, *49*, 197-204.

Høglend, P. (1996). Motivation for brief dynamic psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, *65*, 209-215.

Høglend, P., & Heyerdahl, O. (1994). The circumscribed focus in intensive brief dynamic psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, *61*, 163-170.

Høglend, P., Sørbye, O., Sørbye, T., Fossum, A., & Engelstad, V. (1992). Selection criteria for brief dynamic psychotherapy: Reliability, factor structure and long-term predictive validity. Psychotherapy and Psychosomatics, *57*, 67-74.

Horowitz, L. M., Rosenberg, S. E., & Bartholomew, K. (1993). Interpersonal problems, attachment styles, and outcome in brief dynamic psychotherapy. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *61*, 549-560.

Horowitz, L. M., Rosenberg, S. E., Ureño, G., Kalehzan, B. M., & O'Halloran, P. (1989). Psychodynamic formulation, Consensual Response Method, and interpersonal problems. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *57*, 599-606.

Hoyt, M. F. (1995). Brief psychotherapies. Em A. S. Gurman & S. B. Messer (Eds.), Essential psychotherapies: Theory and practice (pp.441-487). New York: Guilford Press.

Hsu, L. M. (1989). Random sampling, randomization, and equivalence of contrasted groups in psychotherapy outcome research. Journal of Consulting and Clinical Psychology, *57*, 131-137.

Husby, R. (1985a). Short-term dynamic psychotherapy – III. A 5-year follow-up of 36 neurotic patients. Psychotherapy and Psychosomatics, *43*, 17-22.

Husby, R. (1985b). Short-term dynamic psychotherapy – IV. Comparison of recorded changes in 33 neurotic patients 2 and 5 years after end of treatment. Psychotherapy and Psychosomatics, *43*, 23-27.

Husby, R. (1985c). Short-term dynamic psychotherapy –V. Global assessment scale as an instrument for description and measurement of changes for 33 neurotic patients. Psychotherapy and Psychosomatics, *43*, 28-31.

Husby, R., Dahl, A. A., Dahl, C. I., Heiberg, A. N., Olafsen, O. M., & Weisæth, L. (1985a). Short-term dynamic psychotherapy - I. The Oslo Group's form to score outcome, the reliability testing of this form and observer characteristics. Psychotherapy and Psychosomatics, *43*, 1-7.

Husby, R., Dahl, A. A., Dahl, C. I., Heiberg, A. N., Olafsen, O. M., & Weisæth, L. (1985b). Short-term dynamic psychotherapy - II. Prognostic value of characteristics of patients studied by a 2-year follow-up of 39 neurotic patients. Psychotherapy and Psychosomatics, *43*, 8-16.

Jansen, R. (2003, Dezembro). Futuro da produção científica no país é feminino. Jornal da Ciência. Retrieved December 2, 2003 from the World Wide Web: <http://www.sbpnet.org.br/sbpc/filial.htm>

Katz, G. (2004). Atualidade da psicoterapia de orientação analítica: Além da serotonina ou a fala também cura. Revista Brasileira de Psicoterapia, *6* (1), 75-88.

Knobel, M. (1986). Psicoterapia breve. São Paulo: EPU.

Kryspin-Exner, I. (2001). Formação em psicologia clínica e psicoterapia em universidades da União Européia. Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais, 9 (15), 57-74.

Lemgruber, V. B. (1984). Psicoterapia breve: A técnica focal. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lemgruber, V. (1985). Teoria e técnica de psicoterapia breve. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 34 (3), 173-175.

Lemgruber, V. (1987). Psicoterapia breve: A técnica focal (2.ed.rev.) Porto Alegre: Artes Médicas.

Lemgruber, V. (1989). Psicoterapia breve: Avaliação de sua eficácia. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 38 (5), 265-268.

Lemgruber, V. (1992). Terapêutica integrada da depressão. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 41 (9), 465-469.

Lemgruber, V. (1993). Da neurose de ansiedade ao distúrbio de ansiedade generalizada. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 42 (2), 111-115.

Lemgruber, V. (1997). Psicoterapia breve integrada. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lemgruber, V. (Org.) (2000). O futuro da integração. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lemgruber, V., Junqueira, A., Stingel, A. & Agostini, E. (2004). Psicoterapia psicodinâmica breve integrada do Centro Colaborador da OMS para pesquisa e treinamento de pessoal em psicoterapia no Serviço de Psiquiatria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Em E. M. P. Yoshida & M. L. E. Enéas (Orgs.), Psicoterapias psicodinâmicas breves: Propostas atuais (pp.167-222). Campinas: Alínea.

Lewkowicz, A. B., & Brodacz, G. (2005). Abordagem psicodinâmica na adolescência. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.738-756). Porto Alegre: Artmed.

Lima, M. G., Pondé, M. P., Azevedo, R. C. S., Carvalho, F. R. & Guimarães, L. (1993). Avaliação dos níveis de ansiedade através da Escala de Hamilton em pacientes submetidos à psicoterapia breve grupal dinâmica (PBGD) associada à medicação e PBGD sem associação medicamentosa. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 42 (7), 381-386.

Londen, J. V. (1981). Short-term psychotherapy, a major development for patients and psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, 35, 221-223.

Lowenkron, T. S. (2000). Psicoterapia psicanalítica de tempo delimitado. Em J. R. Bueno & A. E. Nardi (Orgs.). Diagnóstico e tratamento em psiquiatria (pp.315-343). Rio de Janeiro: MEDSI.

Lowenkron, T. S., & Cheniaux Júnior, E. (1990). O ensino da psicoterapia psicanalítica: A indicação e o relato de uma terapia de tempo breve. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 39 (5), 266-271.

Luborsky, L. (1984). Principles of psychoanalytic psychotherapy: A manual for supportive-expressive treatment. New York: Basic Books.

Luborsky, L., Barber, J. P., & Beutler, L. (1993). Introduction to Special Section: A briefing on curative factors in dynamic psychotherapy. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61, 539-541.

Lucas, R. (2003). Managing depression – analytic, antidepressant or both? Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 25 (2), 274-282.

Lucca, E. de (2000). Competência social e esporte: Análise de produção, Tese de doutorado em Psicologia não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Macias-Chapula, C. A. (1998). O papel da informetria e da cienciométrica e sua perspectiva nacional e internacional. Ciência da Informação, 27 (2), 134-140.

Malan, D. H. (1981). As fronteiras da psicoterapia breve (L. Knijnik & M. E. Z. Schestatsky, Trads.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1976)

Malan, D. H. (1983). Psicoterapia individual e a ciência da psicodinâmica (M. C. Juchem, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)

Malozze, G. L. M. (1999). Produção científica: Periódicos. Em G. P. Witter (Org.), Produção científica em Psicologia e Educação (pp.103-122). Campinas: Alínea.

Marcantonio, A. T., Santos, M., & Lehfeld, N. A. S. (1993). Elaboração e divulgação do trabalho científico. São Paulo: Atlas.

Martins, R. C. (1999). Avaliação crítica de uma experiência de ensino-aprendizagem. Estudos de Psicologia, 16 (2), 54-64.

Melo, M. V. N. R., Tiscar, D., Witter, C., & Bassit, A. Z. (2004). Envelhecimento e produção científica: Análise de seis periódicos. XXXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Brasil [CD-Rom].

Mello, M. F. (2004). Terapia Interpessoal: Um modelo breve e focal. Revista Brasileira de Psiquiatria, 26 (2), 124-130.

Messer, S. B. (2001). What makes brief psychodynamic therapy time efficient. Clinical Psychology, Science and Practice, 8 (1) 5-22.

Messer, S. B., & Warren, C. S. (1995). Models of brief psychodynamic therapy: A comparative approach. New York: Guilford Press.

Meyer, A.-E., Stuhr, U., Wirth, U., & Rüster, P. (1988). 12-year follow-up study of the Hamburg Short Psychotherapy Experiment: An overview. Psychotherapy and Psychosomatics, 50, 192-200.

Mohl, P. C., Wyrick, L. C., Cleveland, W., Hawkins, D., Burdette, L., & Williams, R. B. (1982). Cardiovascular correlates of the psychotherapeutic process. Psychotherapy and Psychosomatics, 37, 65-74.

Mondardo, A. H., & Valentina, D. D. (1998). Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. Psicologia: Reflexão e Crítica, 11 (3), 621-630.

Mito, T. I. H., & Yoshida, E. M. P. (2004). Psicoterapia breve infantil: A prática com pais e crianças. Em E. M. P. Yoshida & M. L. E. Enéas (Orgs.), Psicoterapias psicodinâmicas breves: Propostas atuais (pp.259-292). Campinas: Alínea.

Muratori, F., Picchi, L., Casella, C., Tancredi, R., Milone, A., & Patarnello, M. G. (2002). Efficacy of brief dynamic psychotherapy for children with emotional disorders. Psychotherapy and Psychosomatics, *71*, 28-38.

Natário, E. G. (1999). A pesquisa na formação do psicólogo. Em C. Witter (Org.), Ensino de Psicologia (pp.25-40). Campinas: Alínea.

Neri, A. L. (1997). A pesquisa em gerontologia no Brasil: Análise de conteúdos de amostra de pesquisa no período de 1975-1996. Texto e Contexto, *6* (2), 69-105.

Nielsen, G. (1990). Brief integrative dynamic psychotherapy for insomnia: Systematic evaluation of two cases. Psychotherapy and Psychosomatics, *54*, 187-192.

Nielsen, G., Barth, K., Haver, B., Havik, O. E., Molstad, E., Rogge, H., & Skåtun, M. (1988). Brief dynamic psychotherapy for patients presenting physical symptoms. Psychotherapy and Psychosomatics, *50*, 35-41.

Nunes, M. L. T., & Lhullier, A. C. (2003). Histórico da pesquisa empírica em psicoterapia. Revista Brasileira de Psicoterapia, *5* (1), 97-112.

Oliveira, I. T. (1999). Psicoterapia psicodinâmica breve: Dos precursores aos modelos atuais. Psicologia: Teoria e Prática, *1* (2), 9-19.

Oliveira, M. H. M. A. (1999). Avaliação da produção científica. Em G. P. Witter (Org.), Produção científica em Psicologia e Educação (pp.9-22). Campinas: Alínea.

Oliveira, W. I., Pereira, W. L., & Bastos, J. C. (1974). Grupos de psicoterapia breve. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, *23* (3-4), 377-392.

Osório, C. M. S., Berlim, M. T., Mattevi, B. S., & Duarte, A. P. G. (2003). Pesquisa em psicoterapia psicanalítica: Questões éticas e epistemológicas. Revista Brasileira de Psicoterapia, *5* (1), 113-120.

Osório, C. M. S., & Fleck, M. P. A. (2005). Psicoterapia e psicofarmacoterapia. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.406-423). Porto Alegre: Artmed.

Pechansky, F., & Luborsky, L. (2005). Abordagem psicodinâmica do paciente dependente químico. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.778-789). Porto Alegre: Artmed.

Peluso, M. A. M., Nascimento, A. & Schoueri, P. C. L. (1999). Grupo de psicoterapia breve – Organização e funcionamento. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 48 (9), 421-426.

Pessanha, C. (1998). Critérios editoriais de avaliação científica: Notas para discussão. Ciência da Informação, 27 (2), 226-229.

Pfeifer, E. A. (1999). Docente/pesquisador: Análise de produção científica via currículo. Em G. P. Witter (Org.), Produção científica em Psicologia e Educação (pp.151-170). Campinas: Alínea.

Pierloot, R. (1981). Short-term dynamic psychotherapy: Progress, problems, perspectives. Psychotherapy and Psychosomatics, 35, 265-270.

Piper, W. E., Joyce, A. S., McCallum, M., & Azim, H. F. A. (1993). Concentration and correspondence of transference interpretations in short-term psychotherapy. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61, 586-595.

Población, D. A. & Noronha, D. P. (2002). Produção das literaturas “branca” e “cinzenta” pelos docentes/doutores dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil. Ciência da Informação, 31 (2), 98-106.

Poulsen, A. (1991). Psychodynamic, time-limited group therapy in rheumatic disease – a controlled study with special reference to Alexithymia. Psychotherapy and Psychosomatics, 56, 12-23.

Prochaska, J. O., & Norcross, J. C. (1999). Systems of psychotherapy: A transtheoretical Analysis (4a ed.). Pacific Grove (CA): Brooks/Cole.

Raffaelli, R. (1993). Psicanálise e psicoterapia breve. Estudos de Psicologia, 10 (3), 73-84.

Reynolds, S., Stiles, W. B., Barkham, M., Shapiro, D. A., Hardy, G. E., & Rees, A. (1996). Acceleration of changes in session impact during contrasting time-limited psychotherapies. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64, 577-586.

Rezende, V. L., & Botega, N. J. (1998). Grupo de apoio psicológico a mulheres com câncer de mama: principais fantasias inconscientes. Estudos de Psicologia, 15 (1), 39-48.

Rilke, R. M. (1997). Cartas a um jovem poeta/A canção de amor e de morte do portandarte Cristóvão Rilke (P. Rónai/C. Meireles, Trans.) (28.ed.). São Paulo: Globo.

Robins, R. W., Gosling, S. D., & Craik, K. H. (1999). An empirical analysis of trends in Psychology. American Psychologist, 54 (2), 117-128.

Rocha, G. M. A. (2002). Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada Redefinida: Precisão e validade com pessoas idosas, Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Rocha, G. M. A. (2004). O método do tema central de relacionamento conflituoso - CCRT. Em E. M. P. Yoshida & M. L. E. Enéas (Orgs.), Psicoterapias psicodinâmicas breves: Propostas atuais (pp.69-93). Campinas: Alínea.

Rodrigues, S. (1997). Características básicas da psicoterapia breve e sua aplicabilidade a pacientes de instituições previdenciárias, Dissertação de mestrado em Psiquiatria e Saúde Mental não publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Romaro, R. A. (2000). Psicoterapia breve dinâmica com pacientes borderline: Uma proposta viável. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rosa, A. M., & Vasconcellos, M. C. (2005). Abordagem psicodinâmica do paciente geriátrico. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.757-767). Porto Alegre: Artmed.

Rossini, S. R. G. (1985). Estudo das relações objetais de dois casos de depressão para indicação de psicoterapia breve. Estudos de Psicologia, 1 (2 e 3), 122-134.

Sampaio, M. I. C., & Peixoto, M. L. (2000). Periódicos brasileiros de Psicologia indexados nas bases de dados Lilacs e PsycINFO. Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo, 112 (1), 65-73.

Sampaio, M. I. C., & Sabadini, A. A. Z. P. (2002). Dossiê publicações científicas em Psicologia: desafios e perspectivas. Mudanças: Psicologia da Saúde, 10 (2), 179-183.

Sampaio, M. I. C., Sabadini, A. A. Z. P., & Linguanotto, A. R. J. (2002). Periódicos científicos: Características e exigências. Mudanças: Psicologia da Saúde, 10 (2), 184-200.

Santeiro, T. V (2000a). Criatividade em psicanálise: Produção científica (1990/1999), Dissertação de mestrado em Psicologia não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Santeiro, T. V. (2000b). Criatividade em psicanálise: Produção científica (1990/1999). Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo, 50 (113), 59-74.

Scazufca, M., & Matsuda, C. M. C. B. (2002). Revisão sobre a eficácia de psicoterapia vs. farmacoterapia no tratamento de depressão em idosos. Revista Brasileira de Psiquiatria, 24 (suplemento 1), 64-69.

Schestatsky, S. S. (2005). Abordagem psicodinâmica do paciente borderline. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.606-627). Porto Alegre: Artmed.

Schoueri, P. C. L., & Segre, C. D. (1999). Conceito de psicoterapia dinâmica breve. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 48 (1), 5-8.

Serralta, F. B., & Streb, L. G. (2003). Notas sobre pesquisa em psicoterapia psicanalítica: Situação atual e perspectivas. Revista Brasileira de Psicoterapia, 5 (1), 53-65.

Sifneos, P. (1981). Short-term dynamic psychotherapy: Its history, its impact and its future. Psychotherapy and Psychosomatics, 35, 224-229.

Sifneos, P. (1984). Short-term dynamic psychotherapy for patients with physical symptomatology. Psychotherapy and Psychosomatics, 42, 48-51.

Sifneos, P. E., Apfel, R. J., Bassuk, E., Fishman, G. & Gill, A. (1980). Ongoing outcome research on short-term dynamic psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, 33, 233-241.

Simon, R. (1983). Psicologia clínica preventiva: Novos fundamentos. São Paulo: EPU.

Simon, R. (1996). Do diagnóstico à psicoterapia breve. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 45 (7), 403-408.

Small, L. (1974). As psicoterapias breves (S. R. P. Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971)

Smyrnios, K. X. & Kirkby, R. J. (1993). Long-term comparison of brief versus unlimited psychodynamic treatments with children and their parents. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61, 1020-1027.

Stiles, W. B., Agnew-Davies, R., Hardy, G. E., Barkham, M., & Shapiro, D. A. (1998). Relations of the alliance with psychotherapy outcome: Findings in the Second Sheffield Psychotherapy Project. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 66, 791-802.

Stiles, W. B., Shankland, M. C., Wright, J., & Field, S. D. (1997). Aptitude-treatment interactions based on client's assimilation of their presenting problems. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 65, 889-893.

Stiles, W. B., & Shapiro, D. A. (1995). Verbal exchange structure of brief psychodynamic – interpersonal and cognitive – behavioral psychotherapy. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 63, 15-27.

Strupp, H. H. (1993). The Vanderbilt Psychotherapy Studies: Synopsis. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61, 431-433.

Svartberg, M., & Stiles, T. C. (1991). Comparative effects of short-term psychodynamic psychotherapy: A meta-analysis. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 59, 704-714.

Tigre, A. B. P. B., Barreto, A. B., & Groisman, M. (1983). Sobre a psicoterapia de grupo breve em adolescentes numa instituição psiquiátrica. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 32 (6), 405-408.

Trad, P. V. (1997). Psicoterapia breve pais/bebê (M. C. Muller & M. E. Schestatsky, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. (Original publicado em 1993).

Vaslamatzis, G. & Verveniotis, S. (1985). Early dropouts in brief dynamic psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, 44, 205-210.

Vaslamatzis, G., Kanellos, P., Tserpe, V., & Verveniotis, S. (1986). Countertransference responses in short-term dynamic psychotherapy. Psychotherapy and Psychosomatics, 46, 105-109.

Ventura, C. S. C. (1999). Psicologia escolar: análise da produção de uma docente-pesquisadora. Em G. P. Witter (Org.), Produção científica em Psicologia e Educação (pp.141-150). Campinas: Alínea.

Vieira, S., & Hossne, W. S. (2001). Metodologia científica para a área da saúde. Rio de Janeiro: Campus.

Wallerstein, R. S. (1998). A cura pela fala: As psicanálises e as psicoterapias (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1995)

Wallerstein, R. S. (2005). Psicanálise e psicoterapia de orientação psicanalítica: Raízes históricas e situação atual. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.43-57). Porto Alegre: Artmed.

Westerman, M. A., Foote, J. P., & Winston, A. (1995). Change in coordination across phases of psychotherapy and outcome: Two mechanisms for the role played by patient's contribution to the alliance. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 63, 672-675.

Witter, G. P. (1992). Produção e leitura do texto científico. Estudos de Psicologia, 9 (1), 19-26.

Witter, G. P. (1996). A Psicologia do Boletim de Psicologia (1975-1994). Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo, 46 (104), 25-41.

Witter, G. P. (1998). Editorial. Psicologia Escolar e Educacional, 2 (3), 209-210.

Witter, G. P. (Org.) (1999). Produção científica em Psicologia e Educação. Campinas: Alínea.

Witter, G. P. (2001). Análise de produção científica. Psicologia Escolar e Educacional, 5 (1), 82.

Witter, G. P. (2003). Professor-estresse: Análise de produção científica. Psicologia Escolar e Educacional, 7 (1), 33-46.

Wolitzky, D. L. (1995). The theory and practice of traditional psychoanalytic psychotherapy. Em A. S. Gurman & S. B. Messer (Eds.), Essential psychotherapies: Theory and practice (pp.13-54). New York: Guilford Press.

Xavier, I. A. (1999). Psicoterapia breve infantil: uso da Escala de Avaliação Psicodinâmica do Grupo Familiar. Psikhê, 4 (2), 48-64.

Yamamoto, O. H. (1999). A avaliação dos periódicos e os desequilíbrios regionais. Estudos de Psicologia (Natal), 4 (2), 191-197.

Yamamoto, O. H. (2000). Publish or perish: O papel dos periódicos científicos. Estudos de Psicologia (Natal), 5 (1), 3-9.

Yamamoto, O. H., Menandro, P. R. M., Koller, S. H., LoBianco, A. C., Hutz, C. S., Bueno, J. L. O., & Guedes, M. C. (2002). Avaliação de periódicos científicos brasileiros da área da Psicologia. Ciência da Informação, 31 (2), 163-177.

Yamamoto, O. H., Siqueira, G. S., & Oliveira, S. C. C. (1997). A Psicologia no Rio Grande do Norte: caracterização geral da formação acadêmica e do exercício profissional. Estudos de Psicologia (Natal), 2 (1), 42-67.

Yamamoto, O. H., Souza, C. C., & Yamamoto, M. E. (1999). A produção científica na Psicologia: Uma análise dos periódicos brasileiros no período de 1990-1997. Psicologia: Reflexão e Crítica, 12 (2), 549-565.

Yoshida, E. M. P (1989). Estudo de critérios psicodiagnósticos para indicação de psicoterapia breve. Tese de doutorado em Psicologia não publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Yoshida, E. M. P (1990). Psicoterapias psicodinâmicas breves e critérios psicodiagnósticos. São Paulo: EPU.

Yoshida, E. M. P. (1991a). Validade preditiva da EDAO em psicoterapias breves: solução para a situação-problema. Estudos de Psicologia, 8 (1), 28-36.

Yoshida, E. M. P. (1991b). Validade preditiva da EDAO em psicoterapia breve: grau de motivação. Estudos de Psicologia, 8 (2), 124-138.

Yoshida, E. M. P. (1992). Psicoterapia breve infantil: Concepção e aplicabilidade. Estudos de Psicologia, 9 (3), 97-105.

Yoshida, E. M. P. (1993). A psicoterapia breve na realidade brasileira. Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais, 1 (1): 23-35.

Yoshida, E. M. P. (1997). Psicoterapia breve: Estado da arte. Cadernos de Psicologia da SBP, 1, 105-113.

Yoshida, E. M. P. (1998). Avaliação de mudança em processos terapêuticos. Psicologia Escolar e Educacional, 2 (2), 115-127.

Yoshida, E. M. P. (1999a). Psicoterapia breve e prevenção: Eficácia adaptativa e dimensões da mudança. Temas em Psicologia da SBP, 7 (2), 119-129.

Yoshida, E. M. P. (1999b). EDAO-R: Precisão e validade. Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais, 7 (11), 181-204.

Yoshida, E. M. P. (1999, maio). Pesquisa em psicologia clínica. Trabalho apresentado em Mesa Redonda no II Encontro sobre Psicologia Clínica. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

Yoshida, E. M. P. (2000a). Formação em psicoterapia breve. 2º Encontro de Psicoterapia Breve de Adultos e de Crianças, Brasil, 6-9. se não foi referida, alterar o “a” e “b” no texto.

Yoshida, E. M. P. (2000b). Mudança em psicoterapia psicodinâmica breve: Eficácia adaptativa e funcionamento defensivo. Revista Brasileira de Psicoterapia, 2 (3), 261-276.

Yoshida, E. M. P. (2001a). Produção científica sobre psicoterapias breves psicodinâmicas: 1980-2000. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Projeto de Pesquisa.

Yoshida, E. M. P. (2001b). Psicoterapia breve psicodinâmica: Critérios de indicação. Psicologia: Teoria e Prática, 3 (1), 43-51.

Yoshida, E. M. P. (2003). Psicoterapias breves psicodinâmicas: Características da produção científica (1980/2003). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Relatório de Pesquisa.

Yoshida, E. M. P. (2004). Evolução das psicoterapias breves psicodinâmicas. Em E. M. P. Yoshida & M. L. E. Enéas (Orgs.), Psicoterapias psicodinâmicas breves: Propostas atuais (pp.13-36). Campinas: Alínea.

Yoshida, E. M. P., & Enéas, M. L. E. (Orgs.) (2004a), Psicoterapias psicodinâmicas breves: Propostas atuais. Campinas: Alínea.

Yoshida, E. M. P., & Enéas, M. L. E. (2004b). A proposta do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve para adultos. Em E. M. P. Yoshida & M. L. E. Enéas (Orgs.), Psicoterapias psicodinâmicas breves: Propostas atuais (pp.223-258). Campinas: Alínea.

Yoshida, E. M. P., Enéas, M. L. E., Mito, T. I. H., & Yukimitsu, M. T. C. P. (1993). Psicoterapias breves: critérios de indicação e as estratégias terapêuticas. Estudos de Psicologia, 10 (1), 53-64.

Yoshida, E. M. P., Gatti, A. L., & Xavier, I. A. (1994). Avaliação do perfil e das queixas de crianças encaminhadas para psicoterapia dinâmica breve. Estudos de Psicologia, 11 (3), 27-33.

Yoshida, E. M. P., & Rocha, G. M. A. (manuscrito). Avaliação em psicoterapia psicodinâmica.

Yoshida, E. M. P., Santeiro, T. V., & Moraes, F. R. (2001a). Psicoterapias breves psicodinâmicas: Características da produção científica. I Congresso de Psicologia Clínica, Brasil, 186-187.

Yoshida, E. M. P., Santeiro, T. V., & Moraes, F. R. (2001b). Psicoterapias breves psicodinâmicas: Características da produção científica. Anais do I Congresso de Psicologia Clínica, 1, São Paulo, SP, 248-252.

Yoshida, E. M. P., Santeiro, T. V., Moraes, F. R., & Rocha, G. M. A. (2002). Psicoterapias breves psicodinâmicas: Produção científica nacional e estrangeira. I Congresso Brasileiro de Psicologia, Brasil.

Yoshida, E. M. P., Santeiro, T. V., Santeiro, F. R., & Rocha, G. M. A. (manuscrito). Psicoterapias breves psicodinâmicas: Produção científica nacional e estrangeira.

Yukimitsu, M. T. C. P. (1991). Psicoterapia breve: Conceito e prática levantadas pela técnica Delphi. Dissertação de mestrado em Psicologia não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Yukimitsu, M. T. C. P. (1999). A formação do psicólogo: Considerações gerais. Em C. Witter (Org.), Ensino de Psicologia (pp.13-24). Campinas: Alínea.

Zavaschi, M. L. S., Bassols, A. M. S., Bergmann, D. S., & Costa, F. M. C. (2005). Abordagem psicodinâmica na infância. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos (2.ed.) (pp.717-737). Porto Alegre: Artmed.

Ziviani, C. (2000). Análise da avaliação dos programas de pós-graduação em Psicologia. XXX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Brasil, p.3.

ANEXOS

ANEXO 1

FORMULÁRIO PARA CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

Código do Artigo:

Ano do Artigo:

Natureza do trabalho:

- estudo empírico relato de experiência revisão de literatura
 trabalho teórico trabalho teórico ilustrado

Nos casos de Estudo Empírico, Relato de Experiência e Trabalho Teórico Ilustrado:

1. Participante(s) pesquisado(s):

a) Etapa de desenvolvimento:

- criança adolescente adulto
 idoso várias não especificada

b) Sexo:

- masculino feminino
 misto não especificado

c) Patologia(s) e/ou queixa pesquisada(s): _____

2. Modalidade de atendimento:

- individual grupal grupal familiar
 outra: _____

3. Instrumento(s) de avaliação psicológica utilizado(s)

Delineamento metodológico dos estudos empíricos:

- levantamento correlacional quasi-experimental
 experimental estudo de caso intensivo meta-análise

Modelo teórico do trabalho:

- impulsivo-estrutural relacional integrativo
 mais de um inespecífico

Destacar o porquê da classificação, indicando página(s), parágrafo(s) e linha(s) onde identificou o modelo (se preferir realize comentários):

ANEXO 2

Definições de Categorias para análise do item 5 – Natureza do Trabalho (Adaptado de Ferreira, 2002; Vieira e Hossne, 2001)

EE – Estudo Empírico: pesquisa envolvendo levantamento e análise de dados com a finalidade de conhecer um fenômeno ou de testar uma hipótese. Usualmente é estruturado com base nos itens: introdução, objetivos, método, resultados, discussões e conclusões. Envolve participação de seres humanos.

RE – Relato de Experiência: aplicação de novos programas ou formas de intervenção desenvolvidas empiricamente e que são descritas por seus autores e/ou praticantes.

RL – Revisão de Literatura: revisão sistemática da literatura concernente a um tema ou tópico específico com o objetivo de delinear o estado da arte, identificar principais autores e pesquisas, mostrar a evolução de conhecimentos sobre um tema específico, apontar falhas e acertos dos diversos trabalhos na área. Resumo do que é realmente importante sobre o tema focalizado.

TT – Trabalho Teórico: voltado para a reflexão de um tema, tópico ou conceito teórico ou para a descrição de uma técnica psicoterapêutica. Exclui trabalhos teóricos com ilustrações clínicas. Não se trata de pesquisa sistemática como verificado nos RL acima.

TTI – Trabalho Teórico Ilustrado: voltado para a reflexão de um tema, tópico ou conceito teórico, necessariamente acompanhado de um ou mais casos clínicos práticos com a finalidade de ilustração.

ANEXO 3

Definições de Categorias para análise do item 7 – Delineamento de Pesquisa (Adaptado de Bordens & Abbott, 1999; Campos, 2000; Ferreira, 2002; Yoshida, 1998, 1999, maio)

Pesquisa de Levantamento: do ponto de vista metodológico é o tipo mais simples de pesquisa. Investigação que descreve, quantitativa e/ou qualitativamente, uma determinada realidade em um determinado momento. Pode-se usar como instrumento: entrevistas e questionários ou técnicas de observação, os quais permitem apenas descrever e delimitar o fenômeno estudado. Não há interferência do pesquisador, no sentido de que não manipula e/ou controla variáveis.

Pesquisa Correlacional: compara a ocorrência de um tipo específico de relação entre variáveis em estudo, sem determinar se as relações são ou não causais, pois não consegue determinar com confiança qual a variável é causa e qual é efeito. Resulta em descrição de nível mais acurado quando em comparação à de levantamento, embora com baixo potencial para generalizações. Não há interferência na realidade por parte do pesquisador, apesar da descrição resultante possibilitar alguma inferência.

Pesquisa Experimental: é o mais completo delineamento de pesquisa, aquele que visa estabelecer relação de causa e efeito. Nele o pesquisador intervém na realidade, manipulando variáveis, incluindo-as ou excluindo-as. Permite generalizações e possibilita testagem e construção de teorias e modelos. Possui, necessariamente, controle e manipulação de variáveis e amostra randomizada.

Pesquisa Quasi-Experimental: é aquela que necessariamente, possui uma ou duas das condições do delineamento experimental. Entretanto, não apresenta a força da amostra randomizada. Permite que se analisem as relações de causa e efeito e, quando bem conduzida, garante alta validade interna.

Estudo de Caso Intensivo: baseado na observação exaustiva de casos clínicos. Procura reproduzir o contexto das psicoterapias, estudando-as a partir de múltiplas variáveis. Utiliza registros objetivos do processo terapêutico, tais como áudio e vídeo. Avaliações são usualmente realizadas por juizes independentes. A idéia subjacente é de que pessoas não participantes da psicoterapia possam acompanhar sua evolução.

Meta-análise: técnica de revisão sistemática da literatura, que se diferencia das pesquisas de revisão de literatura por ter critérios rígidos na inclusão e/ou exclusão de artigos, na avaliação da qualidade dos trabalhos e por envolver combinações estatísticas dos resultados. Sintetiza achados de vários trabalhos clínicos. Tipo especial de estudo empírico, que não envolve participação de seres humanos.

ANEXO 4

Relação de artigos sorteados para treinamentos e julgamento.

PERIÓDICO	TREINAMENTO 1	TREINAMENTO 2
EP	Yoshida (1992)	Rossini (1985)
JBP	Guimarães, Domingues e Thebaldi (1990)	Lemgruber (1992)
JBP	Peluso, Nascimento e Schoueri (1999)	Schoueri e Segre (1999)
JCCP	Strupp (1993)	Henry, Strupp, Butler, Schacht e Binder (1993)
JCCP	Henry (1996)	Reynolds, Stiles, Barkham, Shapiro, Hardy e Rees (1996)
PP	Heiberg (1981)	Frankel (1981)
PP	Gilliéron (1987)	Husby, Dahl, Dahl, Heiberg, Olafsen e Weisæth (1985)
PP	Meyer, Stuhr, Wirth e Ruster (1988)	Høglend (1988)
TOTAL	8	8

PERIÓDICO	JULGAMENTO
EP	Enéas, Vasconcellos, Rillo e Duarte (1991)
JBP	Lemgruber (1985)
JBP	Appolinário (1990)
JCCP	Barber, Crits-Christoph e Luborsky (1996)
JCCP	Stiles, Agnew-Davies, Hardy, Barkham e Shapiro (1998)
PP	Mohl, Wyrick, Cleveland, Hawkins, Burdette e Williams (1982)
PP	Barth, Havik, Nielsen, Haver, Molstad, Rogge, Skatun, Heiberg e Ursin (1988)
PP	Eizirik, Costa, Kapczinski, Piltcher, Gauer e Libermann (1991)
TOTAL	8

ANEXO 5

Títulos de periódicos citados no EP, por ordem decrescente de frequência.

Periódico	F
Psychotherapy and Psychosomatics	6
Psychiatrie de l'Enfant	4
American Journal of Psychiatry	2
Archives Suisses de Neurologie, Neurochirurgie et de Psychiatrie	2
Cancer	2
Estudos de Psicologia	2
Infant Mental Health Journal	2
Journal of American Academy of Child Psychiatry	2
Professional Psychology: Research and Practice	2
Acta Psiquiátrica Psicológica America Latina	1
Archives of General Psychiatry	1
British Medical Journal	1
Boletim CEPP	1
British Medical Bulletin	1
Cadernos de Psicologia da Saúde	1
Hospital and Community Psychiatry	1
Informação Psiquiátrica	1
Journal of Psychiatric Research	1
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	1
Journal of American Medical Association	1
Journal of Consulting and Clinical Psychology	1
Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais	1
Nursing Times	1
Psicologia USP	1
Psicologia: Ciência e Profissão	1
Psychiatry	1
Psychosomatic Medicine	1
Revue Française Psychanalyse	1
Revista Argentina de Cirurgia	1
Revista Brasileira de Psicanálise	1
Revista da Associação Médica Brasileira	1
Revista Latino-Americana de Psicologia	1
Royal Society of Medicine	1
The Lancet	1
Z.-Lymphol	1
Prelo	2
Total	52

ANEXO 6

Títulos de periódicos citados no JBP, por ordem decrescente de frequência.

Periódico	F
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	15
American Journal of Psychiatry	9
American Journal of Psychotherapy	6
Archives of General Psychiatry	6
Psychotherapy and Psychosomatics	5
Psychiatric Annals	4
Journal of Consulting and Clinical Psychology	3
Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	3
American Psychologist	2
British Journal of Psychiatry	2
International Journal of Psychoanalysis	2
Medical Care	2
Social Science Medicine	2
Arquivos Brasileiros de Medicina	1
British Journal of Medical Psychology	1
Bulletin of the Menninger Clinic	1
Index Internacional de Psiquiatria	1
Informação Psiquiátrica	1
Journal of Abnormal and Social Psychology	1
Psychoanalytic Quarterly	1
Psychological Bulletin	1
Psychological Medicine	1
Residência Médica	1
Revista da Federação Latino-Americana da Associação de Psicoterapia Analítica de Grupo	1
Revista da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo	1
Revista do Hospital das Clínicas de Porto Alegre	1
Revista Insight e Psicoterapia	1
Science	1
International Journal of Social Psychiatry	1
Journal of Family Practice	1
Psychiatric Clinic of North America	1
Total	79

ANEXO 7

Títulos de periódicos citados no JCCP, em ordem decrescente de frequência.

Periódico	F
Journal of Consulting and Clinical Psychology	110
Archives of General Psychiatry	41
Psychological Bulletin	21
American Journal of Psychiatry	18
Journal of Counseling Psychology	18
Journal of Abnormal Psychology	15
Journal of Personality and Social Psychology	15
British Journal of Psychiatry	14
Psychotherapy	14
Psychotherapy Research	12
American Psychologist	11
Journal of Nervous and Mental Disease	11
Clinical Psychology Review	10
Behavior Therapy	9
British Journal of Clinical Psychology	8
Psychological Review	8
American Journal of Gastroenterology	6
Gastroenterology	6
Psychotherapy and Psychosomatics	6
Psychotherapy: Theory, Research and Practice	6
Behaviour Research and Therapy	5
Family Process	5
Annals of Internal Medicine	4
British Medical Journal	4
Cognitive Therapy and Research	4
Digestive Diseases and Sciences	4
Gut	4
Psychological Assessment	4
Psychosomatic Medicine	4
Alimentary Pharmacology and Therapeutics	3
Australian and New Zealand Journal of Family Therapy	3
Behavioral and Brain Sciences	3
Biofeedback and Self-Regulation	3
British Journal of Medical Psychology	3
Developmental and Behavioral Pediatrics	3
Journal of Pediatric Psychology	3
Journal of Psychosomatic Research	3
Journal of the American Academy of Child Psychiatry	3
Lancet	3
Nederlands Tijdschrift voor de Psychologie	3
Pediatrics	3
Psychiatry	3
Psychosomatics	3

American Journal of Medicine	2
American Journal of Orthopsychiatry	2
American Journal of Psychotherapy	2
Behavioral Assessment	2
Behavioral Science	2
Bulletin of the Menninger Clinic	2
Clinical Psychology: Science and Practice	2
Digestion	2
European Journal of Pediatrics	2
Health Psychology	2
International Journal of Psychoanalysis	2
Journal of Clinical Child Psychology	2
Journal of Integrative and Eclectic Psychotherapy	2
Journal of Pediatrics	2
Journal of Psychotherapy Integration	2
Journal of Social and Personal Relationships	2
Psychopharmacology Bulletin	2
Research on Social Work Practice	2
Review of Educational Research	2
Social Science & Medicine	2
Social Psychology Quarterly	1
Acta Psychiatrica Scandinavica	1
American Journal Gastroenterology	1
American Journal of Community Psychology	1
American Journal of Diseases of Childhood	1
American Journal of Epidemiology	1
Annual Review of Psychology	1
Applied Psychophysiology and Biofeedback	1
Archives of Disease in Childhood	1
Australian Journal of Psychotherapy	1
Australian Psychologist	1
Behavior research and Therapy	1
Behavior Therapist	1
Biometrics	1
British Journal of Social and Clinical Psychology	1
Canadian Journal of Counseling	1
Child Development	1
Clinical Psychology Forum	1
Comprehensive Psychiatry	1
Counseling Psychologist	1
Diseases of the Nervous System	1
European Journal of Surgery	1
Gastroenterology International	1
Human Relations	1
International Journal of Family Therapy	1
International Journal of Group Psychotherapy	1
Journal of Abnormal and Social Psychology	1
Journal of Behavioral Medicine	1

Journal of General Psychology	1
Journal of Pediatric Gastroenterology and Nutrition	1
Journal of Personality Assessment	1
Journal of Psychiatric Research	1
Journal of the American Academy of Psychoanalysis	1
Journal of the American Psychoanalytic Association	1
Mayo Clinic Proceedings	1
Medical Care	1
Pain	1
Professional Psychology	1
Psyche	1
Psychoanalysis and Contemporary Thought	1
Psychoanalysis Quarterly	1
Psychoanalytic Review	1
Psychoanalytic Study of the Child	1
Psychologica Belgica	1
Psychological Medicine	1
Psychotherapy: Research and Practice	1
Social Casework	1
Total	526

ANEXO 8

Títulos de periódicos citados no PP, em ordem decrescente de frequência.

Periódico	F
Psychotherapy and Psychosomatics	94
Archives of General Psychiatry	27
American Journal of Psychiatry	17
Journal of Consulting and Clinical Psychology	12
International Journal of Psychoanalysis	10
Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry	9
Psychological Bulletin	7
Journal of Child Psychology and Psychiatry	6
British Journal of Psychiatry	6
Journal of Nervous and Mental Disease	5
Tidsskr. Norsk Psykologforening	4
Psychosomatic Medicine	4
Psychophysiology	4
Journal of Consulting Psychology	4
International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy	4
Canadian Journal of Psychiatry	4
American Journal of Psychotherapy	4
American Academy of Child and Adolescent Psychiatry	4
Psychometrika	3
Nordic Psychology	3
Journal of Norwegian Psychological Association	3
Journal of Abnormal Child Psychology	3
British Journal of Medical Psychology	3
Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	2
Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training	2
Psychopharmacological Bulletin	2
Psychiatric Clinicians of North America	2
Psyche	2
Journal of the American Psychoanalytical Association	2
Journal of Psychosomatic Research	2
Journal of Counseling Psychology	2
International Journal of Clin. Exp. Hypn.	2
Infant Mental Health Journal	2
Family Process	2
Educational Psychology Measuring	2
Bulletin of Menninger Clinic	2
American Psychologist	2
American Journal Orthopsychiatry	2
Z. Psycho-Somat. Méd.	1
Ugeskr. Laeger	1
Social and Science Medicine	1
Semin. Psychiatr.	1
Scandinavian Journal of Psychology	1
Revista do Hospital das Clínicas de Porto Alegre	1
Psychotherapy: Practice and Research	1
Psychoanalytical Study of Child	1

Psychoanalytical Quarterly	1
Psychoanalytic Psychotherapy	1
Psychiatric Quarterly	1
Psychiatr. Infant	1
Prax. Psychother. Psychosom.	1
Pediatric Psychology	1
Pat. Educational Counseling	1
Nov. Revue Psychoanalyse	1
Nordic Journal of Psychiatry	1
Journal of Psychotherapy, Practice and Research	1
Journal of Physiology	1
Journal of Personality Disorder	1
Journal of Personality and Social Psychology	1
Journal of Norwegian Medical Association	1
Journal of Integrative and Eclectic Psychotherapy	1
Journal of Biological Medicine	1
Journal of American Academy of Psychoanalysis	1
Journal of Abnormal Psychology	1
Journal of Abnormal and Social Psychology	1
International Journal of Mental Health	1
International Journal of Group Psychotherapy	1
Inquiry	1
Hospital and Community Psychiatry	1
Hipocrates	1
Contemporary Psychoanalysis	1
Comprehensive Psychiatry	1
Cognitive Therapy and Research	1
Child Psychiatry and Human Development	1
Child Development	1
Australian and New Zealand Journal of Psychiatry	1
Annual of Internal Medicine	1
American Journal of Psychology	1
American Journal of Community Psychology	1
Acta Psychiatr. Scand.	1
Prelo	1
Sem Indicação	1
Total	314

ANEXO 9

Autores referidos no periódico EP, em ordem alfabética e em ordem de frequência de citação.

AUTORES REFERIDOS Estudos de Psicologia (ordem alfabética)	F
Abreu, J. R. P.	1
Aguiar, R.	1
Alexander, F.	2
Amatuzzi, M. M.	2
Angelergues-de Kerchove, C.	1
Anzieu, D.	1
Arcaro, N. T.	1
Bahamondes, M. Y. M.	1
Baider, L.	1
Bastos, G. C.	1
Bellack, L.	1
Benson, P.	1
Binder, J. L.	1
Bion, W. R.	1
Bloch, A.	1
Bloch, A.	1
Bloom, J. R.	2
Boff, A. A.	1
Braier, E. A.	2
Bridge, L. R.	1
Britto, A. V.	1
Budman, H. S.	1
Butler, S. F.	1
Calich, J. C.	1
Calil, V. L. L.	1
Carvalho, R. M. L. L.	1
Casa, D.	1
Corbineau, G. D.	1
Cordeiro, E. G.	1
Cordioli, A. V.	1
Costa, E. C.	1
Costa, J. F.	1
Cramer, B.	2
Cutler, M. M. D.	1
Dahl, C. I.	2
Davanloo, H.	1
Davis, M.	1
De-Nour, K.	1
Dmoch, W.	1
Duarte, K. M. M.	1
Duarte, M. I. S. C.	1
Eizirik, C.	1
Enéas, M. L. E.	1
Espasa, F. P.	4
Fallowfield, L. J.	1
Fengler, J.	1
Ferenczi, S.	1
Ferreira-Santos, E.	1
Fiorini, H. J.	6
Fleck, M. P. A.	1
Flóres, H. B.	1
French, T.	2

AUTORES REFERIDOS Estudos de Psicologia (ordem de frequência de citação)	F
Malan, D.	14
Knobel, M.	9
Freud, S.	7
Yoshida, E. M. P.	7
Fiorini, H. J.	6
Sifneos, P. E.	6
Simon, R.	6
Husby, R.	5
Espasa, F. P.	4
Gilliéron, E.	4
Klein, M.	3
Lemgruber, V. B.	3
Reich, W.	3
Strupp, H. H.	3
Alexander, F.	2
Amatuzzi, M. M.	2
Bloom, J. R.	2
Braier, E. A.	2
Cramer, B.	2
Dahl, C. I.	2
French, T.	2
Heiberg, A. N.	2
Lester, E.	2
Manzano, J.	2
Olafsen, O. M.	2
Proskauer, S.	2
Spiegel, D.	2
Weisaeth, I.	2
Abreu, J. R. P.	1
Aguiar, R.	1
Angelergues-de Kerchove, C.	1
Anzieu, D.	1
Arcaro, N. T.	1
Bahamondes, M. Y. M.	1
Baider, L.	1
Bastos, G. C.	1
Bellack, L.	1
Benson, P.	1
Binder, J. L.	1
Bion, W. R.	1
Bloch, A.	1
Bloch, A.	1
Boff, A. A.	1
Bridge, L. R.	1
Britto, A. V.	1
Budman, H. S.	1
Butler, S. F.	1
Calich, J. C.	1
Calil, V. L. L.	1
Carvalho, R. M. L. L.	1
Casa, D.	1
Corbineau, G. D.	1

Freud, S.	7
Garbovesky, C.	1
Gilliéron, E.	4
Gilligan, S. G.	1
Gottheil, E.	1
Graminha, S. S. V.	1
Hales, R. E.	1
Hall, A.	1
Hall, P.	1
Hartmann, H.	1
Heiberg, A. N.	2
Henry, W. P.	1
Horowitz, M.	1
Husby, R.	5
Isaacs, S.	1
Käes, R.	1
Kaltreideir, N.	1
Katz, C. S.	1
Klein, M.	3
Knobel, M.	9
Kraemer, H. C.	1
Krinski, S.	1
Krupnick, J.	1
La Pierre, K.	1
Lacan, J.	1
Leeman, C. P.	1
Lemgruber, V. B.	3
Lester, E.	2
Libâneo, J. C.	1
Lopez, S. M.	1
Luborsky, L.	1
Mackenzie, K. R.	1
Mahler, M.	1
Malan, D.	14
Mann, J.	1
Mannoni, M.	1
Mantovanini, M. T. L.	1
Manzano, J.	2
Marmar, C.	1
Martins, M. A. O.	1
McClellan, A. T.	1
Meyer, L.	1
Mikm, J. C.	1
Moreira, P.	1
Negrin, L. C.	1
Néri, A. L.	1
Okawara, H.	1
Olafsen, O. M.	2
Osório, C. M. S.	1
Phillipson, H.	1
Piest, R. G.	1
Pietroni, P. C.	1
Proskauer, S.	2
Ramirez, A. J.	1
Reich, W.	3
Renneker, R. M. D.	1

Cordeiro, E. G.	1
Cordioli, A. V.	1
Costa, E. C.	1
Costa, J. F.	1
Cutler, M. M. D.	1
Davanloo, H.	1
Davis, M.	1
De-Nour, K.	1
Dmoch, W.	1
Duarte, K. M. M.	1
Duarte, M. I. S. C.	1
Eizirik, C.	1
Enéas, M. L. E.	1
Fallowfield, L. J.	1
Fengler, J.	1
Ferenczi, S.	1
Ferreira-Santos, E.	1
Fleck, M. P. A.	1
Flóres, H. B.	1
Garbovesky, C.	1
Gilligan, S. G.	1
Gottheil, E.	1
Graminha, S. S. V.	1
Hales, R. E.	1
Hall, A.	1
Hall, P.	1
Hartmann, H.	1
Henry, W. P.	1
Horowitz, M.	1
Isaacs, S.	1
Käes, R.	1
Kaltreideir, N.	1
Katz, C. S.	1
Kraemer, H. C.	1
Krinski, S.	1
Krupnick, J.	1
La Pierre, K.	1
Lacan, J.	1
Leeman, C. P.	1
Libâneo, J. C.	1
Lopez, S. M.	1
Luborsky, L.	1
Mackenzie, K. R.	1
Mahler, M.	1
Mann, J.	1
Mannoni, M.	1
Mantovanini, M. T. L.	1
Marmar, C.	1
Martins, M. A. O.	1
McClellan, A. T.	1
Meyer, L.	1
Mikm, J. C.	1
Moreira, P.	1
Negrin, L. C.	1
Néri, A. L.	1
Okawara, H.	1

Reynolds, S. A.	1
Rillo, C.	1
Robbins, G. F.	1
Rosa, J. T.	1
Rosser, C. L.	1
Rudolph, B. A.	1
Sachs, S. H.	1
Sales, J. R.	1
Savatore, C. A.	1
Schestatsky, S.	1
Segal, H.	1
Sifneos, P. E.	6
Silva, M. A. M. I.	1
Silvares, E. F. M.	1
Simon, R.	6
Small, L.	1
Souza, A. Z. de	1
Spagnola, M.	1
Spiegel, D.	2
Spilka, J. I.	1
Stegert, O. A.	1
Strupp, H. H.	3
Teixeira, S. N.	1
Térzis, A.	1
Touro, S. M.	1
Ursano, R. J.	1
Vasconcelos, A. S. M.	1
Vinogradov, S.	1
Wallerstein, R.	1
Weigand, O.	1
Weisaeth, I.	2
Willis, J.	1
Wilner, N. L.	1
Winick, L.	1
Winnicott, D. W.	1
Wolberg, L. R.	1
Wood, G. E.	1
Yalon, I. D.	1
Yoshida, E. M. P.	7
Yukimitsu, M. T. C. P.	1
Zeig, J. K.	1

Osório, C. M. S.	1
Phillipson, H.	1
Piest, R. G.	1
Pietroni, P. C.	1
Ramirez, A. J.	1
Renneker, R. M. D.	1
Reynolds, S. A.	1
Rillo, C.	1
Robbins, G. F.	1
Rosa, J. T.	1
Rosser, C. L.	1
Rudolph, B. A.	1
Sachs, S. H.	1
Sales, J. R.	1
Savatore, C. A.	1
Schestatsky, S.	1
Segal, H.	1
Silva, M. A. M. I.	1
Silvares, E. F. M.	1
Small, L.	1
Souza, A. Z. de	1
Spagnola, M.	1
Spilka, J. I.	1
Stegert, O. A.	1
Teixeira, S. N.	1
Térzis, A.	1
Touro, S. M.	1
Ursano, R. J.	1
Vasconcelos, A. S. M.	1
Vinogradov, S.	1
Wallerstein, R.	1
Weigand, O.	1
Willis, J.	1
Wilner, N. L.	1
Winick, L.	1
Winnicott, D. W.	1
Wolberg, L. R.	1
Wood, G. E.	1
Yalon, I. D.	1
Yukimitsu, M. T. C. P.	1
Zeig, J. K.	1

ANEXO 10

Autores referidos no periódico JBP, em ordem alfabética e em ordem de frequência de citação.

AUTORES REFERIDOS Jornal Brasileiro de Psiquiatria (ordem alfabética)	F
Aguiar, R.	1
Aguiar, R. W.	1
Alexander, F.	3
American Psychiatric Association	2
Appolinário, J. C. B.	1
Balint, E.	2
Balint, M.	2
Baremlitt, G.	1
Bastos, J. C.	4
Benke, J. D.	1
Bent, D. H.	1
Bion, W. R.	2
Bowlby, J.	1
Braithwaite, V. A.	1
Caetano, D.	1
Carriconde, I. L. M.	1
Carvalho, T. F. R.	1
Castro, G. B.	1
Chistatsky, S.	1
Chodoff, P.	1
Clavim, J.	1
Conte, R. H.	1
Cordioli, A. V.	2
Costa, E.	1
Daher, J. E.	1
Dal Zot, J.	1
Dare, C.	1
Davanloo, H.	1
Delgado, M. E.	1
Domingues, M. L.	1
Duan, N.	1
Eizirik, C. L.	3
Engel, J. V.	1
Fenichel, O.	1
Ferenczi, S.	1
Ferreira-Santos, E.	1
Figueiroa, L.	1
Filho, J. F. S. (?)	1
Fiorini, H. J.	9
Firth, J.	1
Flaherty, J.	1
Frances, A.	1
French, T.	3
Freud, S.	16
Frieswyk, S.	1
Frota-Pessoa, O.	1
Gai, C. D.	1
Gardner, G.	1
Gauer, R. H.	1
Gift, T. E.	1
Goldeberg, R. L.	1

AUTORES REFERIDOS Jornal Brasileiro de Psiquiatria (ordem de frequência de citação)	F
Freud, S.	16
Malan, D. H.	15
Fiorini, H. J.	9
Sífneos, P. E.	9
Lemgruber, V. B.	7
Guimarães, L. A. M.	5
Husby, R.	5
Bastos, J. C.	4
Alexander, F.	3
Eizirik, C. L.	3
French, T.	3
Small, L.	3
American Psychiatric Association	2
Balint, E.	2
Balint, M.	2
Bion, W. R.	2
Cordioli, A. V.	2
Hezim, C. N.	2
Horowitz, M. J.	2
Kaplan, H. I.	2
Karasu, T. B.	2
Kesselman, H.	2
Luborsky, L.	2
Olfson, M.	2
Oliveira, W. I.	2
Organização Mundial da Saúde	2
Ornstein, P. H.	2
Pereira, W. L.	2
Pincus, H. A.	2
Sadock, B. J.	2
Schoueri, P. C. L.	2
Simon, R.	2
Strupp, H. H.	2
Wolberg, L. R.	2
Aguiar, R.	1
Aguiar, R. W.	1
Appolinário, J. C. B.	1
Baremlitt, G.	1
Benke, J. D.	1
Bent, D. H.	1
Bowlby, J.	1
Braithwaite, V. A.	1
Caetano, D.	1
Carriconde, I. L. M.	1
Carvalho, T. F. R.	1
Castro, G. B.	1
Chistatsky, S.	1
Chodoff, P.	1
Clavim, J.	1
Conte, R. H.	1
Costa, E.	1

Gomes-Schwartz, B.	1
Green, S. A.	1
Greenson, R R.	1
Greenson, R.	1
Guedes, F. L. V.	1
Guimarães, L. A. M.	5
Hadley, S.	1
Hamilton, M.	1
Hezim, C. N.	2
Holder, A.	1
Hollon, S. D.	1
Horowitz, M. J.	2
Howard, K. I.	1
Hull, C. H.	1
Husby, R.	5
Jenkis, J. G.	1
Johnson, B. A.	1
Jones, E.	1
Joseph, B.	1
Kalina, E.	1
Kaltreider, N.	1
Kaplan, H. I.	2
Karasu, T. B.	2
Kernberg, D. F.	1
Kernberg, O.	1
Kesselman, H.	2
Kiermann, G.	1
Klein, M.	1
Klerman, G.	1
Koss, M.	1
Kraft, I.	1
Krupnick, J.	1
Kusnetzoff, J. C.	1
Lemgruber, V. B.	7
Lima, M. G.	1
Loebel, J. P.	1
Lopes, J. L.	1
Lowenkron, T. H.	1
Luborsky, L.	2
Maisonneuve, J.	1
Malan, D. H.	15
Manning, W. G.	1
Marmar, C.	1
Marmur, J.	1
Marziali, E.	1
Marziali, E. A.	1
Menninger, K.	1
Mondrzak, V. S.	1
Neenan, P.	1
Newhouse, J. P.	1
Nie, N. H.	1
Olfson, M.	2
Oliveira, W. I.	2
Organização Mundial da Saúde	2
Orlinsky, D. E.	1
Ornstein, P. H.	2
Osório, L. C.	1
Paprocki, J.	1

Daher, J. E.	1
Dal Zot, J.	1
Dare, C.	1
Davanloo, H.	1
Delgado, M. E.	1
Domingues, M. L.	1
Duan, N.	1
Engel, J. V.	1
Fenichel, O.	1
Ferenczi, S.	1
Ferreira-Santos, E.	1
Figueiroa, L	1
Filho, J. F. S. (?)	1
Firth, J.	1
Flaherty, J.	1
Frances, A.	1
Frieswyk, S.	1
Frota-Pessoa, O.	1
Gai, C. D.	1
Gardner, G.	1
Gauer, R. H.	1
Gift, T. E.	1
Goldeberg, R. L.	1
Gomes-Schwartz, B.	1
Green, S. A.	1
Greenson, R R.	1
Greenson, R.	1
Guedes, F. L. V.	1
Hadley, S.	1
Hamilton, M.	1
Holder, A.	1
Hollon, S. D.	1
Howard, K. I.	1
Hull, C. H.	1
Jenkis, J. G.	1
Johnson, B. A.	1
Jones, E.	1
Joseph, B.	1
Kalina, E.	1
Kaltreider, N.	1
Kernberg, D. F.	1
Kernberg, O.	1
Kiermann, G.	1
Klein, M.	1
Klerman, G.	1
Koss, M.	1
Kraft, I.	1
Krupnick, J.	1
Kusnetzoff, J. C.	1
Lima, M. G.	1
Loebel, J. P.	1
Lopes, J. L.	1
Lowenkron, T. H.	1
Maisonneuve, J.	1
Manning, W. G.	1
Marmar, C.	1
Marmur, J.	1
Marziali, E.	1

Pereira, W. L.	2
Pincus, H. A.	2
Pondé, M. P.	1
Pumpian-Mindlin, E.	1
Racker, H.	1
Rascovsky, A.	1
Reich, J.	1
Richman, J.	1
Rickwood, D. J.	1
Rodrigues, A.	1
Rosolato, G.	1
Sadock, B. J.	2
Sandler, J.	1
Sapolsky, A.	1
Schoueri, P. C. L.	2
Schwartz, E. K.	1
Schwartz, L. H.	1
Shapiro, D. A.	1
Sifneos, P. E.	9
Silva, J. A.	1
Simon, R.	2
Small, L.	3
Sociedade Brasileira de Psicanálise	1
Sonenreich, C.	1
Sougey, E.B.	1
Speier, A.	1
Steinbrenner, K.	1
Stela, F	1
Stiles, W.	1
Strupp, H. H.	2
Sullivan, M. D.	1
Sweeney, J.	1
Szajnbok, M.	1
Thebaldi, B.	1
Verhaak, P. F. M.	1
Ware, J. E.	1
Wells, K. B.	1
Winnicott, D. W.	1
Wolberg, L. R.	2
Wolf, A.	1
Yager, J.	1
Yates, W. R.	1
Zanetti, L. C.	1
Zastowny, R. R.	1
Zetzel, E. R.	1
Zimmermann, D.	1

Marziali, E. A.	1
Menninger, K.	1
Mondrzak, V. S.	1
Neenan, P.	1
Newhouse, J. P.	1
Nie, N. H.	1
Orlinsky, D. E.	1
Osório, L. C.	1
Paprocki, J.	1
Pondé, M. P.	1
Pumpian-Mindlin, E.	1
Racker, H.	1
Rascovsky, A.	1
Reich, J.	1
Richman, J.	1
Rickwood, D. J.	1
Rodrigues, A.	1
Rosolato, G.	1
Sandler, J.	1
Sapolsky, A.	1
Schwartz, E. K.	1
Schwartz, L. H.	1
Shapiro, D. A.	1
Silva, J. A.	1
Sociedade Brasileira de Psicanálise	1
Sonenreich, C.	1
Sougey, E.B.	1
Speier, A.	1
Steinbrenner, K.	1
Stela, F	1
Stiles, W.	1
Sullivan, M. D.	1
Sweeney, J.	1
Szajnbok, M.	1
Thebaldi, B.	1
Verhaak, P. F. M.	1
Ware, J. E.	1
Wells, K. B.	1
Winnicott, D. W.	1
Wolf, A.	1
Yager, J.	1
Yates, W. R.	1
Zanetti, L. C.	1
Zastowny, R. R.	1
Zetzel, E. R.	1
Zimmermann, D.	1

ANEXO 11

Autores referidos no periódico JCCP, em ordem alfabética e em ordem de frequência de citação.

AUTORES REFERIDOS Journal of Consulting and Clinical Psychology (Ordem Alfabética)	F
Abeles, N.	3
Abramson, L. Y.	1
Achenbach, T. M.	2
Agnew, R. M.	2
Agnew-Davies, R.	2
Aiken, L. S.	1
Alberts, G.	3
Al-Darmaki, F.	1
Alden, L. E.	1
Alexander, J. F.	3
Alexander, L.	3
Alexander, L. B.	2
Ali, A.	1
Alicke, M. C.	1
Allen, J. G.	1
Allison, M.	1
Alpers, D. H.	2
Alpher, V. S.	1
Altman, J. H.	1
Alvarez, W.	1
Alvarez, J. H.	1
American Psychiatric Association	10
Amster, F.	1
Anchin, J. C.	1
Andreasen, N. C.	1
Andrews, G.	2
Andriessen, J. H. T. H.	1
Andrulonis, P. A.	1
Andruzzi, E.	1
Apfel, R. J.	1
Apley, J.	2
Arieti, S.	2
Arindell, W. A.	1
Arizmendi, T. G.	1
Arnold, R.	1
Arnold, R. C.	1
Ashby, M.	1
Atzmon, Y.	1
Auerbach, A.	5
Auerbach, A. H.	2
Azim, H. F. A.	6
Bachelor, A.	1
Bachman, J. G.	3
Baer, B. A.	5
Bailey, V.	1
Balden, E.	1
Bandura, A.	1
Barber, J. P.	11

AUTORES REFERIDOS Journal of Consulting and Clinical Psychology (Ordem de Frequência de Citação)	F
Strupp, H. H.	66
Shapiro, D. A.	45
Luborsky, L.	41
Henry, W. P.	36
Stiles, W. B.	34
Horowitz, L. M.	23
Schacht, T. E.	23
Horvath, A. O.	20
Barkham, M.	18
Benjamin, L. S.	17
Blanchard, E. B.	17
Crits-Christoph, P.	15
Beck, A.	14
Binder, J. L.	14
Marmar, C. R.	14
Butler, S. F.	12
Hardy, G. E.	12
Rees, A.	12
Barber, J. P.	11
Derogatis, L. R.	11
Drossman, D. A.	11
Gaston, L.	11
Piper, W. E.	11
Reynolds, S.	11
Talley, N. J.	11
American Psychiatric Association	10
Erbaugh, J.	9
Mendelson, M.	9
Mock, J.	9
Zinsmeister, A. R.	9
Orlinsky, D. E.	8
Rosenberg, S. E.	8
Ward, C.	8
Emery, G.	7
Firth-Cozens, J. A.	7
Hobson, R. F.	7
Schwarz, S. P.	7
Startup, M.	7
Startup, M. J.	7
Thompson, L. W.	7
Weiss, D. S.	7
Azim, H. F. A.	6
Berman, J. S.	6
Cohen, J.	6
Diguer, L.	6
Elkin, I.	6
Firth, J. A.	6
Howard, K. I.	6

Barbero, G. J.	1
Barends, A. W.	1
Barker, S. L.	1
Barkham, M.	18
Barlow, D. H.	2
Barnard, J. A.	1
Baron, R. M.	1
Barreiro, M. A.	1
Barrett, C. L.	2
Barry, R. E.	1
Bartholomew, K.	2
Basset, D. L.	1
Bassuk, E.	1
Battle, C. C.	2
Beck, A.	14
Beck, A. T.	5
Becker, W. C.	1
Beeler, M.	1
Bellack, A. S.	1
Bellack, L.	1
Bemporad, J.	2
Benhamou, Y.	1
Benjamin, L.	1
Benjamin, L. S.	17
Bennett, P.	1
Benson, H.	1
Bergin, A. E.	4
Bergmann, J. F.	2
Berman, J. S.	6
Bernstein, B.	1
Berreman, C. F.	1
Beutler, L. E.	5
Bienvenu, J. P.	3
Biglan, A.	1
Billings, A. G.	1
Binder, J. L.	14
Blaine, J.	1
Blanchard, E. B.	17
Blatt, S. J.	4
Bleijenberg, G.	1
Blewett, A.	1
Blumberg, S. R.	2
Bodin, A.	1
Bor, W.	1
Bordin, E. S.	2
Borduin, C. M.	1
Borstein, R. F.	1
Boscolo, L.	1
Bosmajian, L.	1
Bothwell, S.	1
Bowers, T. G.	1
Bowlby, J.	3
Breckenridge, J. N.	1
Breckenridge, J. S.	3
Brenner, C.	1
Brockman, B.	1
Brodady, H.	1
Brom, D.	3

Joyce, A. S.	6
Rush, J.	6
Sampson, H.	6
Scharff, L.	6
Shaw, B.	6
Silberschatz, G.	6
Ureño, G.	6
Walker, L. S.	6
Weiss, J.	6
Auerbach, A.	5
Baer, B. A.	5
Beck, A. T.	5
Beutler, L. E.	5
Curtis, J. T.	5
Glass, G. V.	5
Greene, J. W.	5
Hadley, S. W.	5
Hardy, G.	5
Krupnick, J.	5
Lambert, M. J.	5
Marziali, E.	5
McCallum, M.	5
Melton, L. J.	5
O'Brien, C. P.	5
Popp, C.	5
Rounsaville, B. J.	5
Smith, M. L.	5
Symonds, B. D.	5
Villaseñor, V. S.	5
Bergin, A. E.	4
Blatt, S. J.	4
Davanloo, H.	4
de Carufel, F. L.	4
Endicott, J.	4
Flegenheimer, W.	4
Gallagher, D.	4
Grawe, K.	4
Greenberg, L. S.	4
Hartley, D. E.	4
Hokanson, J. E.	4
Imber, S. D.	4
Kazdin, A. E.	4
Kiesler, D. J.	4
Kirkby, R. J.	4
Li, Z.	4
Malan, D. H.	4
McCullough, L.	4
McLellan, A. T.	4
Miller, L. C.	4
Mintz, J.	4
O'Malley, S. S.	4
Parks, B. K.	4
Pollack, J.	4
Putnam, S. M.	4
Sifneos, P. E.	4
Smyrnios, K. X.	4
Wiggins, J. S.	4
Wilner, N.	4

Brown, T. A.	1
Brownbridge, G.	1
Bruning, J. L.	1
Budman, S. H.	3
Burger, A. L.	1
Burgess, E. P.	1
Burke, G.	2
Burke, R.	1
Burlingame, G. M.	1
Burnett, C. K.	1
Butcher, J. N.	2
Butler, S. F.	12
Cacciola, J.	2
Calcraft, B.	1
Campbell, D.	1
Campbell, D. T.	1
Cape, J. D.	1
Carmel, S.	1
Carr, S.	1
Carson, R. C.	1
Carter, J. A.	1
Casey, R. J.	1
Cassidy, J.	1
Cataldo, M. F.	1
Cervane, D.	1
Chan, C.	2
Chassany, O.	2
Checchin, G. F.	1
Chevront, C.	1
Chevron, E. S.	2
Chi, M. T. H.	1
Chirico, B.	1
Christensen, M. F.	1
Cicchetti, D. V.	1
Clare, A.	1
Cleghorn, G.	1
Clum, G. A.	1
Coady, N. J.	2
Coates, D.	1
Cofer, D. H.	1
Cohen, J.	6
Cohen, M.	1
Cohen, P.	2
Cohen, R.	1
Colgan, S. M.	1
Compass, B. E.	1
Conte, H. R.	1
Cook, E. W.; III	1
Cooper, A.	2
Cooper, A. M.	1
Cooper, H. M.	1
Cooper, J. E.	2
Cooper, P.	2
Cooper, P. J.	1
Corney, R. H.	1
Costa Jr., P. T.	1
Couthard, M.	1
Covi, L.	1

Winston, A.	4
Woody, G. E.	4
Abeles, N.	3
Alberts, G.	3
Alexander, J. F.	3
Alexander, L.	3
Bachman, J. G.	3
Bienvenu, J. P.	3
Bowlby, J.	3
Breckenridge, J. S.	3
Brom, D.	3
Budman, S. H.	3
Debbane, E. G.	3
Defares, P. B.	3
DeRubeis, R.	3
Dotevall, G.	3
Edelstein, B.	3
Elliott, R.	3
Feeley, M.	3
Finney, J. W.	3
Fleiss, J. L.	3
Gallagher, D. E.	3
Garfield, S. L.	3
Goldfried, M. R.	3
Greene, B.	3
Heaton, K. W.	3
Hyams, J. S.	3
Kaltreider, N.	3
Katon, W. J.	3
Kestenbaum, R.	3
Kleber, R. J.	3
Laikin, M.	3
Leserman, J.	3
Lipman, R. S.	3
Margison, F. R.	3
Mark, D.	3
Matarazzo, R.	3
Miller, T. I.	3
O'Malley, P. M.	3
Parsons, B. V.	3
Phillips, S. F.	3
Robins, L. N.	3
Robinson, L. A.	3
Roy-Byrne, P. P.	3
Safran, J. D.	3
Siegelman, E. Y.	3
Sotsky, S. M.	3
Spitzer, R. L.	3
Suh, C. S.	3
Suls, J. M.	3
Thompson, W. G.	3
Toner, B. B.	3
Trujillo, M.	3
Walker, E. A.	3
Weiss, B.	3
Weisz, J. R.	3
Westerman, M. A.	3
Whitehead, W. E.	3

Covi, M. D.	2
Coyne, J.	2
Coyne, J. C.	1
Coyne, L.	1
Crago, M.	2
Cramer, E. M.	1
Creaser, J.	1
Creed, F.	1
Creed, F. H.	1
Crits-Christoph, P.	15
Cronkite, R. C.	1
Cross, T.	1
Croughan, J.	1
Cucciara, S.	1
Culverwell, A.	2
Curtis, J. T.	5
Dadds, M.	1
Dahl, A. A.	1
Dahl, C. I.	1
Dahl, L.	2
Daniel, E. E.	1
Dare, C.	1
Darley, J. M.	1
Davanloo, H.	4
Davis, C. S.	1
Davis, P.	1
Davis, P. M.	1
Dawson, D.	1
de Carufel, F. L.	4
Debbane, E. G.	3
Defares, P. B.	3
Denford, J.	1
Dent, J.	1
Derogatis, L. R.	11
DeRubeis, R.	3
DeWitt, K.	1
DeWitt, K. N.	1
Diamant, N. E.	2
Dicesare, J.	1
Dietzel, C. S.	1
DiGasbarro, L.	1
Diguer, L.	6
DiNardo, P. A.	1
Dobson, K.	1
Dodge, J. A.	1
Donzelli, F.	1
Dotevall, G.	3
Drossman, D. A.	11
Dryer, D. C.	1
Duke, M.	1
Duncan, S. C.	1
Durenberger, D.	1
Dush, D. M.	1
Eagle, M. N.	1
Eaton, T. T.	1
Eaton, W. W.	1
Eckert, P. A.	1
Edelbrock, C. S.	1

Whorwell, P. J.	3
Wing, J. K.	3
Woodruff, R. A.	3
Woody, G.	3
Achenbach, T. M.	2
Agnew, R. M.	2
Agnew-Davies, R.	2
Alexander, L. B.	2
Alpers, D. H.	2
Andrews, G.	2
Apley, J.	2
Arieti, S.	2
Auerbach, A. H.	2
Barlow, D. H.	2
Barrett, C. L.	2
Bartholomew, K.	2
Battle, C. C.	2
Bemporad, J.	2
Bergmann, J. F.	2
Blumberg, S. R.	2
Bordin, E. S.	2
Burke, G.	2
Butcher, J. N.	2
Cacciola, J.	2
Chan, C.	2
Chassany, O.	2
Chevron, E. S.	2
Coady, N. J.	2
Cohen, P.	2
Cooper, A.	2
Cooper, J. E.	2
Cooper, P.	2
Covi, M. D.	2
Coyne, J.	2
Crago, M.	2
Culverwell, A.	2
Dahl, L.	2
Diamant, N. E.	2
Epstein, N. B.	2
Fett, S. L.	2
Fettegger, G.	2
Field, S. D.	2
Fisch, R.	2
Fischer, S. G.	2
Foley, S. H.	2
Ford, J. D.	2
Foreman, S.	2
Frank, J. D.	2
Frankel, A. S.	2
Garant, J.	2
Garber, J.	2
Gath, D.	2
Gerardi, M. A.	2
Goldberg, D. P.	2
Goldsmith, B.	2
Gomes-Schwartz, B.	2
Grunbaum, A.	2
Gurman, A. S.	2

Edelstein, B.	3
Ehrenreich, J. H.	1
Einhorn, H. J.	1
Elkin, I.	6
Elliott, M.	1
Elliott, R.	3
Emery, G.	7
Emmott, S.	1
Endicott, J.	4
Epstein, N.	1
Epstein, N. B.	2
Erbaugh, J.	9
Estroff, S.	1
Ettema, H.	1
Evans, I. M.	1
Evans, R. W.	1
Fairbank, J. A.	1
Fairburn, C. G.	1
Fairclough, P.	1
Faragher, E. B.	1
Farr, M. J.	1
Fazio, R. H.	1
Federman, E. J.	1
Feeley, M.	3
Feighner, J. P.	1
Fennis, J. F.	1
Fernandez, G. A.	1
Fett, S. L.	2
Fettegger, G.	2
Field, S.	1
Field, S. D.	2
Finger, T.	1
Finney, J. W.	3
First, M. B.	1
Firth, J. A.	6
Firth-Cozens, J.	1
Firth-Cozens, J. A.	7
Fisch, R.	2
Fischer, S. G.	2
Fishman, G.	1
Fiske, D. W.	1
Fitter, M.	1
Flegenheimer, W.	4
Fleisher, D. R.	1
Fleiss, J. L.	3
Fleissner, R.	1
Florin, I.	1
Florsheim, P.	1
Flowers, S.	1
Foa, U. G.	1
Foley, S.	1
Foley, S. H.	2
Follette, W. C.	1
Folstein, M.	1
Folstein, S.	1
Foote, F.	1
Foote, J.	1
Ford, J. D.	2

Hahn, B. A.	2
Halstead, J.	2
Hammen, E. F.	2
Hazan, C.	2
Hedges, L. V.	2
Heinicke, C. M.	2
Hervis, O.	2
Hilliard, R. B.	2
Hoehn-Saric, R.	2
Hole, A.	2
Hole, A. V.	2
Jacobson, N. S.	2
Jemelka, R. P.	2
Kahn, J.	2
Kaltreider, N. B.	2
Kivlighan, D. M.	2
Koss, M. P.	2
Levin, S.	2
Lomax, J.	2
Luborsky, E.	2
Maguire, G. P.	2
Mallinckrodt, B.	2
Mann, J.	2
Marziali, E. A.	2
McLellan, T. A.	2
Mellon, J.	2
Merbaum, M.	2
Meshkinpour, H.	2
Mitchell, C. M.	2
Mohl, C.	2
Moras, K.	2
Moss, S.	2
Mueller-Lissner, S. A.	2
Muran, J. C.	2
Nachman, G.	2
Nash, E. R.	2
Neff, D. F.	2
Neimeyer, R. A.	2
Nixon, G. W. H.	2
Notman, M.	2
O'Dowd, T.	2
O'Malley, A. S.	2
Osborn, M.	2
Osborn, M. S.	2
Patrick, D. L.	2
Pilkonis, P. A.	2
Prior, A.	2
Revenstorf, D.	2
Robins, E.	2
Sandell, R.	2
Sanders, M. R.	2
Santa-Barbara, J.	2
Sartorius, N.	2
Seligman, M. E. P.	2
Shankland, M. C.	2
Shaver, P.	2
Shrout, P. E.	2
Sledge, W.	2

Foreman, S.	2
Frank, J. D.	2
Frankel, A. S.	2
Franklin, J. L.	1
Frederick, I. O.	1
French, R. de S.	1
French, T. M.	1
Fretter, P. B.	1
Freud, S.	1
Fried, D.	1
Fugua, R. W.	1
Fuhriman, A.	1
Fullerton, S.	1
Funk, S. C.	1
Gabriel, S. E.	1
Gallagher, D.	4
Gallagher, D. E.	3
Galovski, T. E.	1
Garant, J.	2
Garber, J.	2
Garfield, S.	1
Garfield, S. L.	3
Gaston, L.	11
Gath, D.	2
Gelso, C. J.	1
Gendlin, E. T.	1
Gerardi, M. A.	2
Ghannam, J.	1
Giat, L.	1
Gibbon, M.	1
Gill, A.	1
Gill, M. M.	1
Glaser, R.	1
Glass, G.	1
Glass, G. V.	5
Glogau, L.	1
Gluck, H.	1
Goldberg, D. P.	2
Goldfried, M. R.	3
Goldsmith, B.	2
Gomes-Schwartz, B.	2
Goodman, J. T.	1
Gordon, A.	1
Gorsuch, R. L.	1
Gotestam, K. G.	1
Gotlib, I. H.	1
Grawe, K.	4
Green, R. -J.	1
Greenberg, J. R.	1
Greenberg, L. S.	4
Greene, B.	3
Greene, B. R.	1
Greene, J. W.	5
Greenson, R. R.	1
Grove, W. M.	1
Grunbaum, A.	2
Guite, J. W.	1
Gunary, R. M.	1

Snaith, R. P.	2
Spielberger, C. D.	2
Spitzer, R.	2
Stiles, T. C.	2
Stone, A. R.	2
Sullivan, H. S.	2
Summergrad, P.	2
Svartberg, M.	2
Svedlund, J.	2
Szapocznik, J.	2
Szkrumelack, N.	2
Tanaka, J. S.	2
Tasman, A.	2
Taylor, A. E.	2
Thackrey, M.	2
Toomey, T. C.	2
Wallerstein, R.	2
Watkins, J.	2
Watkins, J. T.	2
Watzlawick, P.	2
Welgan, P.	2
Wiltgen, C.	2
Wittenborn, J. R.	2
Woodward, C. A.	2
Wright, J.	2
Abramson, L. Y.	1
Aiken, L. S.	1
Al-Darmaki, F.	1
Alden, L. E.	1
Ali, A.	1
Alicke, M. C.	1
Allen, J. G.	1
Allison, M.	1
Alpher, V. S.	1
Altman, J. H.	1
Alvarez, W.	1
Alvarez, J. H.	1
Amster, F.	1
Anchin, J. C.	1
Andreasen, N. C.	1
Andriessen, J. H. T. H.	1
Andrulonis, P. A.	1
Andruzzi, E.	1
Apfel, R. J.	1
Arindell, W. A.	1
Arizmendi, T. G.	1
Arnold, R.	1
Arnold, R. C.	1
Ashby, M.	1
Atzmon, Y.	1
Bachelor, A.	1
Bailey, V.	1
Balden, E.	1
Bandura, A.	1
Barbero, G. J.	1
Barends, A. W.	1
Barker, S. L.	1
Barnard, J. A.	1

Gurman, A. S.	2
Gurman, D. P.	1
Gutfreund, M. J.	1
Guthrie, E.	1
Guz, A.	1
Guze, S. B.	1
Hadley, S. W.	5
Hahn, B. A.	2
Hahn, P.	1
Hakstian, A. R.	1
Hales, R. E.	1
Halstead, J.	2
Hamilton, M.	1
Hammen, C.	1
Hammen, E. F.	2
Hampe, E.	1
Hampe, I. E.	1
Hannah, M. T.	1
Hardy, G.	5
Hardy, G. E.	12
Harmsen, W. S.	1
Harper, H.	1
Harrigan, J. A.	1
Harrington, V.	1
Harrington, V. M. G.	1
Harris, G. E.	1
Harrison, R.	1
Harrist, R. S.	1
Hartley, D.	1
Hartley, D. E.	4
Harvey, R.	1
Harvey, R. F.	1
Hatcher, R. L.	1
Hatcher, S. L.	1
Haw, S. K.	1
Hazan, C.	2
Hazelrigg, M. D.	1
Heaton, K. W.	3
Hedges, L. V.	2
Heiberg, A. N.	1
Heinicke, C. M.	2
Helgeson, F.	1
Helzer, J. E.	1
Hennrikus, D.	1
Henry, W. P.	36
Herda, C.	1
Herget, M.	1
Herman, I.	1
Herrick, L. R.	1
Hersen, M.	1
Hervis, O.	2
Heslop, A.	1
Heyman, D. J.	1
Heyman-Monnikes, I.	1
Hildenbrand, B.	1
Hildenbrand, G.	1
Hill, C. E.	1
Hilliard, R. B.	2

Baron, R. M.	1
Barreiro, M. A.	1
Barry, R. E.	1
Basset, D. L.	1
Bassuk, E.	1
Becker, W. C.	1
Beeler, M.	1
Bellack, A. S.	1
Bellack, L.	1
Benhamou, Y.	1
Benjamin, L.	1
Bennett, P.	1
Benson, H.	1
Bernstein, B.	1
Berreman, C. F.	1
Biglan, A.	1
Billings, A. G.	1
Blaine, J.	1
Bleijenberg, G.	1
Blewett, A.	1
Bodin, A.	1
Bor, W.	1
Borduin, C. M.	1
Borstein, R. F.	1
Boscolo, L.	1
Bosmajian, L.	1
Bothwell, S.	1
Bowers, T. G.	1
Breckenridge, J. N.	1
Brenner, C.	1
Brockman, B.	1
Brodaty, H.	1
Brown, T. A.	1
Brownbridge, G.	1
Bruning, J. L.	1
Burger, A. L.	1
Burgess, E. P.	1
Burke, R.	1
Burlingame, G. M.	1
Burnett, C. K.	1
Calcraft, B.	1
Campbell, D.	1
Campbell, D. T.	1
Cape, J. D.	1
Carmel, S.	1
Carr, S.	1
Carson, R. C.	1
Carter, J. A.	1
Casey, R. J.	1
Cassidy, J.	1
Cataldo, M. F.	1
Cervane, D.	1
Checchin, G. F.	1
Chevront, C.	1
Chi, M. T. H.	1
Chirico, B.	1
Christensen, M. F.	1
Cicchetti, D. V.	1

Hillman, L. C.	1
Himmelhoch, J. M.	1
Hinchcliffe, M. K.	1
Hinton, R. A.	1
Hirt, M. L.	1
Hobson, R. F.	7
Hoehler, F.	1
Hoer-Saric, R.	2
Hoffart, A.	1
Hogarth, R. M.	1
Hokanson, J. E.	4
Holder, A.	1
Hole, A.	2
Hole, A. V.	2
Homann, E.	1
Honos-Webb, I.	1
Hooper, D.	1
Horney, K.	1
Horowitz, L. M.	23
Horowitz, M. J.	1
Horvath, A. O.	20
Hotopf, M.	1
Houghton, L. A.	1
Houston, B. K.	1
Howard, K. I.	6
Howard, L.	1
Howes, M. J.	1
Hoyt, M. F.	1
Hu, Y.	1
Huebner, D. A.	1
Husby, R.	1
Hyams, J. S.	3
Hyman, P. E.	1
Imber, S.	1
Imber, S. D.	4
Inouye, D.	1
Irvine, E. J.	1
Jackson, J. L.	1
Jacob, M. C.	1
Jacobson, N. S.	2
Jager, H. D.	1
James, J. Y.	1
James, S. A.	1
Janicke, D. M.	1
Jemelka, R. P.	2
Jenkins, P.	1
Johnson, M.	1
Jonson, M. O.	1
Joyce, A. S.	6
Junkert-Tress, B.	1
Justinich, C. J.	1
Kahn, J.	2
Kalehzan, B. M.	1
Kaltreider, N.	3
Kaltreider, N. B.	2
Kane, A. S.	1
Kanner, A. D.	1
Kaplan, N.	1

Clare, A.	1
Cleghorn, G.	1
Clum, G. A.	1
Coates, D.	1
Cofer, D. H.	1
Cohen, M.	1
Cohen, R.	1
Colgan, S. M.	1
Compass, B. E.	1
Conte, H. R.	1
Cook, E. W.; III	1
Cooper, A. M.	1
Cooper, H. M.	1
Cooper, P. J.	1
Corney, R. H.	1
Costa Jr., P. T.	1
Couthard, M.	1
Covi, L.	1
Coyne, J. C.	1
Coyne, L.	1
Cramer, E. M.	1
Creaser, J.	1
Creed, F.	1
Creed, F. H.	1
Cronkite, R. C.	1
Cross, T.	1
Croughan, J.	1
Cucciara, S.	1
Dadds, M.	1
Dahl, A. A.	1
Dahl, C. I.	1
Daniel, E. E.	1
Dare, C.	1
Darley, J. M.	1
Davis, C. S.	1
Davis, P.	1
Davis, P. M.	1
Dawson, D.	1
Denford, J.	1
Dent, J.	1
DeWitt, K.	1
DeWitt, K. N.	1
Dicesare, J.	1
Dietzel, C. S.	1
DiGasbarro, L.	1
DiNardo, P. A.	1
Dobson, K.	1
Dodge, J. A.	1
Donzelli, F.	1
Dryer, D. C.	1
Duke, M.	1
Duncan, S. C.	1
Durenberger, D.	1
Dush, D. M.	1
Eagle, M. N.	1
Eaton, T. T.	1
Eaton, W. W.	1
Eckert, P. A.	1

Katon, W. J.	3
Katz, H. P.	1
Kazdin, A. E.	4
Keefner, L.	1
Keller, A.	1
Kenny, D. A.	1
Kessler, L. G.	1
Kestenbaum, R.	3
Kiegl, R.	1
Kiesler, D. J.	4
Kinston, W.	1
Kintz, B. L.	1
Kirchdoerfer, L. I.	1
Kirk, J.	1
Kirkby, R. J.	4
Kivlighan, D. M.	2
Kleber, R. J.	3
Klee, M. R.	1
Klein, M.	1
Klein, M. H.	1
Klein, N. C.	1
Klempner, E.	1
Klotz, M. L.	1
Kniskern, D. P.	1
Kokotovic, A. M.	1
Kolb, D. L.	1
Kopta, S. M.	1
Kornreich, M.	1
Koss, M. P.	2
Kratochwill, T. R.	1
Kristjansdottir, G.	1
Kroenke, K.	1
Krug, R. S.	1
Kruis, W.	1
Krupnick, J.	5
Krupnick, J. L.	1
Kruskal, J. B.	1
Kurtines, W.	1
Kurtines, W. H.	1
Kyle, E. M.	1
Laikin, M.	3
Lambert, M. J.	5
Landrum, G. C.	1
Latimer, M.	1
Latimer, P.	1
Lazarus, L. W.	1
Lazarus, R. S.	1
Leary, T. F.	1
Leibovich, M. A.	1
Lemanek, K. L.	1
Leserman, J.	3
Levenson, H.	1
Levin, S.	2
Levitt, M.	1
Lewinsohn, P.	1
Li, Z.	4
Lipman, R. S.	3
Lipsey, M. W.	1

Edelbrock, C. S.	1
Ehrenreich, J. H.	1
Einhorn, H. J.	1
Elliott, M.	1
Emmott, S.	1
Epstein, N.	1
Estroff, S.	1
Ettema, H.	1
Evans, I. M.	1
Evans, R. W.	1
Fairbank, J. A.	1
Fairburn, C. G.	1
Fairclough, P.	1
Faragher, E. B.	1
Farr, M. J.	1
Fazio, R. H.	1
Federman, E. J.	1
Feighner, J. P.	1
Fennis, J. F.	1
Fernandez, G. A.	1
Field, S.	1
Finger, T.	1
First, M. B.	1
Firth-Cozens, J.	1
Fishman, G.	1
Fiske, D. W.	1
Fitter, M.	1
Fleisher, D. R.	1
Fleissner, R.	1
Florin, I.	1
Florsheim, P.	1
Flowers, S.	1
Foa, U. G.	1
Foley, S.	1
Follette, W. C.	1
Folstein, M.	1
Folstein, S.	1
Foote, F.	1
Foote, J.	1
Franklin, J. L.	1
Frederick, I. O.	1
French, R. de S.	1
French, T. M.	1
Fretter, P. B.	1
Freud, S.	1
Fried, D.	1
Fugua, R. W.	1
Fuhriman, A.	1
Fullerton, S.	1
Funk, S. C.	1
Gabriel, S. E.	1
Galovski, T. E.	1
Garfield, S.	1
Gelso, C. J.	1
Gendlin, E. T.	1
Ghannam, J.	1
Giat, L.	1
Gibbon, M.	1

Liss, J. L.	1
Llewelyn, S. P.	1
Locke, K. D.	1
Loevinger, J.	1
Lomax, J.	2
Longstreth, G. F.	1
Lorr, M.	1
Lowenstein, E.	1
Lowman, B. C.	1
Lowry, J. L.	1
Luborsky, E.	2
Luborsky, L.	41
Lueger, R. J.	1
Luetgert, M. J.	1
Lushene, R. E.	1
Luteijn, R.	1
Lynch, P. N.	1
MacKlin, D.	1
Magni, G.	1
Maguire, G. P.	2
Main, M.	1
Malan, D. H.	4
Maling, M. S.	1
Malle, B. F.	1
Mallinckrodt, B.	2
Mann, J.	2
Manning, A. P.	1
Manos, N.	1
Margison, F. R.	3
Margolis, M.	1
Mark, D.	3
Marmar, C.	1
Marmar, C. R.	14
Marquis, P.	1
Martinovich, Z.	1
Marx, R. W.	1
Marziali, E.	5
Marziali, E. A.	2
Massman, P. J.	1
Matarazzo, R.	3
Mathieu, P. L.	1
Mayer, E.	1
Mayou, R.	1
McCallum, M.	5
McCullough, L.	4
McHugh, P.	1
McKee, D. C.	1
McLean, P. D.	1
McLellan, A. T.	4
McLellan, T.	1
McLellan, T. A.	2
McNair, D. M.	1
Meehl, P. E.	1
Melfsen, S.	1
Mellon, J.	2
Melton, L.	1
Melton, L. J.	5
Meltzoff, J. E.	1

Gill, A.	1
Gill, M. M.	1
Glaser, R.	1
Glass, G.	1
Glogau, L.	1
Gluck, H.	1
Goodman, J. T.	1
Gordon, A.	1
Gorsuch, R. L.	1
Gotestam, K. G.	1
Gotlib, I. H.	1
Green, R. -J.	1
Greenberg, J. R.	1
Greene, B. R.	1
Greenson, R. R.	1
Growe, W. M.	1
Guite, J. W.	1
Gunary, R. M.	1
Gurman, D. P.	1
Gutfreund, M. J.	1
Guthrie, E.	1
Guz, A.	1
Guze, S. B.	1
Hahn, P.	1
Hakstian, A. R.	1
Hales, R. E.	1
Hamilton, M.	1
Hammen, C.	1
Hampe, E.	1
Hampe, I. E.	1
Hannah, M. T.	1
Harmsen, W. S.	1
Harper, H.	1
Harrigan, J. A.	1
Harrington, V.	1
Harrington, V. M. G.	1
Harris, G. E.	1
Harrison, R.	1
Harrist, R. S.	1
Hartley, D.	1
Harvey, R.	1
Harvey, R. F.	1
Hatcher, R. L.	1
Hatcher, S. L.	1
Haw, S. K.	1
Hazelrigg, M. D.	1
Heiberg, A. N.	1
Helgeson, F.	1
Helzer, J. E.	1
Hennrikus, D.	1
Herda, C.	1
Herget, M.	1
Herman, I.	1
Herrick, L. R.	1
Hersen, M.	1
Heslop, A.	1
Heyman, D. J.	1
Heyman-Monnikes, I.	1

Melzack, R.	1
Mendelsohn, G. A.	1
Mendelson, M.	9
Menninger, K.	1
Merbaum, M.	2
Meshkinpour, H.	2
Meyer, A. E.	1
Michels, R.	1
Mikow, V. A.	1
Milla, P. J.	1
Miller, A. J.	1
Miller, L. C.	4
Miller, T. I.	3
Minty, K.	1
Mintz, J.	4
Mitchell, C. M.	2
Mitchell, R.	1
Mitchell, S. A.	1
Mock, J.	9
Mohl, C.	2
Mok, A. L.	1
Monnikes, H.	1
Moore, R.	1
Moos, R. H.	1
Moras, K.	2
Morris, A. F.	1
Morrison, L. A.	1
Morrison, M.	1
Morse, M. B.	1
Mortensen, O.	1
Moss, S.	2
Mowrer, A. H.	1
Moyer, J.	1
Moynihan, C.	1
Mueller-Lissner, S. A.	2
Muenz, L. R.	1
Muir, B.	1
Muller, R. T.	1
Mulvihill, C.	1
Munoz, R.	1
Muran, J. C.	2
Murphy, D. B.	1
Murray, E.	1
Myran, D.	1
Nachman, G.	2
Naish, N.	1
Nash, E. R.	2
Nathans, S.	1
Neff, D. F.	2
Neimeyer, R. A.	2
Neumann, D.	1
Newell, R.	1
Nezu, A. M.	1
Nicholson, R. A.	1
Nixon, G. W. H.	2
Noble, H.	1

Hildenbrand, B.	1
Hildenbrand, G.	1
Hill, C. E.	1
Hillman, L. C.	1
Himmelhoch, J. M.	1
Hinchcliffe, M. K.	1
Hinton, R. A.	1
Hirt, M. L.	1
Hoehler, F.	1
Hoffart, A.	1
Hogarth, R. M.	1
Holder, A.	1
Homann, E.	1
Honos-Webb, I.	1
Hooper, D.	1
Horney, K.	1
Horowitz, M. J.	1
Hotopf, M.	1
Houghton, L. A.	1
Houston, B. K.	1
Howard, L.	1
Howes, M. J.	1
Hoyt, M. F.	1
Hu, Y.	1
Huebner, D. A.	1
Husby, R.	1
Hyman, P. E.	1
Imber, S.	1
Inouye, D.	1
Irvine, E. J.	1
Jackson, J. L.	1
Jacob, M. C.	1
Jager, H. D.	1
James, J. Y.	1
James, S. A.	1
Janicke, D. M.	1
Jenkins, P.	1
Johnson, M.	1
Jonson, M. O.	1
Junkert-Tress, B.	1
Justinich, C. J.	1
Kalehzan, B. M.	1
Kane, A. S.	1
Kanner, A. D.	1
Kaplan, N.	1
Katz, H. P.	1
Keefer, L.	1
Keller, A.	1
Kenny, D. A.	1
Kessler, L. G.	1
Kiegl, R.	1
Kinston, W.	1
Kintz, B. L.	1
Kirchdoerfer, L. I.	1
Kirk, J.	1
Klee, M. R.	1

Norcross, J. C.	1
Norlend, C. C.	1
Notarius, C. I.	1
Notman, M.	2
O'Brien, C. P.	5
O'Connor, M. E.	1
O'Dowd, T.	2
O'Halloran, P.	1
O'Malley, A. S.	2
O'Malley, P. G.	1
O'Malley, P. M.	3
O'Malley, S. S.	4
Office of Population Censuses and Surveys	1
Ogles, B. M.	1
Olafsen, O. M.	1
Olden, K. W.	1
Olson, R. E.	1
Orford, J.	1
Orlinsky, D. E.	8
Orth, J. E.	1
Osborn, M.	2
Osborn, M. S.	2
Oster, J.	1
Ottoson, J. O.	1
Ottosson, J.	1
Ozer, D. J.	1
Parad, H. W.	1
Parks, B. K.	4
Parsons, B. V.	3
Patrick, D. L.	2
Patterson, D.	1
Paul, L.	1
Payne, A.	1
Pennebaker, J. W.	1
Perez-Vidal, A.	1
Perkins, M. J.	1
Perry, S.	1
Peterlin, K.	1
Peters, S. D.	1
Phillips, N.	1
Phillips, S. F.	3
Picone, L.	1
Pierloot, R.	1
Pierri, M.	1
Pilkonis, P. A.	2
Pilowsky, I.	1
Pincus, A. L.	1
Pinsker, H.	1
Pinsof, W. M.	1
Piper, W. E.	11
Plutchick, R.	1

Klein, M.	1
Klein, M. H.	1
Klein, N. C.	1
Klempner, E.	1
Klotz, M. L.	1
Kniskern, D. P.	1
Kokotovic, A. M.	1
Kolb, D. L.	1
Kopta, S. M.	1
Komreich, M.	1
Kratochwill, T. R.	1
Kristjansdottir, G.	1
Kroenke, K.	1
Krug, R. S.	1
Kruis, W.	1
Krupnick, J. L.	1
Kruskal, J. B.	1
Kurtines, W.	1
Kurtines, W. H.	1
Kyle, E. M.	1
Landrum, G. C.	1
Latimer, M.	1
Latimer, P.	1
Lazarus, L. W.	1
Lazarus, R. S.	1
Leary, T. F.	1
Leibovich, M. A.	1
Lemanek, K. L.	1
Levenson, H.	1
Levitt, M.	1
Lewinsohn, P.	1
Lipsey, M. W.	1
Liss, J. L.	1
Llewelyn, S. P.	1
Locke, K. D.	1
Loevinger, J.	1
Longstreth, G. F.	1
Lorr, M.	1
Lowenstein, E.	1
Lowman, B. C.	1
Lowry, J. L.	1
Lueger, R. J.	1
Luetgert, M. J.	1
Lushene, R. E.	1
Luteijn, R.	1
Lynch, P. N.	1
MacKlin, D.	1
Magni, G.	1
Main, M.	1
Maling, M. S.	1
Malle, B. F.	1

Pollack, J.	4
Pomare, E. W.	1
Popp, C.	5
Posada, V.	1
Post, D. L.	1
Poynard, T.	1
Poynton, A.	1
Prata, G.	1
Prior, A.	2
Prochaska, J. O.	1
Procidano, M. E.	1
Prusoff, B. A.	1
Puder, K. L.	1
Putnam, S. M.	4
Quinlan, D. M.	1
Quintana, S. M.	1
Radnitz, C.	1
Ramsay-Klee, D. M.	1
Rasquin-Weber, A.	1
Ratcliff, K.	1
Raue, P. J.	1
Read, N. W.	1
Rebgetz, M.	1
Rees, A.	12
Regier, D. A.	1
Regimbeau, C.	1
Rein, L.	1
Revenstorf, D.	2
Reynolds, S.	11
Rhodes, J.	1
Rickels, K.	1
Ring, J. M.	1
Rio, A.	1
Rivas-Vazques, A.	1
Roberts, J. F.	1
Robins, E.	2
Robins, L. N.	3
Robinson, J. O.	1
Robinson, L. A.	3
Robson, D. S.	1
Rogers, C. R.	1
Rosenberg, S.	1
Rosenberg, S. E.	8
Rosenthal, R.	1
Rosser, C. L.	1
Rosser, R.	1
Roth, C. H.	1
Rounsaville, B. J.	5
Roy-Byrne, P. P.	3
Rubenstein, B.	1
Rubin, D. B.	1
Rush, A. J.	1

Manning, A. P.	1
Manos, N.	1
Margolis, M.	1
Marmar, C.	1
Marquis, P.	1
Martinovich, Z.	1
Marx, R. W.	1
Massman, P. J.	1
Mathieu, P. L.	1
Mayer, E.	1
Mayou, R.	1
McHugh, P.	1
McKee, D. C.	1
McLean, P. D.	1
McLellan, T.	1
McNair, D. M.	1
Meehl, P. E.	1
Melfsen, S.	1
Melton, L.	1
Meltzoff, J. E.	1
Melzack, R.	1
Mendelsohn, G. A.	1
Menninger, K.	1
Meyer, A. E.	1
Michels, R.	1
Mikow, V. A.	1
Milla, P. J.	1
Miller, A. J.	1
Minty, K.	1
Mitchell, R.	1
Mitchell, S. A.	1
Mok, A. L.	1
Monnikes, H.	1
Moore, R.	1
Moos, R. H.	1
Morris, A. F.	1
Morrison, L. A.	1
Morrison, M.	1
Morse, M. B.	1
Mortensen, O.	1
Mowrer, A. H.	1
Moyer, J.	1
Moynihan, C.	1
Muenz, L. R.	1
Muir, B.	1
Muller, R. T.	1
Mulvihill, C.	1
Munoz, R.	1
Murphy, D. B.	1
Murray, E.	1
Myran, D.	1
Naish, N.	1

Rush, J.	6
Russell, R. L.	1
Russo, J.	1
Ryan, E. R.	1
Ryle, A.	1
Rzepski, B.	1
Sacco, W. P.	1
Sachs, J. S.	1
Sadlier, M.	1
Sadow, J.	1
Safran, J. D.	3
Saltzman, C.	1
Sampson, H.	6
Samstag, L. W.	1
Sandell Sachs, J.	1
Sandell, R.	2
Sanders, M. R.	2
Sandler, J.	1
Sandler, R. S.	1
Sank, L. I.	1
Santa-Barbara, J.	2
Santoro, J.	1
Sarna, S.	1
Sartorius, N.	2
Saslow, G.	1
Saunders, S. M.	1
Saxe, L.	1
Schacht, T. E.	23
Schaefer, C.	1
Scharff, L.	6
Scherrer, B.	1
Scherwitz, L.	1
Schichman, S.	1
Schmidt, F. L.	1
Schroeder, H.	1
Schuster, M. M.	1
Schwarz, S. P.	7
Schwarz-McMorris, S. P.	1
Scopetta, M.	1
Seery, J. B.	1
Segal, H.	1
Segal, P. M.	1
Segal, P. S.	1
Segal, Z. V.	1
Seligman, M. E. P.	2
Seller, K.	1
Selvini-Palazzoli, M.	1
Shalit, Y.	1
Shanfield, S.	1
Shankland, M. C.	2

Nathans, S.	1
Neumann, D.	1
Newell, R.	1
Nezu, A. M.	1
Nicholson, R. A.	1
Noble, H.	1
Norcross, J. C.	1
Norlend, C. C.	1
Notarius, C. I.	1
O'Connor, M. E.	1
O'Halloran, P.	1
O'Malley, P. G.	1
Office of Population Censuses and Surveys	1
Ogles, B. M.	1
Olafsen, O. M.	1
Olden, K. W.	1
Olson, R. E.	1
Orford, J.	1
Orth, J. E.	1
Oster, J.	1
Ottoson, J. O.	1
Ottoson, J.	1
Ozer, D. J.	1
Parad, H. W.	1
Patterson, D.	1
Paul, L.	1
Payne, A.	1
Pennebaker, J. W.	1
Perez-Vidal, A.	1
Perkins, M. J.	1
Perry, S.	1
Peterlin, K.	1
Peters, S. D.	1
Phillips, N.	1
Picone, L.	1
Pierloot, R.	1
Pierri, M.	1
Pilowsky, I.	1
Pincus, A. L.	1
Pinsker, H.	1
Pinsof, W. M.	1
Plutchick, R.	1
Pomare, E. W.	1
Posada, V.	1
Post, D. L.	1
Poynard, T.	1
Poynton, A.	1
Prata, G.	1
Prochaska, J. O.	1
Procidano, M. E.	1

Shapiro, D.	1
Shapiro, D. A.	45
Shaughnessy, P.	1
Shaver, P.	2
Shaw, B.	6
Shaw, G.	1
Shea, M. T.	1
Shepherd, R.	1
Shepherd, R. W.	1
Shiffman, S.	1
Shoham, V.	1
Shoham-Salomon, V.	1
Shoup, M.	1
Shrout, P. E.	2
Shuster, P. L.	1
Siegelman, E. Y.	3
Sifneos, P. E.	4
Silberschatz, G.	6
Silverman, N.	1
Simmens, S.	1
Singer, B.	1
Sjödín, I.	1
Sjodin, J.	1
Sledge, W.	2
Sloves, R.	1
Small, L.	1
Smith, M. L.	5
Smyrnios, K. X.	4
Smyrnios, S. M.	1
Snaith, R. P.	2
Snow, R. E.	1
Solovitz, B. L.	1
Sotsky, S.	1
Sotsky, S. M.	3
Sperber, A. D.	1
Spielberger, C. D.	2
Spitzer, R.	2
Spitzer, R. L.	3
Srivastava, E. D.	1
Staiano, A.	1
Stanton, R.	1
Starren, J.	1
Startup, M.	7
Startup, M. J.	7
Stephens R. S.	1
Stevenson, J.	1
Stickler, G. B.	1
Stierlin, H.	1
Stiles, T. C.	2
Stiles, W. B.	34
Stone, A. R.	2
Stone, R. T.	1

Prusoff, B. A.	1
Puder, K. L.	1
Quinlan, D. M.	1
Quintana, S. M.	1
Radnitz, C.	1
Ramsay-Klee, D. M.	1
Rasquin-Weber, A.	1
Ratcliff, K.	1
Raue, P. J.	1
Read, N. W.	1
Rebgetz, M.	1
Regier, D. A.	1
Regimbeau, C.	1
Rein, L.	1
Rhodes, J.	1
Rickels, K.	1
Ring, J. M.	1
Rio, A.	1
Rivas-Vazques, A.	1
Roberts, J. F.	1
Robinson, J. O.	1
Robson, D. S.	1
Rogers, C. R.	1
Rosenberg, S.	1
Rosenthal, R.	1
Rosser, C. L.	1
Rosser, R.	1
Roth, C. H.	1
Rubenstein, B.	1
Rubin, D. B.	1
Rush, A. J.	1
Russell, R. L.	1
Russo, J.	1
Ryan, E. R.	1
Ryle, A.	1
Rzepski, B.	1
Sacco, W. P.	1
Sachs, J. S.	1
Sadlier, M.	1
Sadow, J.	1
Saltzman, C.	1
Samstag, L. W.	1
Sandell Sachs, J.	1
Sandler, J.	1
Sandler, R. S.	1
Sank, L. I.	1
Santoro, J.	1
Sarna, S.	1
Saslow, G.	1
Saunders, S. M.	1
Saxe, L.	1
Schaefer, C.	1

Stott, D. H.	1
Strachey, J.	1
Straker, G.	1
Strassels, S.	1
Strassmann, L. H.	1
Streiner, D.	1
Strube, M. J.	1
Strupp, H. H.	66
Stuckless, N.	1
Suh, C. S.	3
Sullivan, G.	1
Sullivan, H. S.	2
Sullivan, J. M.	1
Suls, J. M.	3
Summergrad, P.	2
Surko, M.	1
Svartberg, M.	2
Svedlund, J.	2
Swann, P.	1
Symonds, B. D.	5
Szapocznik, J.	2
Szkrumelack, N.	2
Talley, N. J.	11
Tanaka, J. S.	2
Tarnoff, G.	1
Tarnow, E.	1
Tasman, A.	2
Taub, E.	1
Taylor, A. E.	2
Teasdale, J. D.	1
Temple, R. D.	1
Tessman, E.	1
Thackrey, M.	2
Thase, M. E.	1
The Mount Zion Psychotherapy Research Group	1
Thompson, D.	1
Thompson, G.	1
Thompson, L. W.	7
Thompson, Q. G.	1
Thompson, W. G.	3
Tomenson, B.	1
Tomkins, G.	1
Toner, B. B.	3
Tonge, B. J.	1
Toomey, T. C.	2
Tracey, T. J.	1
Trapnell, P.	1
Treem, W. R.	1
Trujillo, M.	3

Scherrer, B.	1
Scherwitz, L.	1
Schichman, S.	1
Schmidt, F. L.	1
Schroeder, H.	1
Schuster, M. M.	1
Schwarz-McMorris, S. P.	1
Scopetta, M.	1
Seery, J. B.	1
Segal, H.	1
Segal, P. M.	1
Segal, P. S.	1
Segal, Z. V.	1
Seller, K.	1
Selvini-Palazzoli, M.	1
Shalit, Y.	1
Shanfield, S.	1
Shapiro, D.	1
Shaughnessy, P.	1
Shaw, G.	1
Shea, M. T.	1
Shepherd, R.	1
Shepherd, R. W.	1
Shiffman, S.	1
Shoham, V.	1
Shoham-Salomon, V.	1
Shoup, M.	1
Shuster, P. L.	1
Silverman, N.	1
Simmens, S.	1
Singer, B.	1
Sjödín, I.	1
Sjodin, J.	1
Sloves, R.	1
Small, L.	1
Smyrnios, S. M.	1
Snow, R. E.	1
Solovitz, B. L.	1
Sotsky, S.	1
Sperber, A. D.	1
Srivastava, E. D.	1
Staiano, A.	1
Stanton, R.	1
Starren, J.	1
Stephens R. S.	1
Stevenson, J.	1
Stickler, G. B.	1
Stierlin, H.	1
Stone, R. T.	1

Trull, T. J.	1
Tryon, G. S.	1
Uhlenhuth, E. H.	1
Ureño, G.	6
Ursano, R. J.	1
Vallbona, C.	1
Van der Ploeg, H. M.	1
Van der Veen, F.	1
Van Dijk, H.	1
Van Dulmen, A. M.	1
Van Dyke, C.	1
Van Slyke, D. A.	1
Vasilopoulou, E.	1
Villaseñor, V. S.	5
Vinck, J.	1
Vitkus, J.	1
Vollmer, A.	1
Von Baeyer, C. L.	1
Wadsworth, M.	1
Waikar, S. V.	1
Waldfoegel, S. M.	1
Walker, E. A.	3
Walker, L. S.	6
Wall, T.	1
Wallerstein, R.	2
Wallis, K. D.	1
Walter, B. R.	1
Wan, C. K.	1
Ward, C.	8
Ward, C. H.	1
Ware, J. E.	1
Wasserman, T.	1
Waterfall, W.	1
Watkins, J.	2
Watkins, J. T.	2
Watson, J. C.	1
Watson, J. P.	1
Wattie, B.	1
Watzlawick, P.	2
Weakland, J. H.	1
Weakland, J. R.	1
Weisberg, L.	1
Weisoth, L.	1
Weiss, B.	3
Weiss, D. S.	7
Weiss, J.	6

Stott, D. H.	1
Strachey, J.	1
Straker, G.	1
Strassels, S.	1
Strassmann, L. H.	1
Streiner, D.	1
Strube, M. J.	1
Stuckless, N.	1
Sullivan, G.	1
Sullivan, J. M.	1
Surko, M.	1
Swann, P.	1
Tarnoff, G.	1
Tarnow, E.	1
Taub, E.	1
Teasdale, J. D.	1
Temple, R. D.	1
Tessman, E.	1
Thase, M. E.	1
The Mount Zion Psychotherapy Research Group	1
Thompson, D.	1
Thompson, G.	1
Thompson, Q. G.	1
Tomenson, B.	1
Tomkins, G.	1
Tonge, B. J.	1
Tracey, T. J.	1
Trapnell, P.	1
Treem, W. R.	1
Trull, T. J.	1
Tryon, G. S.	1
Uhlenhuth, E. H.	1
Ursano, R. J.	1
Vallbona, C.	1
Van der Ploeg, H. M.	1
Van der Veen, F.	1
Van Dijk, H.	1
Van Dulmen, A. M.	1
Van Dyke, C.	1
Van Slyke, D. A.	1
Vasilopoulou, E.	1
Vinck, J.	1
Vitkus, J.	1
Vollmer, A.	1
Von Baeyer, C. L.	1
Wadsworth, M.	1

Weissman, J. J.	1
Weissman, M. M.	1
Weisz, J. R.	3
Welch, G. W.	1
Welgan, P.	2
Welker, R.	1
Weltner, J. S.	1
Wessely, S.	1
Wessler, R.	1
West, M.	1
West, S. G.	1
Westerman, M. A.	3
Whisman, M. A.	1
Whitehead, W. E.	3
Whorwell, P. J.	3
Wiens, A.	1
Wiggins, J. S.	4
Wilde, G. J. S.	1
Wilkinson, S.	1
Williams, J. B.	1
Wilner, N.	4
Wilner, N. R.	1
Wilson, D. B.	1
Wilson, G. T.	1
Wiltgen, C.	2
Wiltgen, C. M.	1
Windholz, M. J.	1
Wing, J. K.	3
Winokur, G.	1
Winston, A.	4
Wittchen, H. V.	1
Wittenborn, J. R.	2
Wolf, M. H.	1
Wolfson, A.	1
Wolpe, J.	1
Woltmann, A. G.	1
Woodruff, R. A.	3
Woodward, C. A.	2
Woody, G.	3
Woody, G. E.	4
Woolford, H.	1
World Health Organization	1
Wortman, C. B.	1
Wright, J.	2
Wright, J. C.	1
Yan, S.	1
Young, F. W.	1
Young, J. E.	1

Waikar, S. V.	1
Waldfoegel, S. M.	1
Wall, T.	1
Wallis, K. D.	1
Walter, B. R.	1
Wan, C. K.	1
Ward, C. H.	1
Ware, J. E.	1
Wasserman, T.	1
Waterfall, W.	1
Watson, J. C.	1
Watson, J. P.	1
Wattie, B.	1
Weakland, J. H.	1
Weakland, J. R.	1
Weisberg, L.	1
Weisoeth, L.	1
Weissman, J. J.	1
Weissman, M. M.	1
Welch, G. W.	1
Welker, R.	1
Weltner, J. S.	1
Wessely, S.	1
Wessler, R.	1
West, M.	1
West, S. G.	1
Whisman, M. A.	1
Wiens, A.	1
Wilde, G. J. S.	1
Wilkinson, S.	1
Williams, J. B.	1
Wilner, N. R.	1
Wilson, D. B.	1
Wilson, G. T.	1
Wiltgen, C. M.	1
Windholz, M. J.	1
Winokur, G.	1
Wittchen, H. V.	1
Wolf, M. H.	1
Wolfson, A.	1
Wolpe, J.	1
Woltmann, A. G.	1
Woolford, H.	1
World Health Organization	1
Wortman, C. B.	1
Wright, J. C.	1
Yan, S.	1
Young, F. W.	1

Young, S. J.	1
Yu, P.	1
Zakin, D. F.	1
Zamble, E.	1
Zeiss, A. M.	1
Zetzel, E. R.	1
Zinsmeister, A. R.	9
Zonderman, A. B.	1
Zuckerman, B.	1

Young, J. E.	1
Young, S. J.	1
Yu, P.	1
Zakin, D. F.	1
Zamble, E.	1
Zeiss, A. M.	1
Zetzel, E. R.	1
Zonderman, A. B.	1
Zuckerman, B.	1

ANEXO 12

Autores referidos no periódico PP, em ordem alfabética e em ordem de frequência de citação.

AUTORES REFERIDOS Psychotherapy and Psychosomatics (Ordem Alfabética)	F
Achenbach, T. M.	2
Aegidius, L.	1
Agras, W. S.	1
Ainsworth, M.	1
Aitken, C.	1
Alexander, F.	2
Alicke, M. D.	1
Ambrosini, P. J.	2
American Psychiatric Association	6
Amlo, S.	5
Anderson, K. O.	1
Andrade, A. R.	1
Appelbaum, A.	1
As, A.	1
Aslanidis, E.	1
Atkinson, L.	1
Auerbach, A.	2
Ayers, W. A.	1
Bacal, H. A.	7
Bagby, M. R.	2
Baker, L.	1
Balfour, F. H. G.	7
Bandura, A.	1
Barber, J. P.	1
Barret, C. L.	1
Barron, J.	2
Barth, K.	16
Bartko, J. J.	2
Bass, D.	1
Battle, C.	1
Beck, A. T.	1
Beck, D.	1
Beitman, B. D.	1
Bellak, L.	1
Bent, D. H.	2
Berg, C. J.	1
Bergin, A. E.	3
Berman, J. S.	1
Bernstein, G. A.	1
Bickman, L.	1
Binder, J. L.	4
Bird, H.	1
Bird, H. R.	1
Bishop, Y. M. M.	1
Bittker, T. E.	2
Bloxom, A. L.	1
Bolz, W.	2
Borchardt, C. M.	1
Borcovec, T. D.	1
Bradley, L. A.	1
Brady, E. U.	1
Basic, J.	1

AUTORES REFERIDOS Psychotherapy and Psychosomatics (Ordem de Frequência de Citação)	F
Malan, D. H.	59
Sifneos, P. E.	40
Husby, R.	30
Heiberg, A. N.	20
Dahl, A. A.	19
Dahl, C. I.	19
Olafsen, O. M.	19
Weisaeth, L.	19
Nielsen, G.	18
Barth, K.	16
Havik, O. E.	16
Molstad, E.	16
Rogge, H.	16
Haver, B.	15
Skatun, M.	15
Strupp, H. H.	15
Heiberg, A.	13
Hoglend, P.	10
Fleiss, J. L.	8
Horowitz, M. J.	8
Spitzer, R. L.	8
Bacal, H. A.	7
Balfour, F. H. G.	7
Cohen, J.	7
Davanloo, H.	7
Endicott, J.	7
Heath, E. S.	7
Mann, J.	7
Marmar, C. R.	7
Ursin, H.	7
American Psychiatric Association	6
Heyerdahl, O.	6
Sorbye, O.	6
Weiss, D. S.	6
Williams, R. B.	6
Amlo, S.	5
Fonagy, P.	5
Gilliéron, E.	5
Kazdin, A. E.	5
Kernberg, O. F.	5
Luborsky, L.	5
Binder, J. L.	4
Engelstad, V.	4
Hadley, S. W.	4
Meyer, A. E.	4
Piper, W. E.	4
Sorlie, T.	4
Taylor, G. J.	4
Bergin, A. E.	3
Butcher, J. N.	3
Cramer, B.	3
Critts-Christoph, P.	3

Bräutigam, W.	1
Brown, C. C.	1
Brown, D. P.	1
Buchsbaum, M. S.	2
Buckley, P.	1
Budman, S.	1
Buonvino, M.	1
Burke, J. D.	1
Burstein, E. D.	1
Bushnell, J. A.	1
Butcher, J. N.	3
Butler, S. F.	1
Calvino, I.	1
Canino, G.	1
Cantwell, D. P.	1
Carpenter, W. T., Jr.	2
Casey, R. G.	1
Cataldo, M. F.	1
Cervane, D.	1
Chambers, W. J.	1
Chandrasekar, A. N.	1
Chansky, T. E.	1
Charcot, J. M.	1
Christel, A. H.	2
Chrzanowski, G.	1
Cohen, J.	7
Cohen, P.	1
Cordioli, A. V.	1
Costello, E. J.	1
Coute, H. R.	1
Covi, L.	2
Cox, C.	1
Coyne, L.	1
Cramer, B.	3
Crijnen, A. A.	1
Critts-Christoph, P.	3
Cross, D. G.	1
Dahl, A. A.	19
Dahl, C. I.	19
Dahlstrom, L. E.	1
Dahlstrom, W. G.	2
Dare, C.	1
Davanloo, H.	7
Davies, M.	1
Dawson, C.	1
Day, V. P.	2
De Witt, K. N.	3
Denckla, M.	1
Deneke, F.-W.	1
Derogatis, L. R.	2
Dewald, P.	1
Dewald, P. A.	1
Diamond, M. J.	1
Dill, D. L.	1
Dillin, J.	1
Doll, H. A.	1
Dorey, R.	1
Dossetor, D. R.	1

De Witt, K. N.	3
Eizirik, C. L.	3
Fossum, A.	3
Francois, L. de C.	3
Freud, S.	3
Fruchter, B.	3
Garfield, S. L.	3
Guilford, J. P.	3
Kaltreider, N. B.	3
Kelly, D. H. W.	3
Koss, M. P.	3
Marmor, J.	3
Mintz, J.	3
Orne, M. T.	3
Rosenbaum, R.	3
Szkrumelack, N.	3
Verhulst, F. C.	3
Wachtel, P. L.	3
Weiss, J.	3
Achenbach, T. M.	2
Alexander, F.	2
Ambrosini, P. J.	2
Auerbach, A.	2
Bagby, M. R.	2
Barron, J.	2
Bartko, J. J.	2
Bent, D. H.	2
Bittker, T. E.	2
Bolz, W.	2
Buchsbaum, M. S.	2
Carpenter, W. T., Jr.	2
Christel, A. H.	2
Covi, L.	2
Dahlstrom, W. G.	2
Day, V. P.	2
Derogatis, L. R.	2
Farrel, D.	2
Foulkes, S. H.	2
Frankel, F. H.	2
French, T.	2
Gazal, C. H.	2
Gould, M. S.	2
Grawe, K.	2
Heimann, P.	2
Hoagwood, K.	2
Horowitz, L. M.	2
Hoyt, M. F.	2
Hull, C. H.	2
Jenkins, J. G.	2
Kaiser, H. F.	2
Kales, A.	2
Kaplan, H. I.	2
Kazdin, A.	2
Keithly, L.	2
Kendall, P. C.	2
Kovacs, M.	2
Kutter, P.	2
Lambert, M. J.	2

Dresser, I.	1
Duckworth, J.	1
Dührssen, A.	1
Ebel, R. L.	1
Eisen, S. V.	1
Eizirik, C. L.	3
Endicott, J.	7
Engel, G. L.	1
Engelstad, V.	4
Epstein, L.	1
Eysenck, H. J.	1
Fagundes, A.	1
Fairbain, C. G.	1
Farrel, D.	2
Fava Vizziello, G.	1
Feiver, A.	1
Ferdinand, R. F.	1
Fernandez, A.	1
Fienberg, S. E.	1
Fiester, A. R.	1
Finney, J. W.	1
Fisher, S. G.	1
Flament, M. F.	1
Flegenheimer, W. V.	1
Fleiss, J. L.	8
Fonagy, P.	5
Ford, C. V.	1
Foreman, S. A.	1
Fossum, A.	3
Foulkes, S. H.	2
Fox, E.	1
Fraiberg, S.	1
Francis, G.	1
Francois, L. de C.	3
Frank, E.	1
Frank, J.	1
Frank, J. D.	1
Frankel, B. L.	1
Frankel, F. H.	2
Frankel, G. H.	1
French, T.	2
Freud, S.	3
Fried, E.	1
Fromm, E.	1
Fruchter, B.	3
Fudge, H.	1
Gabbard, O.	1
Garb, R.	1
Garfield, S. L.	3
Gaston, L.	1
Gauer, R. H.	1
Gauthier, M.	1
Gazal, C. H.	2
Giles, T. R.	1
Gill, M. M.	1
Gilliéron, E.	5
Gillin, J. C.	1
Gitelson, M.	1

Lang, P. J.	2
Leibovich, M.	2
Leibovich, M. A.	2
Libermann, Z.	2
Lipman, R. S.	2
McDougall, J.	2
McKegney, F. P.	2
Nemiah, J. C.	2
Nie, N. H.	2
Ollendick, T. H.	2
Orlinsky, D. E.	2
Parks, B. K.	2
Reich, A.	2
Rosenbaum, R. L.	2
Rutter, M.	2
Sadock, B. J.	2
Samples, S.	2
Sampson, H.	2
Schacht, T. E.	2
Shor, R. E.	2
Shrout, P. E.	2
Siegelman, E. Y.	2
Singer, M. T.	2
Sloane, R. B.	2
Sorensen, T.	2
Staples, F. R.	2
Steinbrenner, K.	2
Stuhr, U.	2
Vaslamatzis, G.	2
Weiner, H.	2
Weiss, B.	2
Weisz, J. R.	2
Welsch, G. S.	2
Whipple, K.	2
Wilner, N. R.	2
Woods, S. W.	2
Wynne, L. C.	2
Yorkston, N. J.	2
Aegidius, L.	1
Agras, W. S.	1
Ainsworth, M.	1
Aitken, C.	1
Alicke, M. D.	1
Anderson, K. O.	1
Andrade, A. R.	1
Appelbaum, A.	1
As, A.	1
Aslanidis, E.	1
Atkinson, L.	1
Ayers, W. A.	1
Baker, L.	1
Bandura, A.	1
Barber, J. P.	1
Barret, C. L.	1
Bass, D.	1
Battle, C.	1
Beck, A. T.	1
Beck, D.	1

Goldfried, M. R.	1
Gomes-Schwartz, B.	1
Gonzales, V.	1
Goodman, L. A.	1
Gould, M. S.	2
Granet, R. B.	1
Granger, D. A.	1
Grawe, K.	2
Green, B.	1
Greene, R. L.	1
Greenspan, S. I.	1
Grob, M. C.	1
Guilford, J. P.	3
Guldberg, C. A.	1
Gunderson, J.	1
Gustafson, J. P.	1
Hadley, S. W.	4
Hall, Y. S.	1
Hampe, I. E.	1
Han, S. S.	1
Hanze, D.	1
Harrington, R.	1
Hassan, F. A.	1
Hause, E.	1
Havens, L. L.	1
Haver, B.	15
Havik, O. E.	16
Heath, E. S.	7
Heiberg, A.	13
Heiberg, A. N.	20
Heimann, P.	2
Helenius, H.	1
Henry, W. P.	1
Hersen, M.	1
Heyerdahl, O.	6
Hilgard, E. R.	1
Hilgard, J.	1
Hill, J.	1
Hirsch, M.	1
Hoagwood, K.	2
Hoehn-Saric, R.	1
Hoffman, J.	1
Hoglund, P.	10
Holder, A.	1
Holland, P. W.	1
Hollingshead, A. B.	1
Hollon, S.	1
Holt, R.	1
Hornberger, J.	1
Hornblow, A. R.	1
Horowitz, L.	1
Horowitz, L. M.	2
Horowitz, M. J.	8
Horst, P.	1
Hoyt, C. J.	1
Hoyt, M.	1
Hoyt, M. F.	2
Hull, C. H.	2

Beitman, B. D.	1
Bellak, L.	1
Berg, C. J.	1
Berman, J. S.	1
Bernstein, G. A.	1
Bickman, L.	1
Bird, H.	1
Bird, H. R.	1
Bishop, Y. M. M.	1
Bloxom, A. L.	1
Borchardt, C. M.	1
Borcovec, T. D.	1
Bradley, L. A.	1
Brady, E. U.	1
Brasic, J.	1
Bräutigam, W.	1
Brown, C. C.	1
Brown, D. P.	1
Buckley, P.	1
Budman, S.	1
Buonvino, M.	1
Burke, J. D.	1
Burstein, E. D.	1
Bushnell, J. A.	1
Butler, S. F.	1
Calvino, I.	1
Canino, G.	1
Cantwell, D. P.	1
Casey, R. G.	1
Cataldo, M. F.	1
Cervane, D.	1
Chambers, W. J.	1
Chandrasekar, A. N.	1
Chansky, T. E.	1
Charcot, J. M.	1
Chrzanowski, G.	1
Cohen, P.	1
Cordioli, A. V.	1
Costello, E. J.	1
Coute, H. R.	1
Cox, C.	1
Coyne, L.	1
Crijnen, A. A.	1
Cross, D. G.	1
Dahlstrom, L. E.	1
Dare, C.	1
Davies, M.	1
Dawson, C.	1
Denckla, M.	1
Deneke, F.-W.	1
Dewald, P.	1
Dewald, P. A.	1
Diamond, M. J.	1
Dill, D. L.	1
Dillin, J.	1
Doll, H. A.	1
Dorey, R.	1
Dossetor, D. R.	1

Hultmann, K.	1
Husby, R.	30
Imber, S.	1
Imber, S. D.	1
Janet, P.	1
Jaramillo, B. S.	1
Jenkins, J. G.	2
Jensen, P.	1
Joice, P. R.	1
Joyce, A. S.	1
Kahn, J. A.	1
Kaiser, H. F.	2
Kales, A.	2
Kales, J. D.	1
Kalman, T.	1
Kaltreider, N. B.	3
Kamlet, M. S.	1
Kanellos, P.	1
Kanfer, F. H.	1
Kapezinski, F.	1
Kaplan, H. I.	2
Karasu, T. B.	1
Kardos, M.	1
Kashani, J. H.	1
Kasius, M. C.	1
Kazdin, A.	2
Kazdin, A. E.	5
Keithly, L.	2
Kelly, D. H. W.	3
Kendall, P. C.	2
Kernberg, O. F.	5
Kiessler, D. J.	1
Kimball, C. P.	1
Kimm, H. J.	1
King, N. J.	1
Kirkby, R. J.	1
Klopper, B.	1
Klopper, W.	1
Klotz, M. L.	1
Koby, E.	1
Kohut, H.	1
Konkol, L.	1
Kortlander, E.	1
Koss, M. P.	3
Kovacs, M.	2
Krol, N. P.	1
Kupfer, D. J.	1
Kutter, P.	2
Lacey, J. I.	1
Lakovics, M.	1
Lambelet, L.	1
Lambert, M. J.	2
Lambert, W.	1
Lang, P. J.	2
Last, C. G.	1
Lawlis, G. F.	1
Lazar, S. G.	1
Leibovich, M.	2

Dresser, I.	1
Duckworth, J.	1
Dührssen, A.	1
Ebel, R. L.	1
Eisen, S. V.	1
Engel, G. L.	1
Epstein, L.	1
Eysenck, H. J.	1
Fagundes, A.	1
Fairbain, C. G.	1
Fava Vizziello, G.	1
Feiver, A.	1
Ferdinand, R. F.	1
Fernandez, A.	1
Fienberg, S. E.	1
Fiester, A. R.	1
Finney, J. W.	1
Fisher, S. G.	1
Flament, M. F.	1
Flegenheimer, W. V.	1
Ford, C. V.	1
Foreman, S. A.	1
Fox, E.	1
Fraiberg, S.	1
Francis, G.	1
Frank, E.	1
Frank, J.	1
Frank, J. D.	1
Frankel, B. L.	1
Frankel, G. H.	1
Fried, E.	1
Fromm, E.	1
Fudge, H.	1
Gabbard, O.	1
Garb, R.	1
Gaston, L.	1
Gauer, R. H.	1
Gauthier, M.	1
Giles, T. R.	1
Gill, M. M.	1
Gillin, J. C.	1
Gitelson, M.	1
Goldfried, M. R.	1
Gomes-Schwartz, B.	1
Gonzales, V.	1
Goodman, L. A.	1
Granet, R. B.	1
Granger, D. A.	1
Green, B.	1
Greene, R. L.	1
Greenspan, S. I.	1
Grob, M. C.	1
Guldberg, C. A.	1
Gunderson, J.	1
Gustafson, J. P.	1
Hall, Y. S.	1
Hampe, I. E.	1
Han, S. S.	1

Leibovich, M. A.	2
Lenane, M.	1
Lessler, K.	1
Levenson, A.	1
Leventhal, T.	1
Levine, S.	1
Lewis, P.	1
Liang, M. H.	1
Libermann, Z.	2
Lieberman, A.	1
Lipman, R. S.	2
Little, M.	1
Lohr, D.	1
Loiselle, C. G.	1
Lorig, K.	1
Lu, E.	1
Luborsky, L.	5
M'Uzan, M. de.	1
Malan, D. H.	59
Manfredi, R. L.	1
Mann, J.	7
Marcovitz, R. J.	1
Marks, I.	1
Marmar, C. R.	7
Marmor, J.	3
Marques, A.	1
Marty, P.	1
Matassioli, M.	1
McCallum, M.	1
McDaniel, L.	1
McDougall, J.	2
McGlashan, T. H.	1
McKegney, F. P.	2
McNemara, K. M.	1
Mesmer, F. A.	1
Meyer, A. E.	4
Miles, S.	1
Miller, G. H.	1
Miller, L. C.	1
Mintz, J.	3
Mlodnosky, L.	1
Molstad, E.	16
Money-Kyrle, R. E.	1
Morton, T.	1
Moss, E.	1
Munger, M. P.	1
Nash, E.	1
Neims, D. M.	1
Nemiah, J. C.	2
Nie, N. H.	2
Nielsen, G.	18
Norman, P. A.	1
Norton-Ford, J. F.	1
Norusis, M. N.	1
O'Connor, M. E.	1
O'Hara, J. W.	1
Oakley-Browne, M. A.	1
Olafsen, O. M.	19

Hanze, D.	1
Harrington, R.	1
Hassan, F. A.	1
Hause, E.	1
Havens, L. L.	1
Helenius, H.	1
Henry, W. P.	1
Hersen, M.	1
Hilgard, E. R.	1
Hilgard, J.	1
Hill, J.	1
Hirsch, M.	1
Hoehn-Saric, R.	1
Hoffman, J.	1
Holder, A.	1
Holland, P. W.	1
Hollingshead, A. B.	1
Hollon, S.	1
Holt, R.	1
Hornberger, J.	1
Hornblow, A. R.	1
Horowitz, L.	1
Horst, P.	1
Hoyt, C. J.	1
Hoyt, M.	1
Hultmann, K.	1
Imber, S.	1
Imber, S. D.	1
Janet, P.	1
Jaramillo, B. S.	1
Jensen, P.	1
Joice, P. R.	1
Joyce, A. S.	1
Kahn, J. A.	1
Kales, J. D.	1
Kalman, T.	1
Kamlet, M. S.	1
Kanellos, P.	1
Kanfer, F. H.	1
Kapezinski, F.	1
Karasu, T. B.	1
Kardos, M.	1
Kashani, J. H.	1
Kasius, M. C.	1
Kiessler, D. J.	1
Kimball, C. P.	1
Kimm, H. J.	1
King, N. J.	1
Kirkby, R. J.	1
Klopfer, B.	1
Klopfer, W.	1
Klotz, M. L.	1
Koby, E.	1
Kohut, H.	1
Konkol, L.	1
Kortlander, E.	1
Krol, N. P.	1
Kupfer, D. J.	1

Ollendick, T. H.	2
Orlinsky, D. E.	2
Orne, M. T.	3
Orth, M. H.	1
Orvaschel, A.	1
Paez, P.	1
Palacio Espasa, F.	1
Paris, J.	1
Parks, B. K.	2
Pawl, J. H.	1
Pearsall, D.	1
Pereira, D. N.	1
Perrin, S.	1
Perry, J. C.	1
Petti, T.	1
Petti, T. A.	1
Peveler, R. C.	1
Phililips, J. S.	1
Pickles, A.	1
Piha, J.	1
Pilkonis, P. A.	1
Piper, W. E.	4
Plapp, J. M.	1
Plutchick, R.	1
Polvora, V.	1
Poulsen, A.	1
Prager, R. A.	1
Prial, E. M.	1
Puig Antich, J.	1
Racker, H.	1
Rajkumar, S.	1
Rapoport, J. L.	1
Rayner, E. H.	1
Redlich, F. C.	1
Regier, D.	1
Reich, A.	2
Reiser, M. F.	1
Rey, J. M.	1
Ribera, J. C.	1
Riley, A. W.	1
Robins, L. N.	1
Rodgers, A.	1
Rogge, H.	16
Rosenbaum, R.	3
Rosenbaum, R. L.	2
Rosenthal, A. J.	1
Roth, A.	1
Rubinsky, P.	1
Rubio-Stipee, M.	1
Rudestam, K. E.	1
Rüppel, A.	1
Rush, A. J.	1
Rutan, J. S.	1
Rutter, M.	2
Sachs, J. S.	1
Sacks, M.	1
Sadock, B. J.	2
Samples, S.	2

Lacey, J. I.	1
Lakovics, M.	1
Lambelet, L.	1
Lambert, W.	1
Last, C. G.	1
Lawlis, G. F.	1
Lazar, S. G.	1
Lenane, M.	1
Lessler, K.	1
Levenson, A.	1
Leventhal, T.	1
Levine, S.	1
Lewis, P.	1
Liang, M. H.	1
Lieberman, A.	1
Little, M.	1
Lohr, D.	1
Loiselle, C. G.	1
Lorig, K.	1
Lu, E.	1
M'Uzan, M. de.	1
Manfredi, R. L.	1
Marcovitz, R. J.	1
Marks, I.	1
Marques, A.	1
Marty, P.	1
Matassioli, M.	1
McCallum, M.	1
McDaniel, L.	1
McGlashan, T. H.	1
McNemara, K. M.	1
Mesmer, F. A.	1
Miles, S.	1
Miller, G. H.	1
Miller, L. C.	1
Mlodnosky, L.	1
Money-Kyrle, R. E.	1
Morton, T.	1
Moss, E.	1
Munger, M. P.	1
Nash, E.	1
Neims, D. M.	1
Norman, P. A.	1
Norton-Ford, J. F.	1
Norusis, M. N.	1
O'Connor, M. E.	1
O'Hara, J. W.	1
Oakley-Browne, M. A.	1
Orth, M. H.	1
Orvaschel, A.	1
Paez, P.	1
Palacio Espasa, F.	1
Paris, J.	1
Pawl, J. H.	1
Pearsall, D.	1
Pereira, D. N.	1
Perrin, S.	1
Perry, J. C.	1

Sampson, H.	2
Sandell, R.	1
Sandler, J.	1
Sandler, R. N.	1
Schacht, T. E.	2
Schwartz, G. E.	1
Seara, S. C.	1
Seligman, S.	1
Shaffer, D.	1
Shaffer, J. W.	1
Shapiro, D. A.	1
Shapiro, T.	1
Sharfstein, S. S.	1
Sheehan, P. W.	1
Shirk, S.	1
Shor, R. E.	2
Shrout, P. E.	2
Siegelman, E. Y.	2
Sifneos, P. E.	40
Sigal, J. J.	1
Singer, B. A.	1
Singer, M.	1
Singer, M. T.	2
Skatun, M.	15
Skevington, S. M.	1
Sloane, R. B.	2
Small, L.	1
Smith, J. E.	1
Smyrnios, K. S.	1
Sorbye, O.	6
Sorensen, T.	2
Sorlie, S.	1
Sorlie, T.	4
Sourander, A.	1
Spence, D. P.	1
Spiegel, D.	1
Spitzer, R. L.	8
Sriram, T. G.	1
Staples, F. R.	2
Starling, J.	1
Steinbrenner, K.	2
Stern, D. N.	1
Sternbach, R. A.	1
Stone, J.	1
Stone, W.	1
Streiner, D. S.	1
Strupp, H. H.	15
Stuhr, U.	2
Szkrumelack, N.	3
Tabrizi, M. A.	1
Taget, M.	1
Target, M.	1
Taylor, G. J.	4
Tinsley, H. E. A.	1
Tizard, J.	1
Tranoy, K. E.	1
Tserpe, V.	1
Tvede, N.	1

Petti, T.	1
Petti, T. A.	1
Peveler, R. C.	1
Phillips, J. S.	1
Pickles, A.	1
Piha, J.	1
Pilkonis, P. A.	1
Plapp, J. M.	1
Plutchick, R.	1
Polvora, V.	1
Poulsen, A.	1
Prager, R. A.	1
Prial, E. M.	1
Puig Antich, J.	1
Racker, H.	1
Rajkumar, S.	1
Rapoport, J. L.	1
Rayner, E. H.	1
Redlich, F. C.	1
Regier, D.	1
Reiser, M. F.	1
Rey, J. M.	1
Ribera, J. C.	1
Riley, A. W.	1
Robins, L. N.	1
Rodgers, A.	1
Rosenthal, A. J.	1
Roth, A.	1
Rubinsky, P.	1
Rubio-Stipee, M.	1
Rudestam, K. E.	1
Rüppel, A.	1
Rush, A. J.	1
Rutan, J. S.	1
Sachs, J. S.	1
Sacks, M.	1
Sandell, R.	1
Sandler, J.	1
Sandler, R. N.	1
Schwartz, G. E.	1
Seara, S. C.	1
Seligman, S.	1
Shaffer, D.	1
Shaffer, J. W.	1
Shapiro, D. A.	1
Shapiro, T.	1
Sharfstein, S. S.	1
Sheehan, P. W.	1
Shirk, S.	1
Sigal, J. J.	1
Singer, B. A.	1
Singer, M.	1
Skevington, S. M.	1
Small, L.	1
Smith, J. E.	1
Smyrnios, K. S.	1
Sorlie, S.	1
Sourander, A.	1

Ursin, H.	7
van den Berg, H.	1
Van der Ende, J.	1
Vaslamatzis, G.	2
Verhulst, F. C.	3
Verveniotes, F.	1
Vgoutzas, A.	1
Villas Boas, J.	1
Volk, H. M.	1
Voth, H.	1
Wachtel, P. L.	3
Wade, M.	1
Wallerstein, R.	1
Walter, C. J. S.	1
Wanstrath, J.	1
Webb, J. T.	1
Weinberger, G.	1
Weiner, H.	2
Weisaeth, L.	19
Weiss, B.	2
Weiss, D. J.	1
Weiss, D. S.	6
Weiss, J.	3
Weisz, J. R.	2
Welch, S. L.	1
Wells, J. E.	1
Welsch, G. S.	2
Weltner, J. S.	1
Wender, P. H.	1
Weston, D. R.	1
Wever, C.	1
Whipple, K.	2
White, H. S.	1
Whitmore, K.	1
Whitney, R. J.	1
Wiess, B.	1
Wild, K. V.	1
Willard, H. N.	1
Williams, R. B.	6
Williams, R. J.	1
Wilner, N. R.	2
Winnicott, D.	1
Wolberg, L. R.	1
Wolfson, A.	1
Woods, S. W.	2
World Health Organization	1
Wynne, L. C.	2
Yalom, I. D.	1
Yorkston, N. J.	2
Young, L. D.	1
Yulis, S.	1
Zahn, T.	1
Zaslavsky, J.	1
Zimmerman, G.	1

Spence, D. P.	1
Spiegel, D.	1
Sriram, T. G.	1
Starling, J.	1
Stern, D. N.	1
Sternbach, R. A.	1
Stone, J.	1
Stone, W.	1
Streiner, D. S.	1
Tabrizi, M. A.	1
Taget, M.	1
Target, M.	1
Tinsley, H. E. A.	1
Tizard, J.	1
Tranoy, K. E.	1
Tserpe, V.	1
Tvede, N.	1
van den Berg, H.	1
Van der Ende, J.	1
Verveniotes, F.	1
Vgoutzas, A.	1
Villas Boas, J.	1
Volk, H. M.	1
Voth, H.	1
Wade, M.	1
Wallerstein, R.	1
Walter, C. J. S.	1
Wanstrath, J.	1
Webb, J. T.	1
Weinberger, G.	1
Weiss, D. J.	1
Welch, S. L.	1
Wells, J. E.	1
Weltner, J. S.	1
Wender, P. H.	1
Weston, D. R.	1
Wever, C.	1
White, H. S.	1
Whitmore, K.	1
Whitney, R. J.	1
Wiess, B.	1
Wild, K. V.	1
Willard, H. N.	1
Williams, R. J.	1
Winnicott, D.	1
Wolberg, L. R.	1
Wolfson, A.	1
World Health Organization	1
Yalom, I. D.	1
Young, L. D.	1
Yulis, S.	1
Zahn, T.	1
Zaslavsky, J.	1
Zimmerman, G.	1